

"RED-HOT GOOD!" Susan Andersen,
author of *Be My Baby*

RACHEL GIBSON



It Must Be Love

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Dev

e e

e se

sr

r A

mor

A má sorte do policial infiltrado Joe Shanahan tocou fundo no momento em que olhou para preciosa suspeita Gabrielle Breedlove. Ela conseguiu destruir seu disfarce derrubando-o com uma lata de spray de cabelo e agora sua nova missão consiste em fazer-se passar por seu namorado. Mas passar o maior tempo possível com essa beleza só vai lhe trazer problemas. E, para complicar mais as coisas, Joe tem que aguentar a suas irmãs mais velhas que estão como loucas procurando uma companheira. Pode ser que o esplêndido aspecto e a musculatura de Joe sejam um espetáculo para a vista. Mas, como é possível que se sinta atraída por esse detetive puritano que só quer encontrar provas que a incriminem? O que está claro é que, desde que o conheceu, não pode deixar de pensar nele, e depois de compartilhar uma incrível experiência sexual, Gabrielle começa a temer que tudo o que sente só pode ter um nome... AMOR.

Disp em Esp: Elloras Digital

Envio do arquivo: Nadia Bruna

Revisão Inicial: Martha

Revisão Final: Danielle Aguiar

Formatação: Greicy

Comentário da Revisora Martha: O livro é light, seria uma excelente escolha prá filmar uma comédia romântica e o casal protagonista é o protótipo do ditado "Os opostos se atraem!". Ele machão, seguro de si, filho mais novo com um monte de irmãs, e ela toda zen, natureba e sensitiva, criada só pela mãe. Garantia de boas

risadas e uma história fofa. Claro que tem uns momentinhos hot, mas só prá dar um temperinho!!!

Comentário da Revisora Danielle: Gostei muito do livro o Joe e a Gabrielle, são um casal mais descombinados que eu já vi....rssss A história é bacana e com muitos trechos engraçados, o que eu particularmente adoro. Recomendado. Uma leitura fácil, rápida e muito divertida.

Capítulo 1

O detetive Joseph Shanahan odiava a chuva. Odiava-a quase tanto como aos sujos malfeitores, aos polidos advogados defensores e aos gansos estúpidos. Os primeiros eram escória, os segundos as mais baixas animálias e os terceiros, uma vergonha para o resto das aves.

Colocou o pé no para-choque dianteiro de um Chevy bege, inclinou-se para diante e alongou os músculos. Não precisava ver as nuvens de cor chumbo que se formavam sobre Ann Morrison Park para saber que estava a ponto de cair um bom aguaceiro. A dor surda da coxa direita era um claro indício de que hoje, simplesmente, não ia ser seu dia.

Quando sentiu que os alongamentos tinham aquecido seus músculos, trocou de perna. A maioria dos dias a única lembrança do disparo da nove mm que lhe tinha esmigalhado a carne mudando sua vida para sempre, era a cicatriz de quinze centímetros que atravessava a sua coxa.

Depois de nove meses, e incontáveis horas de intensa fisioterapia, pôde esquecer por fim a placa e os parafusos do fêmur. A não ser que a chuva ou as mudanças na pressão atmosférica lhe dissessem o contrário.

Joe se endireitou e girou a cabeça de um lado a outro como um boxeador. Logo procurou no bolso das calças que ele mesmo tinha cortado — um pacote de Marlboro. Tirou um cigarro e o acendeu com um Zippo¹. Por cima da chama do acendedor viu que, a menos de meio metro, um ganso branco cravava os olhos nele. A ave se

aproximou bamboleando-se, estirou seu comprido pescoço e grasnou mostrando sua língua rosada através do bico alaranjado.

Com um golpe de pulso Joe fechou o Zippo e colocou o pacote e o acendedor no bolso.

Exalou uma larga baforada de fumaça enquanto o ganso baixava a cabeça fixando seus pequenos e brilhantes olhos nas bolas de Joe.

— Nem se atreva, inseto, ou te chutarei como uma bola de futebol.

1 Isqueiro

2

Durante uns tensos segundos sustentaram o olhar, logo a ave jogou a cabeça para trás, girou sobre os pés palmados e se afastou bamboleando-se, lançando um último olhar a Joe antes de saltar a sarjeta para reunir-se com outros gansos.

— Covarde — resmungou sem afastar o olhar da ave.

Inclusive mais que a chuva, a pressão atmosférica, ou os ardilosos advogados para Joe desagradavam os delatores de tira. Conhecia mais de um que não duvidaria em foder a sua esposa, mãe ou melhor amigo por salvar seu lamentável traseiro. Devia a cicatriz da perna a seu último informante, Robby Martin.

A duplicidade de Robby havia custado a Joe um pedaço de seu corpo e o trabalho que mais gostava. Em troca ao jovem traficante havia lhe custado à vida.

Joe se apoiou contra a lateral de um Caprice de cor indefinida e deu uma tragada profunda no cigarro. A fumaça queimou sua garganta lhe enchendo os pulmões de alcatrão e nicotina. A nicotina acalmou sua ansiedade como a carícia suave de uma amante. Entretanto, no que a ele concernia, só havia uma coisa melhor que encher os pulmões de toxinas.

Por desgraça, não tinha desfrutado disso desde que tinha terminado sua relação com Wendy, sua última namorada. Wendy era uma grande cozinheira e a roupa rodada ficava genial, mas não podia compartilhar o futuro com uma mulher que ficava histérica por haver-se esquecido do dia que completavam dois meses juntos, acusando-o de ser "pouco romântico". Caramba, era tão romântico como qualquer outra pessoa, embora isso não quisesse dizer que tivesse que comportar-se como um bobo e um estúpido todo o tempo.

Joe deu outra longa tragada. Inclusive se não tivesse ocorrido a cagada do aniversário, a relação com Wendy não chegaria à parte nenhuma. Não tinha entendido que precisava passar algum tempo com o Sam. Havia-se sentido muito ciumenta de seu papagaio, mas se Joe não prestava atenção em Sam, este acabaria por comer os móveis.

Joe exalou lentamente e observou à fumaça suspensa frente ao seu rosto. Tinha deixado de fumar fazia três meses e já havia tornado a cair no vício. Mas hoje não podia deixá-lo. Nem provavelmente amanhã. Tinha um bom motivo para isso.

Luchetti, seu capitão, havia-o ferrado bem, razão de mais para voltar a fumar.

Entrecerrou os olhos através da fumaça cravando-os depois em uma mulher com uma abundante juba de cachos acobreados até a metade das costas. A brisa lhe agitou o cabelo que flutuou sobre os ombros. Não precisava lhe ver o rosto para saber que estava parada na metade do Ann Morrison Park estirando os braços para cima como uma deusa adorando o céu cinza.

Seu nome era Gabrielle Breedlove e possuía uma loja de curiosidades no distrito histórico do Hyde Park junto com seu sócio, Kevin Carter. Ambos eram suspeitos de utilizar a loja como cobertura de outros negócios mais lucrativos como a venda de antiguidades roubadas.

Nenhum dos dois estava fichado e nunca teriam atraído a atenção da polícia se tivessem seguido operando em pequena escala, mas lhes tinha tentado a avareza. Na semana anterior tinham roubado uma famosa pintura impressionista do homem mais rico do estado, Norris Hillard, mais conhecido como "O Rei das Batatas". Em Idaho seu poder e influência só eram inferiores ao poder de Deus. Só alguém com um bom par de bolas roubaria um Monet do Rei das Batatas. Até **3**

agora, Gabrielle Breedlove e Kevin Carter eram as melhores pistas do caso. Um informante do cárcere tinha dado seus nomes à polícia e quando os Hillard revisaram seus registros descobriram que

seis meses antes Carter esteve na casa dos Hillard examinando uma coleção de abajures Tiffany.

Joe aspirou à fumaça e a exalou lentamente. A pequena loja de antiguidades no Hyde Park era a cobertura perfeita e apostou o ovo esquerdo de que o senhor Carter e a senhorita Breedlove só esperavam que esfriassem as coisas para entregar o Monet a algum traficante de arte em troca de um montão de grana. A melhor maneira de recuperá-la era encontrar a pintura antes do comerciante ou desapareceria.

O Rei das Batatas tinha armado uma boa bronca ao prefeito Walker que a sua vez a tinha passado ao capitão Luchetti e aos detetives da brigada anti-roubo. O estresse fazia que alguns tiras se derrubassem na garrafa, mas Joe não. Não era dos que gostavam de bebida alcoólica. Enquanto vigiava a suspeita tomou outra larga imersão do Marlboro e repassou mentalmente todos os dados que tinha conseguido sobre a senhorita Breedlove.

Sabia que tinha nascido e crescido em um pequeno povo do norte de Idaho. Seu pai morreu quando era menina, e viveu com sua mãe, sua tia e seu avô.

Tinha vinte e oito anos, media quase um e setenta e cinco e pesava ao redor de sessenta quilogramas. Suas pernas eram longas. Suas calças não. Viu-a inclinar-se até tocar o chão com as mãos e desfrutou da vista igual ao cigarro. Desde que lhe tinham atribuído à tarefa de segui-la tinha desenvolvido uma profunda avaliação pela doce forma de seu traseiro.

Gabrielle Breedlove. Seu nome soava a estrela pornográfica, como Mona Lot ou Candy Peaks. Joe nunca lhe tinha falado, mas esteve o suficientemente perto dela para saber que tinha todas as curvas adequadas nos lugares precisos.

E sua família tampouco era desconhecida no estado. A Companhia de Minas Breedlove tinha operado no norte durante noventa anos antes de ser liquidada em meados dos anos setenta. Ao mesmo tempo, fazia investimentos muito fortes, mas nefastos, o que somado a uma má gestão fez minguar grandemente a fortuna familiar.

Observou-a fazer algum tipo de alongamento de ioga sobre um só pé antes de começar a correr com um trote curto. Joe lançou o Marlboro à grama coberta de orvalho e se afastou do Chevy. Seguiu-a através do parque e atravessou a faixa de asfalto negro conhecido como cinturão verde.

O cinturão verde corria paralelo ao rio Boise e seguia pela cidade conectando os oito parques principais ao longo de seu percurso. O forte aroma da água do rio e dos álamos da Virginia enchia o ar matutino enquanto os fios de algodão que flutuavam no ar se pegavam a frente da jaqueta de Joe.

Joe controlou sua respiração, lenta e pausada, enquanto corria ao mesmo ritmo que a mulher que ia quinze metros adiante dele. Toda a semana anterior do roubo, tinha-a seguido aprendendo seus hábitos, o tipo de informação que não podia obter do governo ou de arquivos, mesmo sendo públicos ou privados.

Até onde ele sabia, ela sempre fazia o mesmo percurso de mais de três quilômetros e usava **4**

a mesma bolsa preta. Corria olhando constantemente a seu redor. A princípio tinha suspeitado que fosse a busca de algo ou alguém, mas nunca se reuniu com ninguém. Também lhe preocupava que suspeitasse que a seguisse, mas tinha tomado cuidado de usar roupa diferente todos os dias, de estacionar em lugares distintos e trocar o lugar de vigilância. Alguns dias cobria o cabelo escuro com um boné de beisebol e vestia moletom. Essa manhã havia atado um lenço vermelho à cabeça e pôs a jaqueta cinza da universidade de Boise.

Dois homens com brilhantes moletoms azuis corriam pelo cinturão verde para ele. Quando abordaram a Srta. Breedlove, giraram a cabeça e observaram o balanço de suas calças curtas e brancas. Quando voltaram a olhar à frente, mostravam idênticos sorrisos de avaliação. Joe não lhes culpou por tentar lhe dar um último olhar. Tinha longas pernas e um traseiro fabuloso. Era uma pena que estivesse destinado a ser abafado por um uniforme da prisão.

Joe a seguiu fora do Ann Morrison Park através de uma ponte para pedestres, procurando permanecer a uma distância prudente

enquanto continuavam ao longo do rio Boise.

Seu perfil não se ajustava ao típico ladrão. A diferença de seu sócio ela não estava coberta de dívidas até as sobrancelhas. Não jogava e não era viciada nas drogas, o qual deixava só dois motivos possíveis para que uma mulher como ela participasse de um delito de tal magnitude.

Uma delas eram as emoções fortes, e Joe, certamente, podia entender quanto atraía viver no fio da navalha. A adrenalina era uma droga potente. Bem sabia Deus quanto ele tinha gostado.

Tinha-lhe encantado a maneira em que lhe colocava sob a pele lhe pondo os cabelos arrepiados e lhe fazendo tremer de excitação.

O segundo era mais comum, o amor. O amor costumava colocar às mulheres em muitos problemas. Tinha conhecido muitas delas que se esforçavam por algum desgraçado filho de puta que não hesitava em vender a quem pagar mais para salvar-se. Joe já não se assombrava do que algumas mulheres eram capazes de fazer por amor. Já não lhe surpreendia as encontrar no cárcere cumprindo pena por seus homens com o rímel borrado soltando a mesma merda de sempre: "não tenho nada ruim para te contar de fulaninho, amo-o".

As árvores por cima da cabeça de Joe se voltaram mais densos enquanto a seguia até o segundo parque. Julia Davis Park era mais exuberante, mais verde e tinha a vantagem dos museus históricos de arte, o Zoológico do Boise e, é obvio, o Tootin Tater Tour Train².

Sentiu que saía algo do bolso um instante antes de ouvir um plaf no chão. Colocou a mão no bolso vazio e girou a cabeça para ver o pacote do Marlboro na metade do caminho. Vacilou uns segundos antes de voltar sobre seus passos. Alguns cigarros tinham saído rodando sobre o asfalto e se apressou a agarrá-los antes que caíssem em um atoleiro próximo. Seu olhar se deslocou para a suspeita que corria com seu habitual trote lento, logo voltou para os cigarros.

Colocou-os dentro do pacote procurando não quebrá-los. Tinha intenção de desfrutar de todos e cada um deles. Não lhe preocupava perder seu alvo. Na realidade, ela corria quase tão rápido como um velho cão com artrite, algo que agradeceu nesse momento.

Quando voltou o olhar ao caminho, ficou quieto um instante e logo lentamente colocou o

2 *Passeio de trenzinho*

<http://travel.webshots.com/photo/1269930190064872879uMBHUC>

5

maço de cigarros outra vez no bolso. Tudo o que viam seus agudos olhos era a sombra negra das imponentes árvores e a grama. Uma rajada de vento agitou os pesados ramos no alto e lhe esmagou a jaqueta contra o peito.

Dirigiu o olhar para a esquerda divisando, ao outro lado do parque, a silhueta de Gabrielle dirigindo-se para o zoológico e o parque infantil. Começou a segui-la de novo. Pelo que pode ver, o parque estava vazio. Qualquer com um pouco de massa cinzenta na cabeça teria apressado para ir embora antes que estourasse a iminente tormenta. Mas só porque o parque parecesse estar vazio não queria dizer que a suspeita não foi reunir-se com alguém.

Quando um suspeito age diferente do padrão habitual normalmente quer dizer que algo estava a ponto de acontecer. O sabor da adrenalina transbordou sua garganta e lhe desenhou um sorriso nos lábios. Merda, não havia sentido tão vivo da última vez que tinha açoitado a um camelo por um beco na zona norte.

Perdeu-a de vista uma vez mais enquanto passava por diante dos banheiros e desaparecia na parte de atrás. Anos de experiência lhe fizeram manter a distância enquanto esperava vê-la de novo. Quando, depois de um momento não apareceu, colocou a mão sob a jaqueta e abriu o fechamento de sua pistola. Apertou-se contra a parede de tijolos e escutou.

Uma bolsa de plástico abandonada revoou sobre o chão, mas não ouviu nada mais exceto o vento e as folhas movendo-se por cima de sua cabeça. Desde sua posição agachada ninguém podia vê-lo perfeitamente, devia ter sido deixado para trás. Ele caminhou ao redor da lateral do prédio e então alguém pulverizou os olhos com uma lata de spray para cabelo. A explosão deu-lhe em cheio no

rosto e imediatamente turvou. Um punho agarrou a camisa e bateu o joelho entre as coxas, os testículos foram poupados por centímetros. Ele enfiou o músculo da perna esquerda e teria dobrado em dois, se não fosse pelo ombro forte que bloqueou seu peito com um baque.

Engasgou quando foi jogado contra a parede atrás dele. As algemas que ele tinha na cintura de sua calça foi cravado nas costas.

Através de seus cílios grudados pela Miss Clairol, contemplou Gabrielle Breedlove de pé em meio de suas pernas abertas. Joe não se moveu, esperando que a dor que atravessava sua coxa diminuísse logo enquanto lutava por recuperar o fôlego. Ela se tinha atirado sobre ele e tinha tentado lhe agarrar as bolas.

— Jesus — gemeu. — É você uma louca filha de uma cadela.

— Pode ser, de-me uma desculpa para não lhe romper os joelhos.

Joe piscou várias vezes para clarear a visão. Aos poucos se afastou de seu rosto e por seus braços, suas mãos. Foda. Em uma mão ela segurava a lata de spray com o dedo no bico, mas a outra tinha o que parecia uma Derringer³. E não só apontou para os joelhos, mas diretamente para o seu nariz.

Ficou totalmente quieto. Odiava com toda sua alma que lhe apontassem uma pistola.

— Ponha a arma no chão — ordenou. Não sabia se a Derringer estava carregada nem sequer

3 *Antiga pistola pequena de dois tiros que cabe na palma da mão.*

<http://www.airsoftretreat.com/reviews/showproduct.php?product=126>

6

sabia se funcionava, mas tampouco queria chegar a averiguá-lo. Elevou a vista quando ela voltou a olhá-lo. Sua respiração era irregular, seus olhos verdes mostravam um olhar selvagem. Parecia totalmente desequilibrada.

— Alguém chame à polícia! — ela começou a gritar freneticamente.

Joe a olhou com o cenho franzido. Não só o tinha chutado o traseiro, mas também ficava gritando. Se conseguisse retê-lo, ia ter que tirar o chapéu e isso era algo que não queria que acontecesse. Só de pensar que tinha que entrar na delegacia de polícia com a suspeita número um do caso Hillard — uma suspeita que não sabia que o era — e esclarecer como o tinha derrubado com uma lata de spray lhe deixava de cabelos em pé.

— Ponha a arma no chão — repetiu.

— Nem sonhe! Você é como a merda que enche as ruas, pura escória.

Não acreditava que houvesse outra alma em trinta metros de distância, mas não estava seguro e a última coisa que precisava era que chegasse um herói a seu resgate.

— Alguém me ajude, por favor! — gritou o bastante forte para que a ouvissem nos condados vizinhos.

Joe apertou a mandíbula. Jamais poderia esquecer isto e não queria nem imaginar o rosto de Walker e Luchetti. Joe ainda estava na lista negra do chefe por ter disparado em Robby Martin.

Nem sequer tinha que esforçar-se em imaginar o que lhe diria seu chefe. “Fez burrada de novo, Shanahan!”, gritaria bem alto antes de mandá-lo patrulhar as ruas. E desta vez, o chefe teria razão.

— Alguém chame o 911!

— Pare de gritar. — ordenou ele com sua melhor voz de polícia.

— Preciso de um policial!

— Merda, senhora — disse apertando os dentes, — eu sou policial.

Ela entreabriu os olhos enquanto o examinava.

— É mesmo, e eu o governador.

Joe colocou a mão no bolso, mas ela fez um movimento ameaçador com a pequena arma e ele decidiu tentar de outra maneira.

— Levo o distintivo no bolso esquerdo.

— Não se mova — advertiu ela de novo.

Uns emaranhados cachos acobreados emolduravam seu rosto; talvez devesse ter usado parte do spray na cabeça em lugar de em seu rosto. Tremia-lhe a mão quando prendeu o cabelo detrás da orelha. Em um momento poderia esmagá-la contra o chão, mas primeiro teria que distraí-la ou correr o risco de que lhe disparasse. E desta vez, em um lugar onde era pouco provável que se recuperasse.

— Pode colocar a mão em meu bolso você mesma. Não moverei nem um dedo.

Odiava atacar às mulheres. Odiava ter que esmagá-la contra o chão. Mas tal e como estavam às coisas tampouco importava muito.

— Não sou estúpida. Isso eu não engulo desde a escola secundária.

— OH, pelo amor de Deus — Lutou para controlar seu temperamento e ganhou por um triz.

7

— Tem permissão para portar arma?

— Vamos lá — respondeu. — Você não é tira. É um perseguidor! Quem me dera houvesse um tira por aqui que o prendesse por me seguir a todos os lados a semana passada. Há uma lei neste estado contra os perseguidores, sabe? — Tomou uma baforada de ar e exalou lentamente.

— Aposto que tem antecedentes por algum tipo de conduta inapropriada. É muito provável que seja um desses psicopatas que fazem chamadas telefônicas obscenas e ofegam. Aposto o que quiser que esteja em liberdade sob fiança por perseguição sexual. — Voltou a inspirar profundamente e sacudiu spray. — Acredito que depois de tudo será melhor que me dê sua carteira.

Nunca em seus quinze anos de carreira tinha sido tão descuidado para deixar que um suspeito — muito menos se fosse mulher — tivesse vantagem sobre ele.

Pulsavam-lhe as têmporas e lhe doía à coxa. Ardiam-lhe os olhos e tinha os cílios grudentos.

— Está louca, senhora. — disse com voz relativamente calma enquanto colocava a mão no bolso.

— Sério? Para mim você quem parece um louco. — Seu olhar não o abandonou enquanto alcançava a carteira. — Tenho que saber seu nome para dizer à polícia, mas tenho certeza que já sabem quem é.

Ela não sabia quanta razão tinha, mas Joe não desperdiçou a ocasião falando. Assim que ela abriu a carteira e olhou o distintivo que havia dentro, suas pernas fizeram um movimento de tesoura sobre suas panturrilhas. Ela caiu ao chão e ele se virou em cima, imobilizando-a com seu peso. Gabrielle se retorceu de um lado a

outro, empurrando seus ombros, levando a Derringer perigosamente perto de sua orelha esquerda. Joe a agarrou pelos pulsos e as estirou por cima da cabeça usando todo o peso de seu corpo para imobilizá-la contra o chão.

Permaneceu estendido sobre ela, lhe oprimindo os seios contra seu peito e lhe apertando os quadris contra os seus. Ele segurou as mãos por cima de sua cabeça e embora a resistência a tenha deixado débil, negou-se a dar-se por vencida. Seu rosto estava quase a dois centímetros do dele e seus narizes chocaram um par de vezes. Aspirava profundamente e seus olhos verdes o olhavam, enormes e cheios de pânico, enquanto seguia lutando por liberar os pulsos, enredando suas pernas com as dele. Joe ergueu a barra da jaqueta à altura das axilas e sentia contra o estômago a pele cálida e suave de seu ventre e o náilon liso da bolsa.

— É um tira de verdade! — Seus seios subiram e baixaram enquanto lutava por respirar debaixo de seu peito.

Ele se levantaria logo que lhe tirasse a Derringer.

— Exato, e você está presa por posse ilícita de armas e assalto com agravante.

— OH, graças a Deus! — Respirou fundo e Joe pôde sentir como se relaxava embaixo dele.

— Que alívio. Acreditava que era um psicopata pervertido.

Um sorriso radiante iluminou seu rosto enquanto o olhava. Ele acabava de prendê-la e ela parecia completamente feliz. Não o tipo de felicidade que estava acostumado a aparecer no rosto de uma mulher quando se encontrava nessa posição, mas sim como alguém que ri. Não só era **8**

uma ladra, era um dez-noventa e seis⁴: definitivamente uma louca de pedra.

— Tem direito a permanecer em silêncio — disse lhe tirando a Derringer dos dedos — Tem direito...

— Fala sério? De verdade vai me prender?

— ... A um advogado — continuou, com uma mão até segurando as suas sobre sua cabeça enquanto com a outra lançava a pistola a vários metros.

— Mas na realidade não é uma arma. Quero dizer é, mas não é. É uma Derringer do século XIX, uma antiguidade, assim não acredito que a possa considerar uma arma. E além disso, não está carregada, e inclusive se estivesse não faria um buraco muito grande. Só a levava porque estava muito assustada. Você esteve me seguindo toda a semana — Ela se deteve e arqueou as duas sobrancelhas de uma vez — Por que esteve me seguindo?

Em vez de responder, Joe terminou de ler seus direitos, logo girou afastando-se dela.

Recolheu a pequena pistola e se levantou com cuidado. Não responderia a suas perguntas. Não quando nem sequer sabia o que ia fazer com ela agora. Não quando o tinha acusado de ser um perverso e um psicopata, tentando convertê-lo em um soprano. Não confiava em si mesmo para falar com ela de nada mais que o estritamente necessário.

— Leva mais armas?

— Não.

— Agora, muito lentamente, vai entregar-me a bolsa, a seguir esvaziará os bolsos.

— Só levo as chaves do carro — resmungou enquanto fazia o que lhe pedia. Segurou as chaves no alto e as deixou cair na palma de sua mão. Joe as agarrou e as meteu em um bolso da calça. Tornou a bolsa e a virou do avesso. Estava vazia.

— Coloque as mãos contra a parede.

— Vai me revistar?

— Exato — respondeu, e assinalou o muro de tijolos.

— Gosta de fazer isto, não é verdade? — perguntou por cima do ombro.

Enquanto seu olhar passeava por seu traseiro redondo e suas largas pernas, ele deslizou a pequena pistola no cóis de suas calças.

— Exato — repetiu e colocou as mãos em seus ombros.

Agora que a tinha em sua frente se deu conta de que não media um e setenta e cinco. Joe media um e oitenta e cinco e seus olhos estavam quase à mesma altura. Moveu as Palmas para baixo por seus flancos, através das costas e ao redor da cintura. Deslizou a

mão sob o bordo da jaqueta e lhe apalpou o cós da bermuda. Sentiu a pele suave e o piercing de metal do umbigo.

Logo deslizou a mão para cima entre os montículos de seus seios.

— Ei, cuidado com essas mãos!

— Não se excite — advertiu — Para mim é só trabalho.

Depois apalpou para baixo por suas pernas, logo se ajoelhou para olhar nos avessos das meias três - quartos. Não se incomodou em tratar de apalpar algo escondido entre suas coxas.

4 Código policial para assunto mental 9

Não era que confiasse nela, mas não acreditava que tivesse podido correr com uma arma nas calcinhas.

— Quando estiver na cadeia, posso pagar a fiança e ir para casa?

— Quando o juiz fixar a fiança e essa for paga, poderá ir para casa.

Ela tratou de virar-se para olhá-lo, mas as mãos em seus quadris a impediram.

— Nunca me prenderam antes.

Ele já sabia.

— Vou ser presa de verdade? Com impressões digitais, fotos e tudo mais?

Joe lhe apalpou o cós da bermuda uma última vez.

— Sim senhora, com impressões digitais e fotografias de identificação.

Gabrielle se virou, estreitou os olhos e o fulminou com o olhar.

— Até agora não acreditava que falasse sério. Pensava que tratava de ajustar contas comigo por lhe dar uma joelhada em... sua parte privada.

— Apontou mal — esclareceu Joe secamente.

— Tem certeza?

Joe se ergueu, colocou a mão na parte traseira de suas calças e tirou as algemas.

— Não é possível se equivocar nisso.

— OH — soou realmente decepcionada — Bom, ainda não posso acreditar que esteja me fazendo isto. Se tivesse um pouco de decência admitiria que tudo é culpa sua. — Fez uma pausa e inspirou profundamente — Se está criando Carma ruim e tenho certeza de que logo se arrependerá.

Joe a olhou nos olhos e lhe colocou as algemas nos pulsos. Ele já lamentava o bastante.

Lamentava ter sido golpeado no traseiro por uma suposta delinquente, e lamentava profundamente ter revelado seu disfarce. Sabia que seus problemas só acabavam de começar.

A primeira gota de chuva lhe golpeou a bochecha e Joe levantou o olhar à nuvem que pairava sobre sua cabeça. Três gotas mais lhe deram na testa e o queixo. Riu sem humor.

— Fodidamente fantástico.

Capítulo 2

Por alguma razão, cada vez que Gabrielle tinha imaginado um interrogatório da polícia via o Dustin Hoffman no Marathon man⁵. Sempre era em um quarto escuro, com uma luminária e um nazista enlouquecido com cara de dentista.

A sala em que se encontrava não era assim. As paredes eram totalmente brancas sem janelas que deixassem passar os raios do sol de junho. Cadeiras de metal rodeavam uma mesa de madeira com um telefone barato em um dos cantos. Um pôster, que advertia contra os perigos **5** *Filme de 1976, em português "Maratona da Morte" www.imdb.com/title/tt0074860/*

10

das drogas, estava pendurado na porta fechada.

Em uma esquina da sala havia uma câmara de vídeo, a brilhante luz vermelha indicava que estava funcionando. Esteve de acordo em que gravassem o interrogatório. O que isso importava?

Era inocente. Acreditava que se cooperasse, aceleraria todo o processo e poderia ir para casa antes. Estava cansada e faminta. Além disso, os domingos e as segundas-feiras eram seus únicos dias livres e ainda tinha muitíssimo que fazer antes do Coeur Festival⁶ do fim de semana seguinte.

Gabrielle respirou fundo várias vezes, controlando a quantidade de oxigênio que inalava por medo de perder a consciência ou hiperventilar. “Elimina a tensão”, disse-se a si mesma, “fique tranquila.” Levantou a mão e passou os dedos pelo cabelo. Não estava tranquila e sabia que não estaria até que fosse para casa. Só então poderia encontrar a paz interior e expulsar a estática de sua cabeça.

Os rastros de tinta negra manchavam as gemas de seus dedos e ainda podia sentir a pressão das algemas que já não levava nos pulsos. O detetive Shanahan a havia feito caminhar através do parque sob a chuva algemada como uma criminoso, e seu único consolo era que ele não tinha desfrutado do passeio mais que ela.

Nenhum dos dois havia dito nada, mas se tinha dado conta de que ele se massageava a coxa direita várias vezes. Assumiu que ela era a responsável por sua lesão e supôs que devia sentir pena, embora não sentia nenhum pingo. Estava assustada e confusa; ainda tinha as roupas úmidas. E tudo por culpa dele. O mínimo que podia fazer era sofrer com ela.

Depois de ser fichada por assalto com agravante a um oficial de polícia -além de posse ilícita de armas-tinha sido conduzida a uma pequena sala de interrogatórios. Frente a Gabrielle estavam sentados Shanahan e o capitão Luchetti. Os dois homens queriam saber algo sobre antiguidades roubadas. Suas cabeças escuras estavam inclinadas sobre um bloco de papel de notas negro e debatiam em voz baixa. Não sabia o que tinham que ver umas antiguidades roubadas com a acusação de agressão. Mas eles pareciam pensar que tudo estava relacionado e nenhum parecia ter intenção de explicar-lhe.

Inclusive pior que a confusão era saber que não podia levantar-se e partir quando quisesse.

Estava à mercê do detetive Shanahan. Fazia pouco menos de uma hora que o conhecia, mas já sabia que ele não teria piedade.

Passou uma semana desde a primeira vez que o viu parado sob uma árvore na Ann Morrison Park. Ela passou por seu lado enquanto corria e não se teria fixado nele se não tivesse sido pela nuvem de fumaça que lhe rodeava a cabeça. Provavelmente não teria tornado a pensar nele se não o tivesse visto o dia seguinte no Albertson comprando um bolo gelado. Essa vez se fixou nas poderosas coxas que preenchiam suas calças cortadas e no cabelo que lhe frisava ligeiramente sob o boné de beisebol. Seus olhos eram escuros e a tinham olhado com tal intensidade que um estranho calafrio de prazer lhe estendeu pelas costas.

Fazia anos que se jurou renunciar aos homens impressionantes, só causavam angústia e um caos contínuo em seu corpo, mente e alma. Eram como as barrinhas Snickers, tinham uma

6 *do francês "Festival do Coração"*

11

aparência estupenda e eram riquíssimas, mas nunca poderiam passar por uma comida equilibrada.

De vez em quando tinha desejos, mas a essas alturas de sua vida estava muito mais interessada na alma de um homem que em seus glúteos. Uma mente brilhante era muitíssimo mais atraente.

Uns dias depois o tinha visto sentado em um carro frente à agência de correios, logo o viu estacionado mais abaixo, ao lado do Anomaly, sua loja de curiosidades. A princípio pensou que imaginava coisas. Por que um tipo tão atraente ia segui-la? Mas ao longo da semana o viu várias vezes mais, nunca muito perto para perceber-se em cima dela, mas tampouco muito longe.

Mesmo assim, seguiu pensando que eram coisas de sua imaginação, até que no dia anterior o tinha encontrado no Barnes & Nobre. Ela estava comprando outra leva de livros sobre óleos essenciais quando ao levantar o olhar o viu rondando na seção de saúde das mulheres. Usava uma camiseta que destacava sua escura e musculosa aparência; obviamente não era alguém que tivesse problemas de síndrome pré - menstrual. Esse detalhe a convenceu finalmente de que a estava espreitando um psicopata. Imediatamente chamou à polícia e embora lhe dissessem que podia passar na delegacia de polícia e fazer uma denúncia contra "o corredor fumante misterioso", não se podia fazer grande coisa já que na realidade ele não havia feito nada mal. À

polícia não resultou de grande ajuda e nem sequer se incomodou em deixar seu nome.

Havia dormido muito pouco a noite anterior. A maior parte a tinha passado tombada e acordada idealizando um plano. Ao cabo de um momento a estratégia havia tomado boa aparência. Atrairia

ao corredor misterioso a um lugar público, ao parque, junto à zona de parque infantil, diante do zoológico e a várias centenas de metros da estação do Tootin Tater Train.

Levaria-o até ali e gritaria como uma louca pedindo ajuda. Ainda agora pensava que tinha sido um bom plano, mas infelizmente não tinha previsto dois detalhes muito importantes: o mau tempo que tinha acabado por afugentar as pessoas e, claro, seu presumido perseguidor não era tal. Era um tira.

A primeira vez que o viu sob uma árvore, tinha sido como cravar os olhos no amigo do Francis, “o traseiro quente” do calendário do amor. Agora enquanto o olhava do outro lado da mesa, perguntou-se como podia havê-lo confundido com um traseiro de calendário. Com a suja jaqueta que ainda vestia e o lenço vermelho amarrado na cabeça se parecia mais a um desses motoristas dos Anjos do Inferno⁷.

— Não sei o que querem de mim — declarou Gabrielle, passando o olhar do Shanahan ao outro homem — Acreditava que estava aqui pelo que aconteceu no parque.

— Viu isto alguma vez? — perguntou Shanahan enquanto deslizava uma foto para ela.

Gabrielle tinha visto a mesma foto no jornal local. Leu sobre o roubo do Monet do Hillard e ouviu nas notícias locais e nacionais.

— Reconhece-o?

— Reconheço um Monet quando o vejo — Sorriu com tristeza e deslizou a foto pela mesa — Também tenho lido o Statesman. Essa é a pintura que foi roubada do senhor Hillard.

— O que pode me contar sobre isso? — Shanahan cravou seu olhar de polícia nela como se

7 Hell's Angels

12

pudesse lhe ver a resposta a sua pergunta escrita na testa.

Gabrielle tentou não deixar-se intimidar, mas não pôde evitá-lo. Tinha-a intimidada. Era um homem muito grande e ela se sentia muito pequena encerrada com ele naquela sala.

— Sei o mesmo que qualquer pessoa que se interessou pelo roubo. — E era o bastante, pois o roubo ainda seguia sendo notícia. O prefeito tinha declarado publicamente seu mal-estar. O

dono da pintura estava fora de si e o Departamento de Polícia do Boise tinha sido retratado nas notícias nacionais como um bando de caipiras retardados. O qual, supunha, era um grande avanço com respeito a como se considerava normalmente ao estado de Idaho no resto do país: um estado amante das batatas e convencido da supremacia da raça branca. A realidade era que nem todo mundo adorava as batatas e o noventa e nove por cento da população não estava associado à Aryan Nation nem a nenhuma associação similar. E da gente que sim o estava, a maioria não era sequer nativo do estado.

— Interessa-lhe a arte? — perguntou ele, sua voz profunda pareceu encher cada curva da sala.

— É óbvio, eu mesma sou artista. — Bom, ela era mais alguém que pintava, não uma artista.

Embora pudesse conseguir um parecido razoável, nunca tinha dominado do toda a complexidade de retratar de maneira realista as mãos e os pés. Mas adorava pintar e isso era o que importava.

— Então entenderá que o senhor Hillard esteja tão ansioso por recuperar o quadro — disse, deixando a fotografia a um lado.

— Imagino que sim. — Mas ainda não entendia o que tinha que ver isso com ela. Houve uma época em que Norris Hillard tinha sido

amigo da família, mas disso fazia muito tempo.

— Viu ou se encontrou alguma vez com este homem? — perguntou-lhe Shanahan enquanto deslizava outra foto para ela — Seu nome é Sal Katzinger.

Gabrielle olhou a foto e negou com a cabeça. O homem não só tinha o par de óculos mais grosso que tinha visto, se não que seu aspecto parecia amarelado, quase doentio. É obvio, era possível que se encontrou antes com ele e não o reconhecesse. A foto, certamente, não tinha sido tomada nas melhores circunstâncias. Certeza que suas próprias fotos de identificação eram atroz.

— Não. Não acredito havê-lo visto nunca — respondeu, deslizando a foto para ele.

— Ouviu mencionar alguma vez seu nome ao seu sócio, Kevin Carter? — perguntou o outro homem.

Gabrielle voltou o olhar ao homem de mais idade com o cabelo grisalho. Em seu cartão de identificação se lia capitão Luchetti. Ela tinha visto muitos filmes para não saber que ele representava o papel do “tira bom” frente à Shanahan, que se fazia de “tira mal”, embora isso não o fizesse menos duro que Shanahan. Mesmo assim, dos dois, Luchetti parecia o mais agradável.

Recordava a seu tio Judd e, além disso, sua aura era menos hostil que a do detetive.

— Kevin? O que tem que ver Kevin com esse homem?

— O senhor Katzinger é um ladrão profissional. É muito bom e só rouba o melhor. Faz uma semana foi detido por roubar quase vinte e cinco mil dólares em antiguidades. Enquanto estava sob custódia, declarou que sabia quem podia ter a pintura do senhor Hillard — a informou o **13**

capitão Luchetti movendo uma de suas mãos sobre o montão de fotos — Nos disse que lhe tinham proposto roubar o Monet, embora não aceitou o trabalho.

Gabrielle cruzou os braços e se recostou no assento.

— Por que me conta tudo isto? Acredito que deveriam falar com ele— disse apontando à foto da mesa.

— Fizemos isso, e durante a confissão delatou ao traficante. — Luchetti fez uma pausa olhando-a como se esperasse algum tipo de reação.

Gabrielle supôs que estava se referindo a um traficante de arte. Mas seguia sem saber o que tinha que ver com ela.

— Possivelmente deveria me dizer exatamente o que quer dar a entender. — Assinalou com a cabeça em direção ao Shanahan — E por que me esteve seguindo “o motorista do inferno” todos estes dias?

Shanahan manteve o cenho franzido, enquanto o rosto do capitão permanecia impassível.

— Segundo o senhor Katzinger, seu sócio compra e vende antiguidades sabendo que são roubadas. — O capitão Luchetti fez uma pausa antes de acrescentar — Também é suspeito de ser um intermediário no roubo de Hillard. Isso lhe faz culpado de um montão de coisas, incluindo roubo de grande escala.

Ela ficou sem fôlego.

— Kevin? Não pode ser. Esse senhor Katzinger mente!

— É mesmo. E por que ia mentir? — perguntou Luchetti — Chegamos a um acordo em troca de sua confissão.

— Kevin nunca faria isso — assegurou ela. Seu coração pulsava desbocado e, por mais que tragava ar, nada apaziguava seu espírito nem esclarecia sua mente.

— Como sabe?

— Só sei que é assim. Sei que nunca se envolveria em algo ilegal.

— Sério? — A expressão dos olhos do Shanahan lhe dizia que estava tão exasperado como soava — Pode me dizer por quê?

Gabrielle o percorreu brevemente com o olhar. Vários cachos escuros lhe tinham soltado do lenço e lhe caíam sobre a fronte. Ele alcançou o bloco de notas e começou a rabiscar com uma caneta. A energia negativa lhe rodeava como uma nuvem negra e atravessava o espaço entre eles.

Obviamente lhe custava controlar a cólera.

— Pois bem — começou, e passeou o olhar de um homem a outro — Em primeiro lugar, conheço-o há vários anos. Certamente

me inteiraria se vendesse antiguidades roubadas.

Trabalhamos juntos quase todos os dias. Se ele estivesse ocultando um segredo desse calibre, saberia.

— Como? — perguntou o capitão Luchetti.

Não parecia o tipo de homem que acreditasse em auras, assim se absteve de lhe mencionar que não tinha percebido nenhuma aura negra rodeando ao Kevin ultimamente.

— Só saberia.

— Alguma outra razão? — perguntou Shanahan.

14

— Sim, é Aquário.

A caneta do detetive saiu disparada pelo ar, deu várias voltas e aterrissou em alguma parte detrás dele.

— Céu santo — gemeu ele como se lhe tivessem dado um murro. Gabrielle o olhou com faíscas nos olhos.

— Pois bem, é uma boa razão. Os Aquarianos odeiam mentir e fazer armadilha. Odeiam a hipocrisia e a duplicidade. Abraham Lincoln era Aquário, sabia?

— Não. Não sabia — respondeu o capitão Luchetti e agarrou o bloco de notas. O pôs diante e pegou uma caneta de prata do bolso de sua camisa — Em realidade acredito que não se dá conta da gravidade do assunto. A acusação de assalto a um oficial de polícia suporta uma pena de um máximo de quinze anos.

— Quinze anos! Em primeiro lugar, nunca lhe teria assaltado se ele não me estivesse me seguindo. E de todas as maneiras não foi um assalto de verdade. Sou pacifista.

— Os pacifistas não levam armas — lhe recordou Shanahan. Gabrielle ignorou de propósito ao áspero detetive.

— Senhorita Breedlove — continuou o capitão — além da acusação de assalto, terá que acrescentar a de roubo a grande escala. Pode chegar a passar-se quinze anos na prisão. Esse sim é um problema bastante grave, senhorita Breedlove.

— Roubo a grande escala? EU!? — levou uma mão ao coração — Por quê?

— O Monet do Hillard.

— Acreditam que eu tive algo que ver com o roubo da pintura roubada do senhor Hillard?

— Está implicada.

— Esperem um momento — replicou plantando as mãos sobre a mesa — Acreditam que roubei o Monet do senhor Hillard? — teria rido da situação se não fosse tão pouco divertida — Jamais roubei nada em minha vida — Sua consciência cósmica escolheu aquele momento para discordar dela — Bem, se você não contar o chocolate Chiko Stix quando tinha sete anos, mas me senti tão mal depois que realmente não desfrutei muito.

— Senhorita Breedlove — interrompeu Shanahan — me importa o caralho o maldito chocolate que roubou quando tinha sete anos.

O olhar de Gabrielle se moveu entre os dois homens. O capitão Luchetti parecia confuso enquanto profundas rugas sulcavam a fronte de Shanahan e as comissuras de sua boca.

Qualquer aparência de paz e serenidade, a tinha abandonado por um longo tempo e tinha os nervos à flor da pele. Não pôde conter as lágrimas que alagaram seus olhos e apoiando os cotovelos sobre a mesa cobriu o rosto com as mãos Talvez não devesse ter renunciado ao direito de um advogado, mas até agora não tinha pensado que precisava de um. Na pequena cidade onde nasceu e foi criada, conhecia todo mundo, inclusive policiais. Eles sempre trouxeram para casa a sua tia Yolanda depois que ele havia tomado, inadvertidamente, sobre a propriedade de outra pessoa.

É obvio, havia só três oficiais de polícia em sua cidade natal, mas eram algo mais que só três homens que patrulhavam as ruas. Eram pessoas estupendas que ajudavam às pessoas.

Baixou as mãos a seu colo e voltou a olhá-los através das lágrimas. O capitão Luchetti seguia observando-a, parecia tão cansado como ela. Shanahan tinha desaparecido. Provavelmente tinha ido procurar as algemas. Gabrielle nunca havia se sentido tão assustada em sua vida, inclusive sentia tremores por todo o corpo.

Suspirou e limpou as lágrimas com as mãos. Estava metida em uma grande confusão. Uma hora antes tinha acreditado que a deixariam partir assim que se soubessem de que não havia feito nada mal. Bom, nada realmente mau. Nunca teria levado a Derringer se não houvesse se sentido ameaçada pelo detetive Shanahan. E, além disso, em Idaho, não se considerava um delito tão grave levar uma arma. Entretanto, eles pensavam que estava envolvida de algum jeito em algo grande; não só ela, Kevin também. Mas conhecia seu sócio muito bem para acreditar em algo assim. Sim, Kevin tinha algum negócio mais, além do Anomaly; era um empresário de êxito.

Ganhava muito dinheiro, e sim, possivelmente fora um pouco avaro e introvertido e muito mais pendente do dinheiro que de sua alma, mas isso não era, certamente, um crime.

— Por que não dá uma olhada nisto? — sugeriu o capitão Luchetti, deslizando duas folhas e um montão de polaroides para ela.

As antiguidades das fotos eram em sua maior parte de origem oriental; umas quantas eram Staffordshire. Além disso, se eram verdadeiras antiguidades, e não reproduções, deviam ser muito caras. Fixou-se nas lotações dos seguros. Não eram reproduções.

— O que me pode dizer sobre estas?

— Diria que este prato da dinastia Ming está mais perto dos sete mil que dos oito mil, mas a lotação é razoável.

— Vende este tipo de coisas na loja?

— Poderia, mas não o faço — respondeu enquanto lia as descrições de vários artigos mais — Estas coisas geralmente se vendem melhor em leilões ou em lojas que se dedicam estritamente às antiguidades. As pessoas não vêm ao Anomaly procurando um Staffordshire. Se um de meus clientes recolhesse esta pequena leiteira e olhasse a etiqueta, colocaria de novo na prateleira onde, provavelmente, permaneceria vários anos.

— Tinha visto estes artigos anteriormente?

Ela deixou os papéis a um lado e olhou o capitão ao outro lado da mesa.

— Acusa-me de roubá-los?

— Sabemos que foram roubados em uma casa do Warm Springs Avenue faz três meses.

— Eu não o fiz!

— Sei. — Luchetti sorriu, logo se inclinou sobre a mesa para lhe aplaudiu a mão — Sal Katzinger já confessou. Escute, se não está envolvida em nenhuma atividade ilegal, então não há de que preocupar-se. Mas sabemos que seu namorado está até as bol..., isto er..., as sobancelhas na venda de artigos roubados.

Gabrielle franziu o cenho.

— Namorado? Kevin não é meu namorado. Não me parece boa ideia sair com colegas de trabalho.

O capitão inclinou a cabeça e a olhou como se estivesse tratando de ordenar as peças de um **16**

quebra-cabeça incompleto.

— Então, não sai com ele?

— Bom, saímos várias vezes — continuou Gabrielle com um gesto desdenhoso da mão — por isso sei que não é uma boa ideia, mas foi faz anos. Realmente não fomos compatíveis. É

republicano. Eu democrata. — Era a verdade, mas não a verdadeira razão. A verdadeira razão era muito pessoal para explicar ao homem do outro lado da mesa. Como podia contar ao capitão

Luchetti que Kevin tinha os lábios muito magros e que portanto não a atraía muito? A primeira vez que Kevin a beijou matou qualquer atração física que pudesse ter sentido para ele. Mas somente porque Kevin não tivesse uns lábios decentes não queria dizer que era culpado de algum crime ou que fosse uma má pessoa. Shanahan tinha lábios maravilhosos e, entretanto era um autêntico imbecil, o que provava que as aparências sim enganavam.

— Está disposta a submeter-se ao detector de mentiras, senhorita Breedlove?— perguntou Luchetti interrompendo sua silenciosa reflexão sobre homens e lábios.

Gabrielle enrugou o nariz com desagrado.

— Fala a sério? — A ideia de realizar uma prova para demonstrar que não mentia era detestável. Por que deveria ter que provar que dizia a verdade? Nunca mentia. Bom, não a propósito. Algumas vezes tinha fugido da verdade, mas isso não tinha nada que ver. Mentir criava mal carma e acreditava no carma. Tinha crescido acreditando nele.

— Se nos disser a verdade, não tem por que ter medo de fazer a prova. Analise como uma maneira de provar sua inocência. Não quer provar que é inocente?

A porta se abriu antes que pudesse responder e um homem que Gabrielle não tinha visto antes entrou na sala. Era alto e magro, e seu escasso cabelo branco apenas lhe cobria a rosada e brilhante cabeça. Levava uma pasta debaixo do braço.

— Olá, senhorita Breedlove — disse enquanto lhe estreitava a mão — Sou Jerome Walker, chefe de polícia. Acabo de falar com o fiscal Blackburn e está disposto a esquecer de tudo.

— Esquecer do que?

— Das acusações de posse ilícita de armas e assalto com agravante a um oficial de polícia.

O oficial em questão era o verdadeiro culpado de que a acusassem. Obviamente não acreditavam que estivesse justificado que levasse a Derringer, não importava o que ela dissesse.

Quinze anos era a pena máxima. Perguntou-se quanto seria o mínimo, mas possivelmente era melhor não saber.

Tinha duas opções. Podia contratar um advogado, ir aos tribunais e negar as acusações, ou podia cooperar com a polícia. Nenhuma das duas coisas a convencia muito, mas de toda maneira podia escutar a oferta.

— O que teria que fazer?

— Assinaria um acordo confidencial de colaboração, além de permitir colocar um detetive incógnito na loja.

— Como cliente?

— Não, pensamos que poderia fazer-se passar por um familiar que necessita trabalho.

— Kevin não deixará que nenhum de meus parentes volte a trabalhar na loja. — Não desde **17**

que tiveram que despedir seu primo, Babe Fairchild, por espantar aos clientes com suas histórias de levitação e telepatia — Além disso, acredito que não serei de muita ajuda. Não estarei na loja nem na sexta-feira nem na sábado, vou ao Coeur Festival da Julia Davis Park.

O chefe Walker tirou uma cadeira de debaixo da mesa e se sentou. Colocou a pasta na mesa frente a ele.

— O Festival Coors?

— Coeur. Coração. Tenho um posto para vender óleos essenciais e aromaterapia.

— E Carter estará na loja enquanto você está nesse festival do coração?

— Sim.

— Bom. E o que passaria se contratasse um marceneiro?

— Não sei.

Em realidade, Kevin e ela tinham discutido sobre contratar alguém para montar umas estantes na parede mais larga e mais prateleiras para armazenagem em volta da loja. Também necessitava uma bancada nova para a pequena cozinha que havia atrás, mas o negócio não tinha funcionado tão bem as últimas semanas como tinham esperado e Kevin tinha rechaçado a ideia como um gasto desnecessário.

— Kevin é pouco generoso com o dinheiro nestes momentos —
lhes disse.

O chefe Walker tirou dois papéis da pasta.

— E se você mesmo se oferecer a pagá-lo? O departamento assumiria os gastos, é óbvio.

Possivelmente estava enfocando todo esse assunto do informante de um ponto de vista equivocado. Kevin não tinha culpa, mas pode ser que se aceitava ajudar à polícia também o estivesse ajudando. Estava segura de que a polícia não encontraria nada incriminatorio na loja; então por que não colaborar com eles?

Se aceitasse, o governo pagaria as renovações que queria fazer.

— Kevin não gosta de contratar as pessoas dos anúncios. Teria que fingir que conheço esse homem.

A porta se abriu e entrou o detetive Shanahan. Trocou as calças curtas e tirou o lenço da cabeça. Tinha o cabelo molhado e penteado para trás excetuando uma mecha solta que se frisava caindo sobre a frente.

Vestia uma camisa branca — com um coldre — rodeada sobre seu largo peito e estreita cintura, onde desaparecia sob o cós de umas calças cáquis. Tinha as mangas enroladas até os cotovelos e usava um relógio prateado no pulso. No bolso do peito, ao lado da gravata azul e bege, tinha presa a identificação. Tinha o olhar cravado em enquanto dava ao chefe Walker uma terceira folha de papel.

O capitão deu uma olhada à folha, depois a deslizou através da mesa e ofereceu uma caneta da marca Bic.

— O que é isto? — Centrou a atenção no documento e tratou de ignorar o detetive Shanahan.

— O acordo de colaboração — respondeu Walker — Tem namorado?

— Não. — Negou com a cabeça e olhou o documento que tinha diante. Havia algum tempo **18**

sem ter uma relação séria. Encontrar um homem interessante e atraente era extremamente difícil.

Quando espírito e mente diziam sim, seu corpo tratava de dizer não. E vice versa. Passou os dedos pelo cabelo enquanto estudava os papéis — Não tenho.

— Agora já tem. Saúde seu novo namorado.

Um horrível pressentimento se apoderou dela e Gabrielle cravou o olhar na engomada camisa branca de Joe Shanahan. Logo subiu a vista da estreita gravata até a garganta bronzeada, do queixo à linha firme de sua boca. Curvou os lábios para cima em um sorriso lento e sensual.

— Olá, querida.

Gabrielle se levantou e deixou a caneta de lado.

— Quero um advogado.

Capítulo 3

Gabrielle telefonou para o seu consultor fiscal, que, por sua vez, deu o nome de um advogado. Ela imaginava-o como Jerry Spence, o tele-evangelista, com um longo casaco amarelo pronto para chutar o traseiro em seu nome. Em vez disso teve Ronald Lowman, um arrogante jovem com seu cabelo único e terno Brooks Brothers. Reuniu-se com ela na cela durante dez minutos, logo a deixou sozinha, outra vez. Quando retornou, já não estava tão seguro de si mesmo.

— Acabo de falar com o procurador — começou — vão seguir adiante com o processo que iniciaram contra você. Acreditam que sabe algo sobre o Monet roubado do senhor Hillard e não vão deixar que saia daqui.

— Não sei nada sobre essa estúpida pintura. Sou inocente — disse olhando carrancuda ao homem que tinha contratado para proteger seus interesses.

— Escute senhorita Breedlove, acredito que é inocente. O caso é que o procurador, o chefe de polícia Walker, o capitão Luchetti e ao menos um detetive não acreditam. — Deixou escapar uma baforada de ar e cruzando os braços sobre o peito, continuou — Não vão tratá-la com amabilidade. E menos agora que sabe que você e seu sócio são suspeitos. Se nos negarmos a ajudá-los nesta

investigação, seguirão adiante com a acusação de agressão com agravante. Mas realmente não querem fazê-lo. Querem o senhor Carter, seus livros privados e a lista de seus contatos. Querem se for possível, recuperar a obra de arte do senhor Hillard. Querem que colabore com eles.

Ela já sabia o que queriam e não necessitava que um advogado recém saído da faculdade de Direito o dissesse. Se quiser livrar-se de tudo aquilo, tinha que participar de uma investigação secreta da polícia. Tinha que convencer o Kevin de que tinha contratado seu "namorado" para que se encarregasse de todos os acertos pendentes da loja. Tinha que fechar a boca e cruzar os braços enquanto o detetive Sinistro reunia provas da participação de seu bom amigo e sócio em um roubo de grande escala.

Pela primeira vez em sua vida, suas crenças e seus desejos não contavam absolutamente. A ninguém parecia importar que seus princípios morais entrassem em conflito; todos aqueles valores íntegros que tinha adquirido de culturas e religiões diferentes ao longo de sua vida.

Exigiam-lhe que abandonasse seus estritos princípios, exigiam-lhe que traísse um amigo.

— Não acredito que Kevin tenha roubado nada.

— Não estou aqui para representar o seu sócio. Estou aqui para representar você e, se ele for culpado, implicou-a em um crime muito sério. Poderia perder seu negócio ou, como mínimo, sua reputação como mulher de negócios honesta. E se Kevin for inocente, você não tem nada que perder e muito que ganhar. Assuma que é a única maneira que tem de ajudar o seu sócio. Se não for assim teremos que ir a julgamento. Se solicitarmos um julgamento com jurado provavelmente não iria à prisão, mas ficaria fichada.

Ela elevou a vista. A ideia de ficar fichada lhe importava mais do que acreditava. É obvio, nunca antes tinha pensado em si mesma como uma infratora da lei.

— Se aceitar que venham à loja, revogarão a queixa?

Ele se levantou e olhou seu relógio.

— Me deixe falar com o procurador e ver se posso obter algumas concessões mais. Querem que colabore com eles já, assim suponho que as farão.

— Acredita que deveria assinar o acordo?

— Depende de você, mas seria a melhor opção. Deixe-os trabalhar a porta fechada alguns dias e logo se vão. Assegurar-me-ei

de que deixem a loja nas mesmas condições nas que está agora ou melhor. Conservará seus direitos e a posse de arma. Embora lhe recomende que consiga uma licença para andar com ela.

Parecia tão simples, e entretanto, aquela situação não deixava de ser horrível. Finalmente, assinou o documento que a convertia em informante confidencial e o consentimento de revista e se perguntou se lhe poriam algum codinome de garota Bond no plano.

Depois que ela foi liberada, foi para casa e tentou mergulhar no prazer que normalmente era fazer misturas de óleo essencial. Precisava terminar a base para o óleo de massagem antes do Coeur Festival, mas quando tentou preencher os pequenos frascos azuis fez uma confusão e teve que parar. Tampouco teve muito êxito ao colocar as etiquetas.

Sua mente e espírito estavam divididos; tinha que encontrar o equilíbrio interior. Sentou-se com as pernas cruzadas no dormitório e tratou de relaxar antes que lhe estalasse a cabeça. Mas o escuro rosto do Joe Shanahan invadiu sua mente interrompendo sua meditação.

O detetive Shanahan era todo o oposto a qualquer homem que tivesse em conta para um encontro. Tinha indomável cabelo escuro, pele morena e intensos olhos castanhos. A boca firme e sensual. Os ombros largos e grandes mãos impessoais. Era realmente odioso..., mas houve dias, antes que tivesse decidido que era um perseguidor, que tinha considerado seu escuro olhar, selvagem e sensual. Como no supermercado, quando a tinha observado desde debaixo daqueles cílios negros e ela tinha começado a derreter-se ali mesmo, no corredor dos congelados. Seu **20**

tamanho e presença desprendiam força e confiança e não importava quantas vezes em sua vida tivesse tentado ignorar aos machos grandes e corpulentos, nunca teve êxito.

Era por sua própria estatura. Fazia que se inclinasse pelo homem mais alto que houvesse ao redor. Media um e setenta e nove, embora nunca admitisse nem um centímetro mais que um e setenta

e cinco já que até onde podia recordar sempre tinha tido problemas por sua altura.

Durante todos os cursos de primário tinha sido a garota mais alta da classe. Tinha sido torpe e ossuda, e continuou crescendo cada dia mais.

Rezou a todos os deuses que conhecia para que interviesses. Quis despertar um dia com pés e peitos pequenos. É obvio, isso não tinha ocorrido, mas no último curso alguns meninos a alcançaram em estatura e uns quantos inclusive a tinham ultrapassado o suficiente para convidá-la a sair. Seu primeiro namorado foi o capitão da equipe de basquete. Mas depois de três meses, tinha-a deixado pela animadora principal, Mindy Crenshaw, que media um e sessenta.

Até hoje tinha que se lembrar de não encolher os ombros quando estava perto de mulheres mais baixas.

Gabrielle perdeu a esperança de encontrar seu equilíbrio interior e em seu lugar decidiu preparar um banho quente. Fez uma mistura especial de óleo de ylang-ylang e lavanda e o jogou na água. Esperava que a mistura de essências a ajudasse a relaxar. Gabrielle não sabia se funcionaria, mas cheirava maravilhosamente bem. Meteu-se lentamente na água perfumada e reclinou a cabeça contra o bordo da banheira. O calor a envolveu e fechou os olhos. Os acontecimentos do dia voltaram para sua mente e a lembrança de Joe Shanahan, a seus pés no chão, com o fôlego entrecortado e os cílios preso às pálpebras, desenhou um sorriso em seus lábios. A imagem conseguiu relaxá-la de uma maneira que não tinha conseguido uma hora de meditação.

Aferrou-se à lembrança e à esperança de que talvez algum dia, se comportasse bem e seu carma queria recompensá-la, voltaria a ter a oportunidade de orvalhá-lo com outro bote de super spray.

Joe entrou pela porta traseira da casa de seus pais sem bater e pôs o transportador para mascotes no balcão da cozinha. Ouviu o som do televisor que provinha da sala a sua direita. Uma porta da despensa estava apoiada contra a bancada e havia uma furadeira ao lado da pia, um projeto mais esquecido antes de ser terminado. O

pai do Joe, Dewey, tinha proporcionado uma vida desafogada a sua esposa e a seus cinco filhos com seus ganhos como construtor de casas, mas parecia que nunca terminava nada na sua. Joe sabia por anos de experiência que sua mãe teria que ameaçar contratar alguém para que o trabalho fosse terminado.

— Há alguém em casa? — chamou Joe, embora tivesse visto os carros de seus pais na garagem.

— É você, Joey? — A voz do Joyce Shanahan logo que podia ouvir-se por cima do som de tanques e disparos. Acabava de interromper um dos passatempos favoritos de seu pai: os filmes do John Wayne.

21

— Sim, sou eu. — Colocou a mão no transportador e Sam subiu a seu braço.

Joyce entrou na cozinha. Levava o cabelo negro com nervuras brancas recolhido atrás com uma fita elástica vermelha. Ela deu uma olhada no papagaio africano de trinta centímetros posado no alto do ombro de Joe e se deteve em seco. Franziu os lábios e enrugou o sobrecenho desgostosa.

— Não podia deixá-lo só em casa — se desculpou Joe antes que ela pudesse expressar seu mal-estar — Já sabe como fica quando sente que não lhe presta suficiente atenção. Fiz-lhe prometer que esta vez se comportaria. — Encolheu o ombro e olhou a seu pássaro — Diga a ela, Sam.

O louro piscou com seus olhos negros e amarelos e trocou o peso de um pé a outro.

— Anda, me alegre o dia — disse Sam com voz alta.

Joe voltou a olhar a sua mãe e sorriu como um pai orgulhoso.

— Vê, substituí o vídeo do Jerry Springer por outro do Clint Eastwood.

Joyce cruzou os braços sobre sua camiseta da Betty Boop. Logo que media um e cinquenta e cinco, mas sempre tinha sido a rainha e senhora do clã Shanahan.

— Se voltar a dizer grosserias outra vez, deixarei-o fora.

— Seus netos lhe ensinaram esses palavrões quando estiveram aqui na Semana Santa — disse, referindo-se a seus dez sobrinhos.

— Não jogue a culpa de seu mau comportamento a meus netos. — Joyce suspirou e colocou as mãos na cintura — Jantou?

— Bom, comi algo ao sair do trabalho.

— Não me diga mais: frango gorduroso do bar e essas horríveis batatas fritas. — Sacudiu a cabeça — Ainda sobrou um pouco de lasanha e uma boa salada verde. Pode levar isso para casa.

Como em quase todas as famílias, as mulheres Shanahan demonstravam seu amor e preocupação através da comida. Normalmente a Joe não importava, exceto quando todas decidiam fazê-lo ao mesmo tempo. Ou quando discutiam sobre seus hábitos alimentares como se tivesse dez anos e vivesse a base de batatas fritas.

— Isso seria genial — olhou Sam — A vovó fez lasanha.

— Bom. Já que ele é o mais próximo a um neto que vou ter de você, suponho que será bem-vindo. Mas te assegure de que modere a linguagem.

Falar de netos era tudo o que Joe necessitava para bater em retirada. Sabia que se não se escapulisse agora, a conversa derivaria inevitavelmente para as mulheres que pareciam entrar e sair de sua vida com tanta frequência.

— Sam melhorou — disse passando por seu lado e entrando na sala de estar decorada por sua mãe com sua mais recente aquisição no mercadinho: um par de espadas e um escudo combinando. Encontrou seu pai sentado em sua poltrona reclinável “A-z-boy” com o controle em uma mão e um grande copo de chá gelado na outra. Havia uma caixa de cigarros e um acendedor sobre a mesa que separava a poltrona do sofá. Dewey tinha quase setenta anos e Joe tinha notado recentemente que lhe estava ocorrendo algo estranho no cabelo. Ainda era denso e completamente branco, mas durante o último ano tinha começado a eriçar na frente como se eu **22**

estivesse sendo sacudido por um vento forte por trás.

— Já não se fazem filmes como estes — disse Dewey sem afastar os olhos do televisor.

Baixou o volume antes de acrescentar — com todos esses efeitos especiais que usam hoje em dia os personagens não parecem acreditáveis. John Wayne sabia como brigar e isso se nota.

Logo que Joe se sentou, Sam saltou de seu ombro e se agarrou ao respaldo do sofá com seus negros pés escamosos.

— Não se afaste muito — disse Joe a seu pássaro. Depois tomou um cigarro e o deslizou entre seus dedos, mas não o acendeu. Queria que Sam respirasse a menor fumaça possível.

— Voltou a fumar outra vez? — perguntou-lhe Dewey, afastando finalmente o olhar do Duke — Acreditava que tinha deixado. O que aconteceu?

— Norris Hillard — foi à resposta direta. Não precisava explicar mais. A essas alturas todo mundo sabia do Monet roubado. E queria que todo mundo soubesse. Queria que as pessoas implicadas ficassem nervosas. As pessoas nervosas cometiam enganos. E quando o faziam, ele estava ali para fazê-los cair. Não obstante, não faria cair a Gabrielle Breedlove.

Não importava que estivesse implicada até as sobrancelhas. Não importava se tinha talhado a pintura do marco com suas próprias mãos. Tinha imunidade absoluta não só da acusação de assalto e de qualquer acusação sobre o caso Hillard, mas também sobre qualquer roubo anterior.

Esse advogado seu podia ser jovem, mas era um pequeno inseto.

— Há pistas?

— Umass quantas. — Seu pai não fez as perguntas pertinentes e Joe não ofereceu nenhuma explicação — Necessito que me empreste a furadeira e algumas ferramentas. — Embora pudesse fazê-lo, Joe não desejava falar de seu informante confidencial. Normalmente não se confiava em seus confidentes, mas esta última era tão pouco confiável como uma caixa do Post Toasties e o incidente com a Derringer quase lhe havia custado outra degradação. Uma cagada mais e não duvidariam em transladá-lo a outro departamento. Depois do pesadelo que tinha tido lugar no parque essa manhã tinha que entregar a cabeça do Carter em bandeja. Era a oportunidade de redimir-se. Se não o fazia temia que o degradassem até o mais baixo à divisão de patrulha noturna pelo que já poderia ir esquecendo-se de voltar a ver a luz do dia. Não tinha nada contra os policiais de uniforme. Eram os que estavam em primeira linha e não poderia cumprir seu trabalho sem eles, mas tinha trabalhado muito e aguentado muitos loucos para deixar que uma ruiva louca carregasse toda sua carreira.

— Joe, consegui algo para você o fim de semana passado — informou sua mãe enquanto atravessava a sala para a parte traseira da casa.

O último algo que sua mãe tinha conseguido para ele tinha sido um par de perus reais de alumínio que supostamente devia pendurar na parede. De momento, estavam debaixo de sua cama ao lado de um enorme mocho de agulha de crochê.

— Ah, genial — gemeu e lançou o cigarro sem acender a mesinha — Desejaria que não fizesse isso. Odeio essa merda dos mercados.

— Aceita, filho, é uma doença — disse seu pai, voltando a olhar o televisor — É uma doença como o alcoolismo. É incapaz de resistir a seu vício.

23

Quando Joyce Shanahan retornou, levava meia sela cortada ao meio longitudinalmente.

— Consegui por cinco dólares — se gabou, e a colocou no chão junto ao pé de Joe — Queriam dez mas pechinchei.

— Odeio essa merda dos mercados — imitou Sam, logo chiou — braa...ck.

O olhar de Joyce se moveu de seu filho ao pássaro posado no respaldo do sofá.

— Será melhor que não cague aí.

Joe não podia prometer tal coisa. Assinalou a sela.

— O que supõe que vou fazer com isso? Encontrar meio cavalo?

— Pendura-o na parede. — Soou o telefone e deu de ombros enquanto se encaminhava para a cozinha — Tem uns ganchos por algum lado.

— Melhor pregar diretamente na parede, filho — recomendou seu pai — Ou corre o risco de que caia em cima de você.

Joe cravou os olhos na sela com um só estribo. O espaço debaixo de sua cama estava quase abarrotado. A risada de sua mãe soou na sala do lado sobressaltando o Sam, que agitou suas asas mostrando as canetas vermelhas sob sua cauda, logo voou por cima do televisor e posou sobre a parte superior de uma jaula de madeira com um ninho falso e ovos de plástico grudados em seu interior. Inclinou a cabeça cinza para um lado, abriu o pico, e imitou o timbre do telefone.

— Sam, não faça isso — advertiu Joe uma fração de segundo antes que a ave imitasse a risada de Joyce com tal perfeição que foi realmente horripilante.

— Esse seu pássaro vai terminar em uma bolsa do Shake'n Bake⁸
— predisse seu pai.

—Eu que digo — Só esperava que Sam não fizesse migalhas do ninho de madeira com o bico.

A porta principal se abriu de repente e o sobrinho do Joe de sete anos, Todd, entrou na casa correndo seguido das suas sobrinhas, Christy, de treze anos e Sara, de dez.

— Olá, tio Joe — disseram as meninas em uníssono.

— Olá, garotas.

— Trouxe o Sam? — quis saber Christy.

Joe assinalou o televisor com a cabeça.

— Está um pouco nervoso. Não gritem nem façam movimentos bruscos ao redor dele. E não ensinem mais palavrões.

— Não faremos isso, tio Joe — prometeu Sara, mas seus olhos estavam muito abertos para parecer inocentes.

— O que é isso? — perguntou Todd, apontando para a sela.

— É a metade de uma sela.

— Para que serve?

“Você disse.”

— Quer prá você?

— Não!

8 (*produto americano com uma sacolinha com farinha para empanar frango.*

<http://www.americansweets.co.uk/ekmps/shops/statesidecandy/images/american-kraft-shake-n-bake-original-chicken-coating-mix-4-pack-box-802-p.jpg>) **24**

Tanya, a irmã de Joe, entrou na casa pouco depois e fechou a porta atrás dela.

— Olá, papai — disse, logo olhou a seu irmão — Olá Joey. Vejo que mamãe te deu a sela.

Pode acreditar que a conseguiu por cinco dólares?

Obviamente Tanya também tinha sido contagiada pela enfermidade do mercado.

— Quem fez um pum? Braa...ck.

— Parem já garotas — advertiu Joe às duas meninas que estavam atiradas no chão com um ataque de risada.

— O que tem tanta graça? — perguntou sua mãe enquanto entrava na sala, mas antes que alguém pudesse lhe responder o telefone soou outra vez — Pelo amor de Deus. — Sacudiu a cabeça e voltou para a cozinha, só para voltar um instante depois meneando de novo à cabeça — Desligaram antes que pudesse responder.

Joe dirigiu um olhar desconfiado a seu pássaro e suas suspeitas se confirmaram quando Sam inclinou a cabeça e o telefone voltou a soar.

— Pelo amor de Deus — repetiu sua mãe e voltou para a cozinha.

— Meu papai comeu um inseto — disse Todd a Joe, chamando sua atenção — Assamos cachorros quentes e comeu um inseto.

— Bom, Ben o levou para acampar porque acredita que as garotas e eu o estamos afeminando — disse a irmã de Joe, sentando-se no sofá a seu lado — Disse que precisava levar o Todd para fazer coisas de homens.

Joe o entendeu perfeitamente. Criou-se com quatro irmãs maiores que o tinham vestido com suas roupas e lhe tinham pintado os lábios. Aos oito anos o tinham convencido de que era um hermafrodita chamado Josephine. Não tinha sabido o que era um hermafrodita até que aos doze o buscou no dicionário. Depois disso, passou várias semanas aterrorizado, pensando que lhe cresceriam uns enormes seios como a maior de suas irmãs, Penny. Felizmente, seu pai o tinha pegado examinando seu corpo em busca de mudanças e tinha convencido Joe de que não era um hermafrodita. Logo o tinha levado a acampar e não tinha deixado que se banhasse em uma semana.

Suas irmãs unidas eram como Bondini; nunca esqueciam nada. Enquanto cresciam tinham desfrutado e, simplesmente, tinha sido um inferno para sua psique. Mas se suspeitava por um segundo que os maridos de suas irmãs não as tratavam bem, ele proporcionaria gostosamente uma boa surra a cada um deles.

— Um inseto aterrissou no cachorro quente do Todd, que ficou chorando negando-se a prová-lo — continuou Tanya — O qual é

completamente compreensível e não posso culpá-lo, mas Ben agarrou o inseto e o comeu fazendo o machão. E lhe disse: “se eu posso comer o maldito inseto, você pode comer o cachorro quente”.

Soava razoável.

— Comeu o cachorro quente? — perguntou Joe a seu sobrinho.

Todd assentiu com a cabeça e seu sorriso mostrou o oco de seus dentes frontais.

— Depois, eu também comi um inseto. Um negro.

Joe olhou fixamente o rosto sardento de seu sobrinho e compartilharam um sorriso **25**

conspirador. Um sorriso de meninos tipo “eu posso fazer xixi de pé”. Um sorriso que as garotas nunca poderiam entender.

— Desligaram outra vez — anunciou Joyce, entrando na sala.

— Faz falta um identificador de chamadas — lhe disse Tanya — Nós temos e sempre olho para saber quem está chamando antes de responder.

— Possivelmente ponha um — disse sua mãe, sentando-se em uma velha cadeira de balanço com almofadas pintadas, mas quando seu traseiro tocou o assento, o timbre voltou a soar — Estou ficando velha — suspirou levantando-se — Alguém está brincando com o telefone.

— Usa a opção de responder a última chamada recebida. Ensinar-lhe-ei isso. — Tanya se levantou e seguiu a sua mãe à cozinha.

Para as garotas voltou a dar um ataque de risada e Todd cobriu a boca com a mão.

— Sim — disse Dewey sem afastar a vista do Duke — Esse pássaro está paquerando com o desastre.

Joe colocou as mãos detrás da cabeça, cruzou os tornozelos e relaxou pela primeira vez desde o roubo do Monet do senhor Hillard. Os Shanahan eram bastante escandalosos e estar sentado no sofá de sua mãe rodeado de toda essa animação o fazia sentir-se de novo em casa.

Também lhe recordava sua própria casa vazia no outro extremo da cidade.

Até um ano, não lhe tinha preocupado nada o assunto de encontrar uma esposa e formar uma família. Sempre tinha pensado que tinha tempo, mas receber um disparo lhe havia feito ver as coisas de outra perspectiva. Tinha-lhe recordado o que era importante na vida: uma família como a sua.

Claro, tinha o Sam e viver com o Sam era como viver com uma criança de dois anos, desobediente, mas muito divertido. Entretanto, não podia fazer fogos de acampamento nem cachorros quentes com o Sam. Não podia comer insetos. A maior parte dos tiras de sua idade tinha filhos, e enquanto tinha estado atirado em casa recuperando-se, tinha começado a perguntar-se como seria participar das ligas infantis e olhar como seus filhos corriam às bases.

Imaginar os filhos era a parte fácil. Pensar em uma esposa era um pouco mais difícil.

Não acreditava ser muito seletivo, mas sabia o que gostava e que não gostava em uma mulher. Não queria uma mulher que ficasse histérica por coisas como os aniversários mensais e que não gostasse de Sam. Sabia que tampouco queria uma mulher vegetariana muito preocupada com a gordura e o tamanho de suas coxas.

Queria voltar para casa ao sair do trabalho e ter a alguém o esperando. Queria chegar a casa sem levar o jantar. Queria uma garota prática, alguém com ambos os pés firmemente plantados no chão. E é obvio, queria alguém que gostasse do sexo que lhe gostava. Tórrido, definitivamente tórrido. Umas vezes rude e picante, outras não, mas sempre desinibido. Queria uma mulher a que não lhe desse medo lhe tocar nem que se assustasse se a tocava. Queria olhá-la e sentir como a luxúria atravessava seu ventre, e saber que ela sentia o mesmo por ele.

Sempre tinha acreditado que reconheceria à mulher adequada assim que a visse. Realmente não tinha nem ideia de como saberia, só sabia que o faria. Sentiria como se o deixassem totalmente K.O. ou o fulminasse um raio, e então saberia.

Tanya voltou para a sala com o cenho franzido.

— O último número que chamou era do Bernese, a amiga de mamãe. Por que Bernese estaria provocando pelo telefone?

Joe deu de ombros e confiou em que sua irmã não averiguasse quem era o verdadeiro culpado.

— Talvez esteja aborrecida. Quando era novato, uma velhinha nos fazia ir uma vez ao mês a sua casa alegando que havia ladrões que tentavam roubar seus preciosos cães afegãos.

— E o fizeram?

— Diabos, não. Deveria ver essas coisas, eram verde, laranja e púrpura. Merda, ficava cego se as olhava fixamente. De todas as maneiras sempre nos tinha umas bolachas preparadas e um par de refrescos. As pessoas mais velhas revistam sentir-se só e fazem coisas das mais estranhas simplesmente para ter a alguém com quem falar.

Os olhos escuros da Tanya se cravaram nos seu e o cenho lhe fez mais profundo.

— Isso é o que vai ocorrer a você se não encontrar alguém que te cuide.

As mulheres de sua família sempre o chateavam sobre sua vida amorosa, mas desde que lhe tinham disparado, sua mãe e suas irmãs tinham redobrado seus esforços para lhe ver felizmente casado. Relacionavam matrimônio com felicidade. Queriam que ele vivesse sua versão do "e viveram felizes" e embora entendesse sua preocupação, voltavam-no louco. Não se atrevia a lhes insinuar que em realidade pensava nisso seriamente. Se o fizesse, cairiam sobre ele como abutres carniceiros.

— Conheço uma mulher realmente agradável que...

— Não — a interrompeu Joe, ainda não estava disposto a considerar as amigas de sua irmã.

Imaginava contando cada pequeno detalhe a sua família. Tinha trinta e cinco anos, mas suas irmãs ainda lhe tratavam como se tivesse cinco. Como se não fosse capaz de encontrar seu traseiro sem que lhe dissessem que estava ao final das costas.

— Por quê?

— Eu não gosto das mulheres agradáveis.

— Isso é o que te passa. Está mais interessado no tamanho dos seios que em sua personalidade.

— Não me passa nada. E não é o tamanho dos seios, é a forma o que conta.

Tanya soprou. Joe não recordava ter ouvido um som parecido à outra mulher.

— O que? — perguntou.

— Vai ser um velho muito solitário.

— Tenho o Sam para me acompanhar e provavelmente sobreviva.

— Um pássaro não conta, Joey. Tem namorada agora? Alguém que apresentar à família?

Alguém com quem consideraria te casar?

— Não.

— Por que não?

— Não encontrei a mulher adequada.

— Se até os homens do corredor da morte encontram uma mulher para casar-se, por que **27**

razão não o faz você?

Capítulo 4

O pequeno distrito histórico do Hyde Park estava situado ao pé das colinas do Boise. Nos anos setenta o distrito tinha padecido ao abandono causado pelo êxodo aos subúrbios e a popularidade das casas pré-fabricadas. Mas nos últimos anos os negócios se

modernizaram e se reformaram as lojas. Como resultado a cidade havia tornado a renascer.

Com uma extensão de três quadras, Hyde Park estava em meio dos bairros residenciais mais antigos da cidade. Seus habitantes eram uma mistura heterogênea de boêmios e pessoas influentes. Ricos, pobres, jovens ou anciões que levavam tanto tempo ali como as calçadas gretadas. Artistas que lutavam por abrir caminho e prósperos yuppies viviam uns ao lado de outros. Pequenas casas púrpuras com cornijas⁹ cor laranja junto a casas vitorianas com caminhos pavimentados.

Os negócios do bairro eram tão ecléticos como os residentes. A velha sapataria estava aberta desde que se podia recordar e na mesma quadra um menino podia cortar o cabelo por sete dólares. O mesmo poderia fazer tacos de pizza, roupas íntimas comestíveis, café expresso na loja de lingerie Naughty or Nice. Podia jantar no autosserviço 7-eleven depois de encher o tanque de gasolina, e comprar de um Slurpie a um National Enquirer. Podia te perder entre as ruelas para fazer virtualmente de tudo, desde bisbilhotar em livrarias de segunda mão até tentar te fazer com raquetes para a neve ou bicicletas. Hyde Park tinha de tudo. E Gabrielle Breedlove e Anomaly encaixavam ali perfeitamente.

O sol matutino se derramava sobre o bairro iluminando diretamente a cristaleira do Anomaly e enchendo a loja de luz. A cristaleira estava repleta de uma grande variedade de pratos orientais de porcelana e pia. Uma vidraça dourada de uns trinta centímetros com grandes pombas desenhadas na superfície enchia de sombras irregulares o tapete berberisca¹⁰.

Gabrielle estava na parte escura da loja, acrescentando algumas gotas de óleo a um delicado vaporizador de cobalto. Durante mais de um ano, tinha experiente com diferentes óleos essenciais. Todo o processo era um ciclo contínuo de provar, equivocar-se e voltar a provar.

Estudava as propriedades químicas mesclando os óleos em pequenos frascos, utilizando as pipetas e os queimadores como se tratasse de um cientista louco. Criar aromas maravilhosos satisfazia seu lado mais artístico. Acreditava que certos aromas podiam curar

mente, corpo e espírito, fora por suas propriedades químicas ou evocando imagens cálidas e agradáveis que sossegavam a alma. Sem ir mais longe à semana anterior tinha conseguido criar com êxito um preparado único. Tinha-o engarrafado em belos frascos rosa e como parte do marketing, tinha **9** *Faixa horizontal que se destaca da parede, a fim de acentuar as nervuras nela empregadas, como sancas de gesso.*

10 *Referente aos berberes, povo nômade do norte da África.*

repleto a loja de uma suave fragrância a flores e cítricos embriagadores. Vendeu tudo no primeiro dia. Esperava que o mesmo acontecesse no Coeur Festival.

O preparado que se trazia entre mãos não era tão especial, mas era muito conhecido por seus efeitos relaxantes. Enroscou o contagotas ao frasco de pachuli e o devolveu à caixa de madeira que continha outros óleo. Agarrou outro dos pequenos frascos que continha salvia e, com muito cuidado, acrescentou duas gotas. Supunha-se que ambos os óleos combinados ajudariam a reduzir a tensão nervosa, relaxariam, e aliviariam o excesso de cansaço. Essa manhã, com um policial a ponto de infiltrar-se na loja, Gabrielle necessitava as três coisas de uma vez.

A porta traseira do Anomaly se abriu e fechou, e se sentiu invadida pelo pânico. Olhou por cima do ombro para a parte traseira da loja.

— Bom dia, Kevin — saudou seu sócio.

Tremeram-lhe as mãos enquanto trocava de frasco. Eram nove e meia da manhã e já tinha os nervos à flor da pele, além disso, estava que caía de sono. Não tinha dormido em toda a noite tentando convencer a si mesma de que poderia mentir ao Kevin. De que não era tão mal permitir que o detetive Shanahan trabalhasse encoberto na loja se com isso ajudava a limpar o nome do Kevin. Mas tinha vários problemas graves: era uma mentirosa deplorável e, para ser sinceros, não acreditava que pudesse fingir que gostava do detetive, pois era incapaz de imaginar-se a si mesma como sua namorada.

Odiava mentir. Odiava criar mal carma. Mas realmente, o que era uma mentirinha mais quando estava a ponto de criar uma

perturbação kármica de proporções sísmicas?

— Olá! — saudou Kevin do vestibulo acendendo as luzes — O que está mesclando hoje?

— Pachuli e salvia.

— E não acabará cheirando a loja como um concerto desses hippies do Grateful Dead?

— Provavelmente. Fiz para minha mãe. — além de ajudar a relaxar, o perfume lhe recordava coisas agradáveis, como o verão em que ela e sua mãe tinham seguido ao Grateful Dead atravessando o país. Gabrielle tinha dez anos e lhe tinha encantado dormir na caminhonete Volkswagen, comer tofú e tingir tudo o que caía em suas mãos. Sua mãe o tinha chamado o verão do despertar. Gabrielle não sabia exatamente que era que tinha despertado, mas tinha sido a primeira vez que sua mãe tinha falado de seus poderes psíquicos. Antes disso eram metodistas.

— Que tal as férias de sua mãe e sua tia? Falou com elas?

Gabrielle fechou a tampa da caixa de madeira e olhou ao Kevin, que estava ao outro lado da sala, na porta do escritório que compartilhavam.

— Não, não falo com elas há uns dias.

— Quando voltarem, ficarão em sua casa da cidade uns dias ou irão ao norte com seu avô?

Supunha que o interesse do Kevin por sua mãe e sua tia tinha mais que ver com o fato de que lhe punham nervoso que com a simples e genuína curiosidade. Claire e Yolanda Breedlove não só eram cunhadas, mas também eram as melhores amigas do mundo e viviam juntas. Algumas vezes liam o pensamento uma da outra, o que podia chegar a ser horripilante se não estava acostumado.

—Não tenho certeza. Acredito que virão a Boise para recolher o Beezer, logo irão de carro **29**

ao norte para ver como anda meu avô.

—Beezer?

—O gato de minha mãe — respondeu Gabrielle. A culpa estava criando um nó no estômago enquanto olhava fixamente os familiares olhos azuis do seu amigo. Ele já passava dos trinta anos mas

aparentava ao redor de vinte e dois. Era uns centímetros mais baixo que Gabrielle e tinha o cabelo loiro claro. Era contador de profissão e antiquário de vocação. Dirigia a parte administrativa do Anomaly deixando a Gabrielle total liberdade para expressar sua criatividade. Não era um criminoso e não acreditava o mínimo que usasse a loja como cobertura para vender artigos roubados. Abriu a boca para lhe contar à mentira que tinha memorizado na delegacia de polícia de polícia, mas as palavras ficaram entaladas na garganta.

—Trabalharei esta manhã no escritório — disse ele, desaparecendo pela porta.

Gabrielle agarrou um acendedor para colocar uma vela de chá no pequeno vaporizador.

Uma vez mais disse a si mesma que realmente estava ajudando ao Kevin embora ele não soubesse. Não era como se o estivesse servindo na bandeja ao detetive Shanahan, não é verdade?

A quem enganava? Não podia nem mentir-se a si mesma, mas tampouco podia fazer nada. O

detetive chegaria à loja em menos de vinte minutos e ela tinha que lhe fazer Kevin acreditar que o tinha contratado como marceneiro durante uns dias. Meteu o acendedor no bolso da saia de gaze e se dirigiu a seu escritório, que estava lotado com artigos de escritório. Percorreu com o olhar à cabeça loira do Kevin inclinada sobre uns documentos, aspirou profundamente e disse: — Contratei uma pessoa para mover a estante para a parte de trás — disse obrigando-se a mentir — Se lembra que faz tempo falamos disso?

Kevin levantou a cabeça e franziu o cenho.

— O que lembro é que decidimos esperar até o próximo ano. Não, ele tinha decidido pelos dois.

— Acredito que não pode esperar mais, assim contratei a um marceneiro. Mara pode lhe ajudar — disse, referindo-se a jovem universitária que trabalhava na loja meia jornada pelas tardes — Joe estará aqui em uns minutos. — Posar seu olhar culpado em Kevin foi uma das coisas mais difíceis que havia feito em sua vida.

O silêncio se estendeu entre eles durante segundos compridos enquanto a olhava com o cenho franzido.

— Este Joe não faz parte de sua família, certo?

Só pensamento do detetive Shanahan compartilhando seus genes a perturbou tanto como ter que fingir que era sua namorada.

— Não — Gabrielle endireitou uma pilha de faturas — Se alegrará saber que Joe não é de minha família — Fingiu interessar-se na folha que tinha diante. Logo cuspiu a maior mentira de todas — É meu namorado.

O cenho franzido desapareceu e a olhou totalmente estupefato.

— Nem sequer sabia que tivesse namorado. Por que não o mencionou antes?

— Não quis dizer nada até ter certeza dos meus sentimentos — disse, soltando uma mentira atrás da outra — Não queria que me desse má sorte.

— Ah. Bem, quanto tempo faz que o conhece?

— Não muito. — Isso sim que era verdade, pensou.

— Como o conheceu?

Pensou nas mãos do Joe lhe percorrendo os quadris, as coxas, os seios e em sua virilha pressionando a dela, e o calor subiu por seu pescoço e lhe tingiu as bochechas.

— Correndo pelo parque — disse, sabendo que soava tão culpado como se sentia.

— Acredito que este mês não nos podemos permitir isso. Temos que pagar esse envio do Baccarat. Seria melhor no mês que vem.

O mês que vem poderia ser melhor para eles, mas não para o Departamento de Polícia do Boise.

— Tem que ser esta semana. Eu o pagarei. Não se importa, não? Kevin se recostou na cadeira e cruzou os braços.

— Ou seja, que terá que fazê-lo já. Por que agora? O que acontece?

— Nada. — Foi à única resposta que lhe ocorreu.

— O que está me escondendo?

Gabrielle observou os perspicazes olhos azuis de Kevin e, não pela primeira vez, pensou em contar-lhe tudo. Depois poderiam trabalhar os dois em segredo, ombro a ombro para limpar o nome de Kevin. Logo se lembrou do acordo de confidencialidade que tinha assinado. As consequências de rompê-lo eram muito sérias, mas malditas fossem todas elas. Ao único a quem lhe devia lealdade era ao Kevin, e merecia que fosse sincera com ele. Era seu sócio, e mais importante ainda, seu amigo.

— Está corada e parece incômoda.

— Um sufoco repentino.

— Não é o suficientemente grande para ter sufoco. Está me ocultando algo. Você não é assim. Está muito apaixonada por seu marceneiro?

Gabrielle logo que conteve um fôlego horrorizado.

— Não.

— Deve ser luxúria.

— Não!

Ouviu-se um golpe na porta traseira.

— Aí está seu namorado — disse Kevin.

Pode ser que tudo o que pensava lhe refletisse no rosto, mas o que Kevin estava pensando em realidade era que estava louca pelo marceneiro que tinha contratado. Algumas vezes seu sócio acreditava que sabia tudo, embora não tivesse a mais remota ideia de nada. Claro que o que ela sabia dos homens demonstrava que isso, geralmente, acontecia com todos. Deixou as faturas sobre o escritório e saiu da sala. Atuar como a namorada de Joe era perturbador. Atravessou o armazém até a parte traseira, que dispunha de uma pequena cozinha, e abriu a pesada porta de madeira.

E ali estava ele, com uns Levi's gastos, uma camiseta branca e sua inconfundível aura negra.

Cortou o cabelo e uns óculos escuros tipo avião lhe cobriam os olhos. Tinha uma expressão **31**

indecifrável.

— Chegou bem a tempo — disse a seu reflexo nos óculos.

Joe arqueou uma sobrancelha.

— Sempre o faço. — Ele pegou o braço dela com uma mão e fechou a porta atrás dela com a outra—. Carter chegou?

Só um fio de ar separava a frente de sua blusa do tronco de Joe e se viu envolta no perfume a sândalo e madeira de cedro, e a algo tão intrigante que desejou poder lhe dar nome para engarrafá-lo.

— Sim — disse, e se soltou de sua mão. Deslizou-se por detrás dele e desceu o beco detendo-se no lado contrário ao contêiner. Ainda podia sentir a pressão de seus dedos no braço.

Ele a seguiu.

— O que lhe disse? — perguntou em voz baixa.

— O que me disseram que lhe dissesse. — Sua voz era apenas um sussurro quando continuou — Que contratei a meu namorado para mudar algumas prateleiras.

— E ele acreditou?

Falar com seu reflexo a enervava e baixou o olhar dos óculos de sol à curva do lábio superior.

— É obvio. Sabe que nunca minto.

— Aha. Deveria saber mais antes de me apresentar ao seu parceiro?

— Bom, uma coisa.

Joe apertou os lábios ligeiramente.

— O que?

Como em realidade não queria admitir que Kevin acreditasse que ela estava apaixonada por ele, simplesmente torceu um pouco a verdade.

— Acredita que está louco por mim.

— Bom, e por que pensa isso?

— Porque eu disse — respondeu, e se perguntou quando mentir se converteu em algo tão divertido — Assim será melhor que seja o mais agradável.

Seus lábios se converteram em uma linha dura. Para ele não era nada divertido.

— Possivelmente deveria me trazer rosas amanhã.

— Sim, e possivelmente deveria esperar sentada.

Joe escreveu um endereço e um número de seguro social falsos em um formulário W2 e olhou ao redor estudando cada pequeno detalhe com interesse embora exteriormente aparentasse justamente o contrário. Não tinha trabalhado disfarçado por um ano, mas era como andar de bicicleta. Ele não tinha esquecido como memorizar tudo sobre ele.

Ouvi o fraco bater de sapatos de Gabrielle quando saiu da sala, e os irritantes pop da caneta de Kevin Carter para pressionar repetidamente com o botão do polegar de sua Montblanc.

Quando Joe entrou, a primeira coisa que viu foi dois armários de arquivo altos, duas janelas estreitas perto do teto ao lado de Gabrielle e um monte de negócios sobre a mesa. No escritório **32**

do Kevin havia um computador, um cesto de papéis de arame e um livro de folhas de pagamento.

Tudo, na sala de Kevin, parecia estrategicamente medido, cada coisa estava em seu lugar. Um fanático compulsivo por controle.

Quando acabou com o formulário, Joe o deu ao homem sentado ao outro lado do escritório.

— Normalmente eu não fico animado — disse ao Kevin — Normalmente pagam em dinheiro e o fisco nem fica sabendo.

Kevin olhava a folha.

— Aqui fazemos tudo legalmente — respondeu sem levantar o olhar.

Joe se recostou na cadeira e cruzou os braços. Que fodida mentira. Não lhe tinha levado nem dois segundos decidir que Kevin Carter era tão culpado como o pecado. Tinha detido a tantos delinquentes que reconhecia os infratores da lei de uma só olhada.

Kevin vivia acima de suas possibilidades inclusive sendo alguém que levava a extremos a filosofia dos anos noventa de ganhar para gastar. Conduzia um Porsche e levava um terno de design com uma camisa italiana. Duas fotografias do Nagel penduravam na parede detrás de seu escritório e escrevia com uma caneta de duzentos dólares. Além de sua participação no Anomaly, levava a contabilidade de outros negócios na cidade. Vivia ao pé das colinas, onde um homem valia segundo a vista que tivesse da cidade da janela de sua sala de estar. O último ano tinha representado um ingresso de cinquenta mil dólares para fazenda. Não era suficiente para sustentar esse estilo de vida.

Se havia um fio comum que apontava a um comportamento criminal, era esse. Cedo ou tarde todos os ladrões se voltavam tão presunçosos que acabavam apontando muito alto e endividando-se até ultrapassar a moderação.

Kevin Carter era a viva imagem dos excessos de um criminoso, estava tão claro como se o anunciasse com um sinal de néon sobre

a cabeça. Como muitos outros antes que ele, era bastante estúpido para ostentar e suficientemente presunçoso para acreditar que não o apanhariam. Mas esta vez estava com a água até ao pescoço e devia estar sentindo a pressão. Vender candelabros antigos e molheiras não era o mesmo que vender um Monet.

Kevin deixou a um lado o impresso e olhou ao Joe.

— Quanto faz que conhece Gabrielle?

Gabrielle Breedlove era outra história. Agora já não importava se era culpada ou inocente tal e como proclamava, embora sim tivesse interesse em saber qual era seu ponto débil. Era muito mais difícil de classificar que Kevin e Joe não sabia o que pensar dela, deixando à parte o fato de que era mais irritante que Skippy.

— O suficiente.

— Então provavelmente saberá que é muito confiada. Faria algo para ajudar às pessoas que lhe importam.

Joe se perguntou se ajudar aos que lhe importavam incluía desfazer-se de mercadoria roubada.

— Sim, realmente é um encanto.

— Sim, ela é, e odiaria ver como alguém se aproveita dela. Eu sou muito bom em julgar as **33**

peessoas e você é o tipo de cara que trabalha apenas o suficiente para sobreviver, e nada mais.

Joe inclinou a cabeça e sorriu ao pequeno homem com delírios de grandeza. Quão último queria era que Kevin desconfiasse dele. Em realidade lhe interessava o contrário. Necessitava que confiasse nele, enganá-lo para que fossem amigos.

— Não me diga? Pode deduzir isso de mim cinco minutos depois de me conhecer?

— Bom, obviamente, um marceneiro não nada precisamente no dinheiro. E se as coisas fossem bem Gabrielle não teria inventado um trabalho para você. — Kevin jogou a cadeira para trás e se levantou — Nenhum de seus outros namorados necessitou um trabalho. Esse professor de filosofia com o que saía o ano passado podia ser um estúpido, mas ao menos tinha dinheiro.

Joe observou como Kevin se aproximava de um dos arquivos e abria uma gaveta. Ficou quieto e deixou que fosse ele quem falasse todo o tempo.

— Agora mesmo acredita que está apaixonada por você — continuou enquanto arquivava o formulário — E te asseguro que não está pensando no dinheiro quando pode conseguir um corpo como o seu.

Joe se levantou e cruzou os braços sobre o peito. Isso não era exatamente o que havia dito a senhora. A que dizia que não mentia.

— Surpreendi-me um pouco quando te vi entrar esta manhã. Não é tipo de cara com o que está acostumada a sair.

— Sim? De que tipo eles são?

— Normalmente são os caras tipo New Age. Esses que se dedicam a vadiar fingindo que meditam ou discutindo bobagens sobre a consciência cósmica do homem. — Deslizou a gaveta para fechá-la e apoiou o ombro contra o arquivo — Não parece o tipo de cara que goste de meditar.

Houve um momento de silêncio antes que Kevin continuasse.

— Do que estavam falando no beco?

Perguntou-se se os tinha estado escutando na porta traseira, mas supunha que se fosse assim não estariam tendo aquela conversa. Deixou que um sorriso curvasse lentamente as comissuras de seus lábios.

— Quem disse que estávamos falando?

Kevin sorriu, um sorriso dessas “eu-também-sou-do-clube-dos-meninos”, e Joe deixou o escritório.

A primeira coisa que notou quando se dirigiu à frente da loja foi o aroma, cheirava como uma sala de fumo e se perguntou se Gabrielle fumava maconha. Explicaria muitas coisas.

O olhar de Joe vagou pela estadia e observou o estranho sortido de coisas velhas e novas. No balcão da esquina havia canetas, abas e envelopes e caixas com artigos de escritório. No balcão do centro, ao lado da caixa registradora, havia um desdobramento de joalheria antiga sob um sino de cristal. Tomou nota mental de tudo antes que sua atenção fosse atraída pela escada colocada diante da cristaleira e a mulher acima nela.

O brilho do sol iluminava o perfil de Gabrielle, filtrava-se através de seu cabelo castanho avermelhado e voltava transparente a blusa e a saia. Deslizou o olhar pelo rosto e queixo, pelos **34**

ombros magros e a plenitude de seus seios. No dia anterior, tinha estado muito de saco cheio e lhe doía a coxa horrores, mas não estava morto. Tinha sido muito consciente do corpo suave que se apertava contra o seu. E de seus seios, que tinha contemplado às escondidas alguns minutos mais tarde quando caminhavam ao carro com a fria chuva lhe empapando a camiseta, lhe esfriando a pele e endurecendo seus mamilos.

Seus olhos se moveram pela cintura e os elegantes quadris. Não parecia que vestia sob a saia mais que umas calcinhas. Provavelmente branca ou bege. Depois de havê-la seguido durante toda na semana anterior tinha desenvolvido bastante apreço por suas pernas longas e torneadas. Não importava o que dissesse sua carteira de motorista. Ela media perto de um metro e oitenta, e tinha pernas que o provavam. O tipo de pernas que se enlaçavam sem esforço ao redor da cintura de um homem.

— Necessita que te dê uma mão? — perguntou, enquanto se dirigia para ela elevando a vista das exuberantes curva femininas de seu corpo ao seu rosto.

— Seria genial — disse, jogando o cabelo para trás e olhando-o por cima do ombro. Agarrou um grande prato azul e branco da cristaleira — Há um cliente que virá esta manhã para recolher isto.

Joe tomou o prato de suas mãos e se virou para trás enquanto ela descia da escada.

—Kevin acreditou que é um marceneiro? — perguntou em um sussurro.

— Acredita que sou muito mais que seu marceneiro. — Esperou até que esteve diante dela — Acredita que está louca por meu corpo. — Observou como ela passava os dedos pelo cabelo, alvoroçando todos aqueles cachos suaves como se acabasse de sair da cama. No dia anterior havia feito o mesmo na delegacia de polícia. Odiava admiti-lo, mas era fodidamente sexy.

— Está me tirando o sarro?

Deu vários passos para ela e lhe sussurrou ao ouvido.

— Pensa que sou seu brinquedinho pessoal. — Seu cabelo sedoso cheirava a rosas.

— Espero que tenha dito a verdade.

— Por que teria que fazê-lo? — endireitou-se, e sorriu ante seu rosto horrorizada.

— Não sei o que fiz para merecer isto — disse, tomando o prato e passando por seu lado — Tenho certeza de que nunca fiz nada o suficientemente odioso para merecer este carma tão mau.

O sorriso do Joe morreu e se arrepiou. Tinha esquecido. Tinha-a visto acima naquela escada com a luz do sol derramando-se em cada curva suave de seu corpo e, durante alguns minutos, tinha esquecido que estava louca.

Gabrielle Breedlove parecia normal, mas não era. Acreditava em carmas e auras, e julgava o caráter das pessoas pelo horóscopo. Provavelmente também acreditava que podia comunicar-se com o Elvis. Estava louca, e supôs que devia agradecer por lhe recordar que não estava na loja para admirar o seu traseiro. Por sua culpa, sua carreira como detetive estava em um aperto. Não podia errar outra vez. Afastou o olhar de seu traseiro e percorreu a loja com o olhar.

— Onde estão essas estantes que quer que mova?

Gabrielle colocou o prato no balcão ao lado da caixa registradora.

— Ali — disse, apontando para as estantes de metal e cristal que estavam atarraxadas à **35**

parede do fundo — Quero que as mude ao armazém.

Quando no dia anterior tinha falado das estantes, tinha pensado que se referia a vitrines.

Agora ao ver que terei que as montar e as prender se deu conta de que o trabalho lhe levaria vários dias. E se o fazia bem poderia aumentá-lo dois, ou talvez, três dias mais nos que poderia procurar algo que delatasse ao Kevin Carter. Iria apanhá-lo. Não tinha dúvidas a respeito.

Joe se dirigiu para a prateleira contente de que o trabalho levaria tempo. A diferença das séries policiais, os casos da vida real não se

solucionavam em uma hora. Levava dias, semanas e algumas vezes inclusive meses reunir as provas necessárias para uma detenção. Havia muitas coisas a ter em conta. Teria que esperar que alguém fizesse um movimento em falso, se delatasse ou se descuidasse.

Joe deixou que seu olhar vagasse pelas coloridas taças de porcelana e os Marcos de prata.

Várias cestas de vime estavam apoiadas sobre um velho baú ao lado das prateleiras. Agarrou uma das bolsinhas de tecido que havia no interior de uma das cestas e a levou ao nariz. Estava mais interessado no que podia haver dentro do baú que nisso. Não era que em realidade esperasse encontrar a pintura do senhor Hillard tão facilmente. Embora fosse certo que algumas vezes tinha encontrado contrabandos de drogas e mercadoria roubada nos lugares mais óbvios, não acreditava que seria tão afortunado naquele caso.

— É só uma mescla de flores secas.

Joe a olhou por cima do ombro e devolveu a bolsinha à cesta.

— Já me dei conta, mas obrigado de todas as formas.

— Pensei que poderia confundi-los com alguma classe de alucinógeno.

Ele observou aqueles olhos verdes e acreditou detectar uma faísca de humor neles, mas não estava seguro. Possivelmente só era uma amostra mais de sua demência. Afastou o olhar dela e percorreu a habitação. Carter ainda estava no escritório. Esperava que seguisse ocupado em seus próprios assuntos.

— Fui agente de narcóticos durante oito anos. Sei notar a diferença. E você?

— Não acredito que possa responder a essa pergunta sem chegar a me incriminar. — Um sorriso divertido curvou as comissuras de seus lábios vermelhos. Definitivamente ela o estava se divertindo

— Mas te direi que se alguma vez provei drogas, e recorda que não estou confessando nada, foi faz muito tempo e por motivos religiosos.

Sabia que ia se arrepender, mas de todos os modos perguntou:
— Motivos religiosos?

— Para procurar a verdade e a iluminação espiritual — explicou
— Para romper os limites da mente em busca de um conhecimento superior e a paz espiritual.

“Sim, arrependia-se.”

— Para explorar a conexão cósmica entre o bom e o mau, a vida e a morte...

— Para conhecer outras civilizações. Para chegar aonde ninguém foi antes — acrescentou ele em tom condescendente — Você e o capitão Kira do Star Trek parecem ter bastante em comum.

O sorriso de Gabrielle foi substituído por um cenho franzido.

— O que há nesse baú? — perguntou.

— Luzes de Natal.

— Quando foi à última vez que o abriu?

— No Natal.

Um movimento detrás de Gabrielle desviou a atenção de Joe ao balcão da parte dianteira e observou como Kevin caminhava para a caixa registradora e a abria com um golpe seco.

— Tenho algumas tarefas que fazer esta manhã, Gabrielle - disse Kevin enchendo a carteira de dinheiro — Por volta das três devo estar de volta.

Gabrielle se virou e olhou seu sócio. A tensão se apalpava no ar, mas ninguém exceto ela pareceu notá-lo. Formou-lhe um nó na garganta embora, pela primeira vez desde que a tinham detido, seu espírito encontrou um pouco de alívio. Tinha um final à vista para aquela loucura.

Quanto antes Kevin se fosse, antes poderia o detetive registrá-lo tudo e ver que não havia nada incriminador. E então, por fim, sairia da loja e de sua vida.

— Ah, de acordo. Tome todo o tempo que queira. Em realidade, não é necessário que volte.

Kevin olhou ao homem de pé detrás dela.

— Voltarei.

Logo que Kevin se foi, Gabrielle o olhou por cima do ombro.

— Pode atuar, detetive — disse, e dirigindo-se ao balcão começou a envolver o prato azul em papel de seda. Pela extremidade do olho, viu-o tirar uma caderneta negra do bolso traseiro dos Levi's. A abriu enquanto lentamente passeava pela loja.

Depois de preencher a primeira página, passou à seguinte e fez uma pausa.

— Quando deve trabalhar Mara Paulino? — perguntou sem levantar o olhar.

— À uma e meia.

Comprovou a marca no fundo de uma manteigueira Wedgwood, logo fechou a caderneta e a guardou.

— Se Kevin retornar cedo, o distraia aqui contigo — disse caminhando ao escritório e fechando a porta atrás dele.

— Como? — perguntou ela à loja vazia. Se Kevin retornava cedo, não tinha nem ideia de como faria para lhe abordar e evitar que descobrisse o detetive registrando seu escritório. A verdade era que não teria importância que Kevin retornasse logo e agarrasse o Joe com as mãos na massa. Kevin saberia de todas as maneiras. Tinha o escritório tão ordenado que sempre soubesse se alguém havia tocado seus coisas.

Durante as duas horas seguintes Gabrielle foi ficando cada vez mais nervosa. Cada tictac do relógio ficava um passo mais a beira do colapso. Tratou de concentrar-se na rotina diária e fracassou miseravelmente. Era muito consciente do detetive procurando provas atrás da porta fechada do escritório.

Várias vezes foi ali com a intenção de aparecer à cabeça pela porta e ver o que estava fazendo exatamente, mas sempre perdia a coragem no último momento. Sobressaltava-se ante o mínimo som e acabou por formar-se um nó na garganta que lhe impediu de comer a sopa de brócolis que havia trazido para almoçar. Ao final, quando Joe saiu do escritório a uma em ponto, **37**

Gabrielle estava tão tensa que sentia desejos de gritar. Em vez de fazê-lo, inspirou profundamente e, em silêncio, entoou o tranquilizador mantra de sete sílabas que tinha composto dezoito anos atrás para fazer frente à morte de seu pai.

— Bom. — Joe interrompeu sua tentativa de relaxamento — Te verei amanhã pela manhã.

Não devia ter encontrado nada incriminador. Mas Gabrielle não estava surpresa; não havia nada que encontrar. Seguiu-o.

— Já vai?

Ele a olhou aos olhos e curvou os lábios.

— Não me diga que vai sentir minha falta?

— Claro que não, mas o que acontece com as estantes? Que supõe que vou dizer ao Kevin?

— Lhe diga que começarei amanhã. — Tomou os óculos de sol do bolso da camiseta — Tenho que pôr uma escuta no telefone da loja. Amanhã pela manhã virei um pouco mais cedo.

Não me levará mais que uns minutos.

— Vai pôr um escuta no telefone? Não necessita uma ordem judicial ou algo assim?

— Não. Só necessito sua permissão, que vai dar agora mesmo.

— Não, claro que não.

Suas sobrancelhas escuras se juntaram e seus olhos se voltaram duros.

— Por que não, diabos? Acredito que disse que não tinha nada que ver com o roubo do Monet do Hillard.

— E assim é.

— Então não atue como se tivesse algo que ocultar.

— Não o faça. Mas isto é uma horrível invasão de minha intimidade.

Ele se balançou sobre os calcanhares e a olhou com os olhos entreabertos.

— Só se for culpada. Agora me dê permissão para provar que Kevin e você são inocentes.

— Você não acredita que sejamos inocentes, não é verdade?

— Não — respondeu sem titubear.

Custou-lhe muito não lhe dizer onde podia meter o micro. Estava tão seguro de si mesmo e, entretanto, tão equivocado. É provável que não conseguisse absolutamente nada com as escutas telefônicas, embora só houvesse uma maneira de prová-lo.

— Estupendo — disse — Faça o que quiser. Ponha uma câmara de vídeo. Usa um polígrafo.

Saca as algemas.

— Isso será suficiente, agora. — Joe abriu a porta traseira e pôs os óculos de sol — Guardo as algemas para informantes resistentes

que necessitam um pouco de tortura. — As linhas sensuais de seus lábios se curvaram em um sorriso provocador que poderia fazer que qualquer mulher quase lhe perdoasse por algemá-la e encarcerá-la - Te interessa?

Gabrielle olhou seus pés escapando do efeito hipnótico de seu sorriso, horrorizada de que ele pudesse lhe afetar daquela maneira.

— Não, obrigado.

Joe lhe pôs um dedo sob o queixo e a obrigou a olhá-lo. Sua voz sedutora fez que um estremecimento percorresse sua pele.

— Posso ser muito suave.

Ela cravou o olhar em seus óculos de sol sem conseguir decifrar se estava brincando ou falava a sério. Tratava-se de seduzi-la ou se tudo era produto de sua imaginação.

— Passo.

— Covarde. — Deixou cair à mão e deu um passo atrás — Se mudar de ideia, me avisa.

Depois de que partiu ficou olhando a porta fechada. Sentiu mariposas no estômago e tentou convencer-se de que era porque não tinha comido. Mas não chegou a acreditar. Depois da ida do detetive, tinha que haver-se sentido melhor, mas não era assim. Ele voltaria no dia seguinte com a escuta, para ouvir às escondidas todas suas conversas.

Quando finalmente fechou a loja, Gabrielle se sentia como se tivesse ar no cérebro e a cabeça iria a estalar. Embora não podia saber com total segurança, acreditava que estava à beira de um colapso cerebral por culpa da tensão nervosa.

Chegar em casa de carro - algo que normalmente lhe levava dez minutos - não lhe levou nem cinco. Seu Toyota azul zigzagueou entre o tráfico e até que não o meteu na garagem da parte traseira de sua casa, não se sentiu tranquila.

A casa de tijolo que tinha comprado fazia um ano era pequena e estava cheia de pequenos retalhos de sua vida. Ante uma janela saliente que dava à rua, um enorme gato negro se estirava em cima de umas almofadas de cor pêssego muito gordo e preguiçoso para lhe exigir uma saudação. Os raios de sol que entravam pela janela

formavam atoleiros de luz sobre o chão de madeira e os tapetes de flores.

O sofá e as cadeiras estavam estofados em tons verdes e pêssego e a habitação estava repleta de plantas cheias de flores. Um retrato aquarela de um gatinho negro sentado em uma cadeira pendurava sobre uma chaminé de tijolo.

Assim que Gabrielle pôs os olhos nessa casa se apaixonou por ela. A casa era velha igual a seus primeiros donos, mas possuía o tipo de ambiente que só podia conseguir-se com o tempo. A pequena sala tinha armários embutidos e se comunicava com uma cozinha com grandes armários do chão ao teto. Tinha dois dormitórios, um dos quais usava como estúdio.

A tubulação chiava. O chão de madeira era frio e a água gotejava na pia do banheiro. A água do vaso sanitário continuamente derramado a menos que se fechasse a torneira, e as janelas do quarto haviam sido instaladas logo após a pintura. Mas a casa lhe encantava apesar de suas falhas, ou talvez por causa delas.

Enquanto tirava a roupa Gabrielle se dirigiu ao estúdio. Atravessou a sala e a cozinha sem prestar atenção aos pequenos frascos e recipientes com ingredientes essenciais e outros óleos que tinha preparado. Quando chegou à porta do estúdio, a única coisa que vestia eram as calcinhas.

Do suporte de livro do centro do estúdio pendurava uma camisa salpicada de pintura. Uma vez que a abotoou até a altura do peito começou a preparar as pinturas.

Sabia que só havia uma forma de expulsar a fúria demoníaca que a envolvia lhe enegrecendo o aura. Quando falhava a meditação e a aromaterapia, só havia uma forma para expressar a cólera **39**

e o desassossego. Só uma maneira de expulsá-la da alma.

Não se incomodou em preparar a tela nem em esboçar um perfil. Não se incomodou em trabalhar a pintura a óleo nem tratou de esclarecer cores escuras. Não tinha nem ideia do que queria pintar. Não perdeu tempo para calcular cuidadosamente cada pincelada, nem lhe importou que se mesclassem todas as cores.

Só pintou.

Várias horas mais tarde não se surpreendeu ao ver que o demônio da pintura tinha uma notável semelhança com o Joe Shanahan, nem que o cordeiro e amarrado com algemas de prata tinha um cabelo sedoso vermelho em vez de lã na cabeça.

Deu um passo atrás e com olho crítico observou a obra. Gabrielle sabia que não era um gênio. Pintava por amor à arte, mas, apesar disso, sabia que este trabalho não era dos melhores.

Os óleos tinham sido aplicados em excesso e o halo que rodeava a cabeça do cordeiro parecia mais um malvavisco¹¹. A qualidade não era tão boa como em outros retratos ou pinturas que tinha empilhado contra as paredes brancas do estúdio. E, como em outras pinturas haviam deixado para mais tarde as mãos e os pés. Ela sentiu mais leve o coração e um sorriso iluminou seu rosto.

— Eu adorei! — anunciou à habitação vazia; logo molhou o pincel em tinta negra e adicionou um horripilante par de asas ao demônio do quadro.

Capítulo 5

Gabrielle se arrepiou ao olhar como o detetive Shanahan colocava um micro transmissor dentro do auricular do telefone. Logo, Joe pegou uma chave de fenda e voltou a por tudo em seu lugar.

— Pronto? — sussurrou.

Havia uma caixa de ferramentas aberta a seus pés e deixou cair dentro à chave de fenda.

— Por que está sussurrando?

Ela esclareceu garganta e disse:

— Acabou, detetive?

Ele a olhou por cima do ombro e colocou o telefone no suporte.

— Me chame Joe, sou seu amante, lembra?

Gabrielle tinha passado toda a noite tratando de esquecer-lo.

— Namorado.

— Dá no mesmo.

Ela tentou não pôr os olhos em branco, mas fracassou.

— Me diga... — fez uma pausa e exalou um suspiro — Joe, é casado?

Ele se voltou a olhá-la e descansou o peso em um pé.

11 *Arbusto grande, de textura lenhosa e que pode alcançar 4 metros de altura com facilidade.*

— Não.

— Alguma garota afortunada que esteja apaixonado?

Ele cruzou os braços sobre a camiseta cinza.

— Neste momento, não.

— Terminou com alguém recentemente?

— Sim.

— Quanto tempo ficaram juntos?

O olhar do Joe baixou à blusa cor turquesa com grandes mariposas verdes e amarelas no peito.

— Que importância tem isso?

— Somente trato de manter uma conversa agradável.

Ele levantou o olhar ao rosto outra vez.

— Dois meses.

— Sério? Como é possível que demorasse tanto em recuperar a prudência?

Ele entreabriu os olhos e se inclinou para ela.

— Você está louca? É isso que você ganha? Você está na merda e eu sou o único que pode ajudar. Em vez de chatear, você deve tentar buscar o meu lado bom e ficar bem comigo.

Logo eram nove da manhã e Gabrielle já tinha tido suficiente detetive Shanahan para nove anos. Estava farta de que lhe dissesse que estava louca, e de que se zombasse de suas crenças pessoais. Farta de que a tratasse mal, obrigando-a a ver como punha um escuta no telefone ou a ser sua colaboradora. Olhou-o fixamente, para provocá-lo ainda mais. Normalmente tratava de ser uma boa pessoa, mas não se sentia muito amável essa manhã. Apoiou as mãos nos quadris e decidiu jogar o tudo pelo tudo.

— Você não tem lado bom.

Joe deslizou o olhar lentamente por seu rosto, logo olhou um ponto por cima do ombro de Gabrielle. Quando voltou a cravar os escuros olhos nela falou com voz rouca e sexy.

— Isso não é o que dizia ontem à noite.

“Ontem à noite?”

— De que está falando?

— Nua em minha cama, rolando entre os lençóis, gritando meu nome e elogiando a Deus ao mesmo tempo.

Gabrielle apertou os punhos.

— O que? — antes que pudesse compreender o que estava fazendo, Joe tomou o rosto entre as mãos e a atraiu para ele.

— Me beije, querida — disse lhe esquentando a bochecha com o fôlego — Me dê um beijo.

“beije-me, querida?” Alucinada, Gabrielle não pôde fazer outra coisa que ficar rígida como um manequim. O aroma de sândalo a envolveu quando sua boca desceu e cobriu a dela. Plantou suaves beijos nas comissuras de seus lábios, lhe acariciando o rosto com as cálidas mãos enquanto seus dedos se enredavam em seu cabelo. Seus olhos castanhos encheram os seus, duros e intensos, em contradição com sua boca quente e sensual. A ponta da língua lhe tocou o bordo dos **41**

lábios e Gabrielle ficou sem respiração. Sentiu uma sacudida em todo o corpo, um quente estremecimento que a percorreu de cima abaixo, lhe curvando os dedos dos pés e estrelando-se contra a boca de seu estômago. O beijo era tenro, quase doce, e ela lutou por manter os olhos abertos, lutou por recordar-se que os lábios que acariciavam os seus, como se fossem os de um amante, pertenciam a um duro policial envolto em uma aura negra. Mas nesse momento, sua aura não parecia negra. Era vermelha, de um intenso vermelho-paixão, sua paixão, que os rodeava e a obrigava a render-se a seu tato persuasivo.

Perdeu a batalha. Os olhos lhe fecharam involuntariamente e abriu os lábios sem poder resistir. Ele incitou sua boca com suavidade, e sua língua tocou a dela quente e atrevida, procurando uma resposta. Ela pressionou sua boca contra a dele, aprofundando

ainda mais o beijo, entregando-se às sensações que despertavam nela. Ele cheirava bem. E sabia muito.

Apoiou-se contra ele, mas Joe lhe afastou as mãos do rosto e terminou o beijo.

— Foi-se — disse em um sussurro.

— Hummm. — O ar fresco lhe acariciou os lábios úmidos e abriu os olhos — O que?

— Kevin.

Gabrielle piscou várias vezes antes que a mente começasse a limpar-se o olhou atrás dela, mas eles eram os únicos que estavam na sala. Do outro lado da loja, chegou o claro som da caixa registradora.

— Estava na porta.

— Ah. — Ela se voltou para ele, mas foi incapaz de lhe olhar aos olhos — Sim, imaginava — resmungou, e se perguntou desde quando mentir era tão fácil. Mas sabia a resposta; desde que o detetive Shanahan a tinha abordado na Julia Davis Park. Passou por seu lado dirigindo-se ao escritório e se sentou antes que lhe dobrassem os joelhos.

Sentia-se deslumbrada e um pouco desorientada, como quando tinha tentado meditar de barriga para baixo, e tinha terminado caindo de bruços.

— Hoje tenho que me encontrar com o representante do Silver Winds, assim provavelmente não estarei aqui entre as doze e as duas. Terá que arrumar isso sozinha.

Ele deu de ombros.

— Não há problema.

— Genial! — disse ela com muito entusiasmo. Agarrou o primeiro catálogo que havia sobre o montão e o abriu pela metade. Não tinha nem ideia do que estava olhando, sua mente estava muito ocupada revivendo os últimos e humilhantes momentos. Tinha-a beijado para silenciá-la diante de Kevin, e ela se derreteu como manteiga sob seus lábios. Tremeram-lhe as mãos e as baixou ao colo.

— Gabrielle.

— Sim?

— Me olhe.

Forçou-se a olhá-lo e não lhe surpreendeu encontrar um cenho em seu escuro rosto.

— Não sabia por que te dava esse beijo, não é verdade? — perguntou o suficientemente baixo para que não se ouvisse fosse da sala.

Ela negou com a cabeça e fixou o cabelo detrás da orelha.

— Sabia por que estava fazendo.

— Como? Estava de costas para ele. — Ele se inclinou para agarrar a caixa de ferramentas e a furadeira, logo a olhou outra vez —. Ah, claro, esqueci. É adivinha.

— Não, não sou.

— Sério, é um alívio.

— Mas minha mãe sim é.

Seu cenho se fez mais profundo, logo se voltou para a porta enquanto resmungava algo em voz baixa que soou como: — Deus me livre.

Enquanto ele saía do escritório, Gabrielle passeou o olhar pelos pequenos cachos da nuca, por seus largos ombros e mais abaixo, pelas costas da camiseta cinza dentro dos Levi's. Uma carteira avultava o bolso direito de suas calças jeans e os saltos de suas botas ressonavam pesadamente sobre o linóleo.

Gabrielle colocou os cotovelos sobre a escrivaninha e ocultou o rosto entre as mãos. Não é que fosse uma grande crente nos chakras, mas estava firmemente convencida de que era necessária uma relação harmônica entre corpo, mente e espírito. E nesse momento, ela tinha os três em um estado completamente caótico. Sua mente estava horrorizada ante a reação física de seu corpo para o detetive, e seu espírito se achava completamente confuso pela dicotomia.

— Acho que já é seguro entrar.

Gabrielle deixou cair às mãos, e olhou ao Kevin enquanto entrava na sala.

— Sinto muito — disse ela.

— Por quê? Não sabia que chegaria para trabalhar cedo. — Ele colocou a maleta sobre a escrivaninha e as palavras que disse a seguir aumentaram sem querer sensação de culpa — Joe é um garanhão, eu entendo.

Não só era que estivesse traindo sua amizade com Kevin, mas também agora sem propor-lhe ele o tinha piorado tudo desculpando seu comportamento com o homem que lhe tinha grampeado o telefone esperando descobrir algo incriminador. Kevin, é claro, não sabia que tipo de verme Joe era e ela não poderia dizer, — OH, Senhor — suspirou ela e descansou outra vez a bochecha sobre a mão. Quando o tira os eliminasse da lista de suspeitos ela estaria tão louca como o detetive assegurava.

— O que acontece? — perguntou Kevin seguindo em torno da mesa e pegando o telefone.

— Não pode usar agora — disse, lhe detendo para lhe salvar do grande verme.

Ele retirou a mão.

— Você tem que ligar?

O que estava fazendo? Ele não era culpado. A única coisa que escutaria a polícia seriam chamadas de negócios, o qual era quase tão excitante como olhar a pintura secar. Suas chamadas eram tão aborrecidas que veriam que tudo estava bem. Mas... Kevin tinha várias namoradas e algumas vezes quando Gabrielle entrava no escritório, lhe dava as costas e cobria o auricular com a mão como se o tivesse pegado contando intimidades de sua vida amorosa.

— Não, não preciso ligar agora, mas não... — fez uma pausa, perguntando-se como lhe resgatar daquela situação sem soar muito ambígua ou muito específica. Como podia fazê-lo sem lhe dizer que a polícia escutava às escondidas suas chamadas? — Simplesmente não seja muito pessoal, ok? — continuou — Se tiver que dizer algo um pouco íntimo a sua namorada, talvez devesse esperar até chegar em casa.

Kevin a olhou da mesma maneira que a olhava Joe, como se estivesse louca de pedra.

— Que pensava que ia fazer? Uma chamada obscena?

— Não, mas não acredito que deva falar de coisas íntimas com suas namoradas. Digo-lhe isso porque isto é um negócio.

— Fala sério? — Cruzou os braços sobre a jaqueta e estreitou os olhos azuis — E o que acontece contigo? Faz uns minutos tinha a língua dentro da boca do marceneiro.

Não importava que Kevin se zangasse com ela, algum dia ele agradeceria.

— Almoço com o representante do Silver Winds — disse, trocando de assunto de propósito — Irei dentro de duas horas.

Kevin se sentou e ligou o computador, sem dizer mais nada. Não lhe dirigiu a palavra enquanto comprovava os recibos, nem quando - tentando lhe agradar-ordenou sua parte do escritório.

As três horas que faltavam para a encontro do almoço lhe pareceram eternas. Preencheu o vaporizador de porcelana de lavanda e salvia, fez algumas vendas e durante todo o momento não tirou o olho de cima do detetive que desmantelava as estantes na parede da direita.

Vigiu-o para assegurar-se de que não punha mais escutas, nem tirava um revólver de sua bota, nem disparava a ninguém; certamente não o olhava para observar seus bíceps tensos sob a camiseta enquanto desarmava as pesadas peças da prateleira, ou seus ombros largos e musculosos quando trasladava as peças à parte de trás, ou o movimento contínuo de sua mão para guardar os parafusos dentro da bolsinha que pendurava do cinturão de ferramentas.

Inclusive embora não o observasse sabia quando saía da sala e quando voltava a entrar.

Sentia sua presença como a invisível atração de um buraco negro, entreteve-se despachando aos clientes ou dedicando-se a interminável tarefa de tirar o pó. Dessa maneira evitou falar com ele exceto o estritamente necessário.

As dez, a tensão lhe provocou dor de cabeça e, às onze e meia, tinha um tic na extremidade do olho direito. Finalmente, as quinze para as doze, agarrou sua pequena mochila de couro e, tensa como uma corda, saiu da loja sob a brilhante luz do sol. Sentiu como se lhe tivessem concedido a liberdade condicional depois de dez anos em prisão.

Reuniu-se com o representante do Silver Winds em um restaurante do centro, sentaram-se na terraço e discutiram sobre colares de prata e pendentos. Uma leve brisa agitava a sombrinha verde por cima de suas cabeças enquanto o tráfico circulava pela rua de abaixo. Ela pediu seu prato favorito, frango frito, e um copo de chá gelado confiando em que a dor de cabeça passasse durante a refeição.

O tic do olho desapareceu, mas foi incapaz de relaxar-se completamente. Não importava o quanto tentasse, não podia encontrar seu equilíbrio interior nem rearmar corpo e espírito.

Não importava se opor, seus pensamentos retornavam uma e outra vez a Joe Shanahan, e às muitas formas em que o detetive poderia interpretar mal um engano do Kevin enquanto ela estava ausente. Não acreditava que houvesse nenhum pingo de bondade no musculoso corpo do detetive Joseph Shanahan, quase esperava voltar e encontrar o pobre Kevin algemado a uma cadeira.

Mas ao retornar à loja, duas horas mais tarde, encontrou a última coisa que esperava.

Risada. Kevin e Mara estavam de pé junto à escada, sorrindo abertamente ao Joe Shanahan como se fossem amigos de toda a vida.

Seu sócio não estaria tão alegre se soubesse que havia um tira decidido a lhe colocar na prisão. E Gabrielle sabia que Kevin odiaria a prisão mais que a maioria dos homens. Odiaria as roupas, os cortes de cabelo e não dispor de celular.

Moveu o olhar do rosto sorridente de Kevin às oito novas prateleiras que enchiam a parede do fundo. Joe estava subido no alto da escada com uma furadeira em uma mão, um nível na outra e uma fita métrica pendurando do cinturão de ferramentas.

O certo era que não tinha esperado que soubesse o suficiente sobre marcenaria para fazer bem o trabalho, mas o sistema que tinha disposto para segurar a prateleira à parede a surpreendeu; aparentemente sabia mais do que tinha acreditado. Mara se ajoelhou ao lado da parede e colocou o fundo da última prateleira. A expressão de seus olhos castanhos era de total admiração enquanto olhava o detetive. Obviamente, Mara era uma jovem inexperiente e portanto muito suscetível aos hormônios que Joe exsudava.

Nenhum dos três tinha percebido a presença de Gabrielle nem a do cliente que olhava um floreiro de porcelana.

— Não é tão fácil — dizia Kevin ao detetive situado em cima dele — Tem que ter bom olho e uma habilidade inata para fazer dinheiro com a venda de antiguidades.

A conversa ficou em suspense enquanto Joe assegurava dois parafusos com a furadeira na parte superior da prateleira de metal.

— Bom, não sei muito de antiguidades — confessou, descendendo da escada — A minha mãe adora comprar em mercados, embora a mim todas essas coisas pareçam iguais. — ajoelhou-se ao lado de Mara e apertou os dois parafusos restantes — Obrigado pela ajuda — disse antes de levantar-se outra vez.

— De nada. Posso fazer algo mais por você? — perguntou Mara, olhando-o como se queria lhe dar uma mordida.

— Já estou acabando. — inclinou-se e apertou vários parafusos mais.

— Algumas pessoas encontram antiguidades nos mercados — disse Kevin quando cessou o ruído — Mas os distribuidores sérios só vão às vendas do estado e leilões. Assim foi como conheci Gabrielle. Ambos puxamos pela mesma aquarela. Era uma cena pastoral de um artista local.

— Tampouco sei muito de arte — confessou Joe, e apoiou o braço sobre um degrau da escada agarrando ainda a furadeira como se fosse uma Magnum 45 — Se queria comprar uma pintura, teria que perguntar a alguém que fosse um entendido.

— Deveria fazê-lo. A maioria das pessoas não tem nem ideia. Você se surpreenderia de **45**

quantas imitações penduram em galerias de prestígio. Houve uma em...

— Era um velório — interrompeu Gabrielle antes que Kevin dissesse nada mais — Batalhamos por um velório. Kevin sacudiu a cabeça enquanto ela se aproximava.

— Acredito que não. Os velórios me dão arrepio.

Joe olhou sobre seu ombro. Seu olhar capturou o dela quando disse lentamente: — Isso não traz má sorte? — Não tinha colado.

Sabia o que ela estava fazendo.

— Não. — Tampouco lhe importava que soubesse — Embora os quadros de velórios estão fartos com cabelos do defunto, foram muito populares nos séculos XVII e XVIII, e ainda hoje se pode encontrar esse tipo de arte no mercado. Nem todo mundo tem aversão aos retratos funerários realizados com cabelo da tataravó. Alguns são muito bonitos.

— Muito mórbido para meu gosto. — Joe girou e usou o cordão alaranjado para baixar a furadeira ao chão.

Mara enrugou o nariz.

— Estou de acordo com o Joe. Mórbidos e de mau gosto.

Gabrielle amava a arte funerária. Sempre achou fascinante e não importava quão irracional parecesse, sentia a opinião da Mara como uma traição.

— Tem que ir atender ao cliente que está olhando os floreiros — disse a sua empregada em um tom de voz que resultou mais gritão do que pretendia. A confusão provocou que Mara franzisse o cenho enquanto atravessava a loja. Gabrielle voltou a sentir o tic no olho e o apertou com o dedo. Sua vida se fazia pedaços, e a razão estava diante dela embutida em uns jeans colados e uma camiseta igualmente colada, parecendo um desses operários do anúncio da Coca-cola Light.

— Está bem? — perguntou Kevin; sua óbvia preocupação a fez sentir-se pior.

— Não, dói-me um pouco a cabeça e tenho o estômago revoltado.

Joe percorreu a curta distância que os separava e lhe colocou o cabelo detrás da orelha.

Tocou-a como se tivesse todo o direito do mundo, como se preocupasse com ela, mas é óbvio não o fazia. Tudo era uma farsa para enganar o Kevin.

— O que comeu no almoço? — perguntou.

— O almoço não me fez mal. — Olhou com desolação os olhos castanhos e respondeu sinceramente — Isso começou esta manhã. — O pequeno bater de asas na boca do estômago tinha começado com o beijo. O beijo de um tira sem sentimentos que desgostava

tanto como ele a ela. Joe lhe deu uns tapinhas na bochecha com a cálida palma de sua mão para lhe dar ânimo.

— Isso? Ah, cólicas — deduziu Kevin como se de repente seu estranho comportamento tivesse perfeito sentido — Acreditava que tinha preparado um remédio de ervas caseiro para essas mudanças bruscas de humor.

Joe curvou os lábios em um sorriso divertido e baixou as mãos para enganchar os polegares no cinturão de ferramentas.

Era certo. Tinha criado um óleo essencial para ajudar a sua amiga Francis com a síndrome pré-menstrual, mas Gabrielle não o necessitava. Não tinha síndrome pré-menstrual e, diabos, sempre era extremamente amável com todo mundo.

— Não tenho mudanças bruscas de humor. — cruzou os braços e tentou não parecer indignada — Sou muito agradável todo o tempo. Perguntem a qualquer um!

Os dois homens a olharam como se temessem dizer uma palavra mais. Kevin, obviamente, tinha-a traído. Passou ao bando inimigo, seu inimigo.

— Talvez devesse tomar o resto do dia livre — propôs Kevin, mas ela não podia fazê-lo.

Tinha que ficar e lhe salvar do Joe, e de si mesmo — Tive uma namorada que ficava uma manta elétrica e comia chocolate. Dizia que era a única coisa que lhe ajudava com as cólicas e essas súbitas mudanças de humor.

— Não tenho nem cólicas, nem repentinas mudanças de humor!
— Não se supunha que os homens odiavam falar dessas coisas? Não se supunha que lhes dava vergonha? Mas nenhum dos dois parecia sentir vergonha. De fato, Joe a olhava como se estivesse tentando não rir.

— Talvez devesse tomar Midol — acrescentou Joe com um sorriso, embora soubesse perfeitamente bem que o que ela tinha não se curava com o Midol.

Kevin assentiu com a cabeça. A dor de cabeça de Gabrielle se concentrou nas têmporas e já não lhe importou resgatar ao Kevin de Joe Shanahan nem que acabasse na prisão. Dava-lhe igual a terminasse detento com uma bola de ferro atada ao pé, tinha a consciência tranquila. Gabrielle levou as mãos às têmporas como se assim pudesse livrar da dor.

— Nunca a vi tão de saco cheio — disse Kevin como se ela não estivesse ali diante dele.

Joe inclinou a cabeça e fingiu estudá-la.

— Tive uma namorada que recordava a um louva-deus uma vez ao mês. Dizia-se algo incorreto, arrancava a cabeça de uma dentada. Entretanto, o resto do tempo era realmente doce.

Gabrielle apertou os punhos. Queria dar murros a alguém. Alguém de olhos e cabelo escuro.

Estava a obrigando a ter maus pensamentos. Estava a obrigando a criar mal carma.

— Que namorada foi essa? A que deixou aos dois meses?

— Não me deixou. Eu a deixei. — Joe se aproximou de Gabrielle e lhe segurou um braço ao redor da cintura. Apertou-a contra ele e lhe acariciou a pele através do magro náilon da blusa — Meu Deus, eu adoro quando fica ciumenta — lhe sussurrou em voz baixa e sensual justo em cima do ouvido — Fica com um olhar muito sexy.

Seu quente fôlego lhe fez arder à pele e só tinha que girar a cabeça um pouquinho para que lhe acariciasse a bochecha com os lábios. O embriagador aroma de sua pele lhe subiu à cabeça, e se perguntou como um homem tão horrível podia cheirar tão bem.

— Embora pareça normal — disse — realmente é um demônio do inferno. — E lhe cravou um cotovelo com força nas costelas. Joe soltou uma baforada de ar e ela aproveitou para escapar rapidamente de seu abraço.

— Suponho que isto quer dizer que não comerei uma rosca esta noite — grasnou Joe enquanto se agarrava o flanco.

Kevin, o traidor, riu como se o detetive fosse um comediante.

— Vou para casa — disse Gabrielle, e saiu da sala sem olhar atrás. Tinha tentado. Se Kevin se incriminava em sua ausência, a ela, certamente, não ia remoer a consciência.

Kevin ouviu a porta ao fechá-la na parte de atrás, logo voltou a olhar ao namorado de **47**

Gabrielle.

— Está realmente de saco cheio contigo.

— Ela vai superar. Odeia que mencione as minhas outras namoradas. — Joe trocou o peso de pé e cruzou os braços — Me disse que saíram um par de vezes.

Kevin procurou indícios de ciúmes, mas não viu nenhum. Tinha visto a possessiva maneira em que Joe tocava Gabrielle e como se beijavam essa manhã. Fazia tempo que conhecia Gabrielle e ela estava acostumada a sair com homens altos, mas magros. Este cara era diferente. Tinha compleição musculosa e força bruta. Devia estar apaixonada.

— Saímos algumas vezes, mas nos damos melhor como amigos — assegurou ao Joe. Em realidade, ele tinha estado mais interessado nela que ela nele — Não tem do que preocupar-se.

— Não me preocupo. Só era curiosidade.

Kevin sempre tinha admirado os homens que tinham confiança em si mesmos, e Joe a tinha aos montes. Se tivesse tido bons ganhos além de boa aparência, o mais provável é que Kevin o tivesse odiado a simples vista. Mas se via tão perdedor que não se sentia absolutamente ameaçado.

— Acredito que será bom para Gabrielle — disse.

— Por quê?

Porque a queria distraída durante os dias seguintes e Joe parecia ser capaz de mantê-la ocupada.

— Porque nenhum de vocês espera muito de sua relação — respondeu, e foi a seu escritório. Meneou a cabeça ao entrar e se sentou em seu escritório. O namorado de Gabrielle era um perdedor sem expectativas que tão somente se conformava sendo capaz de subsistir.

Não como Kevin. Ele não tinha nascido rico como Gabrielle, ou bonito como Joe. O era o sexto de uma família mórmon com onze filhos que viviam em uma pequena granja como sardinhas em lata. Era normal que passasse despercebido. Salvo pela leve variação na cor do cabelo e as diferenças óbvias de gênero, todos os filhos Carter eram iguais.

Exceto uma vez ao ano, nos aniversários, não houve uma atenção especial para cada um.

Tinham sido como um tudo. Um clã. À maioria de seus irmãos e irmãs tinha encantado crescer em uma família numerosa. Haviam sentido uma união, uma cercania especial com os outros irmãos.

Mas Kevin não. Ele havia se sentido invisível. E tinha odiado.

Toda sua vida tinha trabalhado duro. Antes da escola, depois da escola e todos os verões, e assim durante muitos anos. Não lhe tinham dado nada salvo roupas de segunda mão e um par de sapatos novos cada outono. Ainda trabalhava duro, mas agora se divertia fazendo-o. E se havia coisas que queria e não tinha o

dinheiro para obter de maneira legal havia outras maneiras de consegui-lo. Sempre haviam alternativas.

O dinheiro outorgava poder. Sem isso um homem não era nada. Era invisível.

Capítulo 6

Gabrielle encontrou finalmente a paz interior que tinha estado procurando durante todo o dia flutuando em meio de uma piscina para crianças no pátio traseiro de sua casa. Pouco depois de retornar da loja, encheu a piscina e pôs um biquíni prateado. A piscina tinha dois metros e meio de comprimento e uns setenta e cinco centímetros de profundidade. O bordo estava decorado com animais selvagens azuis e alaranjados. Flores silvestres, pétalas de rosas e rodela de limão flutuavam na água ajudando-a a aliviar a tensão nervosa graças ao perfume de flores e cítricos.

Esquecer-se por completo de Joe era impossível, é óbvio, mas servia para recarregar-se de energia positiva e relegá-lo ao fundo da mente.

Era a primeira oportunidade que tinha para provar o filtro solar e o esfregou na pele com uma mescla de óleo de sésamo, germe de trigo e lavanda. A lavanda tinha sido uma inspiração de última hora, uma aposta pessoal. Não tinha propriedades de amparo, mas sim curativas em caso de que se queimasse. E além disso, seu perfume ocultava o aroma das sementes, assim não atrairia a atenção de insetos famintos em busca de alimento.

De vez em quando levantava o bordo do biquíni comprovando o bronzeado. Ao longo de toda a tarde, a pele tinha adquirido um tom dourado sem o mais leve indício de vermelhidão.

Às cinco e meia, sua amiga Francis Hall Valento Mazzoni, agora simplesmente Hall outra vez, chegou de visita para dar de presente a Gabrielle um conjunto de tanga e sutiã. Francis era a proprietária do Naughty or Nice, a loja de lingerie a meia quadra do Anomaly e a visitava frequentemente com as últimas novidades em roupa interior decotada ou provocadoras camisolas. Gabrielle não tinha coragem

para dizer a sua amiga que não usava roupa interior picante. Com o qual, a maior parte dos presentes foram parar à caixa que guardava no armário.

Francis era loira e de olhos azuis, tinha trinta e um anos e se divorciou duas vezes. Tinha tido mais relações das que Gabrielle podia recordar e acreditava que a maioria dos problemas entre homens e mulheres se solucionavam com um par de calcinhas de alcaçuz.

— Como vai o tônico que te fiz? — perguntou Gabrielle a sua amiga, que se sentou em uma cadeira de vime sob o toldo do alpendre.

— Melhor que a máscara de farinha de aveia ou a mistura para a síndrome pré-menstrual.

Gabrielle roçou com os dedos a superfície da água, agitando as flores silvestres e as pétalas rosadas. Perguntou-se se eram os tratamentos os que falhavam ou a pouca paciência de sua amiga. Francis procurava sempre remédios rápidos, o caminho mais fácil. Nunca se incomodava em procurar em sua alma para encontrar a paz interior e a felicidade pessoal. Como consequência, sua vida era um caos. Era um ímã para os perdedores, e tinha mais rolos que uma revista. Mas Francis também tinha virtudes que Gabrielle admirava. Era muito divertida e brilhante, sempre ia atrás do que queria e tinha um coração de ouro.

— Faz tempo que não falo contigo. Da semana passada quando pensava que um cara grande de cabelo escuro te seguia.

Pela primeira vez em uma hora, Gabrielle pensou no detetive Joe Shanahan. Em como se colocou em sua vida e o mau carma que tinha acumulado graças a ele. Era dominante e grosseiro, e exsudava tanta testosterona que a sombra da barba lhe obscurecia conforme passavam as **49**

horas. Mas quando a beijou sua aura se tornou de um vermelho intenso, mais profundo que com qualquer outro homem que tivesse conhecido.

Pensou em lhe contar a Francis sobre a manhã em que tinha apontado com a Derringer a um policial disfarçado e tinha terminado

sendo sua colaboradora. Mas era um segredo muito grande para contá-lo.

Gabrielle fez sombra nos olhos com uma mão e olhou a sua amiga. Tudo bem, na realidade nunca foi muito boa guardando segredos.

— Vou te contar uma coisa, se me prometer que não sairá daqui — começou, e logo procedeu a lhe soltar tudo como à delatora que era. Ou quase tudo, porque omitiu de propósito os detalhes mais perturbadores, como o fato de que ele tivesse os músculos tão duros e marcados como os de um modelo de roupa íntima ou que beijava de tal maneira que poderia seduzir inclusive à mulher mais frígida — Joe Shanahan é arrogante e rude, e estou inevitavelmente comprometida com ele até que Kevin seja absolvido dessas ridículas acusações — concluiu, sentindo-se liberada. Por uma vez, os problemas de Gabrielle eram mais graves que os de sua amiga.

Francis ficou quieto por um momento, logo murmurou.

— Hummm... — colocou os rosados óculos de sol — E bem, o que te parece esse cara?

Gabrielle voltou o rosto para o sol. Fechou os olhos e viu o rosto de Joe, os olhos penetrantes e os largos cílios negros, as sensuais linhas da boca e a simetria perfeita de sua larga frente, o nariz reto e o queixo forte. O grosso cabelo castanho frisando-se à altura das orelhas e a nuca, lhe suavizando os traços. Cheirava maravilhosamente bem.

— Nada do outro mundo.

— Que lástima. Se tivesse que trabalhar com um tira, queria que fosse como um desses modelos de calendário.

O qual, supôs Gabrielle, descrevia bastante bem o Joe.

— Faria ele levar caixas pesadas para que estivesse todo suarento — continuou Francis com a fantasia — E observaria seus músculos de aço quando as estivesse carregando.

Gabrielle franziu o cenho.

— Bom, considero mais importante o interior de um homem. Não sua aparência.

— Sabe? Ouvi você dizer isso antes, mas se pensar assim, por que não dormiu com o Harold Maddox quando foram namorados?

Francis acabava de marcar um ponto, mas de maneira nenhuma pensava admitir que o aspecto de um homem fosse mais importante que sua alma. Não era. Um homem inteligente era muito mais sexy que um homem das cavernas. O problema era que isso de ser atrativo interferia algumas vezes.

— Tive minhas razões.

— Sim, como que era aborrecido, feio e todo mundo lhe confundia com seu pai.

— Não era velho.

— É você que diz.

Gabrielle também podia fazer alguns comentários sobre o gosto do Francis sobre homens e **50**

maridos, mas ficou quieta.

— Não me surpreende que Kevin seja suspeito — disse Francis — Pode chegar a ser uma doninha.

Gabrielle olhou a sua amiga e franziu o cenho. Francis e Kevin tinham saído algumas vezes e agora mantinham uma relação amor e ódio. Gabrielle nunca tinha perguntado o que tinha acontecido; não queria saber.

— Só fala porque você não gosta dele.

— Talvez, mas me prometa que de todo jeito manterá os olhos abertos. Tem uma confiança cega nos amigos. — Francis se levantou e alisou o vestido.

Gabrielle não tinha a mesma opinião, mas acreditava que a confiança devia ser administrada se queria que fosse recíproca.

— Já vai?

— Bom, tenho uma encontro com o encanador. Deveria provar algo assim. Tem um corpo impressionante, mas isso não significa nada. Se não for muito incomodo, deixarei que me leve em casa e me mostre à chave inglesa.

Gabrielle ignorou de propósito o último comentário.

— Pode pôr a fita cassete? — perguntou, apontando para o velho reproduutor que estava em cima de uma mesa de vime.

— Não sei como pode escutar esse absurdo.

— Deveria provar. Possivelmente chegue a encontrar sentido à vida.

— Sim, bom, prefiro escutar Aerosmith. Steve Tyler sim dá sentido a minha vida.

— Se você diz.

— Já, já — riu Francis, enquanto fechava de repente a porta traseira de tela ao partir.

Gabrielle comprovou de novo a linha do biquíni se por acaso havia sinais de vermelhidão, logo fechou os olhos e procurou sua conexão com o universo. Queria respostas. Respostas às perguntas que não entendia. Como por que o destino tinha disposto que Joe entrasse em sua vida com a força de um tornado cósmico.

Joe lançou o cigarro a um arbusto de rododendro¹², logo levantou a mão até a pesada porta de madeira. Abriu tão logo a tocou, e uma pequena mulher com cabelo loiro e brilhantes lábios rosados cravou os olhos nele detrás de uns óculos de sol rosados. Embora tivesse vigiado essa direção durante semanas, deu um passo atrás e olhou os números vermelhos cravados no lateral da casa para assegurar-se.

— Estou procurando Gabrielle Breedlove — disse.

— Você deve ser Joe.

Surpreso voltou a olhar à mulher que tinha diante.

Detrás das lentes dos óculos de sol, os olhos azuis se deslizaram para baixo por seu peito.

12 *Planta do gênero das azaleias*

<http://www.parks.it/parco.alpe.veglia.devero/foto/Rododendro-800.jpg>) **51**

— Me disse que é seu namorado, mas obviamente omitiu alguns detalhes. — Elevou a vista ao seu rosto e sorriu — me pergunto por que se esqueceu da parte mais interessante.

E Joe se perguntava o que teria contado exatamente sua colaboradora sobre dele. Tinha várias perguntas que lhe fazer, mas essa não era a única razão pela que precisava vê-la. Nunca tinha

trabalhado com alguém tão tenso e hostil como Gabrielle e temia que acabasse perdendo a cabeça, e descobrisse todo o bolo. Precisava dela relaxada e cooperativa. Sem mais farsas. Sem que voltasse a interpor-se entre ele e seu novo amigo Kevin.

— Onde está Gabrielle?

— Na piscina do pátio traseiro. — Saiu e fechou a porta atrás dela — Vem. Eu te levo. — Guiou-o por uma lateral da casa e apontou para uma cerca alta coberta de rosas trepadeiras. Um arco com uma porta entreaberta dividia a cerca em dois.

— Por ali — assinalou a mulher antes de partir.

Joe atravessou o arco e deu dois passos antes de deter-se. O pátio traseiro estava coberto de uma profusão de flores coloridas e cheirosas. Gabrielle Breedlove flutuava em uma piscina para crianças. Percorreu-a com o olhar de cima abaixo, mas o que captou sua atenção foi o pequeno aro do umbigo que já tinha notado uns dias antes, ao revistá-la. Nunca havia se sentido atraído por mulheres com piercings, mas... merda..., esse pequeno aro de prata lhe deixava a boca seca.

Gabrielle levantou a mão para acariciar a superfície da água e logo se passou os dedos molhados pelo abdômen. Várias gotas se deslizaram sobre o estômago e flancos. Uma delas capturou um raio de sol enquanto se deslizava lentamente por seu ventre antes de desaparecer no umbigo. Em Joe arderam as vísceras e o desejo puxou em sua virilha. Permaneceu de pé na grama, cada vez, mais duro e grosso, sem poder controlar os inoportunos pensamentos que o assaltavam. Queria meter-se nessa piscina, pôr os braços ao redor de sua cintura e sugar a gota de água do umbigo. Queria inundar a língua dentro e lambe sua cálida pele. Tratou de recordar-se que ela era louca, mas depois de nove horas, ainda sentia a suave textura de seus lábios contra os seus.

Esse beijo tinha sido coisa de trabalho, algo necessário para lhe tampar a boca antes que soltasse todo o plano. Seu corpo tinha respondido, é obvio, e não se surpreendeu por sua reação ante o sabor de sua cálida boca e o contato de seus seios, mas tinha cometido um grave engano.

Tinha-lhe metido a língua na boca e tinha descoberto que ela tinha sabor de uma mescla de hortelã e paixão. Agora sabia como se sentiam seus dedos entre aqueles cachos suaves e que cheirava a flores exóticas. Gabrielle não o tinha afastado nem resistiu e sua resposta o havia feito reagir, agarrando-o por surpresa. Ficou duro em um piscar de olhos. Controlou-se e teve que fazer um grande esforço para manter as mãos quietas, para não as encher com seus peitos. Era tira, mas também um homem.

Enquanto permanecia no pátio traseiro da casa de Gabrielle deslizando o olhar pelo pequeno triângulo prateado que cobria sua virilha, seus pensamentos não tinham nada de policial e tudo de homem. Seu olhar se moveu à pequena marca de nascimento no interior da coxa direita, percorreu as largas pernas até as unhas dos pés pintadas de cor púrpura, depois voltou a passear pelo aro do umbigo até a parte superior do biquíni prateado. A costura do tecido cruzava por seus **52**

mamilos e rodeava os dois perfeitos montículos bronzeados de seus peitos. A terra se moveu sob os pés do Joe, tremeu e se abriu abaixo dele com intenção de lhe engolir. Ela era seu informante.

Era uma louca. Mas também era atraente e não desejava outra coisa que lhe arrancar o biquíni como se fosse o papel de alumínio de um sanduíche para poder enterrar o rosto entre seus peitos.

Moveu o olhar ao oco de sua garganta, passando do queixo à boca voluptuosa. Observou o movimento de seus lábios e, pela primeira vez desde que tinha posto os pés no pátio traseiro, deuse conta de que soava uma suave voz de homem dizendo algo sobre uma caverna.

— Esta é sua caverna — cantarolava o homem como se estivesse cheio de Seconal¹³. Um lugar onde poderá encontrar a ti mesmo, onde encontrará seu equilíbrio interior. Inspira profundamente... expandindo o peito e o abdômen...Expira muito lentamente e repete depois de mim... Estou em paz, Ohm Na-MA-See-Vai-Yaa... Humm...

A terra retornou sob seus pés, sólida outra vez. De novo, tudo estava bem no mundo de Joe Shanahan. Em perfeito equilíbrio. Ela

ainda estava louca e nada tinha mudado. Sentiu um entristecedor desejo de rir, como se tivesse burlado da morte.

— Deveria ter imaginado que você gosta de Yanni¹⁴ — disse o suficientemente alto para que lhe ouvisse sobre a fita que tocava.

Gabrielle abriu os olhos de repente e se incorporou bruscamente. A piscina se moveu e Joe observou como braços e pernas se afundavam na água. Quando conseguiu sentar-se no fundo da piscina, tinha pétalas rosadas e vermelhas presas ao cabelo. As rodela de limão tinham caído à água e as flores silvestres se moviam a seu redor.

— O que faz aqui? — balbuciou.

— Temos que conversar — respondeu ele com um sorriso que tentou conter, mas que não conseguiu reprimir.

— Não tenho nada para te dizer.

— Então pode escutar. — dirigiu-se para a fita cassete — Mas antes temos que nos desfazer do Yanni.

— Não escutou Yanni. Isso é meditação ioga.

— Tudo bem. — Pulsou o botão de stop e se voltou para enfrentá-la.

A água se deslizou pelo corpo de Gabrielle enquanto se levantava e ele não pôde evitar notar que um raminho de flores púrpura se pegou à parte superior do biquíni.

— Era de esperar. — jogou o cabelo sobre um ombro e o espremeu — Justo quando encontro meu equilíbrio interior entra no pátio e arruína tudo.

Joe não acreditava que ela conhecesse nada que pudesse denominar-se equilíbrio. Agarrou uma toalha branca do respaldo de uma cadeira de vime e se dirigiu para a piscina. Fosse ou não uma desequilibrada tinham que fingir que eram namorados, entretanto, durante os últimos dois dias ela se comportou como se ele fosse o açoite da peste. Kevin seguia sem suspeitar nada, mas Joe não podia seguir justificando esse comportamento hostil com ciúmes e cólicas menstruais.

13 *calmante*

14 *músico instrumental*

— Talvez possamos nos dedicar a isso — disse e lhe deu a toalha.

Suas mãos ficaram imóveis e o olhou fixamente; esgotou os olhos verdes com desconfiança.

— Nos dedicar a que? — Tomou a toalha e saiu da piscina.

— A como nos comportar um com o outro. Sei que pensa que sou seu inimigo, mas não sou.

— Embora não confiasse nela, necessitava que ela confiasse nele. Era responsável por sua segurança e protegê-la fisicamente era parte de seu trabalho.

E não podia protegê-la de Kevin quando as coisas ficassem feias. Em realidade não acreditava que Kevin machucasse Gabrielle, mas se havia algo que podia esperar era precisamente o inesperado. Era a única maneira de que nunca o surpreendessem com as calças baixadas.

— Tem que me deixar fazer meu trabalho. Quanto antes consiga o que necessito, antes estarei fora de sua vida. Temos que chegar a algum tipo de acordo.

Ela se aplaudiu o rosto e o pescoço com a toalha e arrancou as flores púrpura do biquíni.

— Quer dizer um compromisso?

Algo assim. Queria que deixasse de atuar como uma neurótica e começasse a comportar-se como se estivesse louca por ele. E que não o chamasse demônio do inferno.

— Exato.

Ela o estudou e lançou o raminho de flores de volta à piscina.

— Como?

— Primeiro tem que se acalmar e deixar de atuar como se Os homens do Harrelson estivessem a ponto de entrar pela cristaleira da loja.

— E segundo?

— Pode ser que não goste de nenhum dos dois, mas se supõe que é minha namorada. Deixa de atuar como se fosse um assassino em série.

Quando ela se aplaudiu a parte superior dos seios com a toalha, ele não afastou os olhos de seu rosto. De maneira nenhuma pensava baixar o olhar e ser engolido outra vez pela terra.

— E se o faço? — perguntou — O que fará por mim?

— Provar que realmente não está implicada.

— Aha. — Ela sacudiu a cabeça e envolveu a toalha ao redor da cintura — Essa ameaça já não me assusta, detetive, porque não acredito que Kevin seja culpado.

Joe trocou o peso de pé e cruzou os braços sobre o peito. Conhecia a situação. Agora era quando os colaboradores o extorquiam para conseguir dinheiro ou queriam que todas suas multas de tráfico desaparecessem mais rápido que uma bolsa de maconha em um centro de reabilitação; ou talvez quisesse algo distinto e pessoal.

— O que quer?

— Quero que tenha uma atitude aberta. Simplesmente não acredito que Kevin seja culpado.

As multas de tráfico teriam sido mais fáceis. Para Joe não havia lugar a dúvidas de que Kevin Carter era tão culpado como o pecado, embora se houvesse algo que tinha aprendido como polícia infiltrado era a mentir a toque de caixa sem sentir nenhum pingão de remorso.

— De acordo. Terei uma atitude aberta.

— Sério?

Relaxou as comissuras dos lábios e se inclinou para ela com um sorriso amigável.

— Absolutamente.

Ela o olhou nos olhos como se estivesse tratando de lhe ler o pensamento.

— Seu nariz cresceu, detetive Shanahan.

Seu sorriso se voltou genuíno. Ela estava louca, mas não era estúpida. Tinha suficiente experiência para conhecer a diferença e se podia escolher, preferiria antes a um louco que a um estúpido. Ele levantou as mãos com as palmas para o alto.

— Posso tentar — disse, e baixou os braços — O que te parece?

Ela suspirou e fez um nó com a toalha sobre o quadril esquerdo.

— Suponho que se isso for o melhor que pode oferecer, terá que ser suficiente. — Ela foi para a casa, logo voltou a olhá-lo por cima do ombro — Já jantou?

— Não. — Tinha pensado em parar no supermercado antes de ir para casa e comprar um frango para ele e umas cenouras para o Sam.

— Vou fazer o jantar. Pode ficar se quiser. — Seu tom não era muito entusiasta.

— Está me convidando para jantar contigo? Como se fosse minha namorada de verdade?

— Tenho fome e você não comeu. — Ela deu de ombros e se encaminhou para a porta traseira — Deixemos as coisas assim.

Passeou o olhar pelos cachos molhados e as gotas de água que gotejavam dos cabelos para deslizar-se pelas costas.

— Sabe cozinhar?

— Sou uma cozinheira estupenda.

Enquanto caminhava atrás dela, baixou os olhos ao balanço dos quadris, ao arredondado traseiro que tanto tinha apreciado a semana passada e a borda da toalha que roçava a parte de atrás dos joelhos. Jantar preparado por uma cozinheira maravilhosa soava genial. E é obvio, era uma boa oportunidade para ambos: ele para lhe perguntar coisas sobre sua relação com o Kevin e ela para não estar tão tensa com ele.

— O que há para jantar?

— Pasta com strogonoff, pão francês e salada. — Ela subiu os degraus para a porta de tela e a abriu.

Joe, que a seguia muito de perto, lhe adiantou agarrando a parte superior do marco de madeira por cima da cabeça e segurando a porta aberta.

Ela parou bruscamente e se ele não tivesse emprestado atenção, teria trombado. Seu tronco chocou ligeiramente com suas costas nua. Gabrielle se girou e lhe acariciou o peito com o ombro através do magro algodão da camiseta.

— É vegetariano? — perguntou ela.

— Deus me livre. E você?

Seus grandes olhos verdes procuraram os seus e enrugou a fronte. Logo fez algo estranho — embora soubesse que não devia surpreender-se de nada do que ela fizesse — respirou profundamente pelo nariz como procurando algo com o olfato. Joe não podia cheirar nada mais que a essência floral de sua pele. Logo ela sacudiu a cabeça ligeiramente para esclarecer a mente e **55**

entrou na casa como se não tivesse ocorrido nada. Joe a seguiu resistindo o impulso de cheirar as axilas.

— Tento ser vegetariana — informou enquanto atravessavam um pequeno ambiente onde estavam à máquina de lavar roupa e a secadora para chegar à cozinha grafite de um amarelo brilhante — É um estilo de vida muito saudável. Mas por desgraça não sou praticante.

— É vegetariana não praticante? — Ele alguma vez tinha escutado semelhante coisa, mas de que se surpreendia?

— Sim, trato de resistir a meus desejos carnívoros, mas sou fraca. Tenho problemas de autocontrole.

O autocontrole normalmente não era problema para ele, pelo menos até agora.

— Eu adoro a maioria das coisas que são ruins para minhas artérias. Algumas vezes estou a meio caminho do McDonald's antes de me dar conta.

A vidraça de cima do canto do café da manhã arrojava emplastos de cor sobre a habitação e a fileira de frascos de cristal que havia sobre a pequena mesa de madeira. A habitação cheirava como Anomaly, a pachuli e óleo de rosas, mas a nada mais, ou pelo menos a nada que fizesse suspeitar que ali houvesse uma cozinheira maravilhosa. Nem Thermomix15 cheio de strogonoff borbulhante sobre a bancada. Nem aroma de pão cozido ao forno. Suas suspeitas se confirmaram quando ela abriu a geladeira e agarrou um pote de molho, um pacote de massa fresca e uma barra de pão francês.

— Acreditava que era uma cozinheira maravilhosa.

— Sou. — Ela fechou a geladeira e colocou tudo sobre a bancada

— Me faz o favor de agarrar duas panelas da despensa debaixo, a sua esquerda?

Quando ele se agachou e abriu a porta, caiu-lhe um coador sobre o pé. Os armários de Gabrielle estavam ainda pior que os seus

— OH, bem. Isso também vamos precisar.

Agarrou as panelas e o coador e se endireitou. Gabrielle se recostou contra a porta da geladeira com uma parte de pão na mão. Ele observou como ela deslizava o olhar da frente das calças jeans a seu peito. Mastigou lentamente, logo tragou. Com a ponta da língua se lambeu um miolo da comissura da boca e finalmente o olhou aos olhos.

— Quer um pouco?

Escrutinou seu rosto procurando um duplo sentido, mas não viu nenhuma provocação naqueles olhos verde claro. Se tivesse sido qualquer outra mulher, lhe teria gostado de lhe mostrar exatamente o que queria, começando por sua boca e abrindo caminho lentamente para a pequena marca do interior da coxa. Teria gostado de encher as mãos com seus grandes seios cremosos que se

apertavam contra a parte superior do biquíni. Mas ela não era qualquer outra mulher e ele tinha que comportar-se como um Boy Scout¹⁶.

— Não, obrigado.

15 *Eletrodoméstico - <http://eletrodomesticos-usados.vivastreet.com.br/segunda-mao+moema/thermomix--bimby--processador-alimento-cozinha-c-aquecimento/1090450>)* **16** *Escoteiro.*

— Bem. Vou trocar de roupa. Enquanto isso ponha o molho strogonoff na panela pequena, complete a outra de água. Quando a água começar a ferver, acrescenta a massa. Deixe cozer durante cinco minutos. — separou-se do refrigerador e enquanto passava por ele se deteve um segundo e inspirou profundamente pelo nariz. Como antes, enrugou a frente e sacudiu a cabeça — De todas as maneiras, estarei de volta para então.

Joe a observou sair com rapidez da sala, partiu um pouco de pão e se perguntou como tinha passado de ser um convidado para jantar por uma mulher em biquíni que dizia ser uma cozinheira maravilhosa, a cozinhar enquanto ela trocava de roupa. E o que era essa coisa do aroma? Havia-o feito duas vezes já e começava a sentir-se um pouco paranoico.

Gabrielle voltou a aparecer à cabeça pela porta da cozinha.

— Não vai começar a procurar o Monet enquanto me arrumo, não é verdade?

— Não, esperarei até que retorne.

— Estupendo — disse com um amplo sorriso e partiu de novo.

Joe foi a pia e encheu a panela maior de água. Um gato negro e gordo lhe roçou contra as pernas e lhe enrolou a cauda na panturrilha. Joe não gostava dos gatos, acreditava que eram bastante inúteis. Não como os cães que podiam adestrar-se para farejar droga ou as aves que podiam amestrar-se para falar e pendurar cabeça abaixo por um pé. Empurrou ao gato a um lado com a ponteira da bota de trabalho e se voltou para o fogão.

Desviou o olhar à porta e se perguntou quanto demoraria para retornar. Embora não tinha nenhum reparo em registrar suas despensas enquanto ela estava fora da sala, tinha duas razões muito

boas para não fazê-lo. Primeiro, acreditava que não encontraria nada. Se Gabrielle tivesse envolvida no roubo da pintura do senhor Hillard, duvidava que o tivesse convidado a sua casa.

Estaria muito nervosa para conversar sobre o molho strogonoff se tivesse um Monet dentro do armário. E em segundo lugar, necessitava sua confiança e isso nunca ocorreria se o caçava registrando a casa de cima abaixo. Precisava lhe demonstrar que não era um mau tipo e estava convencido de que não lhe resultaria muito difícil. Não era o tipo de homem que se gabava de suas conquistas quando bebia cervejas, e às mulheres geralmente gostava. Sabia que era um bom amante. Apesar do que Meg Ryan dissesse, sabia perfeitamente quando uma mulher estava fingindo. Sempre se assegurava de que as mulheres que passavam por sua cama desfrutassem tanto como ele. Não caía morto depois de fazer o amor para começar a roncar e não desabava, esmagando à mulher sob seu peso.

Jogou o molho strogonoff na panela, colocou no fogo e mexeu. Embora não fosse um desses idiotas sensíveis que choravam diante das mulheres, estava bastante seguro de que o consideravam um cara simpático.

Algo se sentou sobre seu pé e olhou para baixo, ao gato situado no alto de sua bota.

— Sai daqui, bola de pelo — disse e empurrou ao gato com o pé longe dele.

Gabrielle prendeu o sutiã entre os seios, logo vestiu uma camiseta curta de cor azul pela cabeça. Embora Joe lhe houvesse dito que não revistaria a cozinha, não lhe tinha acreditado.

Não confiava nele quando estava fora de sua vista. Caramba, nem sequer confiava nele quando não lhe tirava olho de cima. Mas Joe tinha razão em algo, devia reconciliar-se consigo mesma para tolerá-lo em sua loja e em sua vida. Tinha um negócio que dirigir e não podia fazê-lo se tinha que vigiar cada movimento que ele fazia ou escapulir-se antes da hora.

Vestiu uns jeans descoloridos e os abotoou justo por debaixo do umbigo. Além de não ser bom para o negócio, tampouco era bom para ela. Não sabia quanto tempo mais poderia suportar o estresse que provocava aqueles dores de cabeça ou os tics faciais sem que derivasse em problemas mais sérios de saúde, como um desequilíbrio hormonal ou uma glândula pituitária hiperativa.

Agarrou uma escova da penteadeira e o passou pelo cabelo úmido. Enquanto estava sentada sobre a colcha, recordou-se a si mesma que todo mundo entrava em sua vida por uma razão. Se abrisse a mente, poderia descobrir a razão de por que tinha conhecido a alguém como Joe. A imagem dele quando se agachou para agarrar as panelas da despensa lhe cruzou pela mente e olhou franzindo o cenho a seu reflexo no espelho do outro lado da sala. A forma em que ele preenchia os jeans não tinha absolutamente nada de espiritual.

Deixando a escova a um lado, fez uma trança frouxa, logo prendeu a ponta com uma fita azul. Joe era um moreno e duro policial que além de tirá-la do sério, tinha conseguido pôr sua vida de pernas pro ar e desequilibrado seu corpo, mente e espírito. Era a guerra pela supremacia. A anarquia total. Realmente não via nenhum propósito superior em tudo isso.

Exceto que cheirava bem.

Quando entrou na cozinha vários minutos mais tarde, Joe estava de pé diante da pia escorrendo a massa com o coador. Uma nuvem de vapor lhe rodeava a cabeça enquanto o gato de sua mãe fazia um oito entre seus pés, envolvendo a cauda ao redor de suas panturrilhas e miando com força.

— Beezer? — Levantou nos braços o gato e o segurou contra os peitos — Não incomode o detetive ou te esmagará contra o chão e te prenderá. Sei por experiência.

— Nunca te esmaguei contra o chão — disse Joe enquanto desaparecia o vapor — Se alguém sofreu, fui eu.

— Ah, é verdade. — Sorriu ante a lembrança dele atirado no chão com os cílios pegoteados — Ganhei um assalto.

Ele a olhou sobre o ombro e sacudiu o coador. Um leve sorriso curvou seus lábios; a umidade lhe tinha encaracolado o cabelo das têmporas.

— Mas quem acabou em cima, Senhorita Malvada? — Deslizou o olhar desde sua trança a seus pés nus, logo voltou a subir — A massa já está pronta.

— Pois continue e misture com o molho strogonoff.

— O que você vai fazer?

— Dar de comer ao Beezer ou nunca te deixará tranquilo. Sabe que está fazendo o jantar e está obcecado com a comida. — Gabrielle foi para o armário que havia depois da porta e agarrou uma bolsa de comida para gatos Tender Vittles — Quando terminar, farei a salada — disse, rasgando a parte superior da bolsa. Jogou a comida em um pires de porcelana e uma vez que **58**

Beezer começou a comer, abriu a geladeira e agarrou uma bolsa de alface picada.

— Já vi tudo.

Gabrielle olhou para Joe, que estava diante do fogão misturando a massa e o molho com uma colher de pau. A sombra da barba lhe obscurecia as bochechas bronzeadas e ressaltava as linhas sensuais de sua boca.

— O que?

— Essa alface já está preparada. Sabe? Esta é a primeira vez que me convidam para jantar e eu preparo o jantar.

Em realidade não tinha pensado nele como um convidado, mas sim como uma companhia inevitável.

— Que estranho.

— Sim, muito estranho. — Ele assinalou com a colher o canto do café da manhã — O que é tudo isso?

— Os óleos essenciais para o Coeur Festival — explicou ela enquanto punha a alface em duas terrinas para salada — Faço meus próprios aromas e óleos curativos. Hoje é o primeiro dia que tenho livre para provar um filtro para o sol que elaborei com sésamo, germe de trigo e lavanda. Isso é o que estava fazendo na piscina.

— Funciona?

Ela baixou o pescoço da camiseta e estudou a linha do biquíni, o contraste entre a pele branca e morena.

— Não me queimei. — Ela levantou a vista, mas não lhe olhava nem o rosto nem a marca do biquíni. Cravava os olhos em seu estômago nu; o olhar era tão ardente que um calor intenso transpassou sua pele — Que tempero você gosta na salada? — perguntou.

Ele deu de ombros e voltou à atenção ao strogonoff. Ela se perguntou se teria imaginado a forma em que a tinha olhado.

— Molho de churrasco.

— Ah. — deu-se a volta para a geladeira para ocultar sua confusão — Bom, só tenho molho italiano e molho italiano light.

— Por que me perguntou como se houvesse algo que escolher?

— Há. — Se ele podia pretender que nada tinha passado entre eles, também podia fazê-lo ela, embora suspeitasse que ele fosse melhor ator — Pode escolher molho italiano ou molho italiano light.

— Italiano.

— Estupendo. — Enfeitou a salada, logo levou as duas terrinas e as colocou na mesa desordenada. Não tinha companhia para jantar muito frequentemente e teve que pôr seus catálogos e receitas de óleos dentro da vitrine da porcelana da China. Uma vez que a mesa esteve livre, colocou uma pequena vela no centro e a acendeu. Tirou às toalhinhas individuais de linho e os guardanapos combinando, um

par de galheteiros de prata e a baixela de prata antiga que tinha herdado de sua avó. Agarrou dois pratos Villeroy pintados com papoulas vermelhas e se disse que não estava tratando de impressionar ao detetive. Queria usar a melhor baixela porque quase

59

nunca tinha a oportunidade de exibi-la. Não havia outra razão.

Com sua porcelana mais fina nas mãos voltou para a cozinha. Ele seguia onde o tinha deixado. Deteve-se na porta, devorou com os olhos o cabelo escuro e a nuca, os largos ombros e as costas. Deixou que seu olhar vagasse pelos bolsos traseiros dos Levi's e descesse pelas largas pernas. Não podia recordar a última vez que tinha tido em casa para jantar um cara tão bonito.

Seus dois últimos namorados não contavam porque não tinham estado precisamente bem dotados no compartimento do aspecto. Harold tinha sido genial e Ihe tinha encantado Ihe escutar falar da luz espiritual. Não tinha sido um tédio nem muito aborrecido, mas Francis estava certa, Harold era muito velho para ela.

Antes do Harold, tinha saído com o Rick Hattaway, um homem bastante agradável, que fazia relógios zen para ganhar a vida. Mas nenhum homem Ihe tinha acelerado o pulso nem Ihe tinha provocado mariposas no estômago, nem Ihe tinha abrasado a pele com o olhar. A atração que sentia por ambos, Harold e Rick, não tinha sido sexual e a relação não tinha progredido além dos beijos.

Tinham passado anos desde que tinha julgado a um homem pelo aspecto e não pela qualidade de sua alma. Tinha sido antes de sua conversão ecologista, quando odiava tanto lavar os pratos que só os tinha usado de papel. Os tipos com quem tinha saído nesses dias provavelmente não teriam notado a diferença entre uma porcelana Wedgwood e uma Chinet. Naquele momento de sua vida se considerou uma artista séria e tinha escolhido aos homens por razões puramente estéticas. Nenhum deles tinha sido muito culto e alguns não tinham sido muito inteligentes mas realmente o intelecto não tinha sido o ponto a ter em conta. Só os músculos. Músculos, um bom traseiro duro e resistência era o que contava.

O olhar de Gabrielle subiu pelas costas de Joe e a contra gosto admitiu que tivesse tido saudades ter ao outro lado da mesa a um macho de aparência agradável e carregado de testosterona. Joe certamente não parecia preocupado pela iluminação espiritual, mas parecia mais inteligente que os musculosos comuns. Então o viu levantar o braço, dobrar a cabeça e cheirar a axila.

Gabrielle olhou os pratos que levava nas mãos. Deveria ter pegado pratos de papel.

Capítulo 7

Gabrielle se surpreendeu das maneiras que Joe exibiu na mesa. Assombrou-se de que não mastigasse com a boca aberta, nem se arranhasse a barriga, nem arrotasse como se fosse um adolescente que acabasse de tomar uma cerveja Old Milwaukee. Pôs o guardanapo no colo e a entretinha com histórias escandalosas sobre seu louro Sam. Se não o conhecesse melhor, poderia chegar a pensar que estava tratando de cativá-la ou que possivelmente tivesse uma alma decente em algum lugar recôndito daquele robusto corpo.

— Sam tem um problema de peso — lhe contou entre bocados de strogonoff — Adora pizza **60**

e Cheetos.

— Dá a seu pássaro pizza e Cheetos?

— Agora já não. Tive que lhe construir um ginásio. Faz exercício comigo.

Gabrielle já não sabia se acreditava ou não.

— Como acerta para que faça exercício? Não começa a voar?

— Engano-o para que pense que é divertido. — Tomou uma parte de pão e o comeu — Ponho seu ginásio ao lado de meu banco de pesos — continuou depois de tragar — assim enquanto faço pesos, ele sobe as escadas e as cadeias.

Gabrielle tomou um pedacinho de pão e o observou por cima da vela. A tênue luz que se filtrava pelas cortinas transparentes das janelas da sala banhava a habitação e ao detetive Joe Shanahan

com uma suave luminosidade. Seus traços, fortes e masculinos, pareciam haver-se suavizado. Possivelmente só fora um efeito da iluminação, porque apesar de seu encanto Gabrielle sabia por sua muito recente experiência que não havia nada suave nem dócil no homem que tinha em frente, embora supusesse que um homem que amava a um pássaro tinha que ter alguma qualidade que o redimisse.

— Quanto tempo faz que tem o Sam?

— Quase um ano, mas me dá a impressão que o tenho sempre.

Ganhei de presente da minha irmã Debby.

— Tem uma irmã?

— Tenho quatro.

— Uau. — Gabrielle sempre quis ter irmãos — É o mais velho?

— O mais novo.

— O bebê — disse, embora não podia imaginar ao Joe mais que como um homem. Exsudava muita testosterona para que pensasse nele como um garotinho de bochechas rosadas — Suponho que crescer com quatro irmãs maiores foi divertido.

— A maior parte do tempo foi um inferno. — Enrolou um pouco de espaguete no garfo.

— Por quê?

Meteu os espaguetes na boca, e ela observou como mastigava. Parecia como se não fosse responder, mas quando tragou confessou:

— Fizeram-me pôr suas roupas e fingir que era a quinta irmã.

Ela tentou não rir, mas lhe tremeu o lábio inferior.

— Não vejo graça. Nem sequer me deixavam fazer de cão. Tanya sempre era o cão.

Esta vez não pôde evitar rir, inclusive pensou - embora não chegou a fazê-lo - em lhe aplaudir a mão e lhe dizer que não passava nada.

— Pensa que sua irmã fez algo por você. Deu de presente o Sam no seu aniversário.

— Debby deu de presente o Sam quando tive que ficar de repouso na cama durante um tempo. Acreditou que um pássaro me faria companhia até que me levantasse e daria menos problemas que um cachorro — sorriu — Estava equivocada.

— Por que teve que ficar de repouso?
Seu sorriso desapareceu e encolheu os largos ombros.

61

— Dispararam em uma jogada da rede antidroga que foi mal desde o começo.

— Dispararam em você? — Gabrielle arqueou as sobrancelhas — Onde?

— Na coxa direita — disse, e trocou bruscamente de tema — Me encontrei com uma amiga sua quando bati na porta.

Gabrielle teria gostado de conhecer os detalhes do tiroteio, mas obviamente ele não queria falar do tema.

— Francis?

— Não me disse seu nome, mas sim que lhe disse que era seu namorado. Que mais lhe contou? — perguntou antes de meter o último bocado de massa na boca.

— Mais ou menos isso — mentiu Gabrielle agarrando o copo de chá gelado — Sabia que eu pensava que me seguia um perseguidor, assim hoje me perguntou de novo por ele. Disse que estávamos saindo.

Ele tragou lentamente enquanto a estudava através da curta distância que os separava.

— Disselhe que sai com um cara que pensava que estava te seguindo?

Gabrielle tomou um gole de chá e assentiu com a cabeça.

— Funcionou...

— Não lhe pareceu estranho?

Gabrielle negou com a cabeça e deixou o copo sobre a mesa.

— Francis tem uma mente aberta no que se refere a relações. Sabe que algumas vezes às mulheres gostam de correr riscos. E ser seguida por um homem pode ser muito romântico.

— Por um perseguidor?

— Sim, já, mas na vida tem que beijar a alguns sapos.

— E você, beijou muitos sapos?

Ela cravou a alface com o garfo e intencionalmente o olhou aos lábios.

— Só um — disse, e meteu a alface na boca.

Ele agarrou o copo e sua risada suave encheu a habitação. Ambos sabiam que não lhe havia devolvido o beijo como se o considerasse um sapo.

— Além de beijar sapos, me conte mais coisas sobre você. — Uma gota deslizou pelo copo e caiu em cima da camiseta desenhando um diminuto círculo úmido sobre o peitoral direito.

— Está me interrogando?

— Claro que não.

— Além disso, não tem um relatório sobre mim em alguma parte com toda a informação que necessita? Como quantas multas por excesso de velocidade me puseram?

Os olhos de Joe se encontraram com os seu sobre o bordo do copo e a observou enquanto dava um comprido trago. Logo baixou o copo para lhe dizer: — Não comprovei seu registro dental, mas no mês passado de maio lhe deram uma multa por excesso de velocidade. Quando tinha dezenove anos, estrelou sua Volkswagen contra um poste telefônico e teve a sorte de sair só com feridas leves e três pontos na cabeça.

Não a surpreendeu que conhecesse seu histórico como condutora, mas há desconcertava um pouco que ele soubesse coisas sobre sua vida quando ela não sabia nada dele.

— Fascinante. Que mais sabe?

— Leva o nome de seu avô.

Nada surpreendente.

— Somos uma dessas famílias que põem nos filhos o nome de seus avós. Minhas avós se chamavam Eunice Beryl Paugh e Thelma Dorita Cox Breedlove. Considero-me afortunada. — Deu de ombros

— Que mais?

— Sei que foi a duas universidades, mas não obtive nenhum título.

Obviamente não sabia nada importante. Não sabia nada dela.

— Não fui conseguir um título — começou, colocando a terrina de salada sobre o prato e apartando ambos a um lado. Não tinha comido o stroganoff pois, com o Joe sentado frente a ela, ficou-se sem apetite — Fui aprender as coisas que me interessavam. Quando o fiz, segui meu caminho e procurei novos horizontes. — Apoiou o braço na mesa e descansou a bochecha na mão — Qualquer um pode obter um título. Grande coisa. Um pedaço de papel de uma universidade não define uma pessoa. Não diz quem é.

Ele tomou o guardanapo de linho do colo e o colocou ao lado do copo.

— Então por que não me conta quem é realmente? Me diga algo que eu não saiba.

Supôs que queria que lhe revelasse algo incriminador, mas não havia nada que revelar. Nada absolutamente, assim que lhe disse algo que estava segura que nunca adivinharia sobre ela.

— Bom, estive lendo o que Freud opinava sobre compulsões e fetiches. Segundo ele, tenho fixação oral.

Ele baixou o olhar a sua boca enquanto um meio sorriso curvava os lábios.

— Sério?

— Não se excite muito — riu — Freud era essa mente brilhante que dissertava sobre a inveja que sentimos nós, as mulheres, pelo pênis do homem, o qual me parece absurdo. Só um homem inventaria algo tão estúpido. Nunca me encontrei com uma mulher que queria ter pênis.

Quando ele cravou os olhos nela por cima da mesa, sorria amplamente.

— Conheço umas quantas que adorariam ter o meu.

Apesar de seus liberais pontos de vista sobre sexo, Gabrielle notou que lhe ardiam às bochechas.

— Não quis dizer isso.

Joe riu, e inclinou a cadeira para trás sobre duas pernas.

— Por que não me conta como se associou com o Kevin?

Gabrielle acreditava que Kevin já o tinha contado e se perguntou se o único que Joe queria era pilhá-la em uma mentira. De todas as maneiras ela não tinha por que mentir sobre isso.

— Como já sabe, conhecemo-nos em um leilão uns anos antes que abrissemos Anomaly.

Kevin acabava de mudar-se de Portland e trabalhava para um antiquário do centro. Eu também trabalhava para um antiquário com lojas no Pocatello, Twin Falls e Boise. Depois dessa primeira vez, encontrei-me com ele várias vezes. — Fez uma pausa e sacudiu um miolo de pão da mesa — Tempos depois me despediram do trabalho e me chamou para me perguntar se queria abrir um negócio meio a meio com ele.

— De qualquer jeito?

— Ouviu que tinham me despedido por uma coisa relacionada com a compra de pinturas funerárias, das que se fazem com cabelo. O dono da loja não tinha uma atitude muito aberta com respeito a esse tema. Despediu-me, embora depois fizesse negócio graças a mim.

— Assim Kevin te chamou e decidiram abrir um negócio juntos.

— Cruzou os braços sobre o peito e balançou um pouco a cadeira — Assim sem mais?

— Não. Ele queria vender só antiguidades, mas eu já estava um pouco cansada de tudo aquilo. Ao final fizemos um pacto e abrimos uma loja de curiosidades. Contribuí com sessenta por cento dos custos iniciais.

— Como?

Gabrielle odiava falar de dinheiro.

— Tenho certeza de que sabe que tenho um modesto fundo fiduciário. — Tinha investido mais da metade no Anomaly. Normalmente, quando a gente conhecia seu sobrenome assumiam que tinha uma conta corrente sem fundo, mas não era verdade. Se por qualquer motivo tivesse que fechar a loja, ficaria quase na ruína. Mas pensar em perder o investimento financeiro não a incomodava tanto como pensar que tinha perdido tempo, ilusões e energia em tirar adiante um negócio para nada. A maioria da gente media o êxito pelo dinheiro. Gabrielle não. Claro que queria pagar as faturas como todo mundo, mas para ela o êxito se media pelo grau de satisfação com a gente mesmo. Nesse aspecto se considerava uma vencedora.

— E Kevin?

Gabrielle sabia que a maneira de ver o êxito não era igual no caso do Kevin. Para ele o êxito era algo tangível. Algo que se podia tocar, conduzir ou vestir. O que não o fazia muito brilhante, mas isso não o convertia em um criminoso mas sim em justamente o contrário, um bom sócio.

— Pediu um crédito bancário pelo outros quarenta por cento.

— Incomodou se em investigar antes de iniciar o negócio?

— É obvio. Não sou tola. A localização é o fator mais importante no êxito de um negócio pequeno. Hyde Park tem uma clientela estável...

— Espera. — Ele levantou uma mão, interrompendo-a — Não referia a isso. Perguntava se alguma vez tinha ocorrido investigar a fundo ao Kevin antes de investir tanto dinheiro.

— Não fiz uma investigação criminal nem nada pelo estilo, mas falei com seus chefes. Todos me falaram muito bem dele — Sabia que o que ia dizer a seguir não o entenderia nunca, mas o disse de todas as formas — Meditei sobre isso durante um tempo antes de lhe dar minha resposta.

Joe deixou cair às mãos e franziu o cenho.

— Meditou? Não pensou que abrir um negócio com um homem que acaba de conhecer requeria algo mais que meditação?

— Não.

— Por que diabos não?

— Pelo carma.

Com um golpe surdo, as patas da cadeira voltaram para chão.

— Como?

— A recompensa do carma. Sentia-me infeliz e acabavam de me despedir, então apareceu Kevin me oferecendo a oportunidade de ser meu próprio chefe.

Ele não falou durante um comprido momento.

— Está me dizendo — começou de novo — que a oferta do Kevin de montar um negócio foi uma recompensa por algo bom que fez em uma vida anterior?

— Não, não acredito na reencarnação. — Sabia que acreditar em carmas confundia a algumas pessoas e não esperava nem por indício que o detetive Shanahan o entendesse — Abrir um negócio com o Kevin foi minha recompensa por algo que fiz nesta vida. Acredito que o bem e o mal que alguém faz afeta ao que lhe acontece agora, não depois de morrer. Quando morre, vai a um plano cósmico diferente. A iluminação ou o conhecimento que adquire nesta vida determinam a que plano ascenderá sua alma.

— Está falando de algo tipo Heaven and Hell Bop que pensam que o céu está em algum lugar da terra?

Tinha esperado uma pergunta pejorativa dele e se surpreendeu.

— Tenho certeza de que você o chama “o céu”.

— E não é assim como o chama você?

— Normalmente não o chamo de maneira nenhuma. Poderia ser o céu. O inferno. O nirvana.

Algo. Só sei que é o lugar aonde irá minha alma quando morra.

— Acredita em Deus?

Estava acostumada a essa pergunta.

— Sim, mas provavelmente não da mesma maneira que você. Acredito que Deus existe quando, por exemplo, sento em um campo

de margaridas e meus sentidos se enchem com a beleza impressionante que me rodeia e que Ele criou. Então me sinto em paz. Para mim é mais importante que acatar os Dez Mandamentos ou me sentar em uma igreja mal ventilada e escutar a algum tipo me explicando como tenho que viver a vida. Acredito que há uma grande diferença entre ser religioso e ser espiritual. Possivelmente se possa ser ambas as coisas, não sei. Só sei que muita gente usa a religião como uma etiqueta e a reduz a isso, a simples rótulos. Mas a espiritualidade é diferente. Provém do coração e da alma. — Esperava que ele risse ou a olhasse como se lhe tivessem saído patas e chifres. Entretanto, surpreendeu-a.

— É possível que tenha razão — disse ficando de pé. Colocou a terrina da salada sobre o prato, recolheu seus talheres e os levou a cozinha.

Gabrielle o seguiu e o observou lavar o prato na pia. Nunca tivesse pensado que era o tipo de cara que lavava seus talheres. Pode ser que fosse porque parecia muito machista, um desses tipos que se esmagam latas de cerveja na frente.

— Me diz uma coisa — disse ele fechando o garfo — Quando te prendi na Julia Davis Park, foi pelo carma?

Ela cruzou os braços sobre os seios e apoiou um quadril a seu lado no balcão.

— Não, nunca fiz nada o suficientemente mau para te merecer.

— Talvez — disse ele, em voz baixa e sedutora, olhando-a por cima do ombro — sou um **65**

prêmio por boa conduta.

Ela ignorou o calafrio que lhe subiu pelas costas. Gabrielle não era a classe de garota que se sentisse atraída por tiras rudes com mau gênio. Claro que não.

— Seja realista. É como um cogumelo venenoso — disse e apontou para as panelas da cozinha — Não vai lavar todos os pratos?

— De maneira nenhuma. Eu já fiz o jantar.

Ela tinha talhado o pão e enfeitado a salada, assim nem tudo foi feito por ele. Este era um novo século, os homens como Joe tinham

que sair da caverna e fazer sua parte, mas não quis lhe ilustrar a respeito.

— Suponho que amanhã pela manhã te verei cedo.

— Sim. — Colocou uma mão no bolso dianteiro dos Levi's e tirou um jogo de chaves — Salvo na sexta-feira, esse dia tenho que ir de testemunha ao tribunal, assim provavelmente não chegarei até depois do meio-dia.

— Estarei no Coeur Festival na sexta-feira e no sábado.

— Combinado. Passarei pela barraca e darei uma olhada.

Gabrielle necessitava um descanso de Joe e da tensão nervosa que lhe criava.

— Não é necessário.

Ele levantou a vista das chaves que tinha na mão e inclinou a cabeça.

— Passarei de todas as maneiras, simplesmente para que não sinta falta de mim.

— Joe, sentirei falta de você tanto como a uma dor de dente.

Ele riu entre dentes, logo se voltou para a porta traseira.

— É melhor que tome cuidado, ouvi que mentir cria mau carma.

O Bronco vermelho do Joe entrou pelo acesso mais afastado do estacionamento no Albertson. Tinha tração quatro por quatro e o comprou fazia dois meses e não queria que nenhum pirralho lhe deixasse sinais nas portas. Passavam das oito e meia, e o sol poente se ocultava depois do topo da montanha que rodeava o vale. Não havia muito movimento no supermercado quando Joe entrou e agarrou uma bolsa de cenouras baby, as favoritas do Sam.

— Olá, não é Joe Shanahan?

Joe levantou a vista das cenouras a uma mulher que carregava couves em um carrinho. Era miúda e levava o grosso cabelo castanho recolhido em um coque no alto da cabeça. Usava pouca maquiagem e tinha o tipo de rosto bonito a que parecia que tinham brilho próprio. Os grandes olhos azuis que se cravavam lhe pareciam vagamente familiares e se perguntou se alguma vez a teria detido.

—Sou Ann Cameron. Crescemos no mesmo bairro. Costumava morar mais abaixo que seus pais. Saiu com minha irmã mais velha,

Sherry.

Ah, por isso lhe parecia familiar. Em décimo grau ele tinha feito coisas muito excitantes com Sherry no assento traseiro do Chevy Biscayne de seus pais. Ela tinha sido a primeira garota que lhe tinha deixado tocar seus seios por debaixo do sutiã. A palma nua sobre um peito nu. Um marco **66**

histórico para qualquer cara.

— Claro que me lembro. Como está, Ann?

— Bem. — Ela pôs algumas couves mais no carro e logo agarrou uma bolsa de cenouras — Como estão seus pais?

— Mais ou menos como sempre — respondeu, olhando o montão de verduras de seu carro — Tem muitos filhos que alimentar ou crias coelhos?

Ela se pôs-se a rir e negou com a cabeça.

— Nenhuma coisa nem outra. Não estou casada e não tenho filhos. Tenho um bar na Oitava, e hoje fiquei sem fornecimentos e não posso esperar até que chegue a seguinte partilha de verdura fresca amanhã pela tarde. Seria muito tarde para meus clientes do meio-dia.

— Um bar? É boa cozinheira?

— Sou uma cozinheira estupenda.

Ele tinha ouvido essa mesma declaração duas horas antes de uma mulher com um biquíni prateado que tinha desaparecido em seu dormitório deixando que ele preparasse o jantar. E logo para maior escárnio, a senhora logo que tinha provado a comida que ele tinha preparado.

— Deveria vir um dia e provar meus sanduíches, ou massa se o preferir. Faço um scampi de camarão com cabelo de anjo de chupar os dedos. Ralado, é obvio. E enquanto isso podemos pôr o papo em dia.

Joe olhou os olhos azul claro e as covinhas das bochechas quando lhe sorriu. Normal. Sem sinais de loucura, embora não podia assegurá-lo a simples vista.

— Acredita em carmas, auras ou escuta Yanni?

Seu sorriso desapareceu e o contemplou como se estivesse chiado. Joe riu, lançou a bolsa ao ar e a apanhou.

— Bem, passarei por ali. Na Oitava, não?

Gabrielle se considerava uma faxineira compulsiva. Quando a compulsão a atacava, limpava.

Infelizmente, a compulsão por limpar armários e despensas somente lhe ocorria uma vez ao ano e durava umas poucas horas. Se estava fora de casa quando acontecia, os armários tinham que esperar um ano mais.

Introduziu sabão com aroma de limão na pia e o mesclou com água quente. Talvez depois de lavar a panela do strogonoff, ficaria energia suficiente para empreendê-la com os armários e assim o coador não voltaria a cair aos pés de outro convidado como tinha ocorrido antes com o Joe.

Logo que vestiu um par de luvas amarelas, soou o telefone. Agarrou-o ao terceiro toque e ouviu a voz de sua mãe.

— Como está Beezer? — perguntou Claire Breedlove sem saudar.

Gabrielle olhou por cima do ombro à bola de pelo tombada sobre o tapete diante da porta traseira.

— Tombada e feliz.

— Está passando bem?

— A maior parte do tempo só come e dorme — respondeu Gabrielle — Onde está? Aqui na cidade?

— Yolanda e eu estamos com seu avô. Viajaremos a Boise amanhã.

Gabrielle apoiou o auricular do telefone entre o ombro e a orelha e perguntou: — Que tal foi Cancun?

— Ah, foi bem, mas aconteceu algo. Sua tia e eu tivemos que interromper a viagem porque tive um mau pressentimento. Senti que algo mal ia ocorrer no bairro e que seu avô estaria envolvido, assim voltei para casa para lhe advertir, mas cheguei tarde.

Gabrielle voltou à atenção aos pratos da pia. Sua vida já era um caos cósmico e realmente não estava de humor para viajar aos limites da realidade com sua mãe.

— O que aconteceu? — perguntou, embora soubesse que sua mãe o diria de todos os modos.

— Faz três dias, enquanto sua tia Yolanda e eu estávamos no México, seu avô atropelou o cão da senhora Youngerman.

Ela quase deixou cair o telefone e teve que agarrá-lo com uma mão saponácea.

— OH, não! O pequeno Murray?

— Sim, temo que sim. Ficou mais plano que um crepe. Sua alma voou ao paraíso dos cães, pobrezinho. Não estou totalmente segura de que fosse um acidente e tampouco a senhora Youngerman. Já sabe o que pensava seu avô sobre o Murray.

Sim, Gabrielle sabia o que sentia seu avô pelo cão da vizinha. O pequeno Murray não só tinha sido um ladrador incansável, mas também um obstáculo habitual para suas pernas. Gabrielle não gostava de pensar que seu avô tinha atropelado o cão de propósito,

mas também sabia que Murray tinha dirigido uma fervente atenção à panturrilha de seu avô em mais de uma ocasião e não podia descartar tal possibilidade.

— Isso não é tudo. Esta tarde, Yolanda e eu fizemos uma visita de condolência, e enquanto estávamos sentadas na sala da senhora Youngerman, tentando acalmá-la, vi uma imagem clara em minha mente. Sério, Gabrielle, esta é a visão mais forte que tive. Podia ver os cachos de cabelo escuro lhe acariciando as orelhas. É um homem alto...

— Uau, alto, moreno e arrumado? — colocou-se de novo o telefone entre o ombro e a orelha, e ficou a limpar os pratos.

— OH, sim. Não posso lhe dizer o excitada que fiquei.

— Bom, imagino — murmurou Gabrielle. Colocou os pratos sob a água e logo os deixou no escorredor de pratos.

— Mas ele não é para mim.

— Vá. É para tia Yolanda?

— É seu destino. Vai ter um romance apaixonado com o homem de minha visão.

— Não quero ter um romance, mamãe — disse Gabrielle suspirando e colocando as terrinas da salada e os copos de chá na pia — Minha vida não suporta mais excitação neste momento. — perguntou-se quantas mães lhe prediziam amantes apaixonados a suas filhas. Imaginou que não muitas.

— Sabe que não pode lutar contra o destino, Gabrielle — advertiu severamente a voz do outro lado da linha — Pode lutar contra isso se quiser, mas o resultado será sempre o mesmo. Sei que não acredita no destino tanto como eu, e não sou quem vai dizer que está equivocada.

Sempre te motivei a procurar seu próprio caminho espiritual, escolher seu caminho para a luz.

Quando nasceu...

Gabrielle pôs os olhos em branco. Claire Breedlove nunca tinha imposto, ditado ou dominado a sua filha. Tinha-a guiado pelo mundo e Gabrielle tinha insistido em escolher seu próprio caminho. A maioria das vezes, viver com uma mãe que acreditava no amor livre e na liberdade tinha sido estupendo, mas estavam àqueles anos a finais dos setenta e início dos oitenta quando Gabrielle tinha invejado aas crianças que tinham férias normais na Disneyland em lugar de mergulhar-se à busca de relíquias índias no Arizona ou comunicar-se com a natureza em uma praia nudista do norte de Califórnia.

— ... aos trinta anos, fui dotada de clarividência — continuou Claire com sua história favorita — Recordo como se fosse ontem. Como sabe, foi durante nosso verão do despertar espiritual, pouco depois de que seu pai morreu. Não despertei uma manhã e escolhi minha habilidade psíquica. Fui escolhida.

— Sei, mamãe — respondeu enquanto enxaguava as terrinas e os copos para colocá-los no corredor de pratos.

— Então sabe que não invento isso. Vi, Gabrielle, e vai ter um encontro apaixonado com esse homem.

— Faz uns meses tivesse recebido essa notícia com os braços abertos, mas agora não — suspirou Gabrielle — Não acredito que fique energia para a paixão.

— Pois acredito que não tem escolha. Parece muito obstinado. Enérgico. Realmente dá um pouco de medo. Tem um olhar muito escuro e intenso e uma boca muito sensual.

Em Gabrielle subiu um calafrio pelas costas e lentamente introduziu uma panela na água.

— Como lhe disse, pensava que era para mim e estava absolutamente emocionada. Sabe?

Não são todos os dias que se predestina a uma mulher de minha idade um jovem com uns rodeados jeans e um cinturão de ferramentas.

Gabrielle cravou os olhos nas borbulhas brancas, a garganta lhe tinha ficado repentinamente seca.

— Pode ser que seja para você.

— Não. Olhou-me fixamente e sussurrou seu nome. Havia tal desejo em sua voz que foi inconfundível. Pensei que desmaiaria pela primeira vez em minha vida.

Gabrielle conhecia a sensação. Ela mesma se encontrava a ponto de deprimir-se.

— A senhora Youngerman se preocupou tanto nesse momento que se esqueceu completamente do pobre Murray. Já te digo, querida, que vi seu destino. Benzeram-lhe com um amante apaixonado. É um presente maravilhoso.

— Mas não o quero. Devolva!

— Não se pode devolver e, por seu olhar, tenho o pressentimento de que o que você queira não vai ter importância.

Ridículo. Sua mãe só tinha razão em uma coisa: Gabrielle não acreditava no destino. Se ela não queria ter um romance apaixonado com um homem que levava um cinturão de ferramentas, então não o teria.

Quando Gabrielle pendurou o telefone, estava paralisada. Durante anos, tinha pensado nas predições psíquicas de sua mãe nos mesmos termos que nas canções absurdas dos Pin the Tail on Donkey. Algumas vezes suas visões eram desatinadas e apontavam na direção equivocada, outras se aproximavam razoavelmente à realidade e, de vez em quando, eram tão exatas que resultavam horripilantes.

Gabrielle voltou para pia e se recordou a si mesma que sua mãe também havia predito a volta do Sonny com a Cher, Donald com a Ivana e Bob Dylan com o Joan Baez. Era óbvio que quando tinha predições amorosas, Claire não dava uma dentro.

Esta vez sua mãe tinha tido uma visão equivocada. Gabrielle não queria um apaixonado amante de cabelo escuro. Não queria que Joe Shanahan fosse para ela mais que um duro policial.

Mas essa noite sonhou com ele pela primeira vez. Sonhou que entrava em seu dormitório, olhava-a com seus olhos escuros e os lábios curvados em um sensual sorriso, sem ter vestido nada mais que uma profunda aura vermelha. Quando despertou à manhã seguinte, não sabia se acabava de ter o sonho mais erótico de sua vida ou tinha experimentado o pior de seus pesadelos.

Capítulo 8

Não havia nenhuma dúvida. Tinha sido um pesadelo.

Quando Joe entrou no Anomaly à manhã seguinte com uns jeans gastos e uma camiseta do Cacto Bar, todo o corpo de Gabrielle se acendeu. Pôs um vestido verde de suspensórios para trabalhar porque era cômodo e fresco, mas no momento em que seus olhos se encontraram com os dele, a temperatura de seu corpo subiu rapidamente e teve que entrar no banheiro para colocar uma toalha úmida sobre as bochechas. Ainda não podia olhá-lo sem recordar a forma em que a havia tocado ou as coisas que lhe tinha sussurrado em sonho. As coisas que lhe tinha querido fazer ou por onde tinha querido começar.

Tratou de manter-se ocupada e não pensar no Joe, mas as quintas-feiras eram, geralmente, um dia sem muita clientela e aquela não foi à exceção. Deixou cair umas gotas de óleo de laranja e outras de pétalas de rosa no vaporizador, pôs a vela de chá debaixo e a acendeu. Assim que a loja começou a cheirar à mescla de perfumes cítricos e florais, dirigiu-se à vitrine onde estavam as fadas e as mariposas de cristal. Tirou o pé e ordenou tudo enquanto olhava de esguelha ao Joe, que preenchia com massa corrida os buracos da parede do fundo de costas a ela, sem poder evitar recordar a maneira em que tinha imaginado sentir seu cabelo entre os dedos. Tinha parecido muito real, mas, é obvio, só tinha ocorrido em seus sonhos e começava a sentir-se como uma covarde ao deixar que lhe afetasse tanto à luz do dia.

Como se houvesse sentido seus olhos sobre ele, Joe a olhou por cima do ombro e se deu **70**

conta de que o olhava. Ela baixou rapidamente a vista à figura de uma ninfa brincalhona, mas não antes que lhe comesçassem a arder as bochechas.

Como sempre, Kevin levava toda a manhã no escritório com a porta fechada falando com distribuidores e vendedores em grandes quantidades, ocupando-se de uma vez de seus outros interesses comerciais. As quintas-feiras eram o dia de descanso de Mara, assim Gabrielle sabia que muito provavelmente estaria a sós com o Joe até fechar. Respirou fundo e tentou não pensar nas horas que tinha por diante. Horas intermináveis. Sozinha. Com o Joe.

Observou seu reflexo na cristaleira enquanto ele inundava a espátula no recipiente com a massa e se dedicava a estendê-la. Perguntou-se que tipo de mulher atrairia o interesse de um homem como Joe. Mulheres atléticas de corpos duros, ou mulheres caseiras dessas que assavam pão e se preocupavam com desempoeirar figuras de coelhinhos? Ela não pertencia a nenhuma das duas classes.

As dez, seus nervos se acalmaram até um nível aceitável. Joe acabou de tapar os buracos e teve que pensar em outro trabalhinho para ele. Decidiu-se por montar outra prateleira no pequeno armazém da parte de trás. Nada complicado. Simplesmente três pranchas de madeira compensada de três centímetros apoiadas em uma estrutura de perfis no L.

Como não havia clientes para se preocupar mostrou ao Joe o armazém que era maior que o banheiro e estava iluminado pela lâmpada de sessenta watts que pendurava do teto. Se um cliente entrava na loja, saberiam quando a campainha soasse na parte traseira.

Entre os dois moveram a um lado do pequeno quarto umas caixas de embalagem com bolas de poliestireno. Joe prendeu o cinturão de ferramentas nos quadris, tirou uma fita métrica e lhe estendeu o extremo. Gabrielle se ajoelhou e a segurou na esquina da parede.

— Posso te fazer uma pergunta pessoal, Joe?

Ele apoiou um joelho no chão e se inclinou sobre a esquina oposta para obter a medida, logo a olhou. O olhar de Joe não chegou até seu rosto. Deslizou-se por seu braço para seus seios e ali ficou.

Gabrielle olhou para baixo, ao peitilho do vestido. O bordo superior se deslizou oferecendo ao Joe uma vista excelente do decote e do sutiã negro. Agarrou com a mão livre o bordo do vestido para arrumá-lo.

Sem indício de vergonha, Joe levantou finalmente o olhar a seu rosto.

— Pergunta, embora isso não queira dizer que vá responder — disse, logo escreveu algo a lápis na parede.

No passado Gabrielle tinha pilhado a alguns homens cravando os olhos em seus atributos, mas ao menos tinham tido a decência de sentir-se envergonhados.

— Joe, já foi casado alguma vez?

— Não. Mas estive perto.

— E noivo?

— Não, embora chegasse a pensar nisso.

Ela não acreditava que pensar nisso fosse suficiente.

— O que aconteceu?

— Conheci sua mãe e escapei como alma que leva o diabo. — Olhou-a outra vez e sorriu como se houvesse dito algo realmente gracioso — Agora já pode soltar a fita — disse ele, e quando Gabrielle o fez, esta se fechou bruscamente lhe prensando o polegar — Merda!

— Hei!

— Fez de propósito.

— Esta errado. Sou pacifista, embora chegasse a pensar nisso. — levantou-se, apoiou um ombro contra a parede e cruzou os braços sobre os seios — Suponho que é um desses caras exigentes que quer que sua esposa cozinhe como Betty Crocker e ainda por cima pareça uma Top model.

— Não tem por que parecer uma Top model, simplesmente deve ser razoavelmente atraente. E nada de unhas compridas. As mulheres com unhas compridas me assustam. — De novo sorriu, mas esta vez de uma maneira lenta e sensual — Não há nada mais horripilante que ver como essas largas adagas se aproximam de minhas joias.

Não perguntou se falava por experiência. Realmente não queria saber.

— Mas estou certa na parte da Betty Crocker, não é assim?

Ele deu de ombros e pôs a fita métrica em posição vertical, do chão ao teto.

— É importante para mim. Eu não gosto de cozinhar. — Fez uma pausa para ler a medida e a anotou ao lado da primeira — Eu não gosto de comprar, nem limpar a casa, nem pôr máquinas de lavar roupa. São coisas de mulheres que não me dão bem.

— Fala sério? — Ele parecia tão normal, mas em algum momento de sua vida se tornou um inapto — O que te faz pensar que as mulheres sabem limpar e pôr máquinas de lavar roupa?

Possivelmente lhe assombre saber que não nascemos com uma predisposição biológica para lavar meias trê - quartos e esfregar sanitários.

A fita métrica se deslizou brandamente na carcaça de metal e Joe a meteu no cinturão.

— Talvez. Tudo o que sei é que se uma mulher não dispõe atenção à limpeza e essas coisas, seu homem não o fará. Igual às mulheres são capazes de conduzir vinte e cinco quilômetros para ir a uma dessas oficinas mecânicas do Jiffy Lube se o marido não lhes trocar o óleo do carro.

É obvio que as mulheres foram a um Jiffy Lube. Que classe de estúpido trocava por si mesmo o óleo do carro? Ela sacudiu a cabeça.

— Prevejo que ficará solteiro muito tempo.

— O que acontece? Agora é adivinha?

— Não, não preciso ser adivinha para saber que nenhuma mulher vai querer ser sua empregada por toda vida. A menos que tenha algum benefício com isso — acrescentou, pensando em alguma desesperada mulher sem lar.

— É obvio que terá benefício. — Com grande rapidez, cortou a distância entre eles — Eu.

— Pensava em algo bom.

— Sou bom. Realmente bom — disse o suficientemente baixo para que não o ouvissem fora do armazém — Quer que lhe demonstre isso?

— Não. — endireitou-se afastando-se da parede, mas ele se aproximou tanto que ela podia ver os bordos negros de sua íris.

Joe levantou a mão, colocou-lhe uma mecha de cabelo detrás da orelha e lhe acariciou a bochecha com o polegar.

— Bem, minha vez.

Ela negou com a cabeça, temendo que se ele decidia lhe demonstrar quão bom era, não seria capaz de lhe deter.

— Não, de verdade. Acredito em você.

Sua risada suave encheu o pequeno armazém.

— Queria dizer que é minha vez de te fazer uma pergunta.

— Ah — disse ela e não soube por que se sentia tão decepcionada.

— Por que uma garota como você ainda está solteira?

Ela se perguntou o que queria dar a entender exatamente e tentou se mostrar um pouquinho indignada, mas o certo era que soou mais balbuciando que ofendida.

— Como eu?

Joe lhe deslizou o polegar pelo queixo e depois lhe acariciou o lábio inferior.

— Com o cabelo tão alvoroçado como se acabasse de se levantar da cama e esses grandes olhos verdes pode chegar a conseguir que qualquer homem se esqueça de tudo.

O calor de suas palavras se fundiu na boca de seu estômago e lhe tremeram os joelhos — Que se esqueça do que?

— De que não é uma boa ideia que te beije — disse ele, e lentamente aproximou sua boca a dela — por toda parte. — Acariciou-lhe o quadril com uma mão e a atraiu para si. O cinturão de ferramentas pressionou seu abdômen — Do verdadeiro motivo de que esteja aqui, e por que não podemos passar o dia fazendo o que em realidade faríamos se fosse minha namorada de verdade.

— Seus lábios acariciaram os dela, que se abriram para ele incapaz de resistir o desejo que a percorreu de pés a cabeça. A ponta de sua língua tocou a dela, logo penetrou dentro de sua cálida boca. Ele tomou seu tempo para beijá-la, provocando seu prazer com a carícia lenta e persistente de seus lábios e sua língua. Ao mesmo tempo a empurrou para trás contra a parede, entrelaçando suas mãos com as dela e as levantando ambos os lados de sua cabeça. Os lábios úmidos de Gabrielle se amoldaram aos seus, mergulhou a língua no interior de sua boca com suavidade e logo se retirou.

Incitou-a, brincando com sua boca. Manteve-a presa contra a parede, apertando seus seios com seu duro peito. Seus mamilos se endureceram quando ele aprofundou o beijo e Gabrielle se esqueceu de tudo, derretendo-se por dentro. Um fogo líquido ardeu em seu ventre arrancando um gemido de seu peito. Gabrielle o ouviu, mas apenas se precaveu de que aquele som procedia dela.

Logo ouviu como se Joe esclarecesse garganta, mas perdida no cativante feitiço de sua profunda aura vermelha se perguntou como podia esclarecer a voz quando ainda tinha a língua em sua boca.

— Quando acabar com o marceneiro, Gabe, necessito que olhe as faturas do lote prejudicado de pratos de sushi.

Joe se separou de sua boca e pareceu tão aturdido como ela.

Gabrielle se deu conta que não tinha sido ele quem tinha falado e girou a cabeça bem a tempo de ver como Kevin saía do armazém para dirigir-se à frente da loja. Ao mesmo tempo, soou a campainha avisando de que tinha entrado um cliente. Se Kevin tinha duvidado alguma vez de que eram namorados, estava claro que agora já não o faria.

Joe retrocedeu e passou os dedos pelo cabelo. Soltou uma baforada de ar e deixou cair às mãos. Parecia perplexo, como se algo lhe tivesse golpeado na cabeça.

— Talvez não devesse vestir coisas como essa no trabalho.

Com o desejo ainda rugindo por suas veias, Gabrielle se balançou sobre os calcanhares e baixou o olhar desconcertado ao vestido. A prega a cobria dos tornozelos até o sutiã, solto logo que não revelava nada.

— Isto? Qual é o problema?

Ele trocou o peso de pé e cruzou os braços sobre o peito.

— É muito sexy.

O assombro a deixou sem fala durante um momento, mas quando o olhou aos olhos e se precaveu de que estava falando sério não pôde evitá-lo, explodiu em gargalhadas.

— O que é tão engraçado?

— Nem usando toda a imaginação do mundo se pode considerar este vestido sexy.

Ele sacudiu a cabeça.

— Possivelmente seja esse sutiã negro que está vestindo.

— Se não te tivesse ficado olhando o que levo debaixo do vestido, não saberia como é meu sutiã.

— E se não me tivesse mostrado isso, eu não teria olhado.

— Mostrado? — A indignação esfriou qualquer resto de desejo e a situação já não lhe pareceu tão engraçada — Quer dizer que quando vê um sutiã negro perde o controle?

— Normalmente não. — Olhou-a de cima abaixo — O que era isso que queimava antes?

— Óleos de laranja e pétalas de rosas.

— Nada mais?

— Não. Por quê?

— Não havia nada raro em algum desses frasquinhos tão estranhos que leva contigo?

Feitiços ou vodu ou algo pelo estilo?

— Acredita que me beijou por culpa de óleo de vodu?

— Poderia ser.

Era mais ridículo. Ela se inclinou para frente e lhe fincou o dedo indicador no peito.

— Deixaram-lhe cair de cabeça quando era pequeno? — fincou-lhe o dedo de novo — É esse seu problema?

Ele descruzou os braços e lhe apanhou a mão entre seus cálidas palmas.

— Acreditava que era pacifista.

— Sou, acaba de me provocar. — Gabrielle fez uma pausa e escutou as vozes que provinham da loja. Estavam se aproximando da parte de trás e não precisava olhar para saber quem tinha chegado.

— Gabi está aí dentro com seu namorado — disse Kevin.

— Namorado? Gabrielle não mencionou que tivesse namorado quando falei com ela ontem à noite.

Gabrielle arrancou sua mão da de Joe, deu um passo atrás estudando-o rapidamente dos pés a cabeça. Ele era tal como sua mãe havia descrito. Teimoso, decidido e sensual. As calças jeans e o cinturão de ferramentas eram como um anúncio de néon andante.

— Rápido — sussurrou — me dê o cinturão de ferramentas.

— O que?

— Só me dê. — Sem o cinturão de ferramentas talvez sua mãe não confundisse ao Joe com o homem de sua visão — Depressa.

Joe baixou as mãos aos jeans e se desabotoou o largo cinturão de couro. Lentamente o entregou e perguntou:

— Algo mais?

Gabrielle o arrebatou e o lançou detrás de uma das caixas golpeando a parede. Voltou-se a tempo de ver sua mãe, a sua tia Yolanda e Kevin entrar na parte de trás. Saiu do pequeno armazém e compôs um sorriso.

— Olá — disse, como se não passasse nada fora do comum. Como se não tivesse estado beijando-se com um amante moreno e apaixonado.

Joe observou os ombros retos de Gabrielle enquanto saía do armazém. Rapidamente lhe deu as costas à porta e tomou um momento para recompor-se. Não importava o que Gabrielle houvesse dito, nessas coisas que ela queimava continuamente devia haver algum tipo de afrodisíaco que afetava à mente. Era a única explicação de por que ele tinha perdido completamente o juízo.

Quando saiu do armazém, não reconheceu às mulheres que estavam com o Kevin, mas a mais alta das duas denotava uma notável semelhança com Gabrielle. Levava seu abundante cabelo acobreado com raia ao meio e sujeito aos lados com fitas de miçangas.

— Joe — disse Gabrielle, olhando-o por cima do ombro — Esta é minha mãe, Claire, e minha tia, Yolanda.

Joe tendeu a mão à mãe de Gabrielle, que a apertou com força.

— Me alegro de conhecê-la — disse ele enquanto olhava uns olhos azuis que o observavam como se pudessem lhe ler a mente.

— Já te conheço — o informou.

Nada disse. Joe teria recordado a essa mulher. Havia nela uma força estranha que não era possível esquecer.

— Acredito que me está confundindo com alguém. Não nos vimos antes.

— Ah, é que você não me conhece — acrescentou ela como se isso esclarecesse o mistério.

— Mamãe, por favor.

Claire levantou a mão do Joe e cravou os olhos na palma.

— Tal como suspeitava. Olhe esta linha, Yolanda.

A tia de Gabrielle se aproximou e inclinou sua cabeça loira sobre a mão do Joe.

— Teimoso até a medula. — Levantou seus olhos castanhos para ele, logo olhou pensando Gabrielle e meneou a cabeça — Tem certeza sobre este homem, querida?

Gabrielle gemeu e Joe tratou de retirar sua mão do agarre de Claire. Teve que tirar duas vezes com força antes que finalmente o soltasse.

— Quando nasceu, Joe? — perguntou Claire.

Não queria responder. Não acreditava em toda essa merda de zodíaco, mas quando ela cravou os olhos nele com esse olhar horripilante lhe arrepiaram os cabelos do cangote e, sem querer, abriu a boca para dizê-lo:

— Em primeiro de maio.

Agora foi a vez de Claire de olhar a sua filha e negar com a cabeça.

— Um Touro dos pés a cabeça. — Logo fixou a atenção na Yolanda — São muito carnais.

Amam a boa mesa e os bons amores. Os Taurinos são os mais sensuais do zodíaco.

— Uns verdadeiros hedonistas. Muito resistentes e implacáveis quando se concentram em um objetivo ou tarefa — acrescentou Yolanda — Muito possessivos com seus companheiros e protetores de seus filhos.

Kevin riu e Gabrielle franziu os lábios. Se as duas mulheres não tivessem estado discutindo como se ele fosse um garanhão em potencial, Joe poderia rir também. Gabrielle, obviamente, não via a graça à situação, mas ela não podia revelar a sua mãe e a sua tia que ele não era seu namorado. Não com o Kevin ali. Joe não podia

fazer nada para ajudá-la, mas teria tentado trocar de tema se ela não tivesse aberto a boca nesse momento para insultá-lo.

— Joe não é o amante moreno e apaixonado que você pensa que é — disse ela — Acredite em mim.

Joe estava bastante seguro de que era um cara apaixonado e também de que era um bom amante. Nunca tinha tido queixa de nenhuma mulher. Ela não podia agarrar e acusar de ser um amante péssimo. Deslizou um braço ao redor de sua cintura e lhe beijou a têmpora.

— Tome cuidado ou fará que lhe demonstre — disse isso, logo riu entre dentes como se a ideia de que pudesse fazê-lo mal fosse ridícula — Gabrielle está um pouco zangada comigo por sugerir que limpar e cozinhar são coisas de mulheres.

— E ainda respira? — perguntou Kevin — Um dia lhe sugeri que se encarregasse de limpar o banheiro da loja porque são coisas de mulheres e pensei que ia me esfolar.

— Que nada, se ela é pacifista — assegurou Joe ao Kevin — Não é verdade, fofura?

O olhar que lhe devolveu em troca era algo menos pacífica.

— Estou desejando fazer uma exceção contigo.

Ele a estreitou contra si e lhe disse:

— Isso é o que um homem gosta de ouvir de uma mulher.

Logo, antes que ela voltasse a acusá-lo outra vez de ser um demônio do inferno, posou sua boca sobre a dela afogando sua cólera com um beijo. Gabrielle abriu os olhos ainda mais, logo os entrecerrou e levantou as mãos a seus ombros. Antes que pudesse o afastar de um empurrão Joe a soltou e pareceu que, mais que afastá-lo, tentava retê-lo. Ele sorriu e durante uns segundos Gabrielle pensou que o ressentimento poderia vencer todas suas crenças na não violência. Mas **76**

era quão pacifista dizia ser, assim inspirou profundamente e exalou com calma. Fixou a atenção em sua mãe e sua tia, e o ignorou por completo.

— Vieram para me levar para almoçar? — perguntou.

— São dez e meia.

— Um café da manhã tardio — retificou — Quero que me contem tudo sobre suas férias.

— Temos que recolher ao Beezer — disse Claire, logo olhou ao Joe — É obvio está convidado. Yolanda e eu precisamos comprovar sua energia vital.

— Deveríamos provar o novo medidor de auras — acrescentou Yolanda — Acredito que é mais preciso...

— Tenho certeza de que Joe prefere ficar aqui e trabalhar — interrompeu Gabrielle — Adora seu trabalho, não é certo?

“Medidor de auras? Jesus Cristo. A semente não tinha caído longe do pé.”

— Certo. Mas lhe agradeço, Claire. Possivelmente em outro momento.

— Conte com isso. O destino concedeu a alguém muito especial e estou aqui para me assegurar de que trate bem seu tenro espírito — disse ela, seu olhar era tão penetrante que os cabelos do cangote lhe arrepiaram de novo. Voltou a abrir a boca para acrescentar algo, mas Gabrielle a tirou do braço e caminhou com ela à frente da loja.

— Sabe que não acredito no destino — ouviu Joe que dizia Gabrielle — Joe não é meu destino.

Kevin sacudiu a cabeça e deixou escapar um assobio baixo assim que a porta se fechou depois das três mulheres.

— Apenas contornou o temporal, amigo. A mãe de Gabi e sua tia são umas senhoras muito agradáveis, mas algumas vezes quando as ouço falar, espero ver suas cabeças dando voltas como a de Linda Blair no exorcista.

— É tão mau assim?

— Bom, acredito que também se comunicam com o Elvis. Gabrielle é uma entre mil, mas traz consigo a sua família.

Por uma vez acreditou que Kevin não mentia. Voltou-se para ele e lhe deu uma palmada nas costas como se fossem velhos amigos.

— Pode ser que tenha uma família estranha, mas também tem umas pernas estupendas — disse.

Era hora de voltar para trabalho. Era hora de recordar que não estava ali para aprisionar a sua colaboradora contra a parede e sentir seu corpo suave contra o seu, ficando tão duro para esquecer-

se de tudo menos de seus seios lhe pressionando o peito e o doce sabor de sua boca. Era hora de fazer-se amigo do Kevin e depois encontrar o Monet do senhor Hillard.

Na manhã seguinte, o detetive Joe Shanahan entrou no Tribunal do Distrito, levantou a mão direita e declarou sob juramento dizer toda a verdade no Estado contra Rum e Dom Kaufusi. Os meninos Kaufusi eram uns consumados perdedores que passariam uma longa temporada na **77**

prisão se finalmente os declaravam culpados de uma série de roubos em um bairro residencial.

Esse caso foi um dos primeiros que atribuíram ao Joe pouco depois de que o destinassem à brigada alarme anti-roubo.

Tomou assento no estrado e endireitou a gravata com calma. Respondeu às perguntas do fiscal e do defensor de ofício dos meninos, e se Joe não tivesse tido tantos prejuízos contra os advogados defensores, tivesse chegado a sentir lástima pelo advogado atribuído a aquele caso.

Os Kaufusi pareciam lutadores de supremo sentados detrás da mesa do advogado defensor, mas Joe sabia por experiência que os irmãos eram como bolas de aço e tão leais como Old Yeller.

Tinham realizado umas operações realmente audazes ao longo de vários meses, antes de ser presos o ser pilhados *in fraganti* esvaziando uma casa no Harrison Alameda. O *modus operandi*, era sempre o mesmo. A cada poucas semanas, estacionavam uma caminhonete Ou-Haul roubada ao lado da porta traseira da moradia que pensavam roubar. Carregavam o veículo com artigos de valor como moedas, coleções de selos e antiguidades. Em um dos roubos, os vizinhos de em frente estiveram observando-os, convencidos de que os irmãos pertenciam a uma companhia de mudanças.

Ao registrar Dom, o oficial de polícia que levava o caso tinha encontrado uma barrinha Wonder no bolso do uniforme de trabalho. Os rastros da barra de chocolate se corresponderam com as que havia nos Marcos das janelas e nas portas de madeira de outras casas. O escritório do fiscal tinha recolhido provas circunstanciais e

diretas para encerrar aos irmãos por muito tempo, e inclusive assim tinham recusado a delatar a seu traficante de arte em troca de imunidade. Alguns poderiam chegar a pensar que se negavam a cooperar por algum tipo de código de honra entre ladrões, mas Joe não acreditava assim. Para ele tinha mais que ver fazendo um bom negócio. A relação entre eles e o traficante era simbiótica. Um parasita se alimentava de outro parasita para sobreviver. Os irmãos estavam apostando por uma estadia curta na prisão e planejando a volta ao negócio. Não lhes convinha encher o saco a um bom sócio.

Joe atestou durante duas horas e quando terminou, sentiu-se como o vencedor em uma batalha. As probabilidades estavam a seu favor, os bons foram ganhar esta rodada. Em um mundo onde os maus se saíam com a sua cada vez com mais frequência era toda uma vitória encerrar uns quantos por um tempo. Com essa detenção haveria duas escórias menos na rua. Saiu da sala do tribunal com um leve sorriso no rosto e colocou os óculos de sol. Depois de estar no edifício submetido ao ar condicionado, agradeceu encontrar-se sob a cálida luz do sol e se dispôs a desfrutar de do luminoso dia enquanto conduzia para sua casa, além do Hill Road, sob o intenso céu azul salpicado de nuvens brancas. A casa estilo rancho foi construída na década de cinquenta e nos cinco anos que levava vivendo ali só tinha substituído o carpete e o vinil. Agora era a vez do azulejo verde oliva de um dos banheiros e teria que pospô-lo por um tempo. Gostava do rangido do chão e os tijolos da nova chaminé. A maior parte do tempo adorava sua casa.

Joe entrou pela porta principal e Sam agitou suas asas assobiando como um operário.

— Precisa de uma namorada — disse o pássaro enquanto o deixava sair da jaula. Entrou no dormitório para trocar de roupa e Sam continuou — Você, se comporte. — O pássaro chiou desde seu cabide na cômoda do Joe.

Joe tirou o traje e seus pensamentos voltaram para onde-como-por que do caso Hillard.

Nem sequer estava perto de fazer uma detenção, mas no dia anterior tinha encontrado um móvel.

Sabia por que. Sabia o que motivava ao Kevin Carter. Sabia que estava muito ressentido por pertencer a uma família numerosa. É mais, sabia quanto o afetava ainda ser um homem pobre que se havia feito por si mesmo.

— Você, se comporte.

— Precisa seguir seus próprios conselhos, amigo. — Joe se remeteu a camiseta azul nos Levi's e olhou ao Sam — Não sou eu o que acaba com a madeira a dentadas ou se arranca as canetas quando se zanga — disse, logo vestiu um boné de beisebol dos New York Rangers para cobrir o cabelo. Nunca se podia saber quando se toparia com alguém que tinha detido no passado, especialmente em um lugar tão estranho como o Coeur Festival.

Era perto da uma quando deixou sua casa, fez um alto rápido no caminho ao parque detendo-se no bar da Ann na rua Oitava. Ann estava atrás do balcão, um cálido sorriso iluminou seu rosto quando levantou a vista e o viu.

— Olá, Joe. Esperava que viesse.

Olhava-o de tal maneira que resultou impossível não lhe devolver o sorriso.

— Você disse que o faria. — lhe gostou da faísca de interesse que brilhava em seus olhos.

Uma faísca normal. Do tipo que uma mulher mostrava a um homem ao que queria conhecer melhor.

Pedi um sanduíche de presunto e como não sabia o que um vegetariano não praticante comia, escolheu para o Gabrielle um de peru, mas em pão integral, muito integral.

— Quando liguei a minha irmã Sherry ontem à noite e lhe contei que me tinha encontrado contigo me disse que acreditava que era tira. É verdade? — perguntou enquanto cortava as fatias de pão e colocava um montão de carne em cada uma.

— Sou detetive da brigada anti-roubo.

— Não me surpreende. Sherry me disse que você gostava de revistá-la de cima abaixo no nono grau.

— Acreditava que era no décimo.

— Não. — Envolveu os sanduíches e os meteu em uma bolsa de papel — Quer salada ou batatas fritas?

Joe deu um passo atrás e olhou o comprido expositor cheio de diferentes tipos de saladas e sobremesas.

— O que me recomenda?

— Tudo. Fiz esta manhã. O que te parece bolo de queijo?

— Não sei. — Tirou uma nota de vinte da carteira e o deu — Sou bastante suscetível com o bolo de queijo.

— Vamos fazer um trato — disse ela enquanto abria a caixa registradora — Te darei um par de partes e se você gostar, volta amanhã e toma uma xícara de café comigo.

— A que horas?

O sorriso lhe iluminou de novo os olhos e apareceram umas covinhas em suas bochechas.

— Às dez e meia — respondeu enquanto lhe dava a compra.
Ele entrava no trabalho às dez.

— Que seja às nove.

— Certo. — Ela abriu o expositor, cortou duas partes de bolo de queijo e os envolveu em papel encerado — É um encontro.

Tampouco era para tanto. Mas era simpática e obviamente sabia cozinhar. E o certo era que não o olhava como se a única coisa que o salvasse de ter uma meia três - quartos no intestino fosse que acreditava na não violência. Observou-a pôr o bolo e dois garfos de plástico em cima dos sanduíches, depois lhe deu a bolsa.

— Até manhã, Joe.

Talvez Ann fosse justo o que necessitava.

Capítulo 9

Trinta tendas listradas se alinhavam em uma zona do Julia Davis Park perto do cenário. Um grupo de músicos improvisados se sentava com as pernas cruzadas sob um carvalho de imponente altura tamborilando os dedos contra a pele tensa dos bongos. Também havia vários flautistas e um pequeno grupo de nômades tocando diversos instrumentos feitos à mão. Bailarinas descalças com largas saias de gaze giravam com um ritmo hipnótico, enquanto a raça branca da América observava tudo um pouco perplexa.

No Coeur Festival podia comprar desde cristais curativos a livros de artes adivinhatórias.

Podiam te ler o futuro na palma da mão e interpretar suas vidas passadas. Os postos de comida ofereciam mantimentos biológicos

como tacos vegetarianos, vegetais sofritos, vegetais com o Chile e frijoles com molho de amendoim.

A barraca de Gabrielle estava entre a de Mãe Alma, curadora espiritual, e Dom Orgânico, perito em ervas medicinais. O festival era uma mescla de espiritualidade New Age e fins comerciais. Gabrielle tinha se vestido para a ocasião com uma blusa de camponesa branca sem mangas com unicórnios bordados e cós dourados que atava por debaixo dos seios. A saia a jogo era de quadril baixo e se abotoava pelo fronte; tinha-a aberta dos joelhos aos tornozelos. Estava meio-fio com umas sandálias planas de couro feitas à mão. Deixou o cabelo solto, e uns finos aros de ouro penduravam de suas orelhas a jogo com o aro do umbigo. Todo o conjunto recordava a um que tinha levado fazia tempo quando dançava a dança do ventre.

Os óleos essenciais e aromaterapias estavam vendendo melhor do que esperava. Até esse momento, as melhores vendas tinham sido os óleos medicinais seguidos de perto pelos óleos de massagem. Justo em frente da barraca de Gabrielle havia uma mulher meditando e junto a ela, estava à barraca Doug Tano, o hidroterapeuta do cólon.

Infelizmente para Gabrielle, Doug não estava em seu posto, a não ser no dela lhe explicando os benefícios da hidroterapia do cólon. Gabrielle estava muito orgulhosa de ter uma mentalidade **80**

aberta. Considerava-se culta. Entendia e aceitava outras crenças com planos metafísicos diferentes. Apoiava as artes curativas pouco ortodoxas e as terapias alternativas, mas, Senhor, discutir sobre material de refugio era superior a suas forças.

— Deveria vir e fazer uma limpeza — lhe disse enquanto ela colocava os frasquinhos de óleos de banho e produtos de beleza.

— Não acredito que tenha tempo. — Nem tampouco pensava buscá-lo. Considerava que dedicar-se à limpeza de cólon era tão divertido como ser diretora de pompas fúnebres. Um desses trabalhos que obviamente tinha que fazer alguém, mas que agradecia profundamente a seu carma que não lhe houvesse tocado a ela.

— Não pode deixar para mais adiante uma coisa tão importante — disse ele, lhe recordando também um pouco a um diretor de pompas fúnebres. Tinha a voz muito calma, as unhas muito polidas e a pele muito pálida — De verdade, sentir-se-á muito mais ligeira assim que expulse todas essas toxinas.

Ela não pensava comprová-lo pessoalmente.

— Ah, sim? — foi tudo o que conseguiu dizer, depois fingiu grande interesse pelos frascos de aromaterapias — Acredito que tem gente na barraca — disse, tão desesperada por desfazer-se dele que inclusive mentiu a propósito.

— Não, só passam por diante.

Pela extremidade do olho, viu como alguém colocava uma bolsa de papel ao lado dos vaporizadores de cristal.

— Trouxe o almoço — disse uma voz profunda que jamais tivesse pensado que se alegraria de ouvir — Tem fome?

Ela deixou que seu olhar vagasse da imaculada camiseta branca de Joe ao oco de sua garganta bronzeada e, daí, à profunda curva do lábio superior. A sombra de um boné de beisebol vermelho e azul lhe cobria a metade superior do rosto, acentuando as linhas sensuais de sua boca.

Depois de sua conversa com Doug, surpreendeu-a sentir-se faminta.

— Estou morta de fome — respondeu girando para o homem parado a seu lado — Joe, este é Doug Tano. Doug tem uma barraca ali — disse assinalando ao outro lado do corredor enquanto notava as óbvias diferenças entre os dois homens. Doug era uma alma tranquila em contato com sua natureza espiritual. Joe, pelo contrário, irradiava pura energia masculina e era quase tão tranquilizador como uma explosão nuclear.

Joe olhou por cima do ombro, logo centrou a atenção no Doug.

— Hidroterapia do cólon? É a sua?

— Sim. Tenho a consulta na Sexta. Trato a perda de peso, a desintoxicação do corpo, os problemas de digestão e o aumento de níveis de energia. A hidroterapia tem um efeito muito calmante no corpo.

— Jura. E para conseguir todo isso tem que colocar uma mangueira pelo traseiro?

— Bom, isto... — gaguejou Doug — Colocar uma mangueira é uma maneira bastante forte de dizê-lo. Utilizamos um tubo muito suave, maleável...

— Vai ter que parar, amigo — interrompeu Joe levantando uma mão — Estou a ponto de **81**

tomar o almoço e quero desfrutar do presunto.

Doug torceu o gesto em sinal de desaprovação.

— Sabe o que provoca a carne em seu cólon?

— Não — replicou Joe rebuscando dentro da bolsa — Acredito que a única maneira de saber o que acontece com meu cólon é colocando a cabeça no traseiro. E sabe o que? Isso não ocorrerá nunca.

Gabrielle ficou boquiaberta. Isso tinha sido muito rude... inclusive sendo Joe..., mas tremendamente efetivo. Doug se girou e, virtualmente, fugiu a sua barraca. E embora odiasse admiti-lo se sentiu agradecida, inclusive um pouco invejosa.

— Jesus, acreditava que não ia nunca.

— Obrigada, suponho — disse ela — Não deixava de me falar de meu cólon e não sabia como me desfazer dele.

— Isso é porque quer ver o seu traseiro no ar. — Joe lhe agarrou a mão para lhe colocar um sanduíche envolto em papel encerado sobre a palma — E não posso lhe culpar.

Entrou na barraca e se sentou em uma das cadeiras de diretor que ela havia trazido de casa.

Embora não estava totalmente segura, acreditava que Joe acabava de lhe lançar um galanteio.

— Mara passará hoje por aqui para te ajudar? — perguntou ele.

— Virá só um momento. — Gabrielle olhou o sanduíche que lhe tinha dado — Do que é?

— Peru com pão integral.

Ela se sentou na cadeira do lado e o olhou.

— Suponho que não sabe — disse quase em um sussurro — mas no Coeur Festival todos são vegetarianos.

— Acreditava que não era praticante.

— E não sou. — Abriu o papel encerado e contemplou a enorme parte de peru com brotos de soja entre as duas metades de pão. Seu estômago grunhiu e lhe fez água na boca, mas sua consciência a acusou como se fosse uma herege.

Joe lhe golpeou ligeiramente o braço com o cotovelo.

— Vamos. Não direi a ninguém — disse como se fosse Satanás lhe oferecendo o pecado original.

Gabrielle fechou os olhos e afundou os dentes no sanduíche. Já que Joe tinha sido raramente amável e lhe tinha levado o almoço seria uma grosseria por sua parte não comer. Tinha saído de casa sem tomar o café da manhã e era certo que morria de fome. Até esse momento, os vegetais com o Chilli não lhe tinham aberto o apetite. Suspirou e curvou os lábios em um sorriso feliz.

— Faminta?

Ela abriu os olhos.

— Ahã...

Ele cravou os olhos nela desde debaixo do boné, observando-a enquanto mastigava lentamente e tragava.

— Também há bolo de queijo se quiser.

— Comprou-me bolo de queijo? — sentiu-se surpreendida e um pouco emocionada pelo **82**

detalhe.

— Claro. Por que não? — Ele deu de ombros.

— Porque não acreditava que te caísse bem.

O olhar do Joe baixou a sua boca.

— Cai-me bem. — Deu-lhe uma boa dentada ao sanduíche, e logo centrou a atenção ao concorrido parque. Gabrielle agarrou duas garrafas de água de uma pequena geladeira ao lado de sua cadeira e deu uma ao Joe, logo seguiram comendo em agradável silêncio. Surpreendeu-a não sentir a necessidade de encher o silêncio com palavras. Sentia-se bem ao lado de Joe comendo peru sem falar, o que lhe resultou realmente surpreendente.

Tirou as sandálias e cruzou as pernas, observando às pessoas que acontecia diante da barraca. Era uma mescla multicolorida,

desde formais vestidos de Benetton a crentes da New Age, de aposentados amantes do poliéster a loucos pelo Woodstock Wanna que tinham nascido na época da música disco. E, pela primeira vez desde que Joe a tinha abordado no parque não longe de onde se sentavam agora, perguntou-se o que via ele nela quando a olhava. Alguns dos outros vendedores tinham um aspecto do mais extravagante e se perguntou se Joe a incluiria nesse grupo. Como Mãe Alma, que se caracterizava por seus rastas, o piercing do nariz, a túnica brilhante e o tapete de reza. Em realidade, por que deveria lhe importar o que ele pensasse?

Gabrielle se deu por satisfeita com a metade do enorme sanduíche pelo que envolveu a outra metade e o colocou em cima da geladeira.

— Acreditava que hoje não te veria — disse finalmente, rompendo o silêncio — Pensava que estaria na loja, vigiando o Kevin.

— Irei dentro de um momento. — comeu a última parte de sanduíche e o baixou com um gole de água — Kevin não está fazendo nada e embora o fizesse, saberia.

A polícia seguia ao Kevin. Custava-lhe acreditar que o houvesse dito, mas não estava surpresa. Começou a arranhar a etiqueta da garrafa de água e o olhou de esguelha.

— O que vai fazer hoje? Terminar as prateleiras do armazém? — No dia anterior tinha talhado as pranchas e tinha colocado as guias na parede. O único que ficava por fazer era colocar as prateleiras em seu lugar. Não demoraria para acabar.

— Vou pintar primeiro, mas devo estar terminado a última hora. Necessito algo que fazer amanhã.

— O que te parece trocar a bancada da cozinha da parte de trás? Kevin me disse que não lhe importava se a substituía, e um trabalho como esse levaria até na segunda-feira.

— Tenho a esperança de que Kevin dê um passo em falso este fim de semana e que não seja necessário que me apresente na segunda-feira.

Gabrielle ficou paralisada.

— Talvez não devêssemos falar disto. Ainda pensa que Kevin é culpado e eu não.

— De todas as maneiras tampouco quero falar do Kevin neste momento. — Levantou a garrafa de água e tomou outro gole. Quando acabou, lambeu-se uma gota do lábio inferior e disse — Tenho que te fazer umas quantas perguntas importantes.

Deveria ter suspeitado que detrás de tanta amabilidade houvesse um motivo maior.

— Sobre o que?

— Onde conseguiu esse disfarce? O roubou a Barbara Eden de Minha Bela Gênia?

Ela baixou o olhar pela blusa e a barriga nua.

— Essa é uma de suas perguntas importantes?

— Não, só é curiosidade.

Dado que ele não afastava o olhar de seu estômago, não podia intuir o que estava pensando.

— Você não gosta?

— Não disse isso. — Olhou-a no rosto, seus olhos de polícia eram inexpressivos e ela seguia sem ter nem ideia do que ele pensava — depois de ir ontem da loja — continuou — o que contou a sua mãe e a sua tia de mim?

— Disse a verdade. — cruzou-se de braços e observou como mostrava sua habitual cara de desagrado. Olhou-a com o cenho franzido.

— Disselhes que era um policial encoberto?

— Sim, mas não dirão nada — lhe assegurou — Prometeram, além disso, acreditam que estamos juntos por coisa do destino. E são da opinião de que não se pode escapar ao destino. — Tinha tratado de fazer entender a Claire por ativa e por passiva que Joe não era o amante apaixonado de sua visão, que em realidade era um simples detetive com mau gênio. Mas por mais que o tinha explicado, sua mãe tinha seguido em seus treze de que o destino certamente tinha jogado um papel muito importante na vida amorosa de Gabrielle. Depois de tudo, tinha raciocinado Claire, ser revistada, algemada e forçada a exercer de namorada de um policial infiltrado tão viril como Joe não era precisamente um acontecimento

normal, nem sequer no curso universal da coincidência cósmica — Que mais quer saber? — perguntou.

— Vamos ver. Como soube que te seguia a semana passada? E não me conte um montão de tolices sobre vibrações e coisas assim.

— Não sinto vibrações. O que aconteceria se te dissesse que foi por sua aura negra? — perguntou, embora a verdade fosse que não tinha notado sua aura até que a prendeu.

Joe entrecerrou os olhos sob a viseira da boina e Gabrielle decidiu deixar de meter-se com ele.

— Foi fácil. Fuma. Não conheço nenhum corredor que fume um cigarro antes de correr.

Possivelmente um ignorante, mas não um Marlboro.

— Caramba.

— A primeira vez que te vi, estava sob uma árvore, a fumaça te rodeava a cabeça como se fosse um cogumelo atômico.

Joe cruzou os braços com os lábios apertados em uma linha sombria.

— Faz-me um favor? Se alguém te perguntar como descobriu que te vigiava, conte isso da aura negra.

— Por quê? Não quer que o resto dos tiras saibam que foi um cigarro o que te delatou?

— Não, se posso evitar.

Ela inclinou a cabeça e lhe dedicou um sorriso que esperava o pusesse nervoso.

— De acordo, não direi nada, mas me deve uma.

— O que quer?

— Não sei ainda. Pensarei e lhe direi isso.

— Outros colaboradores sempre sabem o que querem.

— E o que querem?

— Normalmente algo ilegal. — Olhou-a aos olhos enquanto dizia

— Como apagar seus antecedentes penais ou olhar para outro lado enquanto fumam um baseado.

— E o faz?

— Não, mas pode tentá-lo. Dar-me-ia uma razão para te revistar de cima abaixo. — Agora tocou a ele sorrir. E o fez. Um sorriso preguiçoso que fez que sentisse mariposas no estômago. Ele baixou o olhar a sua boca, logo a deslizou pelo peitilho de sua blusa — É possível que inclusive me visse obrigado a te despir para te revistar.

Ela ficou sem fôlego.

— Não faria isso!

— É obvio que o faria. — Deslizou o olhar pela fileira de botões, deteve-se no umbigo e logo seguiu descendo pela abertura da saia — Fiz um juramento solene. Meu dever é proteger, servir e revistar a fundo em busca de provas. É meu trabalho.

As mariposas em seu estômago se voltaram ardentes.

Ela nunca tinha sido boa flertando, mas não pôde evitar perguntar: — E é hábil em seu trabalho?

— Muito.

— Parece bastante pretensioso.

— Me deixe te dizer que tomo meus deveres muito a sério.

Gabrielle podia sentir como se estava derretendo e não tinha nada que ver com a temperatura no exterior da barraca.

— Qual deles?

Ele se inclinou para ela para lhe dizer em um tom lhe sussurro que lhe atravessou a pele aumentando a temperatura de seu corpo uns graus mais: — Que te faz ofegar até perder a cabeça, querida.

Ela se levantou rapidamente e se alisou as rugas da saia.

— Tenho que... — Assinalou para frente da barraca, confusa. Seu corpo estava em guerra com sua mente e seu espírito. O desejo lutava por impor-se à razão. Era a anarquia total — Vou A... — dirigiu-se à mesa de óleos de massagem e ordenou desnecessariamente a fileira de frascos azuis. Não queria a anarquia. Que uma emoção preponderasse sobre as demais não era bom. Não, era mau. Muito mau. Não queria que lhe ardesse a pele, nem mariposas no estômago, nem ficar sem fôlego. Não agora. Não em meio do parque. Não com ele.

Várias universitárias se detiveram na mesa e lhe perguntaram sobre os óleos. Ela respondeu, lhes explicando as propriedades, enquanto tratava de fingir que não sentia a presença do Joe tão intensamente que parecia que a estava tocando. Vendeu dois frascos de essência de jasmim e notou que ele se detinha suas costas.

— Quer que te deixe o bolo de queijo?

Ela negou com a cabeça.

— Colocarei na geladeira da loja.

Acreditou que logo ele iria, mas não o fez. Em vez disso lhe deslizou uma mão ao redor da cintura, pelo estômago nu e a apertou contra seu peito. Gabrielle ficou gelada.

Joe escondeu o rosto entre seu cabelo para lhe dizer ao ouvido: — Vê esse cara com uma jaqueta vermelha e calças curtas verdes?

Ela olhou ao outro lado do corredor, na barraca de Mãe Alma. O homem em questão parecia igual a outros muitos do festival. Limpo. Normal.

— Sim.

— Esse é Ray Klotz. Tem uma loja de artigos de segunda mão na rua principal. Prendi-o no ano passado por comprar e vender vídeos roubados. — Estendeu os dedos sobre seu abdômen e o polegar acariciou o nó da blusa sob os seios — Ray e eu nos conhecemos faz tempo e seria melhor que não me visse contigo.

Ela tratou de pensar a pesar do roce de seus dedos contra sua pele nua, mas o encontrou difícil.

— Por quê? Acredita que conhece o Kevin?

— Provavelmente.

Ela se voltou para ele e, ao estar descalça, o cocuruto ficou justo debaixo da viseira do boné.

Joe lhe deslizou os braços pelas costas e a atraiu para seu corpo até que os seios lhe roçaram o peito.

— Tem certeza de que se lembrará de você?

Ele deslizou a mão livre por seu braço até o cotovelo.

— Quando trabalhava para narcóticos o prendi por posse de drogas. Tive que lhe colocar os dedos na garganta para lhe fazer

vomitaram as camisinhas cheias de cocaína que engoliu — disse, com seus dedos lhe acariciando as costas de cima abaixo.

— Ah — sussurrou — Isso é asqueroso.

— Era a prova — sussurrou contra sua boca — Não podia deixar que se saísse com a sua e destruísse minha prova.

Com ele tão perto, cheirando sua pele, com o timbre profundo de sua voz lhe enchendo a cabeça, o que dizia soava quase razoável, como se tudo isso fosse normal. Como se a cálida palma de sua mão sobre a pele nua de Gabrielle não tivesse nenhum efeito sobre ele.

— Foi?

— Não.

Olhou-o nos olhos e perguntou:

— O que pensa fazer?

Em lugar de responder, retrocedeu para a sombra da barraca arrastando-a com ele. Depois levantou o olhar de seu cabelo.

— O que vou fazer sobre o que?

— Sobre o Ray.

— Já vai passar. — Ele escrutinou seus olhos e seus dedos lhe acariciaram a pele das costas **86**

— Se te beijar, tomará como algo pessoal?

— Sim. E você?

— Não. — Ele sacudiu a cabeça e seus lábios acariciaram os dela — É meu trabalho.

Ela ficou quieta enquanto sentia o muro quente e sólido de seu peito.

— Me beijar é seu trabalho?

— Sim.

— Como é revistar a fundo?

— Ahã.

— Não chamará a atenção do Ray?

— Depende — disse ele contra sua boca — vai gemer?

— Não. — O coração de Joe pulsava com força contra o peito e ela colocou as mãos em seus ombros sentindo os duros músculos abaixo das palmas. Seu equilíbrio espiritual se cambaleou e se

deixou levar pela voragem do desejo que a despojou de qualquer tipo de autocontrole — Você vai gemer?

— Poderia — brandamente a beijou na boca, logo disse — sabe muito bem, Gabrielle Breedlove.

Ela teve que recordar-se que o homem que a envolvia entre seus braços era um autêntico troglodita. Não era o companheiro de sua alma. Nem sequer se aproximava. Mas sabia bem.

Amoldou sua boca à sua e deslizou a língua em seu interior. Ela não gemeu, mas quis fazê-lo.

Curvou os dedos sobre a camiseta e a pele, aferrando-se a ele. Joe inclinou a cabeça e aprofundou mais o beijo, deslizando a palma da mão para um lado para acariciar suas costelas nuas e afundando o polegar no umbigo. E quando ela estava a ponto de perder-se no beijo e render-se por completo, ele se tornou para trás e deixou cair às mãos.

— OH, merda — sussurrou ao lado do ouvido esquerdo de Gabrielle.

— Joey, é você?

— O que está fazendo, Joey? — perguntou uma voz de mulher em alguma parte detrás de Gabrielle.

— Parece que está tomando uma garota.

— Com quem?

— Não sabia que tinha namorada. Sabia, mamãe?

— Não. Não me disse nada.

Joe sussurrou no ouvido de Gabrielle.

— Faz tudo o que te diga e com sorte talvez possamos impedir que nos organizem as bodas.

Gabrielle se girou e observou cinco pares de olhos castanhos que lhe devolviam o olhar com óbvio interesse. As mulheres estavam rodeadas por um grupo de meninos sorridentes e não soube se tornar-se a rir ou esconder-se.

— Quem é sua namorada, Joey?

Olhou-o por cima do ombro. Joey? Profundos sulcos rodeavam sua boca, enquanto um estranho déjà vu lhe arrepiava o pelo dos braços. Só que esta vez não era ele quem conhecia sua família. Era

ela a que conhecia a dele. Se Gabrielle acreditasse no destino, poderia pensar que sua **87**

mãe estava certa, isto era muito para ser uma coincidência cósmica. Não, não acreditava no destino, mas era incapaz de encontrar outra explicação às estranhas voltas que dava sua vida desde que tinha conhecido ao Joe.

Finalmente, Joe suspirou com resignação e fez as apresentações.

— Gabrielle — começou — esta é minha mãe, Joyce. — Apontou para uma mulher maior que levava uma camiseta com a cabeça da Betty Boop sobre o corpo do Rambo. Na fita da cabeça da Betty estava escrito Rambo Boop — Estas são minhas irmãs, Penny, Tammy, Tanya e Debby.

— Eu também estou, tio Joey.

— E eu.

— E estes são a maioria de meus sobrinhos e sobrinhas — disse, assinalando-os um a um com o dedo indicador — Eric, Tiffany, Sara, Jeremy, Little Pete e Christy. Há quatro mais em algum lugar.

— Estão ou na alameda ou na pista de basquete — esclareceu uma de suas irmãs.

Gabrielle olhou ao Joe, e de novo a sua família. Havia mais? O grupo ante ela era bastante entristecedor.

— Quantos são em total?

— Tenho cinco filhos — respondeu Joyce — E dez netos. É obvio isso mudará quando Joey se case e me dê algum mais. —

aproximou-se e olhou a mesa cheia de frasquinhos — O que são?

— Gabrielle faz algum tipo de óleos — respondeu Joe.

— Faço óleos essenciais e aromaterapias — corrigiu ela — Os vendo em minha loja.

— Onde está sua loja?

— É difícil de encontrar — repôs Joe antes que ela pudesse abrir a boca, quase como se temesse o que pudesse dizer.

Uma de suas irmãs agarrou um frasco de gengibre e madeira de cedro.

— É afrodisíaco?

Gabrielle sorriu. Era o momento de que ela convidasse o carma do detetive Shanahan a provar sua própria medicina.

— Alguns de meus óleos de massagem têm propriedades afrodisíacas. O que tem na mão deixa louco ao Joe. — Passou-lhe o braço ao redor da cintura e o atraiu para ela. Esta vez, para variar, seria ela quem desfrutaria enormemente fazendo-o enfurecer — Não é verdade..., fofura?

Joe entreabriu os olhos e ela esboçou um amplo sorriso.

Sua irmã deixou o frasquinho e piscou um olho ao Joe.

— Quanto faz que se conhecem?

— Uns dias — disse ele lhe dando um leve puxão no cabelo, o qual, supôs ela, era para lhe recordar que o deixasse falar.

Suas irmãs os olharam alternativamente.

— Parece mais que uns dias. Deu-me a impressão de que era um beijo sério. Não lhes pareceu um beijo sério, garotas?

Todas suas irmãs assentiram com a cabeça enfaticamente.

— Parecia como se estivesse tratando de comer-lhe inteira. Diria que é um beijo que um **88**

homem dá pelo menos depois de três semanas. Definitivamente mais que uns dias.

Gabrielle apoiou a cabeça no ombro do Joe e confiou: — Bom, pode ser que nos tenhamos conhecido em outra vida.

As mulheres de sua família a olharam fixamente.

— Está brincando. — lhes assegurou ele.

— Ah!

— Quando foi em casa o outro dia — começou sua mãe — não mencionou que tivesse namorada. Não nos contou nada.

— Gabrielle é simplesmente uma amiga — informou Joe a sua família. Deu-lhe outro leve puxão no cabelo — Não é mesmo?

Ela se recostou contra ele e deliberadamente pôs os olhos em branco para dizer: — OH, sim. Claro que sim.

Franzindo o cenho, ele advertiu às mulheres na sua frente: — Que não tenham ideias.

— Ideia sobre o que? — perguntou uma de suas irmãs abrindo muito os olhos.

— Sobre me casar logo.

— Tem trinta e cinco anos.

— Pelo menos gosta das garotas. Ficamos preocupadas que pudesse ser gay.

— Costumava usar os saltos vermelhos da mamãe e fingir que era Dorothy no Mago de Oz.

— Lembrança que saltou o muro e tiveram que lhe dar pontos na frente.

— Estava histérico.

— Merda, tinha cinco anos. — Ele apertou os dentes — E foram vocês as que me fizeram disfarçar de Dorothy.

— Mas você adorava.

— Garotas, estão envergonhando seu irmão — admoestou Joyce.

Gabrielle tirou o braço de Joe da cintura e apoiou o pulso sobre seu ombro. Sob sua pele bronzeada, suas bochechas estavam suspeitosamente vermelhas, por isso Gabrielle tentou não rir.

— E agora que já não põe saltos vermelhos, é um bom partido?

— Agora já não tem que matar ninguém — acrescentou uma de suas irmãs.

— É um tipo genial.

— Adora as crianças.

— E os mascotes.

— É realmente bom com seu louro.

— E muito hábil com as ferramentas.

Como se tanto louvor não pudesse ficar impune, uma das irmãs se enfrentou às demais e sacudiu a cabeça.

— Não, não é. Lembram quando agarrou meu pulso, Paula, para tentar dar os primeiros passinhos?

— É verdade. Jamais consegui voltar a lhe pôr a perna. Sempre caía de lado.

— É verdade, Paula nunca voltou a dar passinhos.

— Bom — disse uma irmã por cima do resto, recordando às outras que tinham que falar bem do Joe — lava a própria roupa.

— É certo, e já não desbota as meias três - quartos.

— ganha o salário honestamente.

— E ele...

— Tenho todos os dentes — interrompeu Joe, debulhando as palavras — Não me cai o cabelo e ainda posso me pôr duro se me proponho a isso.

— Joseph Andrew Shanahan — disse sua mãe escandalizada ao tempo que cobria as orelhas do menino mais próximo.

— Não têm a outra pessoa a quem chatear? — perguntou.

— Melhor irmos. Já se zangou. — Como se suas irmãs não queriam pôr em evidência seu mau caráter, reuniram rapidamente as crianças e se atropelaram mutuamente ao dizer adeus.

— Encantada de lhes conhecer — disse Gabrielle pouco antes que entrassem no parque.

— Diga ao Joe que te traga para jantar a semana que vem — disse Joyce antes que desse a volta para partir.

— O que foi tudo isso? — perguntou Joe — Estava me fazendo pagar pelo de ontem?

Ela deixou cair à mão de seu ombro e se balançou sobre os calcanhares.

— Ah, pode ser que um pouco.

— Como se sente?

— Odeio admitir, mas muito bem, Joe. De fato, nunca pensei que a vingança seria tão doce.

— Bom, desfruta enquanto possa — voltou a sorrir — Mas quem ri por último, ri melhor.

Capítulo 10

Joe observou como sua mãe e suas irmãs desapareciam rapidamente entre a gente e franziu o cenho. Tinham desistido muito rápido. Normalmente quando ele se zangava atiravam a matar.

Não sabia por que não tinham contado mais histórias de quando eram pequenos, mas suspeitava que tivesse a ver com a mulher que tinha ao lado. Sua família acreditava, obviamente, que Gabrielle era sua namorada de verdade sem importar o que dissesse; a situação em que os tinham encontrado um momento antes fazia que, ante seus olhos, tudo parecesse real. O que não deixava de lhe assombrar; acreditava que simplesmente jogando uma olhada em Gabrielle seria suficiente para convencer a sua família de que não era seu tipo de mulher.

Percorreu-a com o olhar: o belo rosto, o cabelo alvoroçado e o estômago nu e suave, que o fazia querer cair de joelhos e apertar sua boca aberta contra o ventre plano. Vestia um conjunto provocador que delineava seu precioso corpo, um conjunto que suas mãos não teriam nenhum problema em fazer migalhas. Perguntou se o tinha posto simplesmente com intenção de voltá-lo louco.

— Tem uma família agradável.

— Não são agradáveis. — Ele sacudiu a cabeça — Minhas irmãs lhe fizeram acreditar que são se por acaso te converte em sua cunhada.

— Eu?

— Não se sinta adulada. São felizes desde que tenha perto uma mulher. Por que acredita que disseram todas essas coisas de que sou carinhoso com as crianças e os mascotes?

— Ah! — Gabrielle abriu seus grandes olhos verdes com surpresa — Falavam de você?

Menos pela parte humorística, não sabia a quem se referiam.

Ele agarrou a bolsa de papel que havia trazido do bar.

— Seja boazinha ou direi ao Doug que quer que limpe o cólon.

A risada suave que surgiu de seus lábios o agarrou por surpresa. Nunca tinha ouvido antes uma risada genuína e o som feminino foi tão doce e prazeroso que provocou que seus próprios lábios se curvassem em um sorriso inesperado.

— Te vejo amanhã pela manhã.

— Aqui estarei.

Joe girou e abriu caminho entre a multidão do festival até o lugar onde tinha estacionado o carro. Se não tomava cuidado, ele acabaria por gostar dela mais do que deveria. Veria como muito mais que um meio para conseguir um fim e não podia permitir que ela se convertesse em algo mais que sua colaboradora. Não podia permitir o luxo de vê-la como uma mulher desejável, alguém a quem queria ter nua para percorrer com a língua. De maneira nenhuma podia permitir-se danificar aquele caso mais do que já estava.

Seu olhar percorreu a multidão, procurando inconscientemente aos drogados: viciados no crack, fumantes de maconha de olhos

inchados ou viciado em cocaína, nervosos procurando sua próxima dose. Todos pensavam que tinham o controle, que controlavam o vício quando estava claro que era ao reverso. Fazia quase um ano que não trabalhava na narcóticos, mas havia momentos - especialmente quando estava no meio de gente-que ainda olhava o mundo através dos olhos de um agente de narcóticos. Era para o que tinha sido treinado, e se perguntou durante quanto tempo pesaria sobre ele o adestramento que tinha recebido. Sabia de policiais de homicídios que levavam dez anos afastados e ainda olhavam às pessoas como se fossem vítimas ou assassinos em potencial.

O Chevy Caprice cor bege estava estacionado em uma rua lateral ao lado da biblioteca pública de Boise. Sentou-se depois do volante do carro patrulha camuflado e esperou antes de incorporar-se ao tráfico. Pensou no sorriso de Gabrielle, no sabor de sua boca, na textura de sua pele sob as palmas de suas mãos e na suave coxa que tinha vislumbrado pela abertura do vestido.

O peso do desejo atirou de sua virilha e tentou não pensar mais nela. Inclusive embora não fosse tão rara, era um problema. O tipo de problema que lhe faria chutar as ruas em um carro patrulha.

O tipo de problema que não necessitava quando logo que tinha sobrevivido à última investigação de assuntos internos. Não queria passar por aquilo outra vez. Não valia a pena. De maneira nenhuma.

Fazia menos de um ano, mas sabia que nunca esqueceria a investigação judicial do Departamento de Justiça, as entrevistas e por que se viu forçado a responder a suas perguntas.

Nunca esqueceria como teve que perseguir o Robby Martin até um beco escuro, a explosão de fogo alaranjado da pistola do Robby e seus próprios disparos em resposta. Durante o resto de sua vida recordaria o que era fazer naquele beco sentindo o tato frio da Colt 45 na mão; recordaria o silencioso ar da noite quebrado pelas sereias, e o brilho das luzes brancas, vermelhas e azuis aparecendo entre as árvores e as casas. O cálido sangue que saía pelo orifício da coxa e o corpo imóvel do Robby Martin a cinco metros. Seus tênis Nike brancos ressaltavam na escuridão. Nunca esqueceria os amalucados pensamentos que se atropelaram em sua mente quando tinha gritado ao menino que já não podia lhe ouvir.

Não foi até muito mais tarde, na cama do hospital -com a perna imobilizada por uma braçadeira de metal que parecia o brinquedo de um menino-, enquanto sua mãe e suas irmãs choravam sobre seu pescoço e seu pai o observava dos pés da cama, que começou a lhe dar voltas a todo o acontecido, repassando mentalmente todos seus movimentos.

Talvez não devesse ter açoitado o Robby até aquele beco. Talvez devesse ter deixado que escapasse. Sabia onde vivia o menino, possivelmente deveria ter esperado reforços e ir diretamente para sua casa.

Possivelmente, mas seu trabalho era perseguir os maus. A comunidade queria as drogas fora das ruas, não?

Bom, em teoria.

Se o nome de Robby tivesse sido Roberto Rodríguez, ninguém, salvo à família do menino, tivesse-lhe importado. Nem sequer teria sido notícia, mas Robby tinha todo o aspecto de um jovem promissor. Um menino típico dos Estados Unidos. Um menino

caucasiano típico dos Estados Unidos com dentes perfeitos e um sorriso angélico. A manhã depois do tiroteio, o Idaho Statesman tinha publicado uma foto do Robby Martin em primeira página. Seu cabelo tão claro como o de um surfista e seus grandes olhos azuis olharam aos leitores sobre seu café matutino.

E os leitores viram esse rosto e começaram a se perguntar se tinha sido necessário que o agente infiltrado disparasse para matar. Não importava que Robby tivesse fugido da polícia, nem que tivesse disparado primeiro ou que tivesse um comprido histórico por abuso de drogas. Em uma cidade no auge -uma cidade que tendia a atribuir todos seus problemas ao fluxo de estrangeiros e gente de outros estados-, um camelo de dezenove anos de colheita própria nascido em um hospital do centro, não coincidia absolutamente com a imagem que os cidadãos tinham de si mesmos e de sua cidade.

Portanto, questionaram ao corpo de polícia. Se perguntaram se ao Departamento de Polícia não lhe faria falta uma inspeção de assuntos internos e se tinham entre eles a um policial renegado ao que gostava de matar a seus jovens.

O chefe de polícia tinha aparecido nas notícias locais recordando o histórico delitivo do Robby. Toxicologia tinha encontrado rastros significativos de metadona e maconha em seu sangue. O Departamento de Justiça e assuntos internos tinham limpado o nome de Joe e tinham determinado que o uso da arma tivesse sido necessário. Entretanto, a gente seguia lhe dando voltas ao assunto cada vez que a foto do Robby aparecia nos jornais ou saía na televisão.

Joe se tinha visto obrigado a ir ao psicólogo da polícia, mas lhe havia dito pouca coisa. O que **92**

podia dizer em realidade? Ele tinha matado a um menino que nem sequer era homem. Tinha acabado com sua vida. Tinha justificação; viu-se forçado a fazê-lo. Tinha sabor de ciência certa que teria sido ele quem tivesse morrido se Robby tivesse pontaria melhor. Não tinha outra opção.

Isso é o que havia dito a si mesmo. Isso é o que tinha tido que acreditar.

Depois de passar-se dois meses encerrado em casa sem poder fazer nada e quatro meses mais de fisioterapia intensa, Joe obteve alta, preparado para voltar para o trabalho. Mas não na narcóticos, a não ser à brigada alarmes anti-roubo. Assim era como o tinham chamado, um translado. Ele, em troca, chamava-o degradação, como se o tivessem castigado por cumprir com seu trabalho.

Estacionou o Caprice a meia quadra do Anomaly. Agarrou uma lata de pintura e uma bolsa cheia de pincéis e paus de macarrão. Apesar de seu translado nunca considerou um engano o acontecido com o Robby naquele beco. Era triste e desafortunado, algo sobre o que não queria pensar — sobre o que se negava a falar — mas não um engano.

Não como Gabrielle Breedlove. Isso sim tinha sido um fodido engano. Tinha-a subestimado a base de bem. Quem tivesse imaginado que se tiraria de entre as mãos um plano tão desastroso para lhe atrair ao parque com uma velha Derringer e uma lata de spray?

Joe entrou na loja pela porta de atrás e deixou a pintura e a bolsa com os materiais sobre o balcão ao lado da pia. Mara Paglino estava no outro extremo do balcão desempacotando a mercadoria da loja que tinha recebido no dia anterior. Não pareciam ser antiguidades.

— O que é isso?

— Gabrielle pediu algumas peças de cristal Baccarat. — Seus olhos castanhos o olharam intensamente. Frisou seu grosso cabelo negro e pintou os lábios de cor vermelha brilhante.

Do momento em que a tinha visto tinha sido consciente de que ela podia se apaixonar por ele. Seguiu-o a todas as partes e se oferecia para lhe levar algo. Embora fosse adulator, a maior parte do tempo se sentia incômodo. Era só um ano ou dois mais que Tiffany, sua sobrinha, e Joe não estava interessado nas garotas dessa idade. Gostava das mulheres. Mulheres totalmente desenvolvidas às que não tinha que ensinar o que fazer com as mãos e a boca. Mulheres que sabiam como mover seu corpo para criar a fricção adequada.

— Quer me ajudar? — perguntou ela.

Ele tirou um pincel da bolsa.

— Acreditava — disse — que iria ao parque ajudar Gabrielle.

— Ia, mas Kevin me disse que tinha que desempacotar todo este cristal e tirar do meio do caminho se por acaso você quisesse começar com a bancada da cozinha hoje.

Suas habilidades em carpintaria não se estendiam até o ponto de substituir bancadas.

— Não começarei até a semana que vem. — Na realidade esperava não ter que preocupar-se com isso a semana seguinte — Kevin está no escritório?

— Não voltou ainda do almoço.

— Quem está atendendo a loja?

— Ninguém, mas ouvirei o sino quando entrar um cliente.

Joe agarrou um pincel e a tinta, e foi ao pequeno armazém. Esta era a parte do trabalho **93**

disfarçado que lhe punha nervoso, esperar que o suspeito fizesse o seguinte movimento.

Entretanto, supunha que trabalhar dentro da loja era melhor que estar sentado fora em um carro camuflado e engordando a base de cachorros quentes. Era algo melhor, mas não muito.

Cobriu o chão com um tecido velho e apoiou contra a parede as guias para as prateleiras que havia feito no dia anterior. Mara o seguiu como um cachorro mulherengo e conversou sem parar sobre os tipos imaturos da universidade com os que tinha saído. Foi quando soou o sino, mas reapareceu pouco depois para lhe recordar que estava disponível para um homem mais velho.

Quando Kevin retornou, Joe acabava de terminar de pintar as duas prateleiras e se dispunha a pintar as paredes do armazém. Kevin recriminou Mara com o olhar e a enviou a ajudar Gabrielle, deixando-os sozinhos.

— Acredito que anda atrás de você — lhe disse Kevin enquanto Mara lhe dedicava um último olhar sobre o ombro e saía pela porta.

— Bom, pode ser. — Joe levou uma mão ao ombro contrário para esfregar-lhe e logo estirou o braço sobre a cabeça. Odiava admiti-lo, mas lhe doíam os músculos. Mantinha-se em forma, assim não era

pela falta de exercício. Só havia outra explicação. Estava ficando velho.

— Gabrielle te paga o suficiente para trabalhar com músculos doloridos? — Kevin vestia um traje de marca. Em uma mão levava a bolsa de uma loja de roupas de festa e na outra uma bolsa com roupa interior feminina da loja que havia rua abaixo.

— Paga o suficiente. — Deixou cair os braços — O dinheiro não é tudo.

— Então nunca foi pobre. Eu sim, amigo, e isso lhe marca. Influencia durante o resto de sua vida.

— Acredita nisso?

— As pessoas te julgam pela marca da camisa e o brilho dos sapatos. O dinheiro sim é tudo.

Sem ele acreditam que é lixo. E as mulheres, esqueça. Não tem nada que fazer com elas. E ponto.

Joe se sentou em cima do baú e cruzou os braços.

— Depende de que classe de mulheres esteja tratando de impressionar.

— Só às de classe alta. As mulheres que conhecem a diferença entre um Toyota e um Mercedes.

— Ah. — Joe recostou a cabeça contra a parede e olhou ao homem ante ele — Essas mulheres custam dinheiro de verdade e em efetivo. Tem essa quantidade de dinheiro?

— Sim, e se não tenho, sei como consegui-lo. Sei como conseguir as coisas que quero.

“Bingo.”

— Como faz?

Kevin só sorriu e negou com a cabeça.

— Não acreditaria embora lhe contasse isso.

— Prova — insistiu Joe.

— Temo que não possa.

— Investe na bolsa?

— Invisto em mim, Kevin Carter, e isso é tudo o que penso te dizer.

Joe sabia quando deixar de pressionar.

— O que leva na bolsa? — perguntou assinalando a mão do Kevin.

— Celebro a festa de aniversário de minha namorada, China.

— Sério? É China seu nome real ou seu sobrenome?

— Nem o um nem o outro — riu Kevin entre dentes — Mas prefere esse nome ao dela, Sandy. Mencionei a festa para Gabi esta manhã quando passei pela barraca. Disseme que tinham outros planos.

Joe acreditava que tinha deixado bem claro a Gabrielle que tinha que deixar de entorpecer a investigação. Obviamente, ia ter que falar com ela outra vez.

— Acredito que poderemos passar um momento pela festa.

— Tem certeza? Parecia disposta a passar à tarde em casa.

Normalmente, Joe não era o tipo de cara que se sentava a falar de mulheres com outro homem. Mas isto era diferente, era seu trabalho e sabia como fazê-lo. Inclinou-se para diante ligeiramente como se compartilhasse um segredo.

— Bom, aqui entre nós, Gabrielle é uma ninfomaníaca.

— Sério? Sempre acreditei que era algo puritana.

— Só parece. — reclinou-se e sorriu abertamente como se ele e Kevin pertencessem à mesma irmandade — Mas acredito que posso mantê-la a distancia umas quantas horas. A que horas é a festa?

— As oito — lhe replicou Kevin encaminhando-se ao escritório.

Joe ficou ali pintando durante as duas horas seguintes. Pela tarde, depois de fechar Anomaly, foi até a delegacia de polícia e repassou o relatório diário do roubo Hillard. Não havia muita informação nova desde essa manhã. Kevin tinha se encontrado com uma mulher sem identificar para almoçar em um restaurante do

centro da cidade. Tinha comprado coisas para a festa no Circle K e no Big Gulp. Coisas excitantes.

Joe informou da conversa com o Kevin e lhe fez ter sabor do Luchetti que tinha sido convidado à festa que dava em sua casa. Logo agarrou um montão de papelada de escritório e foi para casa com o Sam.

Para jantar, fez costelas à churrasqueira e comeu a salada de massa que sua irmã Debby lhe tinha deixado na geladeira enquanto ele estava trabalhando. Sam estava sobre a mesa ao lado de seu prato e se negava a comer as sementes e as cenouras baby.

- Sam quer do Joe...
- Não pode comer minhas costelas.
- Sam quer do Joe... Braack.
- Não.

Sam piscou com seus olhos negros e amarelos e levantou o pico imitando o timbre do telefone.

— Nem se incomode. — Joe atravessou com o garfo alguns macarrões e se sentiu ridículo falando com seu louro de dois anos — O veterinário diz que tem que comer menos e fazer mais exercício ou adoecerá do fígado.

A ave voou a seu ombro, logo descansou a cabeça coberta de penas contra a orelha de Joe.

— Lorinho bonito.

— Está gordo. — manteve-se firme durante o jantar e não lhe deu de comer, mas quando o louro imitou uma das frases favoritas do Joe do filme do Clint Eastwood, abrandou-se e lhe deu pedacinhos do bolo de queijo de Ann Cameron. Era tão boa como tinha afirmado, assim supunha que lhe devia um café. Tratou de recordar a Ann de menina e lhe veio à imagem de uma garota com óculos sentada sobre um daqueles sofás de veludo verde esmeralda da casa de seus pais, olhando-o fixamente enquanto esperava a sua irmã Sherry. Por então devia ter dez anos, seis menos que ele. A mesma idade de Gabrielle.

Pensar em Gabrielle lhe produziu uma aguda dor de cabeça. Beliscou-se a ponte do nariz e fez um grande esforço mental para resolver o que fazer com ela. Não tinha nem ideia.

Enquanto o sol percorria o vale em seu caminho para o crepúsculo, Joe pôs o Sam no aviário e introduziu a fita do Harry o Sujo no vídeo. Junto ao show do Jerry Springer, "Too Hot For Televisão", era o filme que Sam mais gostava. No passado, tinha tratado de animá-lo a ver algum vídeo do Disney ou "Vila Sésamo", ou qualquer das fitas educativas que tinha comprado. Mas Sam era viciado no Jerry e, como a maioria dos pais com seus filhos, Joe não podia lhe negar nada.

Conduziu para a pequena casa de tijolo através da cidade e estacionou o Bronco junto ao meio-fio. Uma luz rosada resplandecia no alpendre em cima da porta principal. Algumas noites antes, a lâmpada tinha sido verde. Joe se perguntou se a mudança de iluminação teria algum significado, mas supôs que era melhor não perguntar.

Um par de esquilos correram velozmente pela grama e a calçada, e subiram pela casca de um carvalho antigo. A meia altura fizeram uma parada para olhá-lo, com as pontas de suas caudas escondida entre os ramos. Seu falatório inquieto encheu seus ouvidos, como se o acusassem de pretender roubar seu esconderijo. Gostava dos esquilos menos ainda que os gatos.

Joe golpeou a porta de Gabrielle três vezes antes que se abrisse. Estava parada diante dele com uma grande camisa branca que se abotoava por diante. Seus olhos verdes se aumentaram e o rosto lhe pôs da cor do grão.

— Joe! O que faz aqui?

Antes de responder à pergunta, deixou que seu olhar a percorresse, dos cachos acobreados que caíam do acréscimo de sua cabeça à fita com miçangas de cânhamo que tinha atada ao redor do tornozelo. Levava a camisa arregaçada pelos cotovelos e lhe chegava dois centímetros por cima dos joelhos nus. Por isso podia ver, não tinha posto nada mais à exceção das pequenas manchas de pintura que salpicavam a pele e a camisa.

— Preciso falar contigo — disse ele, voltando a olhar suas bochechas cada vez mais tintas.

— Agora? — Ela olhou para outro lado como se a tivesse apanhado fazendo algo ilegal.

— Sim, o que anda fazendo?

— Nada! — Parecia tão culpada como o pecado.

— A outra noite lhe disse que não interferisse na investigação, mas no caso de não me entender, dir-lhe-ei isso de novo. Deixa de proteger ao Kevin.

— Não faço isso. — A luz do interior da casa ficou apanhada em seu cabelo e iluminou a camisa branca desde atrás, lhe perfilando os seios e os magros quadris.

— Rechaçou um convite para ir à festa que dá amanhã a noite. Eu aceitei.

— Não quero ir. Kevin e eu somos amigos e sócios, mas não compartilhamos vida social.

Sempre pensei que era mais conveniente que não nos víssemos fora do trabalho.

— É uma pena. — Joe esperou a que o convidasse a passar, mas não o fez. Em lugar disso se cruzou de braços chamando a atenção sobre a mancha negra de seu peito esquerdo.

— Os amigos do Kevin são superficiais. Não passaremos bem.

— Não vamos passá-lo bem.

— Vai procurar o Monet?

— Sim.

— De acordo, mas nada de beijos.

Ele se balançou sobre os calcanhares e a olhou com os olhos entreabertos. A petição era perfeitamente razoável, mas o irritava mais do que se atrevia a admitir.

— Você disse que não tomasse como algo pessoal.

— E não o faço, mas eu não gosto.

— Você não gosta do que? Me beijar ou tomar como algo pessoal?

— Te beijar.

— Touro, intenso e ardente.

— Está equivocado.

Ele sacudiu a cabeça e disse com um sorriso: — Acredito que não.

Ela suspirou.

— É isso tudo o que queria, detetive?

— Te apanho as oito. — voltou-se para partir, mas parou e a olhou por cima do ombro — E, Gabrielle...

— Sim?

— Ponha algo sexy.

Gabrielle fechou a porta e se recostou contra ela. Sentiu-se aturdida e excitada como se tivesse conjurado ao Joe de algum jeito. Inspirou profundamente e levou uma mão a seu coração desbocado. A aparição do Joe no alpendre justo nesse momento devia ser por alguma classe de sucesso fortuito.

Desde que ele se foi da barraca aquela tarde, Gabrielle havia sentido um entristecedor desejo de lhe pintar outra vez. Esta vez de pé dentro da aura vermelha. Nu. Depois de retornar a casa depois de um bem-sucedido dia no Coeur Festival, tinha entrado imediatamente no estúdio para preparar uma tela. Esboçou e pintou seu rosto e os duros músculos de seu corpo inspirando-se no David de Michelangelo. Acabava de começar a pintar as partes privadas de Joe quando chamou. Tinha aberto a porta e ali estava ele. Durante uns angustiantes segundos tinha temido que de algum jeito soubesse o que estava fazendo. Havia se sentido culpada, exatamente igual a se a tivesse pego olhando-o nu.

Não acreditava no destino. Acreditava na liberdade de escolha, mas não podia ignorar que aquela coincidência lhe tinha posto os cabelos em pé.

Gabrielle se separou da porta e se encaminhou ao estúdio. Estava convencida do que havia dito ao Joe, nada de beijos. Mas embora encontrasse que mentir lhe resultava muito mais fácil que fazia uma semana, não podia mentir a si mesma. Por razões que não podia explicar, estar perto do Joe com o fôlego lhe roçando a bochecha e seus lábios acariciando os seus não era tão desagradável. Não, não era desagradável absolutamente.

Gabrielle acreditava que o amor se devia expressar honesta e abertamente, mas não em um parque abarrotado e muito menos com o detetive Joe Shanahan. Não se importava com ela e lhe tinha deixado completamente claro que considerava que beijá-la era parte de seu trabalho. Tinha pensado em sua reação ao beijo do Joe e tinha chegado à conclusão lógica de que seu contato tinha alterado seus biorritmos e posto todo do reverso. Como um ataque de soluço ou uma interferência na energia vital que conectava corpo, mente e alma.

Se Kevin os descobrisse discutindo outra vez, ou se Joe visse alguém que lhe conhecesse, ia ter que improvisar. Mas nada de estreitar-se contra ele, enchendo os sentidos com o perfume de sua pele. Não mais beijos impessoais que lhe chegavam ao mais fundo e a deixavam sem fôlego. E

de maneira nenhuma pensava usar algo sexy para ele.

Quando à tarde seguinte soou o timbre da porta, Gabrielle acreditava que estava absolutamente preparada para o Joe. Nenhuma surpresa mais. Tinha tudo sob controle e se ele estivesse

usando jeans e uma camiseta, teria conservado a calma. Mas foi lhe jogar um olhar e seu equilíbrio interior se esfumou a algum lugar do cosmos.

Barbeou a sombra de barba que lhe obscurecia as bochechas a última hora da tarde e as maçãs do rosto bronzeadas estavam suaves. Sua camisa era de seda negra e se ajustava perfeitamente ao largo peito e ao estômago plano. Um cinturão rodeava as calças cinza. Em lugar de tênis velhos ou botas de trabalho, usava mocassins. Cheirava maravilhosamente bem e parecia ainda melhor.

Diferente de Joe, Gabrielle não se deu ao trabalho de arrumar-se. Vestiu-se para estar cômoda com uma singela blusa branca e um vestido tipo avental xadrez azul e branco que lhe chegava justo pelo joelho. Usava pouca maquiagem e não tinha tratado de fazer nada diferente com o cabelo, simplesmente o tinha deixado solto e encaracolado para que lhe caísse sobre as costas como sempre. Sua única concessão na moda eram os brincos de prata das orelhas e o anel do dedo do meio da mão direita. Não usava meias e calçava umas sapatilhas de lona. Acreditava que não a poderia considerar sexy sob nenhum conceito.

Ele arqueou uma sobrancelha lhe fazendo saber que isso era o que achava.

— Onde deixou o Totó? — perguntou Joe, referindo-se ao cachorro de Dorothy a protagonista do Mago de Oz.

Tampouco estava tão mal vestida.

— Ouça, não sou eu quem usava os saltos vermelhos da mamãe para saltar muros.

Ele a fulminou com o olhar.

— Tinha cinco anos.

— Isso é o que dizem todos. — Saiu ao alpendre e fechou a porta com a chave — Além disso, Tenho certeza de que é uma festa informal. — Deixou cair às chaves em sua grande bolsa de crochê e se enfrentou a ele. Joe não retrocedeu nem um centímetro e seu braço nu lhe acariciou o peito.

— Duvido. — Joe a pegou pelo cotovelo como se fosse um encontro real e a conduziu ao horrível carro bege que tão bem recordava. A última vez que tinha viajado nele ia algemada no assento traseiro — Conheço o Kevin e duvido que faça nada informal, embora talvez se deixe levar no sexo.

O calor da palma de sua mão se estendeu por seu braço até as pontas dos dedos. Obrigou-se a caminhar serena a seu lado, como se seu contato não a fizesse desejar pôr pés em polvorosa.

Como se em realidade estivesse tão calma e relaxada como Joe. Tratou de ignorar as sensações que lhe faziam suar as palmas das mãos e nem se incomodou em comentar a opinião que Joe tinha do Kevin, porque além disso, o que havia dito se aproximava bastante à verdade. Mas o que fazia Kevin não era nem melhor nem pior que o que faziam outros homens.

— Ontem me deu a impressão de que tinha um Bronco.

— E tenho, mas Kevin pensa que sou um perdedor nato. E quero que continue pensando — disse, e se inclinou para diante para abrir a porta do passageiro. Roçou-lhe outra vez o peito com o braço e ela aspirou profundamente pelo nariz, perguntando-se se sua colônia era uma combinação de cedro e neroli¹⁷ ou tinha algo mais.

— Por que faz isso?

— O que?

— Farejar com o nariz como se cheirasse mal. — Soltou-lhe o cotovelo e ela sentiu que por fim podia relaxar.

— É imaginação sua — lhe disse, e se meteu no carro.

Diferente de Joe o interior do carro cheirava tão horrivelmente mal como o dia que a tinha detido. Como a óleo de motor, mas ao menos os assentos estavam limpos.

O percurso a casa do Kevin levou menos de dez minutos e Joe usou todo esse tempo para lhe recordar o contrato de colaboração que tinha assinado.

— Se Kevin for inocente — disse ele — não necessita sua ajuda. E se for culpado, não pode protegê-lo.

O ar fresco acariciou seus braços e pernas nus. Desejou haver ficado em casa. Desejou ter podido escolher.

Gabrielle tinha ido à casa do Kevin em várias ocasiões, mas nunca se fixou muito nela. A moderna estrutura de dois andares estava situada na ladeira de uma montanha e tinha uma espetacular vista da cidade. O interior estava decorado com mármore, madeira e aço, e parecia tão acolhedor como um museu de arte moderna.

Gabrielle e Joe se aproximaram juntos pela calçada, ombro com ombro, sem tocar-se.

— O que acontece se um dos amigos do Kevin te reconhece? O que fará então?

17 *Óleo similar em aroma ao óleo de Bergamota.*

— Já improvisarei algo.

Isso era exatamente o que temia.

— Como o que?

Joe tocou o timbre da porta e esperaram ali um ao lado do outro, com o olhar na porta.

— Assusta-te estar a sós comigo?

“um pouco.”

— Não.

— Parece preocupada.

— Não estou preocupada.

— Parece como se talvez não confiasse em si mesma.

— Sobre o que?

— Sobre ter as mãos quietas.

Antes que pudesse responder, abriu-se a porta e começou a charada. Joe lhe rodeou os ombros com o braço, o calor de sua mão lhe esquentava a pele através do magro tecido da blusa.

— Perguntava-me se afinal apareceriam. — Kevin deu um passo atrás e entraram. Como sempre, parecia como se acabasse de posar para o GQ.

— Você disse que poderia tirá-la de casa durante umas horas.

Kevin percorreu com o olhar o peitilho do vestido de Gabrielle e enrugou o cenho.

— Gabi, esta é uma imagem nova de você. Interessante.

— Não estou tão mau — se defendeu.

— Não se viver no Kansas. — Kevin fechou a porta e lhe seguiram para a sala de estar.

— Não me pareço com a Dorothy. — Gabrielle percorreu com o olhar o vestido xadrez para certificar-se — Seriamente me pareço

com ela?

Joe a apertou contra seu flanco.

— Não se preocupe, eu te protegerei dos macacos voadores.

Ela o olhou aos olhos, a sua íris cor chocolate e os longos cílios; não eram os macacos voadores o que mais a preocupavam.

— Por que não dá a bolsa ao Kevin para que o guarde em alguma parte?

— Deixarei no dormitório de convidados — propôs Kevin.

— Prefiro levar comigo.

Joe o tirou e o deu ao Kevin.

— Vai te causar uma tendinite.

— A bolsa?

— Nunca se sabe — replicou Joe enquanto Kevin partia com a bolsa.

A sala de estar, a cozinha e o copa compartilhavam o mesmo espaço amplo e a espetacular vista da cidade. Um pequeno grupo de convidados falava no bar enquanto a voz profunda de Mariah Carey enchia a casa com todas as oitavas que conseguia tirar suas cordas vocais. Gabrielle não tinha nada pessoal contra Mariah, mas acreditava que à diva viria bem uma lição de humildade. Passeou o olhar pela estadia, da pele de zebra do respaldo do sofá aos artefatos africanos dispersados pela habitação. Kevin também necessitava uma lição.

Quando seu sócio retornou, apresentou a seus amigos, um grupo de empresários que estavam, por isso Gabrielle pôde apreciar, muito mais preocupados com o estado de suas contas correntes que pelo estado de suas consciências. Joe manteve o braço sobre Gabrielle enquanto saudavam um casal que possuía uma cadeia de cafeterias da moda. Outros vendiam vitaminas, computadores ou propriedades imobiliárias e, aparentemente, faziam-no muito bem. Kevin apresentou a sua namorada, China, embora Gabrielle tivesse jurado que se chamava Sandy à última vez que a viu. Igual a seu nome atual, a mulher era pequena, loira e perfeita, e Gabrielle sentiu um desejo entristecedor de encolher os ombros.

Junto à China se encontrava uma amiga sua igualmente perfeita e pequena, Nancy, que nem sequer fingia estar interessada em nada do que Gabrielle pudesse dizer. Centrava sua atenção no homem que permanecia próximo a ela. Ao olhar de relance, observou que em sua boca se formava um sorriso apreciativo. Seu olhar passeou pelos peitos de Nancy e trocou o peso de um pé a outro. A cálida mão se deslizou do ombro de Gabrielle a suas costas, logo se meteu as mãos nos bolsos das calças e deixou de tocá-la.

Deveria haver-se alegrado. De fato o fez. Só se sentia um pouco deixada de lado e algo mais.

Algo muito parecido a ciúmes que a fazia sentir-se incômoda, mas não podiam ser ciúmes porque (a) Joe não era realmente seu namorado; (b) não lhe importava nada; e (c) não se sentia atraída por homens tão pouco espirituais.

Kevin disse algo que Joe deveria achar extremamente engraçado porque jogou para trás a cabeça e riu, mostrando aqueles dentes tão brancos e a garganta lisa e bronzeada. Apareceram umas

ruguinhas nos contornos de seus olhos e o suave som de sua risada penetrou em Gabrielle para assentar-se em seu peito.

Alguém mais disse algo e todos riram. Exceto Gabrielle. Não acreditava que houvesse nada do que rir. Não, não havia absolutamente nada engraçado na pequena pontada que sentiu sob o esterno, nem no ardente fogo líquido que atravessou suas veias despertando um desejo que encontrou impossível de ignorar.

Capítulo 11

Gabrielle meteu na boca um aspargo e olhou seu relógio de pulso prateado. Eram nove e meia. Parecia bem mais tarde.

— Se não tomar cuidado, Nancy vai te roubar o namorado.

Gabrielle olhou por cima do ombro ao Kevin, logo devolveu o olhar à polícia disfarçado que obviamente tinha esquecido que tinha uma namorada e que supostamente devia estar procurando o Monet do senhor Hillard.

A menos que Nancy ocultasse a pintura debaixo da roupa, Joe não ia encontrar nada falando com ela. Estava de pé, ao outro lado da estadia, com um braço apoiado sobre o bar e um copo meio cheio na mão. Sua cabeça se inclinava para Nancy como se não pudesse suportar perder **101**

nenhuma das fascinantes palavras que saíam dos lábios vermelhos da mulher.

— Não me preocupa. — Gabrielle agarrou um aperitivo de baguette com queijo Brie.

— Pois deveria. Nancy gosta de roubar maridos e namorados.

— Como foi hoje na loja? — perguntou, trocando de tema de propósito e captando a atenção de Kevin.

— Vendemos algumas peças importantes e aquela grande cesta de vime para piquenique.

Em total uns quatrocentos dólares. Suponho que não está mal para ser junho. — Deu de ombros — E você como foi com os óleos?

— Vendi quase tudo. Às duas da tarde só ficavam uns frascos de filtro solar. Assim recolhi e passei o resto do dia em casa pintando e

tirando uma soneca.

Deu uma mordida no aperitivo de baguette, e seu olhar atravessou de novo a habitação.

Agora sorriam um ao outro e se perguntou se Joe estaria marcando um encontro com Nancy para logo. Faziam um bom casal. Nancy não só era miúda, mas também tinha uma imagem pálida e frágil como se necessitasse um homem que a protegesse. Um cara que pudesse segurá-la pelo ombro e salvar de qualquer perigo. Um homem como Joe.

— Tem certeza que não se preocupa com Joe e Nancy?

— Absolutamente. — Para provar-lhe deu as costas, decidida a esquecer do detetive Shanahan. Teria tido êxito se sua risada rouca e profunda não lhe tivesse chegado por cima do ruído da estadia lhe recordando sua posição exata junto ao bar, ao lado da pequena loira do diminuto vestido — Você nunca vai adivinhar quem eu vi hoje? — perguntou ao Kevin, tratando de distrair-se — Esse menino com quem saía o ano passado, Ian Raney. Dá tratamentos Reiki no Healing Center. Tem uma barraca no festival e cura auras.

— Era um pouco estranho. — Kevin riu entre dentes.

— Agora é gay. — Franziu o cenho — Ou talvez já fosse antes e eu não me dava conta.

— Sério? Como sabe que agora é gay?

— Me apresentou a seu amigo Brad. — meteu o resto do aperitivo na boca e logo tomou um gole de vinho branco — E não havia nenhuma dúvida a respeito da orientação sexual de Brad.

— Um pouco de pluma?

— Muita, e sinto dizer isto, mas como pude sair com um gay e não me dar conta? Não dá prá notar?

— Bom, tratou de meter-se na cama contigo?

— Não.

Kevin lhe rodeou os ombros com o braço para lhe dar um apertão reconfortante.

— Aí tem sua resposta.

Ela olhou seus familiares olhos azuis e sentiu que se relaxava um pouco. Tinha tido este tipo de conversas com o Kevin no passado, sentados os dois no escritório em dias com pouco trabalho, com os

pés em cima da mesa, ignorando os mil e um detalhes de dirigir um pequeno negócio enquanto falavam de algo.

— Nem todos os homens são como você.

— Sim, eles são. Mas a maioria deles não serão sinceros se acreditarem que têm a menor **102**

possibilidade de anotar um tanto. Eu o sou porque sei que não tenho nada que fazer contigo.

Riu e tomou outro gole de vinho. Kevin podia ser tão superficial como o resto de seus amigos, mas não era assim com ela. Não sabia como podia dirigir duas personalidades diferentes, embora fizesse. Com ela era sincero, acessível e muito divertido; quase podia conseguir que se esquecesse do homem do outro extremo da estadia ou de por que estava ali.

— Assim só me diz a verdade porque sabe que alguma vez vamos manter relações sexuais?

— Mais ou menos sim.

— Se pensasse que há alguma possibilidade, mentiria?

— Como um cossaco.

— E acredita que todos os homens são como você?

— Absolutamente. Se não me acredita, pergunta a seu namorado. — Deixou cair à mão de seu ombro.

— Me perguntar o que?

Gabrielle se virou e se encontrou sob o atento olhar de Joe. Sentiu um nó no estômago e tentou convencer-se de que era pelo Brie. Não queria nem imaginar que fosse por outra razão que a saborosa comida.

— Nada.

— Gabrielle não acredita que os caras mentem às mulheres para colocá-las em sua cama.

— Disse que não acreditava que o fizessem todos os caras — esclareceu ela.

Joe olhou ao Kevin, logo devolveu o olhar a Gabrielle e deslizou a mão ao oco de suas costas.

— Esta é uma dessas perguntas armadilha, não? Diga o que diga estou fodido.

Um quente estremecimento lhe percorreu as costas e se separou de sua mão. Não queria pensar em como a afetavam o olhar ou o tato de certo homem em particular.

— A verdade é que já está fodido de qualquer maneira. Possivelmente deveria prestar mais atenção a Gabrielle e menos a Nancy — disse Kevin, notando a reação de Gabrielle e interpretando, erroneamente, que eram ciúmes. É obvio que não era.

— Gabrielle sabe que não tem por que preocupar-se de outras mulheres — disse tomando sua taça e colocando-a sobre a mesa — Sinto uma verdadeira fascinação por essa marca que tem no interior da coxa. — Levou a mão a sua boca e lhe deu um beijo nos nódulos — Poderia dizer que me tem obcecado.

Ele cravou os olhos nela por cima da mão. Seus dedos tremeram e Gabrielle tratou de recordar se tinha uma marca em algum lugar, mas não pôde.

— Gosta de algo? — perguntou contra seus nódulos.

— O que? — “estava se referindo realmente a comida?” — Não tenho fome.

— Vamos para casa então?

Ela assentiu com a cabeça lentamente.

— Já vão? — perguntou Kevin.

— Hoje faz um mês que nos conhecemos — esclareceu Joe baixando a mão e abraçando-a com força — Sou um pouco sentimental para estas coisas. Vamos nos despedir e buscar sua bolsa.

— Eu buscarei — ofereceu Kevin.

— Não se incomode, nós fazemos isso — insistiu Joe.

Despedir-se dos amigos do Kevin lhes levou aproximadamente três minutos a maioria dos quais se dedicaram a convencer Nancy de que realmente tinham que partir já. Joe entrelaçou os dedos com os dela e atravessaram a habitação de mãos dadas. Se fossem um casal de verdade, ela poderia ter apoiado a cabeça sobre seu ombro e ele teria tornado ligeiramente o rosto para lhe depositar um beijo suave na bochecha ou sussurrar algo tenro em seu ouvido. Mas não havia nada suave nem tenro em Joe, e não eram casal. Era uma mentira e se perguntou por que ninguém se dava conta.

A cálida sensação de seu contato provocou nela um desejo físico ainda mais ardente, mas esta vez tinha a mente e o espírito sob controle. Em todo caso, afastou a mão e pôs distância entre eles. A verdade, não entendia como Kevin podia estar tão cego.

Kevin olhou as costas de Gabrielle enquanto se afastava com seu namorado. Observou como soltava a mão de Joe e soube que estava molesta por algo. Mas fosse o que fosse, Kevin estava seguro de que seu namorado a faria esquecer. Os tipos como Joe sempre se saíam com a sua.

Podiam ser perdedores e mesmo assim sempre conseguiam o que queriam. Não como Kevin. Se ele queria algo, tinha que tomá-lo.

Deu uma olhada ao redor, a seus jovens e ricos convidados que comiam sua comida, bebiam sua bebida e desfrutavam de sua bela casa. Encheu seu lar de pinturas maravilhosas e antiguidades delicadas. Tinha uma das melhores vista da cidade, mas nada disso tinha sido barato.

Ele tinha trabalhado, embora só olhar a alguém como Joe fizesse que voltasse a ter fome e que em sua cabeça voltasse a rressonar o

velho som de que nada era suficiente, nunca era suficiente.

Suficiente dinheiro ou roupa, suficientes casa espetaculares ou carros velozes. Suficientes mulheres belas para não sentir-se em desvantagem ante qualquer outro cara do planeta. Para não sentir-se invisível. Sua fome interior era insaciável e algumas vezes temia que nada fosse suficiente.

— Me espere aqui — ordenou Joe assim que estiveram fora da vista do Kevin e seus amigos — Se vier alguém, fala alto e não deixe que entre na habitação.

— O que vai fazer? — perguntou Gabrielle enquanto o observava penetrar no interior de uma das habitações. Ele fechou a porta sigilosamente sem responder, deixando-a só no corredor.

Ela permaneceu imóvel, esperando que ele se apressasse, tratando de ouvir por cima do batimento de seu coração. Sentiu-se como uma espiã, embora não muito boa. Tremiam-lhe as mãos e tinha os cabelos arrepiados. Não servia para garota Bond. Em alguma parte da casa uma porta se fechou de repente, e Gabrielle deu um salto como se tivesse metido os dedos em uma tomada. Passou os dedos pelo cabelo e inspirou profundamente para tranquilizar-se. Não houve maneira. Não era a garota dos nervos de aço. Deu uma olhada no relógio e esperou durante os que fossem os cinco minutos mais compridos de sua vida.

Quando Joe apareceu outra vez, mostrava um profundo cenho. Como não parecia feliz, nem pedia reforços nem tirava as algemas, Gabrielle supôs que não tinha encontrado nada. Relaxou um **104**

pouco. Já podiam ir.

Joe lhe deu bruscamente a bolsa, logo atravessou o corredor e se meteu em outro cômodo.

Apenas tinha fechado a porta quando ouviu sua já familiar exclamação.

— Céu Santo!

Gabrielle ficou gelada. Tinha encontrado algo. Entrou com sigilo dentro da sala e fechou a porta atrás dela meio esperando ver o Monet do senhor Hillard pendurado na parede. O que viu foi do mais

chocante. Espelhos. Por toda parte. Nas paredes, dentro do closet e no teto. Havia uma cama redonda no centro da sala coberta com uma colcha de pele de ovelha branca e preta que tinha um grande símbolo oriental no meio. Não havia cômodas nem mesinhas de noite que impedissem a vista dos espelhos. Ao lado da porta em arco que levava a banheiro havia uma pequena mesinha com um jogo de xadrez de marfim em cima. Inclusive a meia habitação de distância, Gabrielle percebeu que o jogo era antigo, oriental e, como era próprio desse estilo, as figuras nuas estavam anatomicamente desproporcionadas. Gabrielle se sentiu como se tivesse entrado em uma habitação da Mansão Playboy. A guarida do Hugh Hefner.

— Olhe este lugar. Faz que te pergunte quanta ação há aqui dentro — disse Joe em um sussurro.

Gabrielle o olhou e logo voltou à vista para cima.

— E quanto gasta de limpa vidros.

Seu olhar encontrou os seus através dos espelhos do teto.

— Bom, isso foi à segunda coisa que pensei.

Ela pendurou a bolsa no ombro e o viu atravessar silenciosamente a habitação, o grosso carpete branco amortecia o som de seus mocassins. Em qualquer lugar que olhasse, via ele. Estava apanhada por seu olhar escuro e as sensuais linhas de sua boca. O perfil de seu nariz reto, e a linha quadrada e teimosa de sua mandíbula. Os cachos de sua nuca e seus largos ombros perfeitamente delineados pela camisa. Seu olhar se deslizou ao longo de suas costas até a cintura das calças, logo ele desapareceu dentro do closet e se encontrou sozinha com sua própria imagem. Olhou sombriamente seu reflexo e se ergueu um pouco mais.

Possivelmente Kevin era um pouco pervertido, pensou recolhendo os cachos detrás da orelha. Mas não era assunto dele. Cobrir o dormitório com espelhos não ia contra a lei. Baixou a mão pelo vestido sem mangas, inclinou a cabeça para um lado e se olhou com olho crítico. Não se parecia com Nancy. Não era miúda, nem loira, nem coquete, e de novo se perguntou o que via Joe nela quando a olhava.

Viu cada um de seus pequenos defeitos multiplicado por mil ao redor da sala e não queria nem imaginar-se como seria observar-se

fazendo amor. Completamente nua. Obviamente Kevin não tinha o mesmo problema e isso já era mais do que ela queria saber dele.

Foi por volta do banheiro passando junto ao jogo de xadrez com essas filas de peões tão bem dotados e completamente eretos. Não se deteve olhar o resto das peças; não precisava saber como eram.

No banheiro havia mais espelhos, uma box de ducha e uma enorme jacuzzi rodeado de mármore. Uma porta trilho levava para um pequeno terraço onde havia outra jacuzzi. Salvo pelos **105**

espelhos, podia imaginar se dando um comprido e relaxante banho acrescentando possivelmente um pouco de ylang-ylang, definitivamente algo de romeiro e um toque de lavanda.

Gabrielle se sentou no bordo do jacuzzi e voltou a olhar o relógio. Se Joe não se apressasse, não sabia como explicariam por que lhes tinha levado tanto tempo recuperar a bolsa. Agarrou a prega da saia e a levantou por cima das coxas, logo há deslizou um pouco mais para cima para ver se realmente tinha uma marca de nascimento. inclinou-se um pouco para diante e viu uma mancha perfeitamente redonda, de uns dois centímetros, justo debaixo do bordo elástico da calcinha. Não era muito visível e se perguntou como era possível que Joe soubesse que estava ali.

— O que faz?

Sobressaltada, levantou a vista para o Joe e baixou bruscamente a saia. Ele baixou as sobancelhas até que formaram uma só linha.

— Olhou minha marca. Como sabia que a tinha?

Ele riu brandamente e se agachou diante do lavabo.

— Sei tudo sobre você — respondeu e começou a revistar o armário do banho.

Abriu a boca para lhe dizer que duvidava que as marcas de nascimento fossem parte de um expediente policial, mas a porta do dormitório se abriu e reconheceu a voz do Kevin.

— O que quer? — perguntava.

Gabrielle ficou sem fôlego e seu olhar encontrou o de Joe no espelho de cima do lavabo. Ele se levantou lentamente e se levou um dedo aos lábios.

A voz feminina que respondeu ao Kevin não pertencia a sua namorada.

— Quero te ensinar algo — respondeu a voz do Nancy.

— O que é? — Houve uma larga pausa antes que Kevin falasse outra vez — Muito bonito — disse.

— China me falou deste quarto. E dos espelhos.

— Quer vê-los?

— Sim.

Joe agarrou a mão de Gabrielle e a levou com ele para a porta trilha.

— Tem certeza? China poderia saber.

— Não me importa.

Houve um som como de roupa que caía sobre o tapete e Kevin disse: — Então vêm aqui e saúda o Senhor Feliz.

Sem fazer nenhum ruído, Gabrielle e Joe saíram ao terraço e fecharam a porta atrás deles.

Uma brisa fresca lhe agitou o cabelo e a saia do vestido. Os últimos raios alaranjados do sol poente atravessavam o céu e as luzes da cidade piscavam do vale debaixo deles. Em qualquer outro momento, Gabrielle se tivesse parado para desfrutar da vista, mas essa noite apenas se fixou. Seu coração pulsava com força, além disso agora sim que tinha muita mais informação sobre Kevin do que desejava ter. Como enganava a sua namorada com seu melhor amigo ou que chamava o seu pênis Senhor Feliz.

— Acredita que Kevin nos ouviu? — perguntou em um sussurro.

Joe caminhou até o corrimão e olhou por cima.

— Não. Parecia bastante ocupado. — endireitou-se e foi para a esquina esquerda da terraço — Podemos saltar daqui.

— Saltar? — Gabrielle se moveu ao lado de Joe e olhou para baixo. A parte traseira da casa do Kevin e todo o terraço estavam em um beiral sobre a ladeira da montanha sustentadas por vários pilares. O chão debaixo deles estava escalonado em uma sucessão de terraços de aproximadamente um metro, reforçadas com pequenas muretas de contenção de concreto armado para impedir a erosão — Quando assinei o acordo, não incluía saltar da terraço do Kevin e quebrar o pescoço.

— Não vai quebrar o pescoço. São só três metros, quando muito três metros e meio. Tudo o que temos que fazer é passar por cima do corrimão, nos desprender pelo bordo e nos deixar cair.

Assim será uma queda de pouco mais de um metro.

Seu ombro roçou o dela ao aparecer um pouco mais. Ele fazia parecer muito fácil.

— A menos que queira saltar o seguinte terraço, então acrescentará metro e meio mais. — Ela olhou seu perfil, banhado pelas primeiras sombras da noite.

— Tem que haver outra opção.

— Claro. Sempre podemos entrar e interromper ao Kevin. Imagino que as coisas se puseram realmente quentes neste momento. — Olhou-a por cima do ombro.

— Possivelmente poderíamos esperar um pouco e logo sair pela casa.

— E o que vai dizer ao Kevin quando perguntar por que levou tanto tempo recuperar sua bolsa? Pensará que estivemos fazendo amor no banheiro todo este tempo.

— Pode ser que não pense isso — disse ela, mas não acreditava.

— Sim, pensará, e teria que te fazer um bom chupão no pescoço e te molhar o cabelo só para me assegurar de que pense justo isso.

— apoiou-se sobre o corrimão — Depende de você.

Mas se saltamos é melhor que o façamos antes que escureça mais. Não quero ficar sem luz. — ergueu-se, olhou-a e sorriu amplamente, como se estivesse passando-o em grande — Preparada?

— perguntou como se não lhe tivesse dado a escolher entre um chupão ou saltar para a morte.

— Não!

— Está assustada?

— Sim! Qualquer pessoa com um pouco de juízo estaria aterrorizada.

Ele sacudiu a cabeça, e passou uma perna e logo a outra sobre o corrimão.

— Não me diga que tem vertigem. — Estava de pé sobre o bordo exterior da terraço de cara a ela agarrado ao corrimão metálico.

— Não. Tenho medo de saltar direto à morte.

— O mais provável é que não morra. — Joe olhou ao chão e depois outra vez a ela — Embora possa quebrar uma perna.

— Isso não me faz sentir melhor.

Seu sorriso se fez mais amplo.

— Era uma brincadeira.

Ela se inclinou um pouco mais para diante e olhou para baixo.

— Não é um bom momento para brincar.

— Tem razão. — Colocou-lhe uma mão sob o queixo para que o olhasse aos olhos — Não deixarei que te aconteça nada, Gabrielle. Não deixarei que se machuque.

Ambos sabiam que não podia prometer tal coisa, mas enquanto olhava seus intensos olhos castanhos, quase acreditou que ele tinha o poder de mantê-la a salvo.

— Confia em mim.

“Confiar nele?” Não lhe ocorria nenhuma só razão pela que deveria confiar nele, mas ali apoiada no corrimão por cima da cidade, olhando a altura do terraço da jacuzzi descobriu que confiava nele.

— Está bem.

— Essa é minha garota — disse ele sorrindo amplamente.

Deslizou as mãos para a parte inferior do corrimão desprendendo-se lentamente até que tudo o que pôde ver dele foram suas grandes mãos. Logo desapareceram também, a seguir ouviu um ruído pesado.

Gabrielle olhou para baixo, à parte superior de sua cabeça e ele elevou a vista para ela.

— Sua vez — disse ele, levantando a voz o justo para que o ouvisse.

Inspirou profundamente. Podia fazê-lo. Podia passar pelo corrimão que estava a três metros do chão e deixar cair confiando que aterrissaria no terraço ilesa. Sem problemas. Passou a correia da bolsa por cima da cabeça e o ombro, e o deslocou para a região lombar. Tentou não pensar que aquele salto podia ser mortal.

— Posso fazê-lo — sussurrou ela e levantou uma perna sobre o corrimão — Estou tranquila.

— Manteve a raia o pânico enquanto passava a outra perna sobre o corrimão. Um golpe de ar inchou a saia enquanto se balançava no bordo do terraço com os calcanhares no ar. A barra metálica estava fria sob suas mãos.

— Isso mesmo — a animou Joe de abaixo.

Sabia que era melhor não olhar por cima do ombro, mas não pôde evitá-lo. Olhou as luzes da cidade debaixo e ficou gelada.

— Venha, Gabrielle. Vamos, querida.

— Joe?

— Estou justo debaixo.

Ela fechou os olhos.

— Estou assustada. Não acredito que possa fazê-lo.

— Claro que pode. É a mesma mulher que me chutou o traseiro no parque. Pode fazer qualquer coisa.

Ela abriu os olhos e olhou abaixo, para o Joe, mas estava escuro; ele ficava oculto pelas sombras da casa e só alcançou a ver seu perfil cinza.

— Se agache um pouco e se agarre à barra da parte inferior.

Lentamente fez o que lhe dizia, até que esteve agachada no bordo com o traseiro pendurando sobre a cidade. Nunca em sua vida tinha estado tão assustada.

— Posso fazê-lo — sussurrou — Estou tranquila.

— Rápido, antes que lhe suem as mãos.

Senhor, não tinha pensado em mãos suarentas até esse momento.

— Não posso te ver. Você me vê?

Sua risada suave chegou até ela que seguia encurvada e obstinada ao corrimão.

— Tenho uma vista excelente dessas calcinhas brancas que usa.

Naquele momento, que Joe Shanahan lhe olhasse debaixo da saia, era o menor de seus problemas. Deslizou um pé fora do terraço.

— Venha, querida — a animou de baixo.

— E se caio?

— Te agarrarei. Prometo, só tem que se deixar cair antes que escureça tanto que deixe de ver as calcinhas.

Lentamente, deslizou o outro pé fora do terraço e ficou completamente desprendida sobre o vazio escuro.

— Joe — gritou ela enquanto seu pé dava contra algo sólido.

— Merda!

— O que era isso?

— Minha cabeça.

— Ah, sinto muito. — Suas mãos fortes lhe agarraram os tornozelos, logo se deslizaram por detrás das panturrilhas até os joelhos.

— Tenho você.

— Tem certeza?

— Pode soltar.

— Tem certeza?

— Sim, se solte.

Ela inspirou profundamente e contou até três, logo soltou a barra. E caiu, deslizando-se dentro do círculo de seus poderosos braços. Apertou-a contra ele e o vestido lhe enrolou em torno da

cintura enquanto seguia descendo por seu peito. Joe deslizou as mãos por suas pernas, segurando as coxas nuas. Gabrielle olhou para baixo, seu rosto escuro a só um centímetro da dela.

— Consegui.

— Sei.

— Tenho a saia enrolada na cintura — disse.

Seus dentes se viram muito brancos quando sorriu.

— Também sei.

Com lentidão, foi soltando até que seus pés tocaram o chão. As palmas das mãos de Joe se detiveram em seu traseiro.

— Não só é bonita, além disso tem um belo traseiro. Eu gosto disso em uma mulher.

Gabrielle podia dizer sinceramente que nunca nenhum homem tinha escolhido aquelas palavras para adúl-la. Normalmente eram fiéis à adulação comum e faziam comentários sobre seus olhos ou suas pernas.

— Estava morta de medo, mas saltou de todos os modos. — Seus cálidas mãos lhe queimaram a pele através da roupa interior — Recorda que ontem à noite me disse que não te beijasse mais?

— Recordo.

— Queria dizer nos lábios?

— É obvio.

Ele baixou a boca e lhe beijou um lado da garganta.

— Isso deixa um montão de lugares muito interessantes — disse, enquanto lhe apertava o traseiro com as mãos.

Gabrielle abriu a boca, mas voltou a fechá-la. O que podia dizer a isso?

— Quer que os encontre agora ou mais tarde?

— Isto... Provavelmente seja melhor mais tarde. — Puxou a bainha da saia, mas Joe tinha o tecido apanhado contra suas costas.

Sua voz era baixa e rouca quando perguntou: — Tem certeza?

Absolutamente. Estava sobre a escalonada ladeira da montanha, com o traseiro ao ar e sem estar completamente segura de não querer estar exatamente ali. Envolta na escuridão, aprisionada contra o sólido peito de Joe.

— Sim.

Ele abaixou a barra do vestido e o alisou sobre a curva de seu traseiro.

— Me avise quando o estiver, certo?

— Farei isso. — afastou-se da tentação de sua voz e do calor de seu abraço — Como está sua cabeça?

— Viverei.

Girou e começou a subir os níveis dos terraços de contenção. Ela olhou ao redor, lhe agarrou a mão e a fez subir detrás dele. Subiram três terraços mais e tudo foi muito fácil.

A noite tinha se tornado realmente fria quando chegaram ao velho Chevy e Gabrielle estava desejando chegar a casa para dar um comprido banho quente. Mas quinze minutos mais tarde se encontrava sentada no sofá bege de Joe, os brilhantes olhos amarelos e negros de seu louro a mantinham imóvel no assento. Joe passeava pela sala de estar de um extremo a outro com o suporte do telefone pendurando de uma mão e o receptor na outra. Falava o suficientemente baixo para que não o ouvisse, logo entrou na copa com o comprido cordão deslizando-se detrás dele.

— Se pergunte. Não acredita que deveria se sentir sortudo?
Responde, filho da puta.

Gabrielle se sobressaltou e devolveu toda sua atenção ao Sam.

— Perdão?

O louro agitou suas asas duas vezes, logo voou ao braço do sofá. Balançou sobre os pés, inclinou a cabeça e a estudou.

— Ah... Polly, quer um biscoitinho? Anda, me alegre o dia.

Supôs que tinha sentido que o louro do Joe imitasse Harry o Sujo. Ficou quieta enquanto a ave andava pelo respaldo do sofá; tinha um aro metálico ao redor de uma pata escamosa.

— Lorinho bonito — disse ela brandamente e olhou em direção ao Joe. Ainda estava na copa lhe dando as costas enquanto apoiava todo seu peso sobre um pé. Sustentava o telefone entre o ombro e a orelha enquanto se massageava o outro ombro com a mão livre. Durante um segundo se perguntou se teria machucado ajudando-a a descer da terraço, mas então Sam deixou escapar um assobio agudo e se esqueceu de Joe. O louro se balançou de um lado a outro e logo subiu ombro de Gabrielle.

— Se comporte.

— Joe — gritou ela, olhando fixamente o bico negro do Sam.

Sam apoiou a cabeça contra sua têmpora e inchando o peito repetiu: — Lorinho bonito.

Gabrielle nunca tinha tido aves ao redor e, nem muitíssimo menos, sobre seu ombro. Não sabia o que fazer ou dizer. Não sabia nada sobre o comportamento dos pássaros, mas tinha claro que não queria que se zangasse. Tinha visto o clássico do Alfred Hitchcock muitas vezes e a imagem do Suzanne Pleshette com os olhos bicados cruzou como um relâmpago por sua mente.

— Lorinho bonito — disse, e olhou desesperada ao outro lado da sala — Socorro.

Joe finalmente a olhou sobre o ombro com seu já habitual semblante carrancudo enquanto seguia falando por telefone. Depois de algumas frases mais, desligou e voltou para a sala de estar.

— Sam, que acredita que está fazendo? — perguntou colocando o telefone na mesinha de café — Desce.

O louro esfregou brandamente a cabeça contra Gabrielle, mas não desceu de seu ombro.

— Vamos, Sam. — Joe se aplaudiu seu próprio ombro — Vêem aqui. — Sam não se moveu, em vez disso baixou a cabeça e tocou com o bico a bochecha de Gabrielle.

— Lorinho bonito.

— Caramba. — Joe fincou as mãos nos quadris e inclinou a cabeça — Gosta de você.

Ela não estava muito convencida.

— Sério? Como sabe?

Colocou-se em frente a ela.

— Acaba de te beijar — disse, logo se inclinou para diante e colocou a mão debaixo dos pés do Sam — Ultimamente esteve com um humor do cão. — Estalou os dedos e com a mão roçou seu peito através do tecido da blusa — Acredito que pensa que encontrou uma namorada.

— Eu?

— Ahã. — Seu olhar baixou a sua boca, logo retornou ao louro — Dá um passado, Sam. Seja um bom pássaro. — Finalmente, Sam obedeceu e saltou sobre a mão do Joe.

— Se comporte.

— Eu? Não sou eu quem andou esfregando a cabeça contra uma garota bonita para beijá-la.

Sei como me comportar. Bom, esta noite ao menos. — Sorriu para Gabrielle e logo levou o louro a enorme jaula situada diante de uma grande janela.

Gabrielle se levantou e o observou acariciar brandamente as plumas do Sam antes de colocá-lo na jaula. O grande tira mal não era tão mau depois de tudo.

— Acredita de verdade que sou sua namorada?

— Provavelmente. Esteve picando papel de jornal e colocando seus brinquedos nele. — Sam saltou sobre um cabide e Joe fechou a porta alambrada — Mas nunca o vi comportar-se como fez contigo. Normalmente tem ciúmes das mulheres que trago para casa e trata de enxotá-las.

— Então suponho que tive sorte — disse ela, perguntando-se quantas mulheres teria levado a casa e por que isso deveria lhe importar.

— Bom, quer dormir contigo. — girou-se e a olhou — Não posso culpá-lo.

Como elogio não era genial, mas por alguma estranha razão as palavras lhe chegaram ao coração e lhe acelerou o pulso.

— É o rei dos galanteios, Shanahan.

Ele sorriu como se soubesse de sobra e lhe indicou a porta.

— Quer que pare em algum lugar no caminho a sua casa? Quer comprar o jantar?

Ela se levantou e o seguiu.

— Tem fome?

— Não, mas pensava que você sim.

— Não, comi antes da festa do Kevin.

— Ah. — Olhou-a por cima do ombro — De acordo.

Durante o percurso a casa de Gabrielle, seus pensamentos voltaram uma e outra vez ao tipo de mulher que Joe levaria a sua casa. Perguntou-se como seriam e se pareceriam com Nancy.

Supunha que sim.

Joe parecia tão distraído como Gabrielle e nenhum dos dois tentou conversar até que estiveram a três quadras da casa de Gabrielle.

— Kevin deu uma festa interessante. — Estava segura de que esse tema daria muito de si.

Ele não a seguiu. Simplesmente soltou uma espécie de grunhido e disse: — Kevin é um estúpido.

Gabrielle se deu por vencida e percorreram o resto do caminho em silêncio. Ele tampouco disse nada enquanto a acompanhava pela calçada nem quando tomou as chaves de sua mão. A luz rosada do alpendre acariciou seu perfil e os cachos suaves por cima de sua orelha enquanto se inclinava para diante e abria a porta. Endireitou-se e moveu seu ombro como se ainda lhe incomodasse.

— Machucou-se me ajudando esta noite? — perguntou.

— Sofri uma tensão em um músculo outro dia movendo as prateleiras da loja, mas sobreviverei.

Ele ficou direito e ela o olhou, seu rosto já tinha outra vez a sombra da barba e a tensão lhe enrugava a frente.

— Posso te dar uma massagem — sugeriu ela rapidamente antes de pensar melhor e trocar de opinião.

— Sabe fazê-lo?

— É óbvio. — Uma imagem de Joe com nada mais que uma toalha cruzou por sua mente e lhe esquentou a boca do estômago — Sou quase profissional.

— Da mesma forma em que é quase vegetariana?

— Está me gozando outra vez? — Ela tinha aulas de massagem e, embora não tinha o título, considerava-se toda uma profissional.

Sua risada ressoou no silêncio da noite e se viu envolta na profundidade do som masculino.

— É óbvio — admitiu sem pinga de vergonha.

Ao menos era honesto.

— Aposto o que quiser que faço que se sintam melhor em menos de vinte minutos.

— O que quer apostar?

— Cinco dólares.

— Cinco dólares? Que sejam dez e trato feito.

Capítulo 12

Joe deu uma olhada à pequena toalha que lhe tinha dado e a pôs sobre o sofá. Gostava da liberdade que proporcionavam os boxers. Gostava que a cueca deixasse lugar a seus meninos, mas não ia tirar para ficar uma toalha e correr o risco de que seus bens mais apreciados se içassem abaixo nela formando uma cabana.

Trocou o peso de pé e apoiou as mãos nos quadris. Diabos, nem sequer deveria estar na sala de estar de Gabrielle. Deveria estar em sua casa dormindo. Tinha uma reunião às oito da manhã para informar sobre as antiguidades roubadas que tinha visto no quarto de hóspedes do Kevin.

Precisava estar descansado e ter a cabeça limpa quando fizesse o relatório para obter a ordem de registro. A redação devia ser clara, concisa e tão difícil de colocar as mãos como a uma virgem no assento traseiro de um carro. Em caso de que não fosse assim corria

o risco de que qualquer prova que contribuísse fosse descartada mais tarde no julgamento. Além disso, tinha que fazer mais coisas essa noite. Por exemplo, a lavanderia, e ligar para Ann Cameron para lhe dizer que não poderiam vê-la pela manhã. Tinha passado pelo bar essa manhã antes de ir trabalhar para tomar o café da manhã com ela. Era uma garota realmente agradável e tinha que anular o encontro.

Entretanto, em vez de fazer qualquer dessas coisas, estava em casa de Gabrielle observando como ela vertia óleo em uma pequena terrina e acendia as velas que tinha colocado no suporte da chaminé e nas mesas de ao redor, quase como se estivesse preparando um sacrifício. Em lugar de partir, inclinou a cabeça e observou o feio vestido sem forma, o que lhe levou a recordar o suave interior de suas coxas. Pôs freio a seus pensamentos e se forçou a retornar da terra da fantasia.

Ela apagou as luzes. Acionou o interruptor ao lado da chaminé e uma chama alaranjada saiu dos respiradouros do gás iluminando as lenhas falsas. Observou como se recolhia o emaranhado cabelo com uma fita e discutiu consigo mesmo se devia lhe contar ou não que o xadrez de marfim do dormitório do Kevin, com aqueles escandalosos peões tão bem dotados, tinha sido roubado de uma casa do River Run no mês anterior.

Desde que a observou descer do terraço, tinha pensado em lhe dizer a verdade. Tinha pensado sobre isso no carro a caminho de sua casa, enquanto falava com o Walker por telefone e **113**

depois de desligar. Tinha pensado nisso enquanto estava parado no alpendre da casa de Gabrielle com as chaves na mão olhando seus cândidos olhos verdes. E seguia pensando nisso ao aceitar que lhe desse uma massagem que sabia, com absoluta certeza, que era uma má ideia.

O capitão não queria que informasse a Gabrielle de nada, mas Joe acreditava que merecia saber a verdade sobre o Kevin e sobre as estantes carregadas até os batentes com muitas das antiguidades que apareciam no arquivo policial.

Até uma hora atrás, Joe teria estado completamente de acordo com o Walker. Mas isso tinha sido antes que ela tivesse montado guarda enquanto ele revistava o quarto de convidados.

Antes que a tivesse olhado aos olhos e lhe tivesse pedido que confiasse nele. Antes que tivesse saltado sobre o corrimão do terraço porque confiava nele. Até uma hora atrás não tinha estado seguro de sua inocência, nem lhe importava. Não era coisa dela. Até agora.

— Montarei a mesa de massagens para que fique cômodo.

— Prefiro me sentar em uma cadeira. Uma das cadeiras da copa estará bem. — Uma cadeira dura e incômoda que não deixasse que relaxasse o suficiente para esquecer que era sua colaboradora e não uma mulher a que queria conhecer em profundidade.

— Tem certeza?

— Sim.

Quando a tinha visto entrar na copa, claramente aterrada, algo tinha mudado dentro dele; tinha trocado sua opinião dela, o que sentia no mais profundo do coração. Ao vê-la agachada sobre sua cabeça lhe mostrando as calcinhas brancas, o coração lhe tinha subido à garganta.

Quando a viu pendurar por cima dele, tinha sabido que o passaria realmente mal se caía e tinha sabido, como havia inferno, que não a deixaria cair. E nesse momento se converteu em muito mais que sua colaboradora, converteu-se em alguém a quem queria manter seguro. Alguém a quem proteger.

Também havia sentido outra coisa. Ao abraçá-la e beijá-la no pescoço, estando já fora de perigo, havia sentido uma aguda opressão no peito. Talvez fosse o que ficava do medo, ou a tensão latente. Sim, talvez, mas fosse o que fosse, não pensava analisá-lo. Em lugar disso preferia centrar sua atenção em Gabrielle que nesse momento arrastava a cadeira de madeira da copa para colocá-la diante da chaminé.

Embora acreditasse que devia saber de Kevin, não podia dizer-lhe porque tudo o que ela pensava se lia no rosto. Tudo o que sentia se refletia em seus olhos. Não podia mentir sem esperar que um raio

a atingisse. Por isso não devia lhe contar nada e, por isso, não devia ficar.

Ele retrocedeu um passo e debateu consigo mesmo se era inteligente deixar que Gabrielle posasse as mãos nele. O debate não durou muito. Ela inclinou a cabeça e o olhou.

— Tire a camisa, Joe — disse, e sua voz fluiu através dele como se fosse o óleo que se esquentava em um pequeno queimador. Supôs que não tinha por que ir-se. Tinha trinta e cinco anos, e sabia controlar-se.

Era uma massagem. Não sexo. Depois de que lhe atingiram tinha recebido massagens de forma regular como parte do tratamento. É obvio, seu massagista tinha cinquenta anos e não se parecia em nada com Gabrielle Breedlove.

Bom, podia ficar. Sempre e quando recordasse que Gabrielle era sua colaboradora e que envolver-se com ela estragaria seu trabalho. E isso não ia ocorrer. De maneira nenhuma.

— Não vai tira a roupa?

— Ficarei com as calças.

Ela negou com a cabeça.

— Preferiria que não o fizesse. O óleo lhe danificará isso.

— Correrei o risco.

— Nem sequer te olharei. — O tom de sua voz e o franzido de seus lábios eram provas mais que suficientes de que pensava que se estava comportando de uma maneira totalmente absurda.

Logo ela levantou a mão direita para fazer um juramento — O prometo.

— Essa toalha é muito pequena.

— OH. — Ela saiu e voltou um momento depois com uma grande toalha de praia. A lançou ao braço do sofá ao lado dele — Serve esta?

— Estupendo.

Gabrielle, fascinada, prestou atenção às mãos de Joe quando tirou a camisa das calças.

Como se fosse um strip-tease de uma lentidão irritante, ele tirou o suficiente do objeto para oferecer um vislumbre da planície de seu estômago e da linha vertical de pelo escuro antes que o tecido lhe cobrisse a cintura de novo. Ela soltou o fôlego que não sabia que estava contendo e subiu o olhar a seu rosto, a esses olhos castanhos que pareciam observá-la. Ele levantou uma mão para agarrar uma dobra da camisa entre os ombros. Logo a passou sobre a cabeça e a lançou ao sofá ao lado da toalha de banho que tinha recusado ficar

antes. Suas mãos começaram a desabotoar a fivela do cinturão e rapidamente ela afastou o olhar.

Centrou a atenção no óleo de amêndoas que tinha vertido em uma pequena terrina amarela e deixou que seguisse esquentando no queimador. Tinha a boca incrivelmente seca e molhada de uma vez. Embora tivesse baixado o olhar para que não a pegasse comendo-lhe com os olhos, tinha tido uma boa visão do pelo encaracolado que cobria os bem definidos músculos do peito, descia pelo esterno e a planície do estômago, e desaparecia sob o cócs da calça. Seus mamilos eram mais escuros do que tinha pintado e o pelo do peito mais suave.

Adicionou três gotas de benjuí e eucalipto ao óleo de amêndoas, logo colocou a terrina e o queimador em uma mesinha ao lado da chaminé. Joe girou a cadeira para pô-la em frente ao fogo e se sentou escarranchado. Apoiou os braços sobre o respaldo e lhe deu de presente a imagem de suas costas. Sua pele se estendia sobre os duros músculos e a linha da coluna, desde seus ombros até a zona lombar, onde tinha um adesivo de nicotina que ficava meio escondido pela grossa toalha branca que rodeava frouxamente seus quadris.

— Não acredita que estou sentado muito perto do fogo? — perguntou ele.

— Se sua pele não estiver quente, seus poros estarão fechados para os benefícios curativos do benjuí e o eucalipto. — ficou ao lado dele e cavou uma mão sobre sua testa enquanto lhe colocava a outra na nuca — Deixa cair um pouco à cabeça — disse, e brandamente lhe apertou os músculos rígidos do pescoço — Conduz toda esta tensão à cabeça. Agora inspira profundamente e contém a respiração até que te diga — o instruiu, enquanto lhe esfregava com o polegar as **115**

vértebras cervicais e o suave cabelo da nuca. Contou até cinco e retirou o polegar — Solta o ar e, com ele, a tensão que sente na cabeça. Libera-a.

— Gabrielle?

— Sim, Joe.

— Não tenho nada na cabeça.

O aroma relaxante de lavanda e gerânio enchia a sala de estar quando ficou detrás dele.

Deslizou as mãos a suas têmporas e as massageou para expulsar a tensão que ele pensava que não tinha.

— Joe, está tão tenso que poderia te romper. — Lentamente lhe colocou os dedos no cabelo a ambos os lados da cabeça; o sedoso cabelo se curvou ao redor de seus nódulos quando os entrelaçou em cima do crânio. Pressionou com as palmas e afrouxou — Como se sente quando te faço isto?

Ele gemeu de gosto.

— Imaginei. — Esteve um pouco mais do que o habitual lhe massageando a cabeça e o pescoço, mas o cabelo se sentia tão suave entre seus dedos que não queria deixar de tocá-lo. Um quente estremecimento subiu por seus braços esticando seus seios; obrigou-se a si mesma a afastar-se, a renunciar ao prazer de lhe acariciar o cabelo.

Tomou a pequena terrina e derramou uma pequena quantidade de óleo de massagem nas palmas das mãos.

— Inspira profundamente e logo contém a respiração. — Colocou as mãos sobre os ombros e começou a mover apertando os músculos. Os trapézios e deltóides estavam tensos e cheios de nós. Deslizou as mãos até o bordo dos ombros e as desceu pelos braços até os cotovelos — Sente a tensão na cabeça e libera-a enquanto solta o ar — lhe instruiu, embora notasse que ele não usava a respiração para relaxar. Logo lhe massageou os bíceps — Acumula toda sua energia negativa, expulsa-a e substitui-a por prâna¹⁸ ou energia universal.

— Gabrielle, está-me assustando.

— Chsss. — Não acreditava que existisse nada que o assustasse, e menos ela. Inundou os dedos no óleo, logo deslizou as palmas de abaixo acima por suas costas, preparando e esquentando seus músculos para uma massagem mais profunda. Moldou com as mãos os contornos de sua pele, sentindo e aprendendo sua forma — É aqui onde te dói? — perguntou movendo as mãos ao ombro direito.

— Um pouco mais abaixo.

Ela massageou, apertou e esfregou uma gota de óleo de pimenta negra sobre os músculos doloridos. O calor do fogo esquentava a pele de Joe enquanto a luz das chamas desenhava sombras nela e fazia brilhar seu cabelo escuro. Um comichão prazeroso se assentou no estômago de Gabrielle; sua mente e espírito lutaram entre si para que abandonasse o impessoal do contato.

Podia não ser uma massagista profissional, mas conhecia bem a diferença entre uma massagem curativa e uma massagem sensual.

18 *Corpo vital na linha Rosa Cruz*

- Gabrielle?
- Sim.
- Lamento o que aconteceu a semana passada no parque.
- Quando te abordei?
- Não, isso não o lamento. Desfrutei, e muito.
- Então o que é que lamenta?
- Que estivesse assustada.
- E isso é quão único sente?
- Bom, sim.

Brandamente, ela afundou as pontas dos dedos em sua pele. Teve a impressão de que não se desculpava frequentemente, e agradeceu que fizesse o esforço.

— Devo admitir que nunca tivessem me confundido com um perseguidor.

— Com certeza que sim, só que ninguém lhe disse antes. — Sorriu e continuou lhe massageando o ombro e os braços — Algumas vezes sua aura resulta muito ameaçadora. Deveria controlá-lo.

— Assegurarei de fazer isso.

Ela deslizou as mãos outra vez para cima e pressionou os polegares na base da nuca.

— Sinto ter machucado sua perna.

Um de seus polegares lhe roçou a mandíbula quando ele a olhou por cima do ombro. Os escuros olhos de Joe a contemplaram, a luz do fogo envolvia seu rosto com um halo dourado.

— Quando?

— O dia do parque quando te derrubei. Logo foi coxeando até o carro.

— Essa é uma velha lesão. Não foi sua culpa.

— Ah.

— Parece decepcionada.

— Não. — Abriu os dedos em leque, movendo as mãos pelos flancos do tórax — Não é decepção exatamente. Mas foi tão horrível que eu gostava de pensar que havia feito sofrer um pouquinho.

Ele sorriu antes de voltar-se para o fogo.

— Bom, ainda agora, cada vez que entro na delegacia de polícia tenho que ouvir um montão de merda sobre você e a lata de spray. O mais seguro é que siga sofrendo por sua culpa durante anos.

— Quando derem por fechado o caso, todo mundo se esquecerá de mim. — Baixou as mãos pelos duros músculos até as costelas que limitavam o abdômen plano — É provável que até você me esqueça.

— Isso não ocorrerá nunca — disse ele com voz rouca — Nunca me esquecerei, Gabrielle Breedlove.

Suas palavras a agradaram mais do que queria admitir. Inchou o peito com orgulho, acendendo-se como o resplendor de uma vela. Deslizou a mão brandamente pelos flancos de Joe até a cintura, acima para as axilas e logo outra vez para baixo.

— Agora se concentre nos ombros. Inspira profundamente e contém a respiração. — Ela sentiu como encolhia o estômago e como lhe endureciam os músculos — Não segura à respiração?

— Não.

— Tem que controlar a respiração se quer relaxar completamente.

— Impossível.

— Por quê?

— Acredite em mim, eu sei.

— Ajudaria uma taça de vinho?

— Não bebo vinho. — Ele fez uma pausa antes de falar outra vez

— Só há uma coisa que ajudaria.

— O que?

— Uma ducha fria.

— Isso não soa muito relaxante.

Ele se pôs a rir, mas não soou divertido.

— Bom, há outra coisa que funcionaria, é algo que estive pensado aqui sentado.

— O que? — perguntou embora suspeitasse o que era.

Suas palavras soaram graves e roucas quando disse: — Esquece. Implica nós dois nus e isso não pode ocorrer.

É obvio que sabia que não podia ocorrer. Eram opostos por completo. Ele alterava seu equilíbrio. Queria um homem espiritual, e ele o era tanto como um homem das cavernas.

Acreditava que estava louca e possivelmente não andava mal encaminhada. Menos de uma semana antes tinha acreditado que era um perseguidor; agora estava sentado em sua sala de estar enquanto o cobria de óleo como se fosse um bailarino Chippendale.

Talvez sim estivesse um pouco louca porque lhe perguntou: — Por quê?

— É minha colaboradora.

Tal como ela o via essa não era uma boa razão. O acordo de colaboração que tinha assinado sozinha era uma folha de papel. Uma folha de papel não podia impor-se ao desejo. Entretanto, o fato de que fossem duas pessoas completamente diferentes com crenças díspares deveria ser uma boa razão para que evitassem cometer o tremendo engano de meter-se juntos na cama.

Não obstante, enquanto olhava o resplendor da luz do fogo tilitar sobre as lisas costas, suas diferenças não pareceram importar muito. O movimento de suas mãos se voltou fluido, relaxante e sensual. Joe alterava tanto seu equilíbrio que se esqueceu completamente de tocá-lo de maneira impessoal. Molhou os dedos no óleo quente e seu roce foi tão ligeiro como uma pluma quando lhe acariciou as costas.

— Conduz sua energia ao plexo solar e ao abdômen. Toma ar profundamente, logo solta-o.

Ela fechou os olhos e deixou que suas mãos se deslizassem pelos contornos flexíveis da parte inferior de suas costas. Logo brandamente percorreu com as pontas dos dedos a coluna para cima.

Ele tremeu, e seus músculos se esticaram sob a pele suave e quente, quando estendeu os **118**

polegares por suas costas flexíveis. De repente, ela sentia um entristecedor desejo de gemer ou suspirar, e de inclinar-se para diante para fincar os dentes em sua pele.

— Conduz sua energia à virilha.

— Muito tarde. — Ele se levantou e se virou para ela — Já está toda aí.

Ela olhou para cima, a seus olhos entreabertos e à curva dos lábios. Uma gota de suor se deslizou por sua bochecha, continuou pela mandíbula e seguiu baixando por um lado do pescoço até fundir-se no oco de sua garganta bronzeada. Ela levantou as mãos e

as colocou em seu abdômen plano. Seus polegares acariciaram a linha de pelo escuro que rodeava seu umbigo.

Baixou o olhar à cintura e ao inconfundível volume de sua ereção. Curvou os dedos contra sua barriga e sentiu que lhe secava a boca. Lambeu os lábios e deixou vagar o olhar pela cicatriz de sua coxa, visível através da abertura da toalha.

— Sente-se, Joe — lhe pediu, e o empurrou até que seu traseiro tocou o assento. A toalha subiu pela coxa direita revelando o bordo inferior de uns boxers negros — É aqui onde lhe dispararam? — perguntou, ajoelhando-se entre suas pernas.

— Sim.

Ela inundou os polegares no óleo, logo os deslizou ao redor da cicatriz.

— Dói ainda?

— Não. Ao menos não como estava acostumado a fazê-lo — disse com voz rouca.

Pensar que tivesse padecido tal violência lhe rompeu o coração e olhou para o seu rosto.

— Quem te fez isto?

Olhando-a com os olhos entrecerrados esperou um momento antes de lhe responder, tanto que ela pensou que não o faria.

— Um informante que se chamava Robby Martin. Provavelmente o viu nos jornais faz coisa de um ano.

O nome lhe soou familiar e só levou um momento recordá-lo. Uma imagem de um jovem loiro cruzou por sua mente. A história tinha sido notícia durante muito tempo. O nome do detetive que havia feito o disparo mortal nunca tinha sido mencionado ou o tinha esquecido, não como o do menino que tinha recebido o disparo, Robby.

— Foi você?

De novo ele se atrasou em responder.

— Sim.

Lentamente, ela deslizou os polegares para cima e abaixo pela grossa cicatriz e aplicou um pouco de pressão. Recordava muito bem porque, igual a todo mundo, tinha falado disso com seus amigos,

perguntando-se se alguns tiras de Boise tinham o gatilho muito ligeiro com os jovens só por fumar uns baseados.

— Sinto muito.

— Por quê? Por que deveria senti-lo?

— Sinto que tivesse que fazer algo assim.

— Cumpria com meu dever — disse com certa dureza.

— Sei. — Brandamente ela afundou as pontas dos dedos nos músculos da coxa — Sinto **119**

porque teve que passá-lo muito mal.

— Não acredita que sou dos que têm o dedo rápido?

Ela negou com a cabeça.

— Não acredito que seja imprudente nem que terminasse com a vida de alguém a menos que não tivesse outra escolha.

— Talvez tenha o sangue tão frio como diziam os jornais. Como pode sabê-lo?

Ela respondeu com o que sabia que era verdade em seu coração.

— Porque conheço sua alma, Joe Shanahan.

Joe olhou esses claros olhos verdes e quase acreditou que ela podia ver em sua alma, que o conhecia melhor do que ele se conhecia.

Ela lambeu os lábios e ele observou como deslizava a ponta da língua pela comissura dos lábios. Logo ela fez algo que lhe deteve o coração, provocando que uma corrente de pura luxúria se estrelasse contra sua virilha: inclinou a cabeça e lhe beijou a coxa.

— Sei que é um bom homem.

Ficou sem respiração e se perguntou se ela ainda pensaria que era um bom homem se lhe pedia que subisse um pouco mais a boca para beijar seu outro músculo. Ele olhava para baixo, o cocuruto, enquanto tinha uma fantasia realmente boa que incluía o rosto de Gabrielle em seu colo, mas ela olhou para cima e arruinou tudo. Contemplou-o como se realmente pudesse ver sua alma. Como se visse um homem melhor do que ele acreditava ser.

Joe ficou de pé e lhe deu as costas.

— Não me conhece, merda — disse, movendo-se à chaminé e apoiando a mão no suporte — Talvez eu goste de derrubar as portas

a patadas e usar meu corpo como um saco de golpes.

— Ah, isso eu não duvido. — levantou-se, ficou a seu lado e acrescentou — É um tipo muito visceral. Mas tampouco duvido que não tenha outra opção.

Olhou-a por cima do ombro, logo desviou a vista às velas acesas em cima do suporte.

— Tinha outra opção, não tinha por que perseguir um vendedor de drogas por um beco escuro. Mas sou policial e isso é o que faço. Persigo os maus e, uma vez que me envolvo em algo, chego até ao final. E acredite, perseguia Robby. — Queria chocá-la. Deixá-la sem fala. Apagar esse olhar de seus olhos — Estava realmente de saco cheio com ele. Era meu colaborador e tinha me traído, queria lhe pôr as mãos em cima. — Percorreu-a com a vista outra vez, mas ela não parecia chocada. Supunha que era pacifista. Supunha que odiava os homens como ele. Supunha que não devia lhe olhar como se sentisse lástima por ele, pelo amor de Deus — Vi como Robby me disparava — continuou — e lhe esvaziei o carregador no peito antes de me dar conta sequer que tinha tirado minha arma. Não precisei lhe ver para saber que lhe tinha dado. Uma vez que ouve algo assim, sabe. E nunca o esquece. Mais tarde, inteirei-me que tinha morrido antes de tocar o chão. E não sei como se supõe que deveria me sentir ante isso. Algumas vezes me parece que sou uma merda e outras, simplesmente, alegra-me ter disparado melhor que Robby. É um inferno saber que tirou a vida de um homem roubando todas as possibilidades que tinha. — separou-se do suporte da chaminé — Talvez perdesse o controle.

— Duvido que tenha perdido o controle alguma vez.

Ela estava equivocada. De algum jeito, tinha-o obrigado a lhe contar mais sobre o tiroteio que a nenhuma outra pessoa. Quão único tinha tido que fazer era olhá-lo com aqueles olhos grandes, como se realmente acreditasse nele, para ficar a balbuciar como um idiota. Bom, fazia algo mais que falar. Durante a meia hora anterior, tinha estado sentado sobre essa incômoda cadeira perguntando-se como encaixariam seus seios nas palmas de suas mãos. Com uma enorme ereção que insistia a agarrar uma dessas mãos suaves que tinha deslizado por todo seu corpo e abaixar de repente a cueca para que pudesse acariciar algo mais interessante que seu cotovelo.

Ele a tomou entre seus braços e lhe cobriu a boca com a sua. Reconheceu o sabor de seus lábios doces e carnudos como se fossem amantes. Como se a tivesse conhecido sempre. Inclinou a cabeça para um lado e sua boca se abriu para ele, seus quentes e úmidos lábios lhe deram a boas-vindas. Sentiu-a estremecer quando lhe tocou a língua com a sua. Gabrielle lhe rodeou o pescoço com os braços pegando-se a ele. O peitilho de seu vestido lhe roçou o peito nu, seus quadris se arquearam contra ele pressionando a muito dura ereção. Joe a agarrou pela cintura e, em lugar de afastá-la, encaixou sua pélvis na dela. O prazer foi delicioso e doloroso. Agonia e êxtase. Nesse momento queria dela algo mais que um beijo.

As mãos se moveram ao fechamento das alças do vestido, abrindo-os com facilidade. O

peitilho caiu sobre sua cintura e desabotoou com a mesma rapidez os botões da blusa branca.

Abriu-a e, por fim, encheu suas mãos com os turgentes seios cobertos pelo sutiã. Os lábios de Gabrielle tremeram e ficou sem fôlego quando seus polegares lhe roçaram uma e outra vez os

mamilos duros e eretos. Joe se tornou para trás e lhe escrutinou o rosto. Gabrielle abriu os olhos e sussurrou seu nome, o som o encheu igual ao desejo que retorcia o nó doloroso de seu estômago.

A fome fazia brilhar os olhos de Gabrielle, e saber que o desejava da mesma maneira que ele a desejava, fez com que sentisse o sangue lhe ferver nas veias. Ela era formosa por dentro e por fora. Era pura paixão, desejo e fogo sob suas mãos e, certamente, ele não podia resistir a brincar com fogo durante um momento mais.

Joe tragou ar e exalou lentamente enquanto seu olhar viajava do cabelo castanho avermelhado, que lhe emoldurava o rosto com os cachos rebeldes, aos lábios úmidos e inchados pelo beijo, e seguiu descendo pela garganta até suas mãos cheias com os seios turgentes.

— Agora é sua vez — disse ele, e voltou a olhá-la aos olhos.

Sustentou o olhar enquanto lhe tirava a blusa dos ombros. O tecido branco se deslizou por seus braços e caiu ao chão. Gabrielle permaneceu de pé ante ele, com o peitilho do vestido caído sobre os quadris e o sutiã cobrindo seus seios. No centro de cada taça os mamilos, duros e rosados, puxavam contra o tecido branco. Ele girou ligeiramente a cintura e inundou os dedos no óleo quente. Logo tocou a base de sua garganta e, com suma lentidão, deslizou as pontas de seus dedos para baixo, entre seus peitos firmes. Sua pele, incrivelmente suave, roçou o dorso de suas mãos enquanto soltava o fechamento dianteiro do sutiã. Abriu-se de repente e seus seios escaparam das taças, tão belos e perfeitos que lhe secou a boca. Joe subiu as mãos a seus ombros e deslizou as alças do sutiã por seus braços até que caiu ao chão junto à blusa. Logo agarrou a pequena terrina e o levantou entre eles. Lentamente o inclinou até que o pouco óleo que ficava derramou sobre a pele branca, deslizando-se rapidamente sobre os seios, descendo pelo **121**

estômago até o umbigo. Sem afastar o olhar dela esvaziou a terrina e o pôs na cadeira de madeira.

Uma gota reluziu no mamilo e a tocou com um dedo.

Ele abriu a boca para lhe dizer que tinha peitos grandes e bonitos, mas tudo o que saiu foi uma réstia de juramentos enquanto

pulverizava o óleo pela ponta do mamilo e ao redor da aureola enrugada.

Gabrielle se moveu e lhe rodeou a nuca com uma mão. Apertou os lábios úmidos contra os dele e lhe sugou brandamente a língua. Joe pulverizou todo o óleo por seus lisos seios e seu ventre suave. Desejava-a. Nunca tinha desejado nada como ceder à luxúria dolorosa que pulsava em sua virilha. Moveu as mãos aos lados da garganta e voltou a olhá-la, os seios brilhando a luz do fogo, os picos brilhantes e úmidos como se a tivesse beijado ali. Nunca tinha desejado nada como deixar cair os boxers ao redor dos tornozelos para tomar Gabrielle de uma investida contra a parede, ou sobre o sofá, ou no chão; onde fosse. Desejava ajoelhar-se entre suas coxas suaves — envolta na doce fragrância das velas — para enterrar-se profundamente nela e ficar ali. Procurou um mamilo com a boca enquanto deslizava por seu corpo quente e escorregadio. Ela o desejava tanto como ele. Então, por que diabos não dava a ambos o que desejavam?

Mas não podia fazer amor com ela. Embora não fosse sua colaboradora, ele não era um desses caras que levavam camisinhas na carteira e quase pôs-se a rir pelo alívio.

— Não tenho camisinhas.

— Faz oito anos que tomo pílula — disse ela, e agarrando uma mão de Joe a levou a seu peito úmido pelo óleo — E confio em você.

Diabos. Desejou que ela não houvesse feito aquela confissão lhe dando luz verde. A dor de sua virilha pulsou e, antes que seu cérebro baixasse completamente até sua cueca, obrigou-se a recordar quem era ela e o que era para ele. Enterrou o rosto em seu cabelo e deixou cair à mão.

Desejava-a como nunca tinha desejado a nenhuma mulher em sua vida e tinha que fazer algo rápido.

— Gabrielle, querida, pode se comunicar com Elvis? — perguntou, contendo a respiração enquanto se agarrava a aquele prego ardendo.

— Hummm? — Sua voz era rouca como se acabasse de despertar — O que?

— Pode se comunicar com o Elvis Presley?

— Não — sussurrou ela, e se apoiou nele. Os seios roçaram seu peito e as pontas duras tocaram seus próprios mamilos planos.

— Jesus — respirou com dificuldade —. Nem sequer pode tentar?

— Agora mesmo?

— Sim,

Ela voltou a lhe olhar com os olhos entreabertos.

— Não sou psíquica.

— Então, não pode se comunicar com os mortos?

— Não.

— Merda.

Lhe deslizou a mão pelo ombro e se esclareceu voz.

— Mas tenho uma prima que se comunica com as baleias.

Um sorriso apareceu nos lábios do Joe. Uma prima que se comunicava com baleias era uma leve distração, mas se agarraria a algo que apartasse sua atenção dos firmes peitos de Gabrielle.

— Seriamente?

— Bom, ela acredita que o faz.

— O que lhe dizem as baleias? — Joe pôs as mãos em suas costas e lhe colocou os suspensórios do peitilho sobre os ombros.

— O que?

— Bom, sobre o que falam? — Subiu o peitilho do vestido e cobriu a tentação o melhor que pôde.

— Não sei, sobre krill e lulas?

Apesar de que sua virilha ainda palpitava, Joe foi para o sofá, deixou cair à toalha e embutiu bruscamente as pernas nas calças.

— Vai embora?

Olhou-a por cima do ombro. Tinha o cenho franzido pela confusão, também tinha os mamilos franzidos que apareciam pelos lados do peitilho.

— Tenho que madrugar amanhã — disse agarrando a camisa. Colocou os braços pelas mangas e o passou pela cabeça.

Embora Gabrielle visse como Joe estirava o objeto sobre o peito não podia acreditar que partisse. Não quando ela ainda podia sentir o sabor dele em sua boca.

— Acabei de pintar o armazém da loja — disse como se ela não estivesse ali meio nua. Como se seu corpo não ardesse por suas carícias — Se a investigação segue avançando lentamente, a semana que vem teremos que pensar em outra coisa que fazer na loja. Kevin

disse algo sobre uma bancada, mas não tenho tanta experiência para fazer isso.

Gabrielle se moveu detrás da cadeira da copa diante do fogo e se envolveu com os braços.

Tremiam-lhe os joelhos, não podia acreditar que estivessem falando de sua experiência como carpinteiro. Pela primeira vez desde que a tinha despido até a cintura, sentiu-se exposta e levantou as mãos aos seios.

— Claro — disse.

Joe agarrou suas chaves e se dirigiu à porta.

— Então, provavelmente não nos vejamos até na segunda-feira. Tem meu número?

— Sim. — Trataria de não lhe chamar nem lhe ver até o dia seguinte. Talvez fosse o melhor.

Fazia umas horas não estava segura de que gostasse de Joe e agora o pensamento de não lhe ver a fazia sentir um vazio em seu interior. Viu-o sair de sua casa como alma que leva o diabo e logo que a porta se fechou atrás dele, Gabrielle se deixou cair na cadeira.

As velas do suporte da chaminé titilaram, mas o perfume que desprendiam não conseguiu acalmá-la. O espírito de Gabrielle atirava dela de um lado a outro, mas todos seus desejos se enfocavam na mesma direção: Joe. Não tinha absolutamente nenhum sentido. Não havia equilíbrio em sua vida quando ele estava perto. Nem paz interior. Embora tivesse só uma pequena dose, sentir o calor de sua pele nua tinha bastado para desequilibrá-la por completo. Ele acreditou **123**

nela e ela se sentia como se pela primeira vez tivessem conectado no plano mais espiritual.

Conheciam-se fazia pouco tempo, mas tinha permitido lhe verter óleo sobre os seios e tocá-

la como se fossem amantes. Fazia pulsar seu coração e que se sentisse viva em corpo, mente e alma; perdeu-se totalmente nele. Tinha respondido a suas carícias como às de nenhum outro homem até o momento apesar de que verdadeiramente não o conhecia. Seu

coração pulsava como se o reconhecesse e só podia haver uma explicação. E temia o que significava.

Ying e yang.

Escuridão e luz. Positivo e negativo. Dois opostos que se complementavam para fazer um tudo perfeito.

Gabrielle temia haver-se apaixonado pelo detetive Joe Shanahan.

Capítulo 13

O sol do meio da manhã que se filtrava pelas janelas da delegacia de polícia iluminava o escritório de Joe e a bailarina havaiana que, sobre uma mola de plástico, parecia um ícone religioso. Joe observou a figura que tinha diante e sem entusiasmo assinou o relatório no que pedia um mandado de busca. Ele passou ao capitão Luchetti e deixou a caneta sobre o escritório.

O solitário Bic rodou sobre o relatório que tinha redigido com antecedência e se chocou contra os pés da bailarina de hula, pondo seus quadris em movimento.

— Parece que está bem — disse o capitão, enquanto observava os movimentos da figura.

Joe cruzou as mãos atrás da cabeça e estirou as pernas. Levava ali três horas sentado discutindo o caso Hillard com outros detetives. Tinha-lhes informado previamente do que tinha visto na casa do Kevin começando pelas antiguidades roubadas da sala de convidados, continuando com o xadrez de marfim e finalizando com os espelhos do dormitório. Tinha pensado que a essas alturas Kevin já estaria detido e estava fodidamente decepcionado.

— Lástima que não possamos prendê-lo hoje.

— Esse é seu problema, Shanahan, é muito impaciente. — O capitão Luchetti olhou o relógio e colocou o relatório sobre o escritório de Joe — Quer que tudo se solucione em uma hora, como em uma dessas séries policiais.

A impaciência não era o problema de Joe. Bom, pode ser que um pouco, mas tinha suas razões para querer que o caso resolvesse quanto antes e não tinham nada que ver com a paciência, a não ser com certa colaboradora ruiva.

O capitão encolheu os ombros sob a jaqueta e endireitou a gravata.

— Trabalhou muito bem. Conseguiremos uma ordem judicial para revistar a casa do Carter e grampear o telefone. O pegaremos— lhe disse, e saiu da sala.

Vince Luchetti nunca perdia a missa dominical. Não importava onde estivesse ou o que fizesse nesse momento. Joe se perguntava a quem temia mais o capitão: a Deus ou a sua esposa Sonja.

Estirou os braços por cima da cabeça e deu uma olhada ao relatório. Tinha sido muito meticoloso na redação do documento, tinha aprendido fazia muito tempo que os advogados defensores procuravam frases ambíguas ou inadequadas; qualquer desculpa valia para alegar prisão ilegal. Mas isso era problema deles. De todas as maneiras não acreditava que seu esforço equivalesse a ficar de joelhos. Obteria uma autorização, havia suficientes prova para que o juiz autorizasse um mandado, mas Walker e Luchetti queriam esperar. Como Joe não tinha encontrado o Monet à noite anterior, não estavam convencidos de que revistar a casa do Kevin fizesse que recuperassem a pintura nem que Kevin a tirasse do lugar no que a polícia acreditava que estava oculta do roubo.

Com o qual a ordem judicial seria arquivada. Agora mesmo só tinham provas para prender o Kevin por comprar antiguidades roubadas, mas uma detenção não seria suficiente. Conseguiria um tapinha nas costas de algumas acusações, mas Joe queria mais. Queria Kevin sentado na sala de interrogatórios.

— Ouça, Shannie. — Winston Densley, o único detetive afroamericano da brigada alarmes anti-roubo e um dos três detetives que estavam no caso do Kevin, fez rodar a cadeira até o escritório do Joe — Me conte sobre esses espelhos do dormitório do Carter.

Joe riu entre dentes e cruzou os braços sobre o peito.

— Tem o quarto totalmente coberto e pode ver-se em ação desde qualquer ângulo.

— Um fodido pervertido, né?

— Sim. — E Joe tinha estado no quarto dos espelhos olhando desde todos os ângulos a imagem de Gabrielle Breedlove com

aquele vestido tão feio, perguntando-se como se veria sem levar outra coisa que um desses sutiãs transparentes da Vitória's Secret com calcinhas combinando. Ou, melhor ainda: uma tanga. Assim poderia sentir seu traseiro nu sob as palmas das mãos.

Enquanto lhe perguntava sobre o Windex19, ele não deixava de perguntar-se como estaria com os seios ao ar. Agora já não tinha que perguntar, agora sabia. Sabia que seus seios eram maiores do que tinha suposto e que enchiam perfeitamente suas grandes mãos. Conhecia a textura suave de sua pele e a sensação que produziam seus mamilos enrugados ao lhe roçar o peito. E conhecia mais coisas, como o som de seu suspiro apaixonado e a força de seus sedutores olhos verdes. Conhecia o aroma de seu cabelo, o sabor de sua boca e sabia que as carícias aveludadas de suas mãos o punham tão duro, que não podia pensar nem respirar.

E sabia sem lugar a dúvidas que teria sido melhor não sabê-lo. Joe suspirou e passou as mãos pelo cabelo.

— Quero fechar este caso.

— O caso durará o que tenha que durar. Tem pressa?

Se tinha pressa? Tinha estado a ponto de fazer amor com Gabrielle e não estava seguro de que não ocorresse de novo. Poderia dizer a si mesmo que não voltaria a acontecer, mas certas partes de seu corpo não opinavam igual. Estava realmente perto de pôr em perigo sua carreira por **19** *Limpa vidros*.

ela. Se Gabrielle não lhe tivesse falado de um parente que se comunicava com baleias, teria a tomado ali mesmo no chão da sala de estar.

— Suponho que estou inquieto — respondeu.

— Ainda pensa como um agente da narcóticos. — Winston se levantou empurrando a cadeira para trás — Algumas vezes a espera é divertida e pode ser que este caso ainda tarde em concluir — lhe acautelou.

Tempo era algo que Joe não tinha. Necessitava que o atribuíssem a um caso diferente antes de foder com ela até o ponto de perder seu trabalho ou ser destinado a patrulhar as ruas. O

grande problema, entretanto, era que não podia pedir uma nova atribuição sem uma puta razão, e “temo que vá intercambiar fluídos com minha colaboradora” estava fora de cogitação. Tinha que fazer algo, só que não sabia o que.

Deixou o relatório sobre o escritório e se dirigiu à porta. Se apressava, possivelmente pegaria Ann Cameron antes do descanso para o almoço. Era exatamente o tipo de mulher que sempre tinha querido como namorada. Era atraente e uma magnífica cozinheira, mas o mais importante de tudo, era normal. Elementar. Baptista. Nada que ver com o Gabrielle.

Ao cabo de meia hora, Joe se sentava a uma mesa pequena do bar de Ann, saboreando pão quente e frango com molho ao pesto. Pensou que morreu e foi ao céu, mas havia algo que evitava que desfrutasse completamente da comida. Não podia evitar a sensação de que estava enganando a sua namorada. Que estava enganando Gabrielle com Ann. O sentimento era completamente irracional. Mas lhe incomodava, martelava o cérebro e não o deixava em paz.

Ann estava sentada frente a ele, falando sem pausa sobre o negócio e de como era a vida enquanto cresciam no mesmo bairro. A conversa era perfeitamente normal, mas algo fazia que não se sentisse bem.

— Tento beber ao menos dois litros de água e caminhar quatro quilômetros ao dia — disse.

Seus olhos estavam muito brilhantes como se estivesse entusiasmada de verdade, mas não sabia o que tinha de excitante caminhar e beber água — Lembro que tirava um cão para passear todas as noites — disse ela — Como se chamava?

— Scratch — respondeu, recordando o cão que tinha resgatado da morte. Scratch tinha sido um cruzamento de pitbull e sharpei; o melhor cão que um menino podia ter. Agora Joe tinha um louro. Um louro que queria dormir com Gabrielle.

— Eu tenho um pomeraniano²⁰, Snicker Doodle. É um céu.
“Céu santo.”

Empurrou o prato a um lado e agarrou o copo de chá gelado. Bom, podia tolerar um cachorro com latido agudo. Era uma cozinheira genial e tinha os olhos bonitos. Não havia nenhuma razão para não poder ficar com ela. Não estava saindo com ninguém.

Perguntou se o Sam gostaria de Ann ou se pelo contrário trataria de jogá-la fora de casa.

Talvez fosse o momento de convidá-la e averiguá-lo. E não havia nenhuma razão para sentir-se culpado, não havia absolutamente nada pelo que sentir-se assim. Nada. E ponto.

20 Raça de cão.

Gabrielle tinha pensado passar a manhã tranquilamente em casa preparando óleos essenciais. Mas em vez disso pintou como um Van Gogh enlouquecido. Colocou o retrato no que tinha trabalhado contra a parede e começou outro. Sua mãe chamou e a interrompeu duas vezes, assim desconectou o telefone. Ao meio dia tinha terminado a última pintura do Joe à exceção, é obvio, das mãos e os pés. Como em todas as demais, Joe estava dentro de um aura, mas esta vez tomou outra pequena licença criativa com seu pacote. Não acreditava ter exagerado. Era o que supunha, apoiando-se na dura longitude que tinha sentido contra o interior da coxa a noite anterior.

Simplesmente pensar sobre o que tinha acontecido na sala de estar fazia ruborizar suas bochechas. A mulher que, a propósito, tinha convertido uma massagem inocente em algo erótico não era ela. Ela não fazia esse tipo de coisas. Tinha que haver alguma explicação, como que talvez se houvesse apodrecido algo no cosmos. Ou que a lua cheia afetava ao fluxo sanguíneo do cerebelo, e sem equilíbrio no cerebelo tudo se resumia no caos.

Gabrielle suspirou e inundou o pincel em pintura vermelha. Realmente não podia convencer a si mesma da teoria da lua e já não estava segura da teoria do ying e o yang. De fato, agora sabia que Joe não era seu yang. Não era a outra metade de sua alma.

Só estava em sua vida para encontrar o Monet do Sr. Hillard e fingia preocupar-se por ela para poder prender o Kevin. Era um tira que vivia ao limite e que pensava que suas crenças eram simples maluquices. Ria dela e tirava sarro, logo a fazia arder com a carícia de suas mãos e sua boca. Certamente não a tinha beijado como um homem que fingisse paixão. A noite anterior, ele tinha compartilhado

uma parte de seu passado com ela, um pedaço de sua vida, e ela tinha pensado que tinham se conectado.

Tinha-a enjoado de desejo até deixá-la aturdida. Havia-a feito arder para depois lhe perguntar se ela se comunicava com o Elvis, e ele a chamava de louca?

Gabrielle enxaguou os pincéis, logo se trocou a camisa de pintar por umas calças curtas e uma camiseta com o nome de um restaurante local no peito. Não vestiu sapatos.

As doze e meia, apareceu Kevin com um tubo FedEx com alguns pôsteres antigos de filmes que tinha comprado em um leilão de Internet. Queria saber sua opinião sobre que valor tinham e durante todo o tempo que estiveram falando na cozinha, esperou que fizesse algum comentário do Joe e ela saltando do terraço. Mas não o fez e pensou que devia sentir-se agradecida de que o Senhor Feliz tivesse estado ocupado com a melhor amiga de sua namorada. Deve ter parecido culpada, porque Kevin lhe perguntou várias vezes se algo ia mal.

Depois de que seu sócio partisse, Gabrielle tirou finalmente os óleos e os colocou ao lado das terrinas de cristal e frascos sobre a mesa da cozinha. Queria provar com limpadores faciais, cremes hidratantes e diversas misturas de tônicos e cremes para acne e as varizes. Quando estava a ponto de usar uma máscara de iogurte, Francis chamou o timbre da porta.

Sua amiga chegou com um Wonderbra azul e um par de calcinhas combinando. Gabrielle agradeceu e logo a recrutou para uma massagem facial. Envolveu o cabelo de Francis em uma **127**

toalha de banho e a fez sentar sobre uma cadeira da copa com a cabeça arremessada para trás.

— Me avise se começar a ter a pele muito tensa — disse, pulverizando uma máscara de argila pelo rosto de sua amiga.

— Cheira a alcaçuz — se queixou Francis.

— Isso é porque joguei óleo de erva-doce. — Gabrielle pulverizou a argila pela frente de Francis, cuidando de não manchar a toalha. Francis tinha muita experiência com os homens, não sempre boa, mas não tão fraca como a de Gabrielle. Talvez sua amiga pudesse

ajudá-la a entender o que tinha ocorrido com o Joe — me diga uma coisa: conheceu alguma vez um homem que você acredita que não gosta, mas com o que não pode deixar de fantasiar e sonhar?

— Sim.

— Quem?

— Steve Irwin.

— Quem!?

— O caçador de crocodilos.

Gabrielle olhou alucinada os grandes olhos azuis de Francis.

— Sonha com o caçador de crocodilos?

— Bom, acredito que tem um grande coração e sei que provavelmente consumo muitas pilhas de lítio para que se interesse por mim, mas eu adoro seu sotaque. Fica muito bem com esse traje de safári. Imagino lutando contra ele.

— Está casada com o Terri.

— E o que tem de mais? Pensava que falávamos de fantasias. — Francis fez uma pausa para coçar a orelha — Tem fantasias com seu detetive?

Gabrielle agarrou outro pouco de argila e a pulverizou pelo nariz de sua amiga.

— É tão óbvio?

— Não, mas se não fosse seu, as fantasias com ele as teria eu.

— Joe não é meu. Trabalha em minha loja e o acho um pouco atraente.

— É de Touro.

— De acordo, é ardente, mas não é meu tipo. Acredita que Kevin está metido nessa confusão de vender arte roubada e provavelmente segue pensando que eu também estou. — Pulverizou o barro pelas bochechas de Francis antes de acrescentar — E bem, acredito que sou rara, embora seja ele quem me pergunte se posso me comunicar com o Elvis.

Francis sorriu e enrugou a argila ao redor da boca.

— Pode?

— Não seja absurda. Não sou psíquica.

— Não é absurdo. Acredita em outras coisas da New Age, assim não vejo nada estranho em que lhe perguntasse isso.

Gabrielle limpou as mãos com uma toalhinha úmida, logo se dobrou pela cintura e envolveu uma toalha ao redor da cabeça.

— Bom, estávamos fazendo-o nesse momento — explicou Gabrielle, enquanto se erguia.

— Fazendo-o?

— Nos beijando. — Ela e Francis intercambiaram olhadas, e Gabrielle olhou para cima, à cara de sua amiga que estava coberta, com exceção dos olhos e os lábios, de massa branca — E outras coisas.

— Ah, isso sim que é estranho. — A argila suave se sentia maravilhosamente fresca sobre a fronte de Gabrielle, que fechou os olhos tratando de relaxar — Queria que fosse Elvis, ou só queria perguntar ao Rei algumas coisas?

— Quem se importa? A coisa estava ficando bastante quente e parou para me perguntar se podia me comunicar com o Elvis.

— Há uma grande diferença. Se só queria fazer umas perguntas, obter alguma informação, então é simplesmente um pouco estranho. Mas se queria que te convertesse no Rei do Rock & Roll, então deveria procurar outro cara.

Gabrielle suspirou e abriu os olhos.

— Joe não é meu. — O bordo da máscara de Francis e a ponta de seu nariz começavam a secar — Agora é a sua vez — disse trocando a propósito de tema — Por que não me diz o que fez ontem à noite? — Estava mais confusa que nunca e não sabia como lhe tinha ocorrido à ideia de que Francis podia ajudá-la a esclarecer seus sentimentos.

Depois da máscara, provaram o tônico de Gabrielle e a nata hidratante. Quando Francis se foi, ambas as mulheres tinham os poros limpos e um brilho saudável na pele. Gabrielle assou uma pizza vegetal para jantar e se sentou diante da televisão para comer com controle na mão, fez zapping procurando um episódio do caçador de crocodilos. Queria ver o que achava Francis tão fascinante em um homem que lutava contra répteis, mas o timbre

da porta soou antes que tivesse tido a possibilidade de revisar cada canal. Colocou o prato na mesinha de café e foi à entrada.

Nem bem abriu a porta, Joe irrompeu na casa como um tornado. O perfume a sândalo e a brisa noturna entrou com ele. Levava bermuda de náilon negro com o anagrama do Nike Swoosh no traseiro. As mangas da camiseta tinham sido cortadas e os buracos das cavas lhe chegavam quase até a cintura. As meias três - quartos brancos estavam ligeiramente sujas, os tênis eram velhos.

Parecia um macho arrogante, igual à primeira vez que o tinha visto apoiado contra uma árvore no Ann Morrison Park fumando como uma chaminé.

— Ok, caramba, onde está? — deteve-se no meio da sala de estar.

Gabrielle fechou a porta e se apoiou contra ela. Subiu o olhar por suas poderosas panturrilhas e coxas à cicatriz que marcava sua pele bronzeada.

— Vamos, Gabrielle. Me dê.

Ela olhou para seu rosto. Ele tinha uma barba forte e olhou com uma careta. Ao mesmo tempo ela tinha pensado nele como alguém ameaçador e intimidador, um valentão. Mas não mais.

— Não é preciso ter uma ordem, uma autorização judicial ou algo parecido antes de quebrar a casa de uma pessoa?

— Não mexa comigo. Ela colocou as mãos nos quadris e inclinou a cabeça. — Onde está?

— O quê?

— Grande. — Ele deixou a carteira e as chaves ao lado da placa da mesa de café, então **129**

começou a olhar para trás do sofá e guarda-roupa.

— O que faz?

— Deixo-te sozinha vinte e quatro horas e vai, e faz isto. —

Atravessou a copa onde rapidamente jogou uma olhada ao redor, logo continuou pelo corredor deixando uma trilha de palavras atrás dele — Quando começo a pensar que tem um cérebro vai e comete uma estupidez.

— O que? — O som de seus passos se perdia em seu dormitório, e Gabrielle o seguiu rapidamente. Quando chegou, já tinha aberto e fechado a metade das gavetas — Se me disser o que está procurando, poderia te economizar tempo.

Em lugar de lhe responder, ele abriu de repente as portas do armário e empurrou a um lado as roupas.

— Avisei que não o protegesse.

Dobrou-se pela cintura oferecendo a Gabrielle uma maravilhosa vista de seu estupendo traseiro. Quando se endireitou, tinha uma caixa nas mãos.

— Ouça, deixa isso em seu lugar. Contém coisas pessoais.

— Deveria ter pensado antes. A partir de agora não tem coisas pessoais. Está tão implicada que acredito que nem sequer essa doninha de advogado que tem possa te ajudar.

Esvaziou a caixa sobre a cama e dúzias de sutiãs, calcinhas, bustiês e tangas se derramaram sobre o edredom. Ele cravou os olhos na lingerie abertos como pratos.

Se Gabrielle não tivesse estado tão irritada, teria achado graça.

— Que diabos é isto? — disse, agarrando as calcinhas negras de vinil. Penduravam de seu dedo indicador enquanto as inspecionava desde todos os ângulos — Tem lingerie de prostituta.

Arrebatou-lhe as calcinhas e as lançou com o resto sobre a cama.

— Francis me dá de presente lingerie picante de sua loja, mas não a uso.

Ele agarrou um espartilho cor cereja adornada com franjas negras. Via-se como um menino ante um sortido completo de caramelos. Um menino com as bochechas tintas de cor azulada pela sombra da barba.

— Eu gosto deste.

— É obvio que você gosta. — Cruzou os braços e apoiou o peso sobre um pé.

— Deveria pôr isso.

— Joe, por que veio?

A contra gosto, ele afastou o olhar da roupa interior pulverizada sobre a cama.

— Recebi uma chamada me informando de que Kevin te passou algo em um tubo FedEx.

— O que? É por isso? Ele só queria que visse uns pôsteres de filmes antigos que comprou pela Internet.

— Então é certo que esteve aqui.

— Sim. Como soube?

— Merda. — Lançou o espartilho sobre a cama e saiu do dormitório — por que o deixou entrar?

Gabrielle ia um passo por detrás com o olhar cravado nos pequenos cachos que lhe roçavam o pescoço.

— É meu sócio. Por que não ia deixar entrar?

— Merda, não sei. Pode ser que porque seja um ladrão e está comprometido nos roubos de arte. O que te parece isso para começar?

Gabrielle mal ouviu qualquer coisa do que ele disse. Um súbito pânico tomou conta enquanto ela seguiu-o através do banheiro até o final do corredor. Ela agarrou seu braço e puxou-o, mas foi como tentar parar um touro. Estavam diante dele e abriu os braços bloqueando a porta do estúdio.

— Este é meu estúdio privado — disse com o coração em um punho — Não pode entrar.

— Por quê?

— Porque não.

— Me diga algo melhor.

Assim de repente não lhe ocorria nada.

— Porque digo que não.

Ele a agarrou pelos braços com suas fortes mãos e a separou de seu caminho.

— Não, Joe!

A porta se abriu. Durante um comprido momento o silêncio flutuou no ar, e Gabrielle rogou a qualquer deus que pudesse escutá-la que de algum jeito o estúdio não estivesse tal e como o tinha deixado a última vez que tinha estado ali.

— Céu Santo.

Supôs que estava igual.

Ele entrou lentamente na habitação até deter-se a um metro da pintura de tamanho natural.

Gabrielle só queria fugir e esconder-se, mas aonde podia ir? Olhou a tela, a luz do sol poente atravessava as cortinas e se derramava sobre o chão de madeira nobre e iluminava o retrato com uma espécie de resplendor etéreo. Rogou para que Joe não se reconhecesse.

— Mas como? — perguntou, assinalando a pintura — Supõe que sou eu?

Não havia esperança agora. Estava apanhada. Podia ter tido um problema com a proporção dos pés e as mãos, mas não tinha tido absolutamente nenhum problema com o pênis do Joe. Só havia uma coisa que podia fazer, aguentar o toró até o final e dissimular a vergonha o melhor que pudesse.

— Acredito que é muito bom — disse ela cruzando-se de braços.

Ele a olhou por cima do ombro com os olhos um pouco frágeis.

— Estou pelado.

— Nu.

— É o mesmo, merda. — Ele se virou, e Gabrielle se colocou a seu lado — E onde estão minhas mãos e meus pés?

Ela inclinou a cabeça.

— Bom, não tive tempo ainda de pintá-los.

— Vejo que, entretanto, teve tempo para pintar meu membro.

“O que podia dizer a isso?”

— Acredito que fiz um bom trabalho com a forma dos olhos.

— E também com as bolas.

Tentou de novo desviar sua atenção para mais acima.

— Modelei a boca perfeitamente.

— Supõe-se que esses são meus lábios? Estão inchados — disse, e ela pensou que ao menos deveria estar agradecida de que não criticasse o tamanho das genitálias — E que diabos é essa grande bola vermelha? Fogo ou algo pelo estilo?

— Sua aura.

— Ah. — Fixou sua atenção nas duas pinturas apoiadas contra a parede — Vejo que esteve ocupada.

Ela mordeu o lábio inferior e não disse nada. Ao menos na pintura de demônio, estava vestido, na outra, bom...

— E não teve tempo para pintar as mãos ou os pés nesses?

— Ainda não.

— Supõe-se que sou o diabo ou algo pelo estilo?

— Algo pelo estilo.

— O que faz com que pareça esse cão?

— É um cordeiro.

— Ah... Parece um corgi galés²¹.

Não parecia nem de longe um corgi galés, mas Gabrielle não discutiu. Primeiro, porque nunca explicava sua arte a ninguém e segundo, porque acreditava que a falta de tato de seus comentários devia perdoar-se ante o shock de ver-se pintado nu nos quadros. Supunha que devia ser um pouco perturbador abrir uma porta e que o retrato nu da gente mesmo te devolvesse o olhar.

— Quem é esse? — perguntou, apontando para a pintura de sua cabeça com o corpo do David.

— Não sabe?

— Eu não sou assim.

— Usei a escultura do David do Michelangelo de modelo. Não sabia que tinha pelo no peito.

— E não te parece chocante? — perguntou incrédulo, enquanto sacudia a cabeça — Nunca fui assim. Parece raro.

Esperava que raro quisesse dizer estranho, mas o duvidava.

— Preparava-se para a batalha com o Goliath.

— Merda — jurou e apontou para a virilha de David — Olhe isso. Não tive nada tão pequeno desde que tinha dois anos.

— Tem fixação com os órgãos genitais.

— Eu não, senhora. — girou-se e a assinalou com o dedo — É você a que se dedica a me pintar nu em pelo.

— Sou artista.

21 *Raça de cão.*

— É, e eu astronauta.

Tinha estado disposta a perdoar sua arruda crítica, mas só até certo ponto e ele acabava de transpassar a linha.

— Vai. Agora.

Ele cruzou os braços e trocou o peso de pé.

— Está me expulsando?

— Sim.

Um brilho machista lhe curvou as comissuras dos lábios.

— Acredita que é o suficientemente grande para tentar?

— Sim.

Ele riu.

— Sem a lata de spray, senhorita leite estragado?

Certo, agora estava zangada. Deu-lhe um empurrão no peito e Joe se cambaleou para trás. A seguinte vez que o empurrou, estava preparado e não se moveu.

— Não pode vir a minha casa e me intimidar. Não tenho por que aguentar isto. — Empurrou-o outra vez e ele a agarrou pelo pulso — É um policial infiltrado. Não é meu namorado. Jamais teria um namorado como você.

Seu sorriso se apagou como se lhe tivesse insultado de algum jeito. O que era impossível.

Teria que ter emoções humanas para sentir-se ultrajado.

— Por que diabos não?

— Está rodeado de energia negativa — disse, enquanto lutava para ficar livre de sua presa mas não pôde — E eu não gosto.

Soltou-a e ela deu um passo atrás.

— Ontem à noite não pensava o mesmo.

Ela cruzou os braços e esgotou os olhos.

— Ontem à noite houve lua cheia.
— E o que me diz destes quadros nos que me pintou nu?
— Qual o problema com eles?
— Não pintaria o membro de um cara que você não gosta.
— Meu único interesse em você... né... — Não podia dizer. Não podia dizer essa palavra que começava com o P.
— Pode chamá-lo Senhor Feliz — ele a ajudou — Pênis também vale.
— Anatomia masculina — disse ela — é porque sou uma artista.
— Lá vai você de novo. — Emoldurou seu rosto entre as palmas das mãos — Está te criando mau carma. — Roçou-lhe ligeiramente o queixo com o polegar.
— Não minto — mentiu.
Ficou sem respiração ao pensar que a beijaria. Mas só pôs-se a rir, deixou cair às mãos e se voltou para a porta. Ela ficou apanhada entre o alívio e a decepção.
— Sou artista profissional — assegurou ao Joe seguindo-o à sala de estar.
— Se você diz...

— Sou!

— Então, me deixe te dizer... — disse, agarrando as chaves e a carteira da mesinha de café — que a próxima vez que sinta a urgência de me pintar, não duvide em me chamar. Ponha algum desses objetos de roupa interior tão picante que tem e te mostrarei minha anatomia. Em primeiro plano e de verdade.

Capítulo 14

Ao redor de meia-noite Gabrielle atirou ao chão a lingerie que Joe tinha jogado sobre a cama e se deitou. Fechou os olhos e tentou não pensar nele dentro de seu dormitório com a camisa sem mangas lhe marcando os largos ombros e as calcinhas de vinil pendurando de um dedo. Era um Neandertal. O pesadelo anacrônico de qualquer garota. Tinha-a zangado mais que qualquer homem que tivesse conhecido. Teria que odiá-lo a morte. Realmente deveria fazê-lo. Primeiro tinha zombado de suas crenças e agora de sua arte e, não importava o muito que o tentasse, ele seguia sem lhe desagradar. Havia algo em Joe, algo que a atraía como os fiéis a Mecca. Não queria deixar-se levar, mas seu coração parecia não atender as razões.

Se havia alguém que conhecesse Gabrielle por dentro e por fora, era ela mesma. Sabia o que era bom para ela e o que não era. Algumas vezes se equivocava, como quando aspirou a ser massagista para descobrir que necessitava uma saída mais criativa. Ou quando tinha tomado classes do Feng Shui com intenção de aprender a desenhar a distribuição de uma habitação para obter paz

e harmonia perfeita, mas em troca só tinha conseguido uma dor de cabeça aguda.

Como resultado dos distintos giros que tinha tomado sua vida, sabia um pouco de cada coisa. Algumas pessoas poderiam considerar isso como algo frívolo e irresponsável, mas ela o via de outra maneira, mais como uma disposição a correr riscos. Não temia trocar de rumo. Sua mente estava aberta a quase tudo. Salvo à ideia de deixar que seu coração se envolvesse em uma relação com o Joe. Isso nunca poderia funcionar. Eram muito diferentes. Como o dia e a noite.

Positivo e negativo. Ying e yang.

Ele sairia logo de sua vida. Pensar em não voltar a vê-lo nunca mais deveria fazê-la feliz.

Entretanto, a fazia sentir-se vazia e insone.

À manhã seguinte correu os habituais quatro quilômetros antes de retornar a casa e preparar-se para ir ao trabalho. Depois da ducha vestiu umas calcinhas brancas com coraçõezinhos vermelhos e um sutiã combinando. Esse conjunto era um dos poucos artigos da loja de Francis que Gabrielle se permitia usar. Escovou o cabelo e enquanto se secava, maquiou-se e colocou uns compridos brincos de pérolas.

As segundas-feiras eram o dia de descanso do Kevin e estaria sozinha com o Joe até o meio-dia, momento em que chegaria Mara. Passar tempo a sós com ele a assustava, mas também lhe provocava pequenas mariposas no estômago. Perguntou-se se ele dedicaria a revistar os arquivos do Kevin com a porta do escritório fechada igual à na semana anterior. Ou se teriam que procurar **134**

algo para que ele fizesse. E se perguntou se levaria o cinturão de ferramentas um pouco caído sobre os quadris.

Soou o timbre da porta seguido de um golpe que ela reconheceu imediatamente. Vestiu rapidamente um penhoar branco e se atou o cinturão enquanto caminhava para a porta. Retirou o cabelo de debaixo do objeto e abriu a porta. Em lugar dos habituais jeans e a camiseta, Joe usava um traje azul marinho, camisa branca e uma gravata azul e cinza. Os escuros óculos de sol ocultavam seus

pensamentos, em uma mão levava uma sacola do mesmo bar da Oitava onde tinha comprado os sanduíches na sexta-feira, a outra a tinha metido no bolso das calças.

— Trouxe o café da manhã — disse.

— Por quê? Sente-se mal por zombar de mim ontem à noite?

— Alguma vez zombei de você — disse com o rosto totalmente sério — Vai me convidar para entrar?

— Nunca pediu permissão. — foi para um lado para lhe deixar passar, logo fechou a porta atrás dele — Sempre entra como se estivesse em sua casa.

— Tinha a porta fechada com chave. — Colocou a sacola de papel na mesinha diante do sofá, e agarrou duas madalenas e duas taças de café — Espero que você goste das madalenas de queijo — disse, tirando os óculos de sol e os colocando no bolso interior de sua jaqueta. Logo a olhou com olhos cansados e tirando a tampa plástica dos copos de poliestireno lhe ofereceu um — toma.

Gabrielle não gostava de café, mas o agarrou de todos os modos. Ele ofereceu uma madalena e ela também a aceitou. Pela primeira vez desde que abriu a porta notou a tensão que lhe franzia a boca.

— O que acontece?

— Primeiro come. Falaremos depois.

— Primeiro? Como é possível que possa comer algo agora?

Ele deslizou o olhar por suas bochechas e sua boca, logo voltou a olhá-la aos olhos.

— Ontem de noite um comerciante de arte de Portland ficou em contato com o Kevin. Seu nome é William Stewart Shalcroft.

— Conheço o William. Kevin trabalhou para ele.

— Ainda trabalha. Esta tarde as três, William Stewart Shalcroft chegará de Portland em um voo charter sem escalas. Kevin e ele planejam encontrar-se em uma sala do aeroporto, intercambiar o Hillard por dinheiro e logo o senhor Shalcroft pensa alugar um carro e conduzir de retorno a Portland. Nunca chegará ao balcão de Hertz. Prenderemos os dois assim que façam o intercâmbio.

Gabrielle piscou.

— Está me tirando sarro, não é?

— Quem dera fosse assim, mas não. Da noite do roubo Kevin teve a pintura em seu poder.

Ela o ouviu. Suas palavras eram contundentes, mas não tinham sentido. Não podia conhecer o Kevin desde fazia tantos anos e estar tão equivocada com respeito a ele.

— Tem que haver um engano.

— Não há engano possível.

Ele parecia tão seguro, soava tão inflexível que a primeira sombra de dúvida passou por sua mente.

— Está absolutamente seguro?

— Grampeamos o telefone de sua casa e temos gravado como estabelece o encontro com o Shalcroft para o intercâmbio.

Olhou ao Joe, o cansaço e a tensão apareciam em seus olhos castanhos.

— Então é tudo verdade?

— Temo que sim.

E pela primeira vez desde que a algemou e a levou a delegacia de polícia, acreditou nele.

— Kevin roubou o Monet do senhor Hillard?

— Contratou alguém para que efetuasse o roubo.

— Quem?

— Não sabemos ainda.

Aferrou-se a essa resposta.

— E não é possível que quem efetuou o roubo seja o único ladrão?

— Não. O roubo de uma obra de arte tão valiosa como um Monet requer planejamento e uma trama clandestina de contatos. Começa com um colecionador rico e segue daí. Acreditam que planejaram o roubo há pelo menos seis meses e que esta não é a primeira vez que Kevin e Shalcroft trabalham juntos. Acreditam que realizaram operações deste tipo desde que Kevin conheceu o Shalcroft em Portland.

Tudo o que Joe dizia era possível, mas incrível de aplicar ao Kevin que ela conhecia.

— Como pode se envolver em algo tão horrível?

— Por dinheiro. Muito dinheiro.

Gabrielle olhou a madalena e o café que tinha nas mãos. Durante um momento esteve tão confusa que esqueceu como tinham chegado até ali.

— Vou deixar isso aqui — disse ela, colocando tudo sobre a mesa — Não tenho fome. — Joe tentou abraçá-la, mas ela se afastou e se afundou no sofá lentamente. Sentou-se com as mãos no colo e o olhar cravado na habitação.

A simples vista tudo parecia igual a um momento antes. O relógio sobre a chaminé marcava silenciosamente os minutos e a geladeira zumbia na cozinha. Uma velha caminhonete passou por diante da casa e um cão ladrou rua abaixo. Soava à rotina de um dia normal, mas tudo era diferente. Sua vida era diferente agora.

— Deixei você trabalhar no Anomaly porque não acreditei no que dizia — disse ela — Pensava que estava equivocado e durante todo este tempo estive fantasiando com a ideia de que um dia viria a me dizer o muito que lamentava tudo E... isto. — Lhe quebrou a voz e se esclareceu garganta. Não queria chorar. Não queria sofrer uma crise nervosa e montar uma cena, mas foi incapaz de evitar que os olhos enchessem de lágrimas. Lhe empanou a vista, o desenho das taças de café pareceu apagar-se e esfumar-se — Que teria que se desculpar por me prender esse dia no parque e por me fazer trair ao Kevin. Mas ao final não estava equivocado sobre ele.

— Sinto muito. — Joe se sentou a seu lado com as pernas separadas e fechou sua cálida mão sobre a dela — Sinto que te ocorresse algo assim. Você não merece passar por isso.

— Não sou perfeita, mas nunca fiz nada para ter tão mau carma. — Sacudiu a cabeça e uma lágrima lhe deslizou pela bochecha até uma das comissuras dos lábios — Como pude estar tão cega? Por que não vi nenhum sinal? Como pude ser tão estúpida? Como não me dava conta de que me tinha associado com um ladrão?

Lhe apertou a mão.

— Porque é como oitenta por cento das pessoas. Não acredita conhecer nenhum criminoso.

Não suspeita de ninguém.

— Você faz isso.

— Porque é meu trabalho e tenho que estar com os outros vinte por cento de idiotas. — Roçou os nódulos de Gabrielle com o polegar — Sei que agora não é capaz de ver nada bom em tudo isto, mas tudo irá bem. Tem um bom advogado. Certeza que consegue que fique com a loja.

— Não acredito que a loja possa sobreviver a este desastre. — Uma segunda lágrima lhe escapou dos olhos e logo uma terceira — O roubo dessa pintura ainda é notícia. Quando prenderem o Kevin, a loja se converterá em um enxame de jornalistas... Nunca poderei me recuperar de nada parecido. — Com a mão livre se secou as lágrimas que lhe corriam pelas bochechas — Anomaly está acabada.

— Pode ser que não — disse ele, sua voz profunda soava tão confiante que quase acreditou.

Mas ambos sabiam que a loja nunca seria a mesma. Sempre estaria marcada pelo roubo da pintura Hillard. Kevin o tinha feito. Ele

havia feito isso, e era impossível para ela reconciliar ao Kevin ladrão de arte com o homem que sempre lhe tinha levado chá quando não se sentia bem.

Como podia existir tal dicotomia em uma pessoa? Como pôde pensar que conhecia o Kevin tão bem quando não o conhecia absolutamente?

— Você também acha que ele tem todas essas antiguidades roubadas que me disseram na delegacia de polícia?

— Sim.

Um pensamento horrível golpeou Gabrielle e rapidamente olhou ao Joe por cima do ombro.

— Ainda pensa que estou envolvida?

— Não. — Lhe acariciou a úmida bochecha com o dorso dos dedos — Sei que você não está envolvida.

— Como?

— Conheço você.

Sim, tal como ela conhecia ele. Percorreu-lhe o rosto com o olhar, das bochechas recém barbeadas a suave mandíbula.

— Como pude ser tão estúpida, Joe?

— Enganou a muita gente.

— Sim, mas eu trabalhava com ele quase todos os dias. Era meu amigo, mas suponho que nunca o conheci em realidade. Por que não senti sua energia negativa?

Joe lhe rodeou os ombros com os braços e a obrigou a recostar-se com ele sobre as **137**

almofadas do sofá.

— Bom, não acredito que seja sua culpa, a aura das pessoas também pode fazer armadilha.

— Está rindo de mim?

— Estou sendo amável.

Lhe entupiu um soluço na garganta quando o olhou. Primeiro Kevin e agora Joe? Nenhum era como ela acreditava.

— Por que sou tão ingênua? Francis me diz sempre que sou muito confiante. Sempre acabo me colocando em problemas. — Sacudiu a cabeça e piscou para eliminar as lágrimas dos olhos. O

rosto do Joe estava tão perto que podia lhe ver os cabelos do bigode sob a pele morena e cheirar sua loção pós-barba — Algumas pessoas acreditam que cada um atrai acontecimentos positivos ou negativos a sua vida, que atrai às pessoas que se merece.

— Isso me parece uma besteira. Se fosse assim, você só atrairia videntes de auras, temerosos do carma e vegetarianos não praticantes.

— Está tratando de ser amável outra vez?

Ele sorriu.

— Se não se der conta, é que não estou fazendo bem.

Ela olhou a formoso rosto que conhecia tão bem, esses intensos olhos com as sobrancelhas baixas como sempre que a olhava. O nariz reto e a profunda curva do lábio superior. A pele suave onde apareceria uma sombra azulada aproximadamente ao meio dia.

— Meu último namorado via auras, era um temeroso do carma e vegetariano, embora ele sim fosse vegetariano de tudo.

— Soa como se fosse muito dinâmico.

— Era aborrecido.

— Vê, isso é porque não pode evitar cair na tentação. — Com o polegar lhe enxugou outra lágrima da bochecha enquanto passeava o olhar por seu rosto — Você necessita um homem que aprecie as mulheres rebeldes e apaixonadas. Fui à escola paroquial e depois disto sinto um profundo afeto pelas garotas que caem na tentação. No quarto grau Karla Solazabal estava acostumada a levantar sua saia do uniforme para me ensinar os joelhos. Meu deus, como a amava por isso.

E ela amava que tratasse de animá-la.

— O que vai acontecer agora? — perguntou.

Seu olhar se escureceu.

— Uma vez que Kevin seja detido, ficharão-o...

— Não — o interrompeu — Sou sua colaboradora até depois do julgamento?

— Não, fica livre do acordo. Como não sabe nada, estou seguro de que nem sequer terá que atestar no julgamento.

Sua resposta lhe cravou no coração como uma flecha ardente. Não perguntaria se tinha intenção de vê-la outra vez, se a chamaria

agora que não era sua namorada fictícia. Não queria perguntar por que não estava segura de querer saber a resposta.

— Quando tem que ir?

— Ainda não.

Gabrielle deslizou a mão pelo braço do Joe, subindo pelo ombro, até a cabeça. Não falaria do que poderia ocorrer mais tarde ou amanhã ou a semana seguinte. Não queria pensar nisso.

Acariciou-lhe o couro cabeludo para afastar o cabelo curto e agudo. Um desejo ardente iluminou os olhos de Joe, que baixou o olhar a sua boca.

— O que aconteceu com Karla? — perguntou ela.

Ele levou a palma da mão a um lado do pescoço de Gabrielle e deslizou os dedos sob o penhoar.

— É promotora.

Levantou-lhe o queixo com o polegar ao tempo que baixava os lábios para acariciar os dela uma vez, duas, três vezes. Seus beijos eram tão suaves que pareceram queimá-la como o radiante sol de agosto, esquentando-a do cocuruto até a boca do estômago. Um quente estremecimento se estendeu por suas pernas descendendo pela parte de atrás dos joelhos até as pontas dos pés. O

interior de sua úmida boca tinha sabor de hortelã e café. Joe a beijou como se o sabor dela fosse doce e muito, muito bom.

Ela inclinou a cabeça para um lado para lhe facilitar o acesso, e ele a empurrou contra o respaldo do sofá lhe fazendo amor com os lábios e a língua. A cálida palma de sua mão penetrou sob o penhoar e deslizou a ponta dos dedos pelo bordo do sutiã acariciando os montículos dos seios. Excitada alcançou o nó da gravata. Ele não a deteve, e Gabrielle puxou as extremidades da gravata que penduravam sobre o peito. Gabrielle lhe sugou a língua enquanto desabotoava o pequeno botão do pescoço da camisa, continuando com o resto de botões até que a camisa se abriu por

completo. Logo puxou a camisa para tirar das calças. Procurando entre seus corpos, suas mãos encontraram o duro abdômen. Ele conteve o fôlego. O fino pelo fez cócegas em seus dedos quando o acariciou no estômago para depois pressionar as palmas das mãos sobre cada mamilo.

Seus músculos se endureceram sob a carícia, sua pele ardeu e lhe escapou um gemido da garganta.

Ele tinha se comportado assim a noite que lhe tinha dado a massagem. Tinha atuado como se a desejasse, logo lhe tinha perguntado sobre o Elvis e partiu. Sem nenhum problema.

— Recorda a outra noite quando te fiz a massagem? — ela perguntou.

Ele tirou a jaqueta e a lançou ao chão.

— É muito provável que nunca esqueça essa massagem.

— Desejava você e acreditava que você me desejava também. Mas foi embora.

— Não vou a nenhum lugar. — Seu olhar encontrou o seu enquanto colocava cuidadosamente o coldre com a arma sobre o chão, ao lado da jaqueta.

— Por que agora?

— Porque estou cansado de resistir a isto. Desejo-te tanto que me dói, e estou farto de chegar em casa tão duro que não há ducha fria que possa remediá-lo. Estou cansado de sonhar acordado, imaginando-a nua como se tivesse dezesseis anos outra vez.

Imaginando meu rosto entre seus seios, imaginando como seria ter sexo selvagem contigo. É o momento de deixar de sonhar e passar à ação. — Flexionou os pulsos e se desabotoou os punhos da camisa

— Dizia a **139**

verdade sobre que toma pílula, não é?

— Sim.

Ele tirou a camisa e a atirou sobre a jaqueta.

— Então já é hora de que façamos amor — disse, e se equilibrou sobre ela envolvendo-a entre seus braços enquanto sua boca tomava posse da dela.

Rodeou-lhe as costas com um braço e a recostou brandamente sobre o sofá. Pôs um joelho entre suas coxas, apoiando a outra perna no chão, e voltou a olhar com olhos famintos. O penhoar de Gabrielle deixava entrever o quadril, a perna direita e o suave montículo do peito esquerdo. Ele desatou o cinturão e afastou a amaciado tecido. Seu olhar ardente a acariciou por toda parte atrasando-se no triângulo estampado de corações que lhe cobria a virilha. Então, muito lentamente, subiu pelo abdômen até o sutiã e agarrando ambas as taças com as mãos, apertou-as uma contra outra.

— Lembra quando cheguei ao pátio traseiro e te encontrei na piscina de crianças?

— Ahã.

— Quis fazer isto.

Ele se inclinou sobre ela e colocou as palmas das mãos sob seus ombros. Elevou-a e enterrou o rosto entre seus seios, lhes prodigalizando beijos suaves enquanto Gabrielle deslizava as mãos sobre seus ombros nus para atraí-lo para seu corpo. Envolveu uma perna ao redor de sua cintura e se apertou contra ele. Um gemido escapou do mais profundo da garganta de Gabrielle quando ele também pressionou, empurrando a dura ereção contra sua virilha. Todo seu ser se centrou nele, no prazer de suas carícias e na surdador entre as coxas. Seus beijos suaves a faziam perder o julgamento e se arqueou contra ele oferecendo um seio turgente a seus lábios. Joe procurou seu olhar e sorriu, logo abriu a boca e sugou sobre o fino tecido do sutiã enlouquecendo-a com o ritmo lento e ondulante de seus quadris. Apesar do magro tecido das calcinhas e de suas calças conseguiu que se liquidificasse por dentro. Ardia-lhe a pele, os mamilos puxaram contra o tecido e, lhe cravando os dedos nos ombros, aferrou-se a ele. Joe deslizou a mão sob suas costas e a agarrou pela coxa para detê-la.

— Mais devagar, querida, ou me envergonharei aqui mesmo, antes que comece a parte boa de verdade.

— Acreditava que esta era a parte realmente boa.

Uma risada suave escapou de seus lábios.

— Pode melhorar.

— Como?

— Agora lhe demonstrarei isso, mas não no sofá. — Ele se levantou e a pôs de pé, logo a arrastou fora da sala — Em uma cama onde possa me estirar enquanto trabalho.

Chegaram até a copa onde ela se deteve para beijá-lo na garganta. Saboreou sua colônia e deslizou a mão sobre seu abdômen plano, sob as calças, até apanhar a dura longitude. Logo, antes que ela pudesse dar-se conta do que ele estava fazendo, subiu-a e a sentou sobre a mesa.

Gabrielle golpeou o telefone com a mão, que caiu ao chão. A nenhum dos dois lhe importou.

— A primeira vez que te vi correndo na minha frente no parque pensei que tinha o traseiro e **140**

as pernas mais doces deste lado do paraíso. Era a mulher mais bonita que tinha visto. — Ele se sentou em uma cadeira e lhe beijou o interior de uma panturrilha.

— Acreditava que era uma ladra.

— Isso não quer dizer que não queria te ver nua. — Pressionou os lábios no interior do joelho — Que não queria te olhar enquanto te seguia. Que não soubesse o afortunado filho de puta que era.

O olhar de Gabrielle lhe percorreu o cabelo e os lábios sorridentes que ele apertava contra o interior de sua coxa. A paixão ardia a fogo lento em seus olhos escuros quando a ponta de sua língua tocou a marca uns centímetros por debaixo da banda elástica de suas calcinhas. Conteve o fôlego enquanto a mantinha assim, em suspense, lhe fazendo arder às vísceras enquanto se perguntava o que viria depois.

— Ou como sabe aqui. — disse, e brandamente lhe lambeu a pele com sua cálida boca.

Cada broto de desejo de seu corpo se intensificou e ardeu, excitando-a e paralisando-a ao mesmo tempo. Ele deslizou a mão pelo interior de sua coxa até o triângulo de tecido que lhe cobria a virilha. Roçou-a através do fino material enquanto levantava a cabeça para olhá-la.

— Você gosta?

— Sim, Joe...

Ele aproximou a cadeira à mesa tanto como foi possível.

— Isto está me deixando louco.

Ele rodeou com o braço sua cintura, logo baixou a cabeça e sugou o umbigo por debaixo do aro. Esticou a mão com a que lhe segurava a perna enquanto continuava acariciando-a ligeiramente com o polegar por cima das calcinhas molhadas. Ela reclinou a cabeça para trás e fechou os olhos escapando de tudo menos do prazer delicioso que provocava sua mão enquanto sua boca criava um úmido caminho do estômago até a curva do peito direito. Joe lambeu sua sensível pele, logo empurrou a um lado a taça do sutiã e tomou o mamilo com sua cálida boca.

Gabrielle gemeu e arqueou as costas, perdida no roce erótico de seus lábios e a textura aveludada de sua língua. Ele deslizou dois dedos sob a banda elástica das calcinhas e tocou a escorregadia carne, acariciando-a exatamente onde ela mais desejava, no lugar onde cada sensação se combinava e intensificava. Tentou fechar as pernas para conter o prazer, mas ele estava entre seus joelhos. Logo o ar frio roçou o úmido topo de seu peito e o ouviu sussurrar seu nome. Abriu os olhos e seu rosto estava tão perto que seu nariz quase roçava a dela.

— Gabrielle — disse outra vez e logo a beijou, tão suave e docemente como a primeira vez.

Ela envolveu os braços ao redor de seu pescoço e lhe devolveu o abraço. Ao olhar seus profundos olhos castanhos, seu peito se inchou com um tipo de emoção que já não pôde ocultar.

Embora de todas as maneiras nunca tivesse sido muito boa ocultando nada.

Soltou os ganchos do sutiã e o leve material pareceu evaporar-se. Pressionou os seios nus contra seu peito e deslizou uma mão por seu flanco, sobre suas lisas costas e a zona lombar onde ele tinha um emplastro pego de nicotina. Adorava lhe tocar e sentir sua pele sob as mãos. Deslizou os dedos pelo cinturão de couro, soltou-o e abriu suas calças. Logo se tornou para trás e o olhou.

Muito devagar, baixou-lhe as calças pelas coxas para descobrir uns boxers brancos com as palavras **141**

“boxer do Joe” escritas no cóis. Ele se desfez a patadas dos sapatos e as calças, logo tirou as meias três - quartos. Agarrou-a pela mão e, esta vez, dirigiram-se ao dormitório.

Os pés de Gabrielle se afundaram no grosso tapete branco. Subiu o olhar pelas poderosas panturrilhas de Joe até a cicatriz que danificava sua dura coxa.

— Posso te dar uma massagem — ofereceu, sua voz soava rouca quando acariciou a cicatriz com as pontas de seus dedos.

Joe a agarrou pela mão e a levou uns centímetros mais acima para pressionar descaradamente a palma contra a grossa ereção.

— Dê uma massagem a isto.

— Bom, já sabe que sou uma autêntica profissional — disse ela, e colocou a mão sob a cueca envolvendo o membro quente com os dedos.

Fechou o punho ao redor e acariciou ligeiramente a base do muito duro pênis até a ponta suave e grossa. Com a outra mão deslizou os boxers pelas coxas e por fim pôde vê-lo. Viu pela primeira vez o poderoso corpo nu, olhou-o como uma artista que sentia uma profunda avaliação pela beleza, e como uma mulher que queria fazer amor com o formoso homem que fazia pulsar seu coração.

Gabrielle se aproximou até que seus mamilos lhe roçaram o peito. A evidente prova de sua ereção se apertou contra seu ventre e, sem soltá-lo, esfregou-o contra seu umbigo e seu estômago plano. Uma gota de sêmen lhe molhou a pele enquanto o beijava na garganta, no ombro, no pescoço. Deslizou uma mão pelo peito e escrutinou seus olhos entrecerrados.

— Então quando chegaremos à parte realmente boa? — Ela perguntou.

Lhe acariciou a garganta com o nariz e gemeu:

— Logo que me solte.

No momento em que o fez, agarrou-a por debaixo das axilas e a estendeu sobre a cama.

— Tire as calcinhas — lhe pediu, engatinhando sobre o edredom para unir-se a ela no centro da cama. Ajudou-a a abaixar roupa

interior pelas pernas, detendo-se para lhe beijar o quadril antes de lançar as calcinhas por cima do ombro, logo se ajoelhou entre suas pernas.

Olhou-a nos olhos e desceu entre suas coxas. Acariciou-lhe o ventre, os quadris e a carne escorregadia e sensível, aproximando-a mais a ele, até que se deteve e apoiou o peso em um antebraço.

— Tem certeza de que está preparada para a melhor parte? — perguntou enquanto localizava a larga cabeça de seu pênis.

— Sim — sussurrou ela, e ele inundou bruscamente toda a dura longitude em seu interior.

Gabrielle aumentou os olhos e ficou sem respiração. Gritou. Então, ele se retirou para enterrar-se ainda mais profundamente.

— Virgem Santa — gemeu ele, e tomou o rosto entre as mãos.

Beijou-a e mergulhou a língua em sua boca enquanto penetrava muito lentamente em seu corpo uma vez mais. Lhe pôs uma perna ao redor da cintura e lhe colocou o outro pé na parte de atrás do joelho movendo-se com ele, respondendo ao ritmo de seus quadris. Cravou os dedos nos ombros e lhe devolveu o beijo, igualando sua paixão. Cada investida os levava mais perto do **142**

clímax. Joe empurrava profundamente em seu interior até que ela já não pôde respirar e teve que afastar a boca da dele para encher os pulmões de ar. A pressão aumentava e Gabrielle se aferrou com mais força a seus ombros.

— Joe — sussurrou, querendo lhe dizer como se sentia, mas as palavras não saíram. Queria lhe dizer que nunca havia se sentido tão bem, tão delirante e ardente.

Ela o olhou. Observou seus traços tensos enquanto investia contra ela e quis que soubesse que nunca havia se sentido tão incrível, que ele era incrível e que o amava. Que ele era seu yang, mas então ele a agarrou pelo traseiro, levantou-lhe a pélvis e aumentou a sensação com cada investida, arrastando-a para o clímax. Sentia cada batimento de seu coração, e cada parte de seu corpo, de sua mente e de sua alma confluíram onde ambos se uniam. Abriu a boca, mas só foi capaz de pronunciar a palavra sim seguida de um comprido gemido de satisfação.

— Assim, goza para mim — sussurrou ele, e o som de sua voz provocou sua larga e dura queda.

Seu corpo se esticou e se arqueou quando o orgasmo a alcançou e a possuiu por completo.

As poderosas sensações a fizeram estremecer. Joe se viu comprimido em seu estreito canal enquanto investia uma e outra vez mais forte, mais profundo. As sensações formaram redemoinhos em torno dela até que por fim um gemido angustiado rasgou o peito de Joe e seu fôlego rouco lhe acariciou a têmpora. Empurrou nela uma última vez, logo ficou quieto.

Durante um momento, o único som foram seus ofegos e uma sirene ao longe. Suas peles se pegavam ali onde se tocavam e uma gota de suor se deslizou pela frente do Joe.

Um sorriso curvou lentamente seus lábios.

— Foi assombroso — disse ela.

— Não — corrigiu ele, lhe dando um beijo na boca — você é assombrosa.

Gabrielle retirou a perna de sua cintura.

Ele agarrou sua coxa como se pensasse que ela planejava afastar-se e não queria deixá-la ir.

— Precisa ir a algum lugar?

— Não.

— Então por que não fica justo onde está? Eu farei o mesmo.

— Aqui mesmo? Nus?

— Ahã. — Ele colocou os dedos entre seu cabelo e moveu os quadris com lentidão. Retirou-se, penetrou-a outra vez e a sensação voltou de novo — Quero mais da melhor parte. E você?

Bom, queria mais. Queria bastante mais dele, mas além do que queria o Joe, não estava preparada para confrontar o que a esperava fora. Ainda não. Rodeou-lhe a cintura outra vez com a perna e começaram a mover-se devagar com estocadas ligeiras e persistentes, mas as coisas se esquentaram muito rápido e, de algum jeito, acabaram no chão rodando por cima da roupa interior que ela tinha atirado ali a noite anterior. Finalmente, Gabrielle ficou escarranchada sobre seus quadris.

— Ponha as mãos detrás da cabeça — ela pediu.

A suspeita brilhou em seus olhos, mas o fez enquanto perguntava.

— O que vai fazer?

— Vou fazer estalar sua mente.

— Essa é uma declaração atrevida.

Gabrielle somente sorriu. Tinha ido a classes de dança do ventre durante seis meses, o tempo necessário para saber como rodar os quadris e mover-se sensualmente. Levantou as mãos por cima da cabeça e rodou os quadris enquanto rebolava. Fechou os olhos e se abandonou ao gozo de senti-lo no mais profundo de seu ser.

— Você gosta?

— Fo-da!

Ela sorriu amplamente e retendo-o profundamente em seu interior, fez estalar sua mente.

— Tem certeza de que não cheiro a garota? — perguntou Joe pela terceira vez na copa enquanto subia os boxers.

Gabrielle lhe enterrou o nariz no pescoço. Depois que se levantaram do chão do dormitório, tinha-o metido meio aturdido na ducha para reanimá-lo com uma esponja de lufa e uma pastilha especial de seu sabão caseiro de lilás. Ele não tinha deixado de queixar do aroma de garota até que ela se ajoelhou ante ele para ensaboá-lo de cima abaixo.

— Acredito que não — disse, vestindo as calcinhas e grampeando o sutiã. Cheirava ao Joe.

Gabrielle cruzou os braços e apoiando-se contra a mesa o observou abotoar as calças. A luz acariciava os cachos acobreados de seu cabelo molhado.

— Não quero que hoje responda ao telefone — disse ele, entrando na sala de estar e agarrando a camisa e a jaqueta — Ao menos, não até depois das três. Kevin poderia tentar entrar em

contato contigo depois da detenção e te sugeriria que não falasse com ele. — Colocou os braços na camisa e abotoou os punhos antes que a frente — E se assegure de comer algo. Não quero que fique doente.

O que lhe passava com a comida? Gabrielle o observou da copa, o amando tanto que lhe doía. Não sabia como, mas tinha ocorrido. Ele não era o tipo de homem que imaginou que podia chegar a querer, mas era o homem perfeito para ela. Sentiu os rápidos batimentos de seu coração, o bater de asas incessante em seu estômago e soube em sua alma. Era algo mais que bom sexo.

Mais que orgasmos alucinantes. Ele era seu homem e ela sua mulher. Positivo e negativo.

Mas uma pequena dúvida diminuiu a sensação de euforia. Não estava segura de que ele tinha chegado à mesma conclusão que ela.

Joe colocou a mão no bolso da jaqueta, tirou o pager e olhou a tela.

— Possivelmente deveria ficar com sua mãe alguns dias. Merda. Onde está o telefone?

Gabrielle apontou a seus pés, onde estava atirado no chão. Ele agarrou a jaqueta e o coldre e voltou para copa. Joe recolheu o telefone com uma mão e pulsou o botão de conexão com o polegar, logo marcou os números.

— Shanahan — disse, enquanto colocava o coldre e a jaqueta sobre a mesa — Bom, meu pager estava no carro... O que diz? Acabo de encontrar um telefone. — meteu a camisa pelas calças e logo agarrou a jaqueta — me diga que está de brincadeira. Nem sequer é meio-dia! — **144**

Com o telefone entre a orelha e o ombro passou os braços pelas mangas — Quando foi isso?...

Vou para lá — disse, e pendurou o auricular no suporte — Merda!

— O que?

Ele a olhou, depois se sentou em uma cadeira e calçou as meias três - quartos.

— Não posso acreditar que isto está acontecendo. Não é possível.

— O que?

Joe se cobriu o rosto com as mãos e se esfregou a frente como se tivesse a pele tensa.

— Merda — suspirou, e deixou cair às mãos — Kevin e Shalcroft trocaram à hora do encontro. Prenderam-nos faz quinze minutos. Tentaram contatar comigo do escritório, mas não puderam. — calçou os sapatos e se levantou.

— OH.

Agarrando o coldre, correu à porta.

— Não fale com ninguém até que eu volte — disse por cima do ombro. Resmungou umas quantas obscenidades mais, logo saiu de casa sem incomodar-se em dizer adeus.

Capítulo 15

Joe girou o volante descrevendo um U no meio da rua de Gabrielle. A roda direita subiu à calçada enquanto arrancava o emplastro de nicotina da cintura e o jogava pela janela. Colocou os óculos de sol e procurou no porta-luvas até que encontrou um maço de cigarros Marlboro. Tirou um cigarro e o acendeu com o Zippo. Uma nuvem de fumaça se estendeu para o para-brisa quando tomou uma profunda tragada. Apertava a mandíbula com tanta força que lhe chiavam os dentes. Não sabia como explicaria o novo amassado do Chevy. Um amassado que era exatamente do tamanho de seu pé. Gostaria de chutar o traseiro se isso fosse humanamente possível.

A detenção mais importante de sua vida e a havia fodido. Ele tinha perdido porque estava mantendo relações sexuais com sua colaboradora. Não importava que talvez tecnicamente ela já não o fosse no momento da penetração; ele estava de serviço e não puderam lhe localizar da delegacia de polícia. Haveria perguntas. E não tinha as respostas. Nenhuma que queria dar a perguntas como: “Onde diabos se enfiou, Shanahan?”

E o que podia dizer: “Bom, capitão, como se supunha que a detenção seria as três, pensei que tinha um montão de tempo livre para me atirar a minha colaboradora.” Joe se arranhou a fronte e continuou pensando. “E ouça, tive a transa mais incrível, depois de

fazê-lo a primeira fiquei com tesão de novo e tive que repetir. E a segunda vez foi tão espetacular que pensei que ia necessitar reanimação. E capitão, eu garanto que você não sabe o que é realmente um chuveiro até que tenha sido ensaboado e acariciado por Gabrielle Breedlove.” Se admitisse isso, provavelmente teria que devolver o distintivo e converter-se em guarda de segurança.

Outra nuvem de fumaça encheu o carro quando Joe exalou. Existia a possibilidade de que ninguém descobrisse sua relação com Gabrielle. Ele certamente não pensava difundir o incidente **145**

nem sequer para descarregar a consciência. Mas ela poderia fazê-lo e então estaria fodido.

Quando o caso fosse a julgamento, podia imaginar o advogado defensor do Kevin Ihe acoçando com perguntas do tipo: “Não é verdade, detetive Shanahan, que manteve relações sexuais com sua colaboradora, a sócia de meu cliente? E não poderia ser tudo isto uma montagem contra meu cliente por ciúmes?”

Talvez os armazéns K-mart necessitassem de alguém para vigiar as lojas de noite.

Joe levou quinze minutos e outro cigarro para estacionar o Chevy diante da delegacia de polícia. Fechou os punhos com força e os meteu nos bolsos das calças controlando sua cólera. A primeira pessoa que encontrou no caminho dos escaninhos foi o capitão Luchetti.

— Onde diabos se meteu? — ladrou Luchetti, mas não havia tirania atrás de suas palavras. O

capitão parecia dez anos mais jovem que no dia anterior e o certo era que sorria pela primeira vez desde o roubo Hillard.

— Já sabe onde. — Joe e outro detetive tinha passado a noite anterior e primeiras horas da manhã estudando planos do departamento para a prisão. Eles tinham planos. Planos que obviamente tinha começado sem ele. — Fui à casa da Sra. Breedlove para avisar da prisão de Carter. Onde você estava?

— Carter e Shalcroft estão ainda com o Miranda. Não querem falar — respondeu Luchetti, enquanto caminhavam pelo corredor para as salas de interrogatórios. Durante os dez dias anteriores, o

ambiente no edifício tinha sido sombrio e cheio de tensão. Agora todos os que passavam diante de Joe, desde detetives a sargentos, mostravam um grande sorriso. Todo mundo respirava com alívio menos Joe. Não com o traseiro tão perto do triturador — Não sente cheiro de flores? — perguntou Luchetti.

— Não cheiro nada.

O capitão deu de ombros.

— Não pudemos te localizar.

— Bom, é porque não tinha o pager comigo. — O qual era basicamente certo. O pager estava nas calças e não as tinha vestido quando soou — Não sei como pôde ter ocorrido.

— Nem eu. Não entendo como um detetive com nove anos de experiência pode andar sem o pager. Quando soubemos que Carter tinha trocado a hora da reunião e vimos que não podíamos te localizar enviamos uma patrulha a essa loja da Décima terceira rua. O oficial informou que chamou nas duas portas, mas não respondeu ninguém.

— Não estava ali.

— Enviamos alguém a sua casa. Tinha o carro estacionado fora, mas ninguém abriu a porta.

Céu Santo. Não tinha ouvido ninguém chamando, mas, é obvio, em alguns momentos chamei nem se teria informado de uma banda de música tocando a meio metro de seu traseiro.

— Deve ter sido quando saímos para o almoço — improvisou — Fomos no carro da senhorita Breedlove.

Luchetti se deteve na porta da sala.

— Contou-lhe sobre Carter e teve vontade de tomar o café da manhã? Sentia-se com ânimo para dirigir?

Era o momento de trocar de tática. Olhou de frente ao capitão e deixou escapar a cólera que tinha estado contendo.

— Está tratando de me pegar as bolas, Luchetti? O roubo Hillard é o caso mais importante do departamento e perdi a fodida prisão porque estava fazendo de babá de um colaborador. — Deixar escapar parte da fúria o fez sentir condenadamente bem — trabalhei muito duro neste caso e batalhei um montão de horas extra. Tive que aguentar as sandices do Carter todos os dias e queria lhe pôr as algemas eu mesmo. Merecia estar ali e não sabe quanto me fode haver perdido isso. Assim se está tratando de me fazer sentir como um idiota, pode esquecer. Não pode fazer que me sinta pior.

Luchetti se balançou sobre os calcanhares.

— De acordo, Shanahan, deixarei passar a menos que volte a surgir o tema.

Deus não queira. Joe não podia explicar o que tinha passado entre ele e Gabrielle. Nem sequer podia explicar a si mesmo.

— Tem certeza de que não cheira a flores? — perguntou Luchetti, e farejou o ar — Algo como o perfume de lilás de minha esposa.

— Merda, não cheiro nada. — “Sabia. Sabia que cheirava como uma garota” — Onde está Carter?

— Na três, mas não fala.

Joe se dirigiu à sala de interrogatórios e abriu a porta. E ali estava Kevin sentado com uma mão algemada à mesa.

Kevin levantou a vista e torceu a boca com desprezo.

— Quando um dos tiras me disse que havia um detetive infiltrado trabalhando no Anomaly soube que tinha que ser você. Do primeiro dia me dava conta de que era um perdedor.

Joe apoiou um ombro contra o marco da porta.

— Possivelmente, mas não sou o perdedor que apanharam com o Monet do Sr. Hillard, nem o perdedor que encheu sua casa de antiguidades roubadas. Tampouco sou o perdedor que vai passar de quinze a trinta anos na prisão estadual. Esse perdedor é você.

O rosto pálido do Kevin empalideceu ainda mais.

— Meu advogado me tirará daqui.

— Acredito que não. — Joe se afastou para deixar entrar o chefe Walker na sala — Não existe advogado tão bom.

O chefe se sentou na mesa em frente a Kevin com uma volumosa pasta cheia de documentos. Joe sabia que alguns não tinham nada que ver com Kevin. Uma das mais antigas táticas policiais era fazer um criminoso acreditar que tinha um grosso arquivo.

— Shalcroft está colaborando mais que você — começou Walker, o qual, supôs Joe, tinha tantas possibilidades de ser mentira como verdade. Ele também acreditava que quando Kevin visse a quantidade de provas que havia contra ele cantaria rapidamente. Se não tinha mais remédio, Kevin Carter se preocuparia só de salvar sua própria pele. Sem dúvida daria o nome do ladrão que tinha contratado para roubar a pintura e o de outros envolvidos.

— Deveria pensar seriamente em cooperar antes que seja muito tarde — sugeriu Joe.

Kevin se recostou na cadeira e inclinou a cabeça.

— Vai a merda.

— Ok, pense nisso. Enquanto você está em uma cela confortável vou para casa para comemorar com um bom churrasco.

— Com Gabrielle? Ela sabe quem é na realidade? Ou só a utilizou para se aproximar de mim?

O peso da culpa lhe assentou no estômago. Culpa e o mesmo sentimento protetor que havia sentido a noite que tinha visto Gabrielle se pendurar no terraço. Aquilo o agarrou despreparado e se impulsionou da porta.

— Não me faça falar de quem utilizou Gabrielle. Você o fez durante anos só para ter uma cobertura. — Nesse momento sentiu que o estômago revoltado era por algo mais que o dever de proteger a sua colaboradora, mas não estava de humor para pensar nisso.

Kevin se deu a volta.

— Vai ficar bem.

— Quando falei com ela esta manhã, não parecia. — disse Joe.

Kevin se voltou e pela primeira vez lhe brilhou nos olhos algo mais que arrogante beligerância.

— O que lhe disse? O que ela sabe?

— O que sabe não deve te preocupar. Tudo o que precisa saber é que eu estava no Anomaly para cumprir com meu dever.

— Sim, certeza — se burlou ele — Quando tinha Gabi contra a parede com a língua dentro de sua boca fazendo-a gemer me pareceu algo mais que dever.

Walker levantou o olhar e Joe sorriu com facilidade.

— Alguns dias foram melhores que outros. — Deu de ombros e sacudiu a cabeça como se Kevin só dissesse tolices — Sei que está

de saco cheio comigo, mas vou te dar um conselho. Pode segui-lo ou pode me mandar à merda outra vez, dá no mesmo para mim, mas aí vai: não é tipo de cara que se deixe merda por ninguém e agora não é o momento de ter escrúpulos. O navio está afundando, amigo, ou se salva ou se afoga com os demais ratos. Sugiro que escolha a primeira opção antes que seja muito tarde. — Olhou ao Kevin pela última vez, logo saiu da sala e se dirigiu às celas.

Contra o que havia dito o chefe ao Kevin, William Stewart Shalcroft não cooperava nada.

Estava sentado na cela esperando impacientemente com o olhar fixo nas grades. A luz do teto formava uma sombra cinzenta em sua cabeça calva. Joe olhou para o comerciante de arte com a expectativa de sentir a adrenalina que faria o rugido do sangue. A adrenalina que sempre vinha a tempo de cantar uma fraude, apesar da advertência de que qualquer coisa que ele dissesse seria usado contra ele. A adrenalina não veio. Em vez disso, Joe apenas se sentiu cansado. Mentalmente e fisicamente.

A energia que enchia a delegacia de polícia o manteve acordado e alerta o resto do dia.

Escutou os detalhes da detenção do Kevin e Shalcroft, e logo algo mais sobre a história que foi processada e reprocessada do princípio ao fim mantendo sua mente ocupada para não pensar muito em Gabrielle e o que tinha intenção de fazer com ela.

— Alguém trouxe flores? — perguntou Winston no corredor.

— É verdade, cheira a flores — acrescentou Ihe Dale Parker, o detetive novato.

— Não cheira a nada, merda — ladrou Joe a seus companheiros, logo enterrou o nariz no trabalho de escritório.

Passou o resto da tarde cheirando a lilás e esperando que a tocha caísse sobre seu pescoço.

As cinco, agarrou a pilha de papéis do escritório e foi para casa.

Sam estava em sua jaula ao lado da porta principal.

— Olá, Joe — o saudou logo que este entrou.

— Olá, amigo. — Joe lançou as chaves e o montão de papéis sobre a mesa diante do sofá, logo deixou sair o Sam da jaula.

— Que tal a televisão hoje?

— JER...ry JER...ry — chiou Sam saindo pela porta de arame e voando à parte superior do ginásio de carvalho.

Joe não tinha permitido que Sam visse o Springer durante vários meses. Não desde que tinha adquirido uma linguagem imprópria para fazer alarde dele nos momentos mais inoportunos.

— Sua mãe é uma bola de graxa.

— Jesus — suspirou Joe, afundando-se no sofá. Tinha pensado que Sam tinha esquecido aquilo.

— Se comporte — imitou desde seu cabide sobre a televisão.

Joe recostou a cabeça contra o respaldo e fechou os olhos. Sua vida foi arruinada. Tinha arriscado sua carreira e ainda havia possibilidades de que seu trabalho estivesse em perigo. Estava de merda até o pescoço e seu pássaro tinha uma boca suja. Tudo estava fora de controle.

Sem trabalho que o distraíra, voltou a pensar em Gabrielle, no dia que a tinha detido. Sua opinião sobre ela tinha dado um giro de cento e oitenta graus em menos de uma semana.

Respeitava-a e se sentia realmente mal porque o mais provável era que tivesse razão sobre o negócio. Seu nome e a loja estavam agora vinculados ao roubo mais infame do estado.

Provavelmente teria que fechar, mas graças a seu pequeno e hábil advogado, não perderia tudo.

Ao menos esperava que não o fizesse.

E logo pensou nessa deliciosa boca sobre a sua e seus mamilos duros contra seu tronco. Em suas carícias sobre suas costas e abdômen. O pênis em sua mão enquanto o esfregava contra a pele lisa do estômago e sobre o aro do umbigo. Quase tinha ejaculado ali mesmo. Ainda podia ver os pendentos de pérolas entre seu cabelo enquanto a olhava no rosto e sentir o calor de seu corpo sob o seu. Era bela com roupa e assombrosa sem ela. Havia chocado seu mundo fundindo sua mente, e se fosse qualquer outra mulher estaria tratando de encontrar uma forma de despi-la outra vez, e outra. Estaria no carro a caminho de sua casa para obrigá-la a despir-se e ficar escarranchado sobre o seu colo.

Gostava um pouco. Bom, gostava muito. MUITÍSSIMO. Mas que gostasse muitíssimo de uma mulher não significava que a amasse. Inclusive embora uma relação com ela não fosse tão fodidamente complicada, Gabrielle não era o tipo de mulher com a que se via sentando cabeça.

Não queria machucá-la, mas tinha que manter-se afastado dela.

Inspirando profundamente, se acariciou o cabelo com os dedos, logo deixou cair às mãos no colo. Talvez não tivesse nada do que preocupar-se. Nada pelo que sentir-se culpado. Ela não tinha por que esperar nada. Era adulta. Uma garota esperta. Provavelmente sabia que o da cama, o do chão e o da ducha tinha sido um engano garrafal. Certamente temia voltar a vê-lo. Haviam sentido algo intenso durante um par de horas, algo realmente bom, mas não podia ocorrer de novo. Ela também sabia. Tinha que saber que não havia nenhuma possibilidade de que mantivessem uma relação.

Com as cortinas jogadas e as luzes apagadas, Gabrielle se sentou sozinha na escura sala de estar e olhou as notícias locais das cinco e meia. O roubo Hillard era de novo a notícia do dia, só que esta vez a fotografia do Kevin ocupava a tela em primeiro plano.

— Um homem da localidade foi detido hoje acusado do maior roubo da história do estado. O

empresário Kevin Carter... — começaram as notícias. A seguir saíram umas imagens do Anomaly e descreveram o desenvolvimento da operação. Mostraram um policial tirando a escrivaninha, o computador e os arquivos do Kevin. Tinham revistado a loja procurando objetos roubados. Ela sabia tudo o que haviam feito porque tinha estado ali. Depois de vestir-se tinha conduzido até a loja e os tinha observado. Ela, Mara, Francis e seu advogado, Ronald Lowman. Um junto a outro.

Todos exceto Joe.

Joe não havia voltado.

A história ocupou toda a emissão. A foto do William Stewart Shalcroft apareceu em uma esquina e a do Kevin na outra enquanto

um porta-voz da polícia respondia a algumas pergunta.

— Tivemos um colaborador — disse, mas não mencionou seu nome nem que era inocente — mantivemos o senhor Carter sob vigilância durante algum tempo.

Gabrielle oprimiu o botão de desligar do controle remoto e o deixou no sofá ao lado do telefone sem fio.

Joe nem sequer tinha ligado.

Toda sua vida estava se desmoronando ao seu redor. Seu sócio, um homem que confiava o suficiente para considerá-lo um amigo muito querido, era um ladrão. Embora as notícias não tivessem mencionado seu nome, qualquer um que a conhecesse assumiria que ela era culpada por associação. Ronald e ela tinham discutido brevemente as opções que tinha, como fechar a loja e abri-la sob outro nome, mas não sabia se teria ânimo para começar de novo outra vez. Pensaria nisso uma vez que se acalmassem os ânimos e lhe esclarecessem ideias.

Soou o telefone que tinha a seu lado no sofá e sentiu um tombo no estômago.

— Diga — respondeu antes que tocasse uma segunda vez.

— Acabo de ver as notícias — começou sua mãe — Vou aí.

Gabrielle se tragou a decepção.

— Não, não o faça. Passarei por sua casa quando puder.

— Quando?

— Esta noite.

— Não deveria estar sozinha.

— Estou esperando o Joe — disse ela; não estaria sozinha.

Depois de que pendurasse o telefone, encheu a banheira.

Acrescentou lavanda e ylang-ylang, e colocou o telefone ao lado da banheira, mas quando soou outra vez, tampouco era Joe.

— Viu as notícias? — começou Francis.

— Vi. — Gabrielle se tragou a decepção pela segunda vez — Ouça, importa se lhe chamou dentro de um momento? Estou esperando que Joe me chame.

— Por que não o chama você?

Porque não tinha o número de sua casa e tampouco estava na lista. Tinha-o olhado. Duas vezes.

— Não, Tenho certeza de que chamará quando sair do trabalho. Provavelmente não poderá falar comigo sobre o caso até então. — Ou sobre eles. Sobre o que ocorreria agora.

Depois que Francis desligasse, Gabrielle saiu da banheira e vestiu um shorts cor cáqui e uma camiseta branca. Deixou o cabelo solto porque pensou que ele gostaria mais desse modo. Nem sequer tentou convencer-se a si mesma que não estava esperando sua chamada. Não importava quanto o tentasse, nunca seria uma mentirosa consumada. Com cada tictac do relógio, lhe esticavam mais os nervos.

Às sete e meia, um deficiente vendendo lâmpadas teve a desgraça de chamar.

— Não! — chiou ela ao telefone — tive um dia realmente mau! — desligou e se afundou no sofá. Certo, acabava de ganhar o pior carma imaginável. Que classe de mulher gritava a um incapacitado?

O tipo de mulher cuja vida estava na corda bamba, e que deveria ter sido mais escrupulosa com seu negócio e sua vida amorosa, mas não o tinha sido. O tipo de mulher que estava a ponto de perder os nervos e que sabia no mais profundo de seu ser que podia perder-se nos braços de Joe e tudo estaria bem.

Se queria falar com ele, teria que chamar à delegacia de polícia ou lhe deixar uma mensagem no pager. Fazia amor com ele, e lhe havia tocado o coração como ninguém havia feito nunca.

Havia tocado seu corpo, conseguindo uma resposta que ela jamais tinha experimentado. Tinha sido algo mais que sexo. Amava-o, mas tinha a alma em véu ao não saber o que ele sentia por ela.

A incerteza a estava voltando louca e aquilo era pior que algo que tivesse sentido em sua vida.

Faziam amor, logo ele tinha saído correndo de sua casa como alma que leva o diabo. E sim, sabia que ele não tinha tido outra opção. A lógica lhe dizia que sua precipitada partida não tinha sido decisão dela, mas nem sequer lhe tinha dado um beijo de despedida. Nem sequer tinha olhado para trás.

Soou o timbre da porta e deu um salto. Quando olhou pela mira, Joe lhe devolveu o olhar desde detrás de seus óculos de sol. Conteve o fôlego e a dor lhe assentou no coração como se tivesse tragado ar.

— Joe — disse abrindo a porta.

Logo foi incapaz de pronunciar outra palavra pela emoção que a embargava. O faminto olhar de Gabrielle o percorreu de cima abaixo, do cabelo escuro, passando pela camiseta negra e os **151**

jeans, à ponta das botas negras. Devolveu o olhar a esse rosto intensamente masculino com a sombra no rosto característica da barba de última hora da tarde e as magras linhas de sua boca sensual. A boca sensual com a que lhe tinha beijado o interior da coxa fazia menos de doze horas.

— Viu as notícias? — perguntou, e havia algo em sua voz, algo na maneira em que se comportava que fez soar sinos de alarme em sua cabeça — Falou com seu advogado?

Finalmente, ela encontrou a voz.

— Sim. Quer entrar?

— Não, não é uma boa ideia. — Retrocedeu até o bordo dos degraus — Mas queria falar contigo sobre o que aconteceu entre nós esta manhã.

Ela soube o que ia dizer antes que abrisse a boca.

— Não me diga que sente — Lhe advertiu, porque não acreditava que seu coração pudesse suportar sentir sua lástima como se o que tinham compartilhado fosse um engano — Não me diga que nunca deveria ter ocorrido.

— Não dizê-lo não faz que não seja assim, Gabrielle. O que aconteceu foi minha culpa. Foi minha colaboradora e há procedimentos e políticas estritas a respeito disso. Violei todas as regras.

Se quiser falar com alguém de assuntos internos, posso te dizer com quem deve contatar.

Ela olhou os dedos nus dos pés, logo subiu os olhos até seu reflexo nos óculos. Ele falava de regras outra vez. Não lhe preocupavam as regras nem os procedimentos, nem queria falar com ninguém que não fosse ele. Joe falava do que tinham feito, mas não de como se sentia. Pode ser que não a amasse, mas tinha que sentir o vínculo entre eles.

— Equivoquei-me e sinto muito.

Isso machucou, mas não tinha tempo de lamber as feridas. Se não o dizia, nunca saberia o que ela sentia por ele. Se Joe partia agora sem que lhe dissesse nada, sempre se perguntaria se o houver-lhe-lhe dito tivesse podido trocar as coisas.

— Não o sinta. Pode ser que não saiba, mas não me deito com qualquer um. Suponho que não posso esperar que acredite depois do que aconteceu esta manhã, mas tenho que ter sentimentos muito profundos por um homem para me atar com ele.

Joe apertou os lábios em uma linha reta, mas ela tinha chegado muito longe para deter-se agora.

— Não sei como ocorreu — continuou — até uns dias, não sabia sequer que eu gostava. — Com cada palavra que pronunciava, ele franzia mais o cenho — Em realidade nunca me apaixonei antes. Bom, acreditei que estava faz anos com Fletcher Wiseweaver, mas o

que sentia por ele não se pode comparar com o que sinto por você. Nunca senti nada assim.

Joe tirou os óculos de sol e massageou as têmporas e a fronte.

— Teve um mau dia, e acredito que está confusa.

Gabrielle olhou seus olhos cansados, a sua íris cor chocolate.

— Não me trate como se não soubesse o que sinto. Sou adulta, não confundo amor e sexo.

Só há uma explicação para o que aconteceu hoje. Estou apaixonada por você.

Ele deixou cair à mão, empalideceu e um embaraçoso silêncio se estendeu entre eles.

— Acabo de dizer que estou apaixonada por você. Não tem nada que dizer?

— Sim, mas não acredito que queira ouvi-lo.

— Deixa que eu o diga.

— Há outra explicação que faz que tudo tenha sentido. — Ele esfregou a nuca e disse — Tínhamos que nos fazer passar por namorados. As coisas esquentaram muito rápido, e nos colocamos totalmente na situação. Os limites se confundiram e começamos a acreditar nisso.

Fomos muito longe.

— Possivelmente você esteja confuso, mas eu não estou. — Ela negou com a cabeça — Você é meu yang.

— Perdão?

— Você é meu yang.

Ele deu outro passo atrás baixando os degraus do alpendre.

— Que sou o que?

— A outra metade de minha alma.

Ele colocou de novo os óculos para voltar a ocultar o olhar.

— Não sou.

— Não me diga que não sente a conexão entre nós. Tem que senti-la.

Ele negou com a cabeça.

— Não. Não acredito em tudo isso de unir almas ou ver grandes auras vermelhas. — Retrocedeu outro passo, baixando à calçada — Em alguns dias te alegrará de que esteja fora de sua vida. — Respirou fundo e exalou lentamente — Se cuide, Gabrielle Breedlove — disse, e dando meia volta partiu.

Ela abriu a boca para lhe chamar, para lhe dizer que não a deixasse, mas aferrando-se ao último farrapo de orgulho e amor próprio entrou na casa fechando a porta à imagem de seus largos

ombros afastando-se dela para sair de sua vida. Sentiu como se lhe tivessem atravessado uma adaga no coração e quando o primeiro soluço escapou de sua garganta agarrou a camiseta sobre o peito esquerdo. Supunha que isso não tinha que ocorrer. Uma vez encontrado o yang, supunha que ele a conheceria, reconheceria. Mas não o tinha feito e nunca teria imaginado que sua alma gêmea não retribuía seu amor. Nem que seu rechaço pudesse doer tanto.

Lhe nublou a vista e se derrubou contra a porta. Equivocou-se. Tivesse sido melhor não saber que ele não a amava.

Que se supunha que tinha que fazer agora? Sua vida era um caos total. Seu negócio era uma ruína, seu sócio estava no cárcere e seu companheiro da alma não sabia que o era. Como se supunha que devia seguir vivendo quando estava morrendo por dentro? Como poderia viver na mesma cidade sabendo que ele estava ali fora em algum lugar e não a queria?

Obviamente se tinha equivocado em outra coisa; a incerteza não era quão pior tinha sentido em sua vida.

Soou o telefone e o agarrou ao quarto timbre.

— Diga? — disse, sua voz soou vazia e distante inclusive aos seus próprios ouvidos.

Passou um momento antes que respondesse sua mãe.

— O que aconteceu da última vez que falamos?

— É adivinha, por que não me diz você? — Lhe entrecortou a voz e soltou um soluço — Quando me disse que me via com um amante apaixonado, por que não me disse que me romperia o coração?

— Vou agora mesmo te pegar. Coloca algumas coisas em uma mala e te levarei a casa do Franklin. Ele te fará companhia.

Gabrielle tinha vinte e oito anos, vinte e nove em janeiro, mas ir à casa de seu avô nunca tinha soado tão bem.

Capítulo 16

Gabrielle se ajoelhou ao lado da velha poltrona de couro de seu avô e esfregou óleo de gengibre quente em suas mãos doloridas. Os nódulos do Franklin Breedlove estavam inflamados e seus dedos, nodosos pela artrite. As suaves massagens diárias pareciam aliviá-lo.

— Tudo bem, vizinho? — perguntou-lhe olhando seu rosto enrugado, os pálidos olhos verdes e as sobrancelhas brancas.

Lentamente, ele flexionou os dedos até onde podia.

— Melhor — disse, e aplaudiu Gabrielle na cabeça como se ela fosse seu velho sabujo de patas torcidas, Molly — É uma boa garota. — Deslizou a mão pelo ombro de Gabrielle e fechou seus olhos cansados. Fazia isso cada vez mais frequentemente. A noite anterior ficou adormecido com o garfo ante os lábios na metade do jantar. Tinha setenta e oito anos e sua narcolepsia estava tão avançada que só vestia pijamas. Cada manhã vestia um limpo antes de baixar a seu estúdio. A única concessão que fazia durante o dia eram seus sapatos de palhinha.

Desde que Gabrielle podia recordar, seu avô trabalhava no estúdio até o meio-dia e, depois de comer, até a noite. Nunca tinha

sabido com certeza no que trabalhava. Quando era menina acreditava que era um investidor arriscado. Mas desde que estava em casa tinha interceptado chamadas de homens que queriam investir quinhentos ou dois mil em favoritos como Eddie o Tubarão ou Greasy Dão Muldoon. Suspeitava que fossem apostas.

Sentando-se sobre os calcanhares, Gabrielle apertou ligeiramente a mão ossuda. A maior parte de sua vida ele tinha sido o mais parecido que tinha tido a um pai. Sempre tinha sido brusco e irritável, e não sentia afeto por outras pessoas, crianças ou mascotes. Mas se formava parte de sua família, movia céu e terra para te fazer feliz. Gabrielle se levantou e saiu da sala que sempre tinha cheirado a livros, couro e tabaco de pipa; aromas familiares e reconfortantes que a ajudavam a esquecer aquela noite, um mês atrás, quando sua mãe e sua tia Yolanda a tinham recolhido no alpendre de sua casa para levá-la em uma viagem de quatro horas ao norte, a casa de seu avô. Parecia ter acontecido uma eternidade desde aquela noite, mas a recordava como se fosse ontem. Recordava a cor da camiseta do Joe e a expressão vazia de seu rosto. Recordava o perfume a rosas do pátio traseiro e as rajadas de ar fresco que lhe acariciavam as bochechas molhadas enquanto ia sentada no Toyota de sua mãe. Recordava o suave cabelo do Beezer sob os **154**

dedos, o tranquilizador ronronar quando o acariciava nas orelhas e a voz de sua mãe lhe dizendo que o coração acabaria por lhe sanar e sua vida melhoraria com o tempo.

Dirigiu-se pelo comprido corredor para a sala que tinha convertido em seu estúdio. Caixas de cartão e madeira com óleos essenciais e aromaterapias estavam empilhadas contra as paredes bloqueando o sol dessa manhã de setembro. Manteve-se ocupada desde o dia que chegou com pouco mais que uma mala e seus óleos. Entregou-se por completo ao trabalho para manter a mente ocupada e assim esquecer durante um momento que tinha o coração destruído.

Desde que estava com seu avô, tinha viajado ao Boise só uma vez para pôr Anomaly a venda.

Tinha visitado Francis e se assegurou de que lhe cortassem a grama. Tinha programado o sistema de irrigação para que ligasse todos os dias as quatro e assim não preocupar-se de que seu jardim se secasse, mas tinha necessitado contratar uma empresa para que cortasse a grama. O tempo que tinha estado na cidade tinha recolhido o correio, limpo, e comprovado as mensagens da secretária eletrônica.

Nenhuma palavra da única pessoa de quem queria ouvi-la. Em uma das chamadas acreditou ter escutado o grasnido de um louro, mas então soou o timbre de um telefone ao fundo e o tinha descartado como uma brincadeira ou um vendedor.

Não havia tornado a saber de Joe desde a noite que, de pé em seu alpendre, havia-lhe dito que confundia sexo com amor. A noite que lhe havia dito que o amava e ele tinha retrocedido como se tivesse a lepra. A dor que sentia no coração era contínua, desde que se levantava pela manhã até que ia à cama de noite. Nem sequer dormindo podia afastar ele de sua mente. Joe enchia seus sonhos como sempre, mas agora quando despertava se sentia vazia e solitária, já não desejava pintá-lo. Não havia tornado a agarrar um pincel desde dia que ele tinha entrado em sua casa procurando o Monet do senhor Hillard.

Gabrielle entrou na sala e se dirigiu à mesa de trabalho onde se empilhavam todos os frascos de óleos. As persianas da sala impediam que se filtrassem os raios daninhos do sol, mas Gabrielle não precisava ver para separar um frasco de sândalo do resto. Desenroscou o plugue e o levou a seu nariz. Imediatamente a imagem do Joe encheu sua mente. A imagem de seu rosto, de seus olhos quentes e famintos olhando-a com as pálpebras entrecerradas, de seus lábios úmidos lhe beijando a boca.

Igual ao dia anterior e o anterior a esse, a dor voltou a atravessá-la antes que devolvesse o plugue ao frasco e o pusesse sobre a mesa. Não, não o tinha esquecido. Ainda não. Ainda doía, mas talvez o dia seguinte fosse melhor. Talvez ao dia seguinte não sentisse nada e estaria esperta para voltar para sua casa em Boise e levantar à vida uma vez mais.

— Trouxe o correio — disse sua mãe entrando na sala como se não acontecesse nada. Trazia uma cesta com flores recém cortadas pendurando de um cotovelo e um grande envelope na mão.

Tinha posto um vestido mexicano com um chamativo bordado acompanhado de um xale para proteger do frio matutino e um colar de bonequinhas quitapenas²² para afastar a má sorte. Em algum momento durante sua viagem ao México tinha começado a comportar-se como uma nativa

22 (http://1.bp.blogspot.com/-CK5aMqmwNTU/TfENO0lraEI/AAAAAAAAAoM/s8reG0RDkcw/s1600/Worry_dolls.jpg) **155**

do lugar e nunca mais tinha mudado. Sua larga trança castanho avermelhada salpicada com nervuras cinzas pendurava por suas costas até seus quadris — Recebi um grande sinal esta manhã.

Vai ocorrer algo bom — predisse Claire — Yolanda encontrou um monarca dos lírios e já sabe o que isso significa.

Não, Gabrielle não sabia que ver uma mariposa na horta significasse algo, além de que o pobre inseto estava faminto e procurava comida, claro está. Desde que sua mãe lhe tinha destinado um amante moreno e apaixonado, suas predições psíquicas eram um assunto espinhoso. Gabrielle não perguntou sobre a mariposa.

Claire o explicou de todas as maneiras enquanto lhe estendia o envelope a Gabrielle.

— Hoje receberá boas notícias. Os monarcas sempre trazem boas notícias.

Ela reconheceu a letra de Francis quando agarrou o envelope da mão de sua mãe e o abriu.

Dentro estavam as faturas mensais da casa de Boise e propaganda diversa. Duas cartas atraíram sua atenção imediatamente. A primeira era um envelope assinado pelo senhor Hillard. A segunda era da prisão estadual de Idaho. Não precisou ver a direção para saber quem tinha enviado a carta. Reconheceu a escritura. Kevin.

Durante uns segundos a alegria a invadiu, como se estivesse recebendo notícias de um velho amigo. Depois, aquele súbito arranque de júbilo foi substituído por cólera e certa tristeza.

Não tinha falado com o Kevin desde antes de sua detenção, mas tinha sabido através do advogado que três dias depois da detenção Kevin tinha chegado a um acordo com o escritório do fiscal. Tinha cantado como o canário do refrão proporcionando informação e nomes em troca de uma redução de condenação. Tinha delatado a cada um dos colecionadores e traficantes com os quais tinha feito negócios e aos ladrões do roubo Hillard. Segundo Ronald Lowman, Kevin tinha contratado dois irmãos que nesse momento estavam em liberdade sob fiança e à espera de sentença por alguns roubos em bairros residenciais e dos que finalmente tinham sido declarados culpados.

Graças a sua cooperação, Kevin só tinha sido condenado a cinco anos da prisão, mas estaria fora em dois.

Deu a sua mãe o envelope do Hillard.

— Lê você se te interessa — disse, logo tomou a outra carta e atravessou o corredor para a sala de estar. Sentou em uma velha poltrona e lhe tremeram as mãos quando abriu o grosso sobre. Havia uma carta de quatro páginas escrita em papel legal. A luz que atravessava as janelas iluminou a letra enviesada.

Estimada Gabi

Espero que leia esta carta e me dê à oportunidade de explicar minhas ações. Primeiro me deixe te dizer que lamento extremamente a dor que com toda segurança te causei. Nunca foi minha intenção, e jamais imaginei que meus outros negócios repercutiriam negativamente em ti.

Gabrielle fez uma pausa. “Negócios?” Assim chamava vender antiguidades e pinturas roubadas? Sacudiu a cabeça e devolveu a atenção à carta. Falava de sua amizade, de tudo o que **156**

queria lhe contar e os bons tempos que tinham compartilhado. Começava quase a sentir lástima por ele quando a carta tomou outra

aparência.

Sei que um grande número de pessoas vê minhas ações como crimes e possivelmente estejam certos. Comprar e vender propriedade roubada vai contra a lei, mas meu único crime VERDADEIRO é ter querido muito. Quis as coisas boas da vida e por isso tenho que cumprir uma condenação mais dura que a da maioria dos condenados. Os abusadores e pederastas recebem condenações mais leves que a minha. Não são meus crimes uma tolice em comparação? A quem fiz mal? Aos ricos que estão assegurados?

Gabrielle baixou a carta a seu colo. “A quem fez mal?” Falava a sério? Com o olhar folheou rapidamente o resto da carta cheia de mais racionalizações e desculpas. Insultava ao Joe com palavras realmente fortes. Esperava que tivesse sido o suficientemente esperta para dar-se conta de que Joe só a tinha usado para aproximar-se a ele e confiava em que a essas alturas tivesse tido a sensatez de haver-se desfeito dele. Gabrielle estava surpresa de que não se inteirou do papel que ela tinha jogado, e para o final da carta lhe chegava a perguntar se lhe escreveria, como se ainda seguissem sendo bons amigos. Descartou a ideia e com a carta na mão entrou na sala de novo.

— O que havia no envelope? — perguntou Claire, levantando-se da mesa onde, recentemente, Gabrielle tinha estado mesclando pétalas de rosa e lavanda em um morteiro.

— Uma carta do Kevin. Quer que saiba que sente e que não é tão culpado como parece. Que só roubou gente rica. — Fez uma pausa para deixar cair à carta no lixo — Suponho que estas eram as boas notícias que te disse à mariposa que receberia hoje.

Sua mãe a olhou daquela maneira sua tão acalmada e composta, sem julgá-la. E Gabrielle se sentiu como se tivesse chutado a um amante da paz.

Supunha que o tinha feito, mas ultimamente parecia que não podia nem ajudar a si mesma.

Era abrir a boca, e toda a cólera que tinha dentro saía como um jorro a pressão.

Sem ir mais longe, a semana passada sua tia Yolanda tinha estado desfazendo-se em louvores sobre seu tema favorito: Frank Sinatra e Gabrielle o tinha espetado: — Sinatra era um mamão, e as únicas que não pensam assim, são as mulheres que pintam as sobrancelhas.

Gabrielle tinha pedido perdão imediatamente a sua tia e Yolanda pareceu havê-lo aceito e esquecido, mas uma hora mais tarde se apropriou sem querer de um peru no supermercado.

Gabrielle não era ela mesma, não tinha realmente clara sua identidade. Doía-lhe admiti-lo, mas sua confiança e seu coração tinham sido destroçados por dois homens diferentes o mesmo dia lhe fazendo perder a fé em si mesma e em tudo o que a rodeava.

— O dia ainda não terminou — disse Claire e assinalou os sedimentos do morteiro sobre a mesa — Os Hillard dão uma festa, e segundo o convite querem que vão todos os que colaboraram na recuperação de sua pintura.

— Não posso ir. — O só pensamento de ver Joe fazia que tivesse mariposas no estômago **157**

como se tragou o místico monarca da horta de sua mãe.

— Não pode se esconder aqui para sempre.

— Não me escondo.

— Foge da vida.

É obvio que fugia da vida. Sua vida era um buraco negro que se estendia diante dela totalmente vazio. Tinha meditado e provado a imaginar a vida sem o Joe, mas não tinha conseguido. Sempre tinha sido espontânea ante a vida. Se algo não partia bem, trocava de rumo e tomava uma nova direção. Mas pela primeira vez, todos os lugares aonde se dirigia eram iguais.

— Tem que fechar este ciclo. — Gabrielle agarrou um raminho de hortelã e o girou entre os dedos — Talvez, devesse escrever uma carta ao Kevin. Logo deveria pensar em ir à festa dos Hillard. Precisa se enfrentar aos homens que lhe machucaram e que lhe puseram tão furiosa.

— Não estou furiosa.

Claire simplesmente ficou olhando.

— Certo, estou um pouco furiosa.

Descartou a ideia de escrever ao Kevin em seguida, embora possivelmente sua mãe tivesse razão. Talvez devesse enfrentar tudo isso para poder seguir adiante. Mas não ao Joe. Não estava preparada para ver Joe, para olhar seus familiares olhos castanhos e ver que não sentia nada por ela.

Durante o tempo que tinha permanecido com seu avô, sua mãe, sua tia Yolanda e ela tinham falado do Kevin, mas a maior parte do tempo ela tinha falado de seus sentimentos pelo Joe. Não tinha mencionado que Joe era seu yang, nem sequer o tinha insinuado. Mas de todas as maneiras, sua mãe o tinha sabido.

Sua mãe acreditava que as almas gêmeas e o destino estavam irremediavelmente entrelaçados. Gabrielle esperava que não tivesse razão. Claire fazia frente à perda de seu marido trocando totalmente de vida. Gabrielle não queria trocar sua vida. Queria recuperá-la tanto como fosse possível.

Mas talvez sua mãe tivesse razão em uma coisa. Talvez fosse hora de voltar para casa.

Tempo de concluir uma etapa. Tempo de recolher os pedaços e viver sua vida outra vez.

Joe colocou a fita de vídeo e apertou o play. O zumbido e o estalo do aparelho encheram a silenciosa sala de interrogatórios enquanto apoiava o traseiro contra a mesa e cruzava os braços sobre o peito. O filme piscou e saltou, e logo o rosto de Gabrielle encheu a tela do televisor.

— É obvio, eu mesma sou uma artista — disse ela, e ouvir sua voz depois de um mês foi como sentir o brilho do sol no rosto depois de um inverno comprido e frio; entrou em torrentes por cada poro de sua pele esquentando todo seu ser.

— Então entenderá que o senhor Hillard esteja ansioso por recuperá-lo — soou sua voz fora de câmara.

— Imagino que sim. — Os grandes olhos verdes de Gabrielle se encheram de confusão e medo. Não recordava havê-la visto tão assustada e não entendia como não se deu conta. Agora **158**

sabia por que a conhecia e sabia que era inocente.

— Viu ou se encontrou alguma vez com este homem? —
perguntou ele — Seu nome é Sal Katzinger.

Ela assentiu com a cabeça e olhou para as fotos antes de voltar a passá-las.

— Não. Não acredito haver encontrado isso nunca.

— Ouviu mencionar alguma vez esse nome ao seu sócio, Kevin Carter? — perguntou o capitão Luchetti.

— Kevin? O que tem que ver Kevin com esse homem?

O capitão explicou a conexão entre o Katzinger e Kevin, e suas suspeitas de como estava envolto no roubo do Monet dos Hillard. Joe observou o olhar de Gabrielle que ia do Luchetti a ele mesmo com cada emoção presente em seu belo rosto. Olhou como se metia o cabelo detrás da orelha e pôs os olhos em branco ao ver como defendia ferozmente a um homem que não merecia sua amizade.

— Certamente me inteiraria se vendesse antiguidades roubadas. Trabalhamos juntos quase todos os dias. Se ele estivesse ocultando um segredo desse calibre, saberia.

— Como? — perguntou o capitão.

Joe reconheceu o olhar que deu ao Luchetti. Era o olhar que ela reservava para os pouco entendidos.

— Só saberia.

— Alguma outra razão?

— Sim, é Aquário.

— Céu santo — se ouviu Joe gemer a si mesmo.

Notou sua própria exasperação e escutou a explicação de Gabrielle a respeito de que Lincoln também era Aquário, e esta vez riu. Aquele dia havia o tornado completamente louco. E tinha seguido fazendo os dias seguintes. Riu entre dentes enquanto ela contava da barrinha de caramelo que tinha roubado, mas que é obvio não tinha desfrutado nem um pouquinho. Logo a observou cobrir o rosto com as mãos e a risada lhe congelou no rosto. Quando ela levantou o olhar de novo, as lágrimas alagavam seus olhos verdes e molhavam seus cílios. As enxugou e olhou fixamente à câmara. Seu olhar era acusador e doído, e Joe se sentiu como se lhe tivessem golpeado no estômago com um porrete.

— Merda. — disse à sala vazia e pressionou o botão de expulsão do vídeo.

Não deveria ter olhado a fita. Tinha-o estado evitando durante um mês e era o melhor que podia ter feito. Ver como ela confrontava os fatos e ouvir sua voz tinha provocado que tudo saísse de novo à superfície. Todo o caos, a confusão e o desejo.

Agarrou a fita e foi para casa. Precisava de uma ducha rápida, logo iria à casa de seus pais para a festa dos sessenta e quatro anos de seu pai. No caminho pegaria Ann.

Ultimamente tinha passado algum tempo com ela. A maior parte no bar. Ia tomar o café da manhã e algumas vezes, quando não podia sair, lhe levava o almoço. E falavam. Bom, Ann falava.

Tinham saído duas vezes e a última vez, ao levá-la a casa, tinha-a beijado. Mas algo parecia não estar bem e terminou o beijo quase antes que começasse.

O problema não era Ann. Era ele. Ela era tudo o que sempre tinha procurado em uma mulher. Tudo o que tinha pensado que queria. Era bonita, esperta, uma excelente cozinheira e sabia que seria a mãe ideal. Mas era aborrecida até o inexprimível. E isso em realidade tampouco era culpa dela. Não era culpa dela que quando ele a olhava desejasse que dissesse algo tão raro como para que lhe arrepiasse o cabelo da nuca. Algo que o faria reagir e ver as coisas sob uma nova luz. Gabrielle tinha a culpa. Tinha arruinado o que acreditava que queria. Ela o tinha posto todo do reverso, e sua vida e seu futuro já não estavam tão claros para ele como antes. Tinha a impressão de que estava movendo em círculos, de que ia na direção equivocada, mas possivelmente se ele se detinha, se ficasse quieto, tudo voltaria a encaixar e sua vida retomaria seu curso habitual.

Essa tarde seguia lhe dando voltas ao assunto. Deveria estar divertindo-se com sua família, mas era incapaz de fazê-lo. Por isso, era o único que permanecia na cozinha olhando o pátio traseiro e pensando no vídeo de Gabrielle.

Ainda podia ouvir sua voz horrorizada quando lhe tinham pedido que se submetesse ao detector de mentiras. Se fechasse os olhos, podia ver seu belo rosto e seu cabelo alvoroçado. Se deixasse levar, podia sentir o tato de suas mãos e o sabor de sua boca. E quando imaginava seu corpo apertado contra o seu, podia recordar o perfume de sua pele. Quase era melhor que não estivesse na cidade.

Sabia onde estava, é obvio. Tinha-o sabido dois dias depois de que partiu. Tinha tratado de contatar com ela uma vez, mas não respondeu e ele não tinha deixado mensagem. O mais provável era que o odiasse e não a culpava. Não depois do que tinha passado

essa noite no alpendre quando lhe havia dito que o amava e lhe tinha respondido que estava confusa. Talvez o tivesse dirigido mal, mas como era habitual em Gabrielle, sua declaração o tinha surpreendido tanto como se o tivesse mandado ao inferno. Não esperava algo assim. Tinha sido o broche final para uma das piores noites de sua vida. Se pudesse dar marcha atrás e fazer as coisas de maneira diferente o faria. Não sabia exatamente o que lhe diria, mas de todas as maneiras agora não tinha importância. Estava bastante seguro de que nesse momento ele não era uma de suas pessoas favoritas.

Sua mãe entrou pela porta traseira e a mosqueteira se fechou de repente atrás dela.

— É à hora do bolo.

— Bem.

Trocou o peso de pé e observou a Ann falando com suas irmãs. Certamente lhe estavam contando à vez que acendeu fogo em suas Barbies. Seus sobrinhos corriam pelo grande pátio, disparando-se com pistolas de água e gritando a todo pulmão. Ann encaixava perfeitamente em sua família, como ele já tinha imaginado.

— O que aconteceu com a garota do parque? — perguntou sua mãe.

Ele não precisava perguntar que garota.

— Era simplesmente uma amiga.

— Humm. — Tirou uma caixa de velas e as pôs no bolo de chocolate — É obvio, mas não parecia uma amiga. — Joe não respondeu e sua mãe continuou tal como ele sabia o que faria — Não olha a Ann da mesma maneira que te vi olhar para ela.

— De que maneira?

— Como se pudesse olhá-la durante o resto de sua vida.

Em certos aspectos a prisão estatal de Idaho recordava a Gabrielle a uma escola secundária.

Talvez fosse o linóleo ou as cadeiras de plástico. Ou talvez fosse o limpo aroma de pinheiro e a corpos suarentos. Mas a diferença de uma escola secundária a grande sala onde estava sentada estava cheia de mulheres e bebês, e uma sensação sufocante lhe oprimia o peito.

Cruzou as mãos sobre o colo e esperou como o resto das mulheres. Na semana anterior tinha tratado de escrever ao Kevin várias vezes, mas cada vez lhe tinha resultado impossível continuar depois das primeiras linhas. Tinha que lhe ver. Queria ver seu rosto quando lhe perguntasse todas essas coisas que precisava saber.

Abriu-se uma porta a sua esquerda e os detentos, com idênticas calças azuis, entraram na sala. Kevin era o terceiro e no momento que a viu se deteve antes de continuar para a zona de visita. Gabrielle se levantou e o observou caminhar para ela com seus familiares olhos azuis e o rubor lhe cobrindo o pescoço e as bochechas.

— Surpreendeu-me que quisesse me visitar — disse — Não tive muitas visitas.

Gabrielle tomou assento, e ele se sentou ao outro lado da mesa.

— Sua família não te visitou?

Ele contemplou o teto e deu de ombros.

— Algumas de minhas irmãs, mas de todas as formas não me alegro muito vê-las.

Pensou na China e sua amiga Nancy.

— Nenhuma de suas namoradas?

— Não está falando sério, não? — Lhe devolveu o olhar com o cenho franzido — Não quero que ninguém me veja aqui. Estive a ponto de não te ver, mas suponho que tem algumas perguntas e quer respostas.

— Em realidade, só tenho uma pergunta. — Respirou fundo — Me escolheu de propósito como sócia para me utilizar de cobertura?

Ele se recostou na cadeira.

— O que? Falou com seu amigo Joe? — Tanto a pergunta como a cólera que havia detrás a assombraram — O dia que me prenderam me disse que eu tinha te usado. Em realidade teve a audácia de atuar como se ele não o houvesse feito também. Para cúmulo, ao dia seguinte veio a minha cela e me acusou de me haver aproveitado de você. Não te parece irônico quando foi ele quem te utilizou para me pegar?

Por um momento considerou lhe dizer a verdade sobre o Joe e que papel tinha jogado ela em sua detenção, mas ao final não o fez. Supôs que era porque não tinha forças suficientes para discutir e, de todas as formas, tampouco tinha importância agora. Nem sequer sentia que lhe **161**

devesse nada.

— Não respondeu a minha pergunta — recordou — Me escolheu de propósito como sócia para me usar como cobertura?

Kevin inclinou a cabeça e a estudou um momento.

— Sim. A princípio sim, mas resultou ser mais esperta do que pensava e também mais observadora. Além disso, ao final não fazia tantos negócios fora da loja como tinha planejado.

Ela não sabia o que tinha esperado sentir. Cólera, dor, traição, talvez um pouco de cada coisa, mas o único que sentiu foi alívio. Podia seguir adiante com sua vida. Um pouco mais velha, um pouco

mais sábia, e bastante menos confiada. Tudo graças ao homem que se sentava frente a ela.

— De fato, estava pensando em fazer tudo legalmente até que os tiras colocaram os narizes em minha vida.

— Quer dizer, depois de obter o dinheiro da venda do Monet dos Hillard?

Ele se inclinou para diante e negou com a cabeça.

— Não chore por essas pessoas. São ricos e têm seguro.

— E isso faz que esteja bem?

Ele deu de ombros sem mostrar nenhum pingo de remorso.

— Não deveriam ter uma pintura tão cara em uma casa com um sistema de segurança tão penoso.

Uma risada tola lhe escapou dos lábios. Kevin não se sentia responsável por suas ações.

Inclusive em uma sociedade que culpava do câncer de pulmão às companhias de tabaco e das mortes por disparos aos fabricantes de armas, acusar aos Hillard do roubo de sua própria pintura era ser extremamente sociópata. Mas a parte realmente horripilante era que ela não se deu conta antes.

— Necessita um psicólogo — disse levantando-se.

— Só porque não me sinto culpado de que roubem dos ricos suas obras de arte e antiguidades?

Ela poderia tentar explicar-lhe, mas sabia que suas palavras cairiam ao vento e em realidade já não lhe importava.

— De todas as formas, não foi tão mal. O governo embargou todos os meus bens, mas você ainda conserva a loja para que faça com ela o que queira. Como lhe disse, não é para tanto.

Gabrielle agarrou as chaves do bolso de sua saia.

— Por favor, não me escreva, nem tente entrar em contato comigo de maneira nenhuma.

Quando cruzou as portas da prisão, sentiu-se invadida por uma sensação de liberdade que nada tinha que ver com a prisão que tinha deixado atrás. Tinha concluído uma parte de seu passado. Agora estava esperta para olhar ao futuro. Preparada para dar um novo giro a sua vida e ver para onde a conduzia.

Sempre lamentaria a perda do Anomaly. Tinha amado a loja e tinha trabalhado muito duro para que funcionasse, mas uma nova ideia lhe rondava pela cabeça e já planejava como pô-la em marcha. Pela primeira vez em muito tempo, estava entusiasmada e cheia de energia. Já era hora **162**

de que seu carma desse um giro positivo. Tinha sido realmente castigada pelo que fosse que tivesse feito.

Pensar em sua nova vida lhe levava a pensar em Joe Shanahan. Não tratava de enganar-se a si mesma. Nunca se livraria completamente de seus sentimentos por ele, mas cada dia era um pouco mais fácil. Podia olhar as pinturas do Joe no estúdio sem sentir como o coração lhe rasgava no peito. Seguiu sentindo um vazio, mas a dor tinha diminuído. Podia passar horas sem pensar nele. Acreditava que quando acabasse o ano estaria quase preparada para procurar outra alma gêmea.

Capítulo 17

Os silenciosos limpadores de para-brisas varreram as gotas de chuva quando a última limusine serpenteava pela estrada molhada que levava a mansão Hillard. As rodas derrapavam cada metro que o veículo avançava pelo asfalto, e o nó do estômago de Gabrielle se retorcia cada vez mais. Sabia por experiência que respirar profundamente não ia ajudar. Até então, nunca lhe tinha preocupado estar no mesmo lugar que Joe Shanahan. Tinha passado um mês, duas semanas e três dias desde que lhe havia dito que o amava e ele partiu. Era o momento de enfrentar a ele outra vez.

Estava preparada.

Gabrielle cruzou as mãos sobre o colo e centrou a atenção na mansão totalmente iluminada.

A limusine se deteve sob uma grande carpa que tinham instalado diante da porta principal e o porteiro se dispôs a ajudar Gabrielle.

Chegava tarde.

Provavelmente era a última a chegar. Tinha planejado desse modo. Tinha planejado tudo, do recolhido do cabelo ao vestido

negro ajustado. De frente o vestido parecia conservador, algo que Audrey Hepburn teria posto, mas por detrás deixava as costas descobertas até a cintura. Algo muito sexy.

Muito de propósito.

O interior da mansão Hillard parecia um hotel. As portas que davam às distintas habitações tinham sido abertas para criar um grande espaço diáfano onde se distribuían as pessoas. A madeira do chão, as bordas, as portas em arco, os frisos e as colunas eram espetaculares e entristecedores ao mesmo tempo, mas não eram nada comparados com a vista do vale que tinha o Rei das Batatas. Não cabia dúvida, Norris Hillard possuía a melhor vista da cidade.

Uma pequena orquestra enchia a grande sala com jazz suave, e um grupo de gente dançava ao ritmo da música relaxante. De onde estava, Gabrielle podia ver o bar e o bufet contra a parede do fundo. Não viu Joe. Respirou fundo e exalou muito lentamente para relaxar-se.

Sabia que ele estava ali, em algum lugar. Com o resto dos detetives, sargentos e tenentes, todos eles trajados. Algemas e namoradas penduravam de seus braços, conversando e rindo como

163

se essa noite se celebrasse uma festa qualquer. Como se ela não tivesse o estômago em um punho e não estivesse tão nervosa que tinha que obrigar-se a permanecer perfeitamente quieta.

Então sentiu seu olhar uma fração de segundo antes que seus olhos se encontrassem com os seus, com o homem que tinha conseguido que o amasse e logo lhe tinha quebrado o coração.

Permanecia junto a um pequeno grupo de pessoas e seus olhos escuros se cravaram nela com tal intensidade que impactaram em seu coração quebrado. Preparou-se para essa reação traiçoeira e para o rubor ardente que atravessou sua pele. Tinha sabido o que ocorreria, e se obrigou a permanecer ali e absorver cada detalhe de seu rosto. As luzes dos abajures de aranha que penduravam por cima de sua cabeça iluminavam os cachos que lhe roçavam as orelhas. Seu olhar se moveu pelo nariz reto e essa boca que tinha sonhado que a beijava por toda parte. Sentiu cada batimento de seu

coração e conteve o fôlego. Não houve surpresas. Tinha esperado que aquilo ocorresse.

As pessoas se afastaram e o olhar de Gabrielle percorreu seu traje cinza escuro e sua camisa branca. A largura de seus ombros e a gravata cinza claro. Agora já o tinha visto. E não morreu.

Estaria bem. Podia fechar esse capítulo de sua vida. Podia olhar ao futuro. Mas a diferença da última vez que tinha visto o Kevin não se sentiu livre do Joe.

Em lugar de liberar-se, a cólera fluiu desde seu interior. A última vez que o tinha visto tinha desejado ardentemente que ele correspondesse a seu amor. Tinha estado segura de que ele sentiria algo por ela. Mas não tinha sido assim e a dor e a cólera se deram procuração de seu coração e sua alma. Muito para o amor verdadeiro.

Recriou-se em seu rosto um momento mais, logo se voltou e se encaminhou para o bar.

Nunca voltaria a amar a um homem mais do que ela o amasse. Nem aspiraria a outro amor verdadeiro.

Lhe tinha dado as costas. Tinha dado meia volta e se afastou, e ele se sentiu como se alguém lhe tivesse chutado no peito. Seu olhar seguiu a esteira do cabelo acobreado enquanto Gabrielle abria caminho entre os convidados, e com cada passo que ela dava a opressão que Joe sentia no peito aumentava um pouco mais. E apesar de tudo, nunca havia se sentido mais vivo. Pequenos estremecimentos de prazer atravessaram seu corpo e arrepiaram o pelo de seus braços. As pessoas que abarrotavam a mansão Hillard se moviam e trocavam de posição, suas vozes eram um mero zumbido em seus ouvidos. Todo o resto carecia de importância. Tudo exceto ela.

Não tinha ocorrido como o K.O. que sempre tinha esperado. Não o tinha partido um raio para que soubesse que queria passar toda a vida com ela. Nada tão doloroso. Amá-la era mais como uma brisa fresca, como o quente sol sobre seu rosto. Era a única verdade. Era Gabrielle em si mesmo. E o único que tinha tido que fazer para descobri-lo foi foder tudo afastando a de sua vida.

— O filho de puta se escondia sob a cama com sua namorada — riu um dos patrulheiros que tinha respondido à chamada do Hillard a noite que sua pintura foi roubada. Outros policiais e suas companheiras riram também, mas Joe não. Seus pensamentos estavam ao outro lado da sala.

Gabrielle estava melhor do que recordava. O que parecia impossível, porque ele a recordava como uma espécie de deusa do sol. Perguntou-se se compareceria essa noite e até o momento em que tinha entrado não se precaveu de que tinha estado contendo o fôlego, esperando-a.

Desculpou-se e abriu passo entre a gente, saudando com a cabeça aos homens com quem trabalhava e a suas esposas, mas seguindo com os olhos à ruiva do vestido com as costas descoberta. Lhe seguir a pista não era difícil. Tudo o que tinha que fazer era guiar-se pelas cabeças que se giravam. Recordou a noite que lhe havia dito que usasse algo sexy à festa do Kevin. Ele havia dito meio em brincadeira para irritá-la um pouco e ela em troca pôs aquele horrível vestido azul. Mas esta noite, definitivamente, levava algo sexy. Tão sexy que se sentia impulsionado a lhe pôr sua jaqueta sobre os ombros e ocultá-la aos olhos de outros.

Teve que deter-se várias vezes ao cruzar-se com amigos e colegas que o paravam para conversar. Quando alcançou Gabrielle ao final do bar, o outro detetive solteiro, Dale Parker, lhe tinha adiantado e tinha cercado conversa com ela. Normalmente, Joe não tinha nada contra o novato, mas a atenção que Dale emprestava ao vestido de Gabrielle o irritava de uma maneira incompreensível.

— Olá, Shannie — disse Dale, enquanto oferecia a Gabrielle um copo de vinho tinto. Ela sorriu agradecida ao jovem e pela primeira vez na vida de Joe o ciúmes arremeteu contra ele, deixando-o nocauteado.

— Parker. — Joe observou como as costas de Gabrielle ficava rígida antes que o olhasse por cima do ombro — Olá, Gabrielle.

— Olá, Joe.

Tinha passado toda uma vida desde que ele tinha ouvido sua voz e olhado seus olhos verdes.

Não a imagem da fita, a não ser a dela. Ouvi-la e vê-la em pessoa aumentou a opressão do peito do Joe ainda mais, deixando-o sem fôlego. Ao tê-la tão perto, deu-se conta de quanto a tinha tido saudades. Mas ao encontrar seu olhar frio e indiferente se precaveu de outra coisa: possivelmente era muito tarde.

Houve vezes na vida de Joe nas que sentiu que o medo lhe faria estalar a cabeça. Era algo que havia sentido frequentemente quando perseguia delinquentes sem saber como acabaria tudo.

Havia-o sentido então e o sentia agora. No passado, sempre tinha estado seguro de si mesmo, seguro de que ganharia. Mas não estava tão seguro esta vez. Nesta ocasião a aposta era muito alta. Esta era uma perseguição às cegas que não estava seguro de que acabasse como ele queria, mas não tinha alternativa. Amava-a.

— Como está?

— Genial. E você?

“Não tão genial.”

— Bem.

Empurraram-no desde atrás e se aproximou um pouco mais a ela.

— O que esteve fazendo ultimamente?

— Penso em abrir uma nova loja.

Estava o suficientemente perto para cheirá-la. Cheirava a lilás.

— O que vai vender?

— Óleos essenciais e aromaterapias. As coisas foram tão bem no Coeur Festival que acredito que funcionará.

Ela cheirava a esse sabão que lhe tinha esfregado por todo o corpo aquele dia na ducha depois de haver feito amor.

— Vai abrir no Hyde Park?

— Não. As expectativas para negócios alternativos são melhores no Old Boise. Já encontrei um local. O aluguel é mais alto que no Hyde Park, mas uma vez que venda Anomaly, poderei me permitir o luxo. Não terei empregados e tenho tanto material que me sai pelas orelhas, por isso meus custos iniciais serão razoavelmente baixos. Quando conseguir alugar o local...

Estar quieto sem tocá-la requereu cada grama de autodisciplina que possuía. Posou o olhar nos lábios de Gabrielle e observou como falava quando o que em realidade queria era lhe cobrir a boca com a sua. Observou-a falar quando o único que desejava era levá-la a sua casa e tê-la só para ele. Sua mãe estava certa. Poderia passar o resto de sua vida olhando-a. Em todas as partes, do cocuruto até a ponta dos pés. Queria lhe acariciar a marca, lhe fazer amor e olhá-la enquanto dormia.

Queria lhe perguntar se ainda o amava.

— ... não é certo, Shannie?

Não tinha nem a mais remota ideia do que Dale lhe estava perguntando. Nem lhe importava.

— Posso falar contigo um minuto, Gabrielle?

— Na realidade — respondeu Dale por ela — acabava de lhe pedir que dançasse comigo quando você chegou e me havia dito que sim.

Joe não tinha experiência para dirigir o ciúme que ardia como lava líquida em seu estômago.

Olhou-a no rosto e lhe disse:

— Pois já pode lhe dizer que não.

No momento em que as palavras saíram de sua boca soube que tinha cometido um engano.

Gabrielle entrecerrou os olhos e abriu a boca para negar-se.

— Onde está sua namorada? — perguntou Dale antes que ela tivesse oportunidade de mandá-lo ao inferno.

Ela fechou a boca e ficou quieta.

“Jesus. O que havia feito para merecer isto?”

— Não tenho namorada. — disse ele apertando os dentes.

— Então quem é a mulher desse bar da Oitava?

— Só uma amiga.

— Só uma amiga e te traz o almoço?

Joe se perguntou se o detetive novato teria um especial interesse em que o nariz passasse a lhe formar parte da orelha esquerda.

— Sim.

Dale olhou a Gabrielle.

— Preparada?

— Sim. — E sem olhar nenhuma só vez em sua direção, ela deixou a taça no bar e guiada por Dale, que tinha posado a mão no oco de suas costas nuas, dirigiu-se à pista de dança.

Joe pediu uma cerveja no bar, logo olhou através de uma das portas em arco para a escura pista de dança de outra das salas. Não precisava procurar Gabrielle, com sua altura era fácil de encontrar.

Era um inferno ver a mulher que amava nos braços de outro homem. Observar o brilho de seu branco sorriso quando ria de alguma piada estúpida e sentir-se incapaz de fazer nada sem parecer um fodido asno ciumento. Tomou um comprido gole de cerveja sem afastar o olhar de Gabrielle. Poderia não haver-se dado conta de quanto a amava até que a viu entrar na sala essa noite, mas isso não queria dizer que não o sentisse com cada fibra de seu ser. Que não o sentisse em cada pulsado doloroso de seu coração.

Winston Densley e sua esposa avançaram até o bar ao lado do Joe e os dois falaram e discutiram sobre as características mais interessantes do banheiro dos Hillard, como o sanitário de ouro com o assento quente. Joe se surpreendeu a si mesmo ao ter a paciência de esperar uns cinco minutos antes de colocar a cerveja no bar e avançar para a abarrotada pista de dança. Uma música ao estilo Kenny G., que Joe normalmente evitava como uma enfermidade cardíaca, terminou justo quando posou a mão no ombro do detetive Parker.

- Minha vez.
- Mais tarde.
- Agora.
- Isso depende de Gabrielle.

Através do espaço escuro que os separava, seu olhar ficou apanhado no do Joe e disse: — Está bem, Dale. Escutarei o que tenha que dizer e logo me deixará em paz o resto da noite.

— Tem certeza?

— Sim.

Dale olhou ao Joe e sacudiu a cabeça.

— É um filho da puta, Shanahan.

— Sim, pois me processe.

A música começou de novo e Joe a agarrou pela mão e lhe rodeou a cintura com o outro braço. Ela se manteve rígida como uma vara dentro de seu abraço, mas tê-la assim outra vez era como retornar a casa depois de uma larga ausência.

— O que quer? — perguntou ela em seu ouvido.

Você, pensou ele, mas acreditou que não gostaria de ouvir essa resposta naquele momento.

Precisavam esclarecer as coisas entre eles antes de lhe dizer o que sentia por ela.

— Deixei de ver Ann faz uma semana.

— O que aconteceu, ela te deixou?

Estava muito machucada. Ele a compensaria. Apertou-a contra o peito. Seus seios lhe roçaram as lapelas da jaqueta e ele deslizou a palma da mão pelas costas nuas. Uma dor familiar se assentou na boca de seu estômago e se estendeu a sua virilha.

— Não, Ann nunca foi minha namorada.

— Sério, fingia com ela também?

Estava zangada. Ele merecia.

— Não. Ela nunca foi minha colaboradora como você. Conheço-a desde que éramos crianças. — Moveu a mão por sua pele suave e enterrou o nariz em seu cabelo. Fechou os olhos e aspirou o perfume. Seu aroma lhe recordou o dia que a tinha visto flutuando na pequena piscina — Saía com sua irmã.

— E sua irmã era uma namorada real ou fictícia?

Joe suspirou e abriu os olhos.

— Está chateada comigo e não me importo com o que você diz.

— Não estou chateada.

— Está.

Ela se tornou para trás e o olhou, ele estava certo. Seus olhos ardiam, já não eram frios e indiferentes. O qual, pensou, podia ser bom ou mau segundo se olhasse.

— Me diga por que está tão chateada — a provocou, esperando ouvir quanto lhe tinham doído às palavras que lhe disse aquela noite no alpendre. Depois de que cuspiu tudo, poderia arrumar as coisas.

— Trouxe-me uma madalena do bar de sua namorada na manhã que fizemos amor!

Isso não era o que ele tinha esperado ouvir. De fato, nada era como tinha esperado.

— O que?

Ela olhou a algum ponto por cima do ombro esquerdo do Joe, como se olhá-lo a machucasse muito.

— Trouxe-me...

— Já te ouvi — a interrompeu e rapidamente deu uma olhada ao redor para ver se os outros casais a tinham ouvido também.

Ela não o havia dito precisamente em voz baixa. Não sabia o que tinha que ver ter comprado uma madalena com a manhã que haviam feito amor. Também lhe tinha levado um sanduíche de peru do bar da Ann. Pouca coisa. Mas não mencionou o sanduíche porque reconhecia que era uma dessas conversas que nunca entenderia e que jamais ganharia. Em vez disso levou a mão de Gabrielle aos lábios e lhe beijou os nódulos.

— Volta para casa comigo. Podemos falar ali. Senti sua falta.

— Posso sentir quanto me tem saudades por como se pressiona contra minha coxa — disse ela, mas seguia sem olhá-lo.

Se ela pensava que o óbvio desejo que sentia ia fazer que se envergonhasse, ia ter que esperar sentada.

— Não me envergonha te desejar. E sim, tive saudades de te tocar e te abraçar, e quero fazê-lo outra vez. Mas isso não é tudo o que senti desde que deixou a cidade. — Tomou o rosto entre as mãos, obrigando-a a olhá-lo de novo — senti falta da maneira que olha ao redor quando acredita que seu carma vai te apanhar. Tive saudades de te observar caminhar e a forma em que coloca o cabelo detrás das orelhas. Tive saudades do som de sua voz e suas tentativas de ser uma **168**

vegetariana de verdade. Senti falta de que acredite que é pacifista enquanto me golpeia o braço.

Senti sua falta, Gabrielle.

Ela piscou duas vezes e ele acreditou que ia abrandar se.

— Quando estive fora, sabia onde estava?

— Sim.

Ela se separou de seu abraço.

— Então não tinha tanta saudade, não?

Ele não tinha uma resposta singela para isso.

— Se mantém fora de minha vida — disse ela, logo saiu da pista de baile.

Ele não a seguiu. Vê-la afastar-se dele o consumia no inferno mais absoluto, mas fazia oito anos que era detetive e tinha

aprendido quando deter-se em uma perseguição e esperar a que as coisas esfriassem.

Mas não esperaria muito. Já tinha desperdiçado bastante tempo negando a si mesmo a mulher que queria e necessitava em sua vida. Jantar cada noite as seis e ter as meias três - quartos emparelhados não ia lhe fazer feliz, mas Gabrielle sim lhe faria feliz. Agora compreendia o que lhe havia dito essa noite no alpendre. Ela era sua alma gêmea. Ele era sua alma gêmea. Ele a amava e ela o amava. Algo assim não desaparecia, e menos em um mês.

Joe não era um homem paciente, mas o que lhe faltava de paciência o supria com tenacidade. Enquanto esperava, cortejaria-a. Bom, não tinha muita experiência nesse campo, mas às mulheres adoravam esse tipo de coisas. Estava seguro de que saberia como fazê-lo.

Estava seguro de que poderia cortejar Gabrielle Breedlove até no inferno.

Capítulo 18

As nove em ponto do dia seguinte chegou à primeira dúzia de rosas. Eram preciosas, puras e brancas, e eram do Joe. Tinha rabiscado seu nome em um cartão, por isso sabia que eram dele. Só seu nome. Gabrielle não sabia o que significavam, mas não estava pelo trabalho de ler entre linhas. Já o havia feito uma vez. Tinha imaginado muitas coisas pela forma em que a tinha beijado e por como lhe havia feito amor, e tinha terminado pagando-o.

A segunda dúzia eram vermelhas. A terceira, rosas. Sua fragrância enchia a casa. Mesmo assim, negava-se em redondo a imaginar-se o que queriam dizer. Mas quando se precaveu de que de novo esperava sua chamada como o dia da detenção do Kevin, vestiu uma camiseta e umas calças curtas e saiu a correr.

Não ia esperar. Precisava esclarecer as ideias. Precisava decidir o que ia fazer porque acreditava que não poderia passar outra noite como a anterior. Vê-lo doía muito. Tinha acreditado ser o suficientemente forte para enfrentar-se à outra metade de sua alma, mas não o era. Não podia olhar aos olhos do homem que amava

sabendo que ele não a correspondia. Especialmente agora que se inteirou de que a manhã que havia feito amor com ela, tinha visitado antes a sua **169**

namorada. Saber que existia a mulher do bar tinha sido uma punhalada mais em seu coração ferido. À proprietária de um bar gostaria de cozinhar. Estava segura de que não lhe importaria limpar a casa e fazer de lavadeira para o Joe. Esse tipo de coisas que ele havia dito que eram tão importantes aquele dia no armazém quando a tinha empurrado contra a parede e a tinha beijado até que mal pôde respirar.

Gabrielle passou por diante do St. John's, a algumas quadras de sua casa. As portas estavam abertas e a música de órgão saía através da entrada de madeira da velha catedral. Gabrielle se perguntou se Joe era católico, protestante ou ateu. Logo se acordou de que havia dito que tinha assistido a uma escola paroquial, por isso possivelmente fosse católico. De todas as maneiras já não tinha importância.

Correu depois por diante de um dos ensino médios do Boise e deu quatro voltas ao redor da pista da escola antes de retornar outra vez em direção a casa. De volta a uma casa repleta das flores que Joe tinha enviado. De retorno à confusão que tinha sentido desde dia que o conheceu.

Nesse momento estava mais confusa que nunca. O ar fresco não tinha ajudado absolutamente a lhe limpar a cabeça, embora sim soubesse uma coisa com segurança. Se Joe chamava, dir-lhe-ia que tinha que deixá-la em paz. Nada de chamadas, nem flores. Não queria lhe ver.

Acreditava que as possibilidades de que se encontrassem acidentalmente eram escassas. Era um detetive que investigava roubos, e não previa que lhe fossem roubar no futuro. Pensava abrir uma loja de óleos essenciais e não se imaginava ao Joe como cliente potencial. Não havia nenhuma possibilidade de que se encontrassem outra vez.

Mas ele a estava esperando no alpendre sentado nas escadas com os pés plantados um degrau mais abaixo que o corpo e os

braços apoiados nas coxas, balançando os óculos de sol com a mão que abanava o rabo entre seus joelhos. Viu-a aproximar-se e se levantou lentamente. Não importava o que se dissesse a si mesmo, esse coração tão traidor que tinha se empapou de sua imagem. Logo, como se acreditasse que ela ia dizer algo que não queria ouvir, levantou uma mão para detê-la. Mas em realidade Gabrielle não sabia o que dizer, ainda não tinha pensado nada coerente.

— Antes que me jogue — começou — tenho algo que te dizer.

Ele tinha posto umas calças cáquis e uma camisa de algodão que tinha arregaçado até os cotovelos. Estava tão bonito que quis estender a mão para tocá-lo, mas é obvio não o fez.

— Já ouvi ontem à noite o que tinha que dizer — disse ela.

— Não sei o que passou ontem à noite, mas definitivamente não disse tudo o que tinha que te dizer. — Trocou o peso de um pé a outro — vai me convidar para entrar?

— Não.

Ele cravou os olhos nela durante um momento.

— Recebeu as rosas?

— Sim.

— Ah... Bem... Er... — Ele abriu a boca, fechou-a, logo voltou a tentá-lo — Não sei por onde começar. Suponho que colocando a pata de novo. — Fez uma pausa e logo acrescentou — Sinto ter te machucado.

Ela não foi capaz de olhá-lo e baixou a vista aos pés.

— Por isso me mandou as flores?

— Sim.

Assim que escutou sua resposta se deu conta de que não deveria ter perguntado. Também se precaveu de que uma diminuta parte de seu masoquista coração tinha a esperança de que ele tivesse enviado as flores porque a amava da mesma maneira que ela o amava.

— Acabou. Não quero saber nada mais.

— Não acredito em você.

— Acredite no que quiser. — Passou por seu lado para alcançar a segurança de sua casa antes de tornar-se a chorar. Quão último queria era que Joe a visse chorar.

Ele estendeu a mão e a agarrou do braço.

— Por favor, não se afaste de mim outra vez. Sei que te fiz mal quando parti a noite que me disse que me amava, mas Gabrielle, com esta são já duas vezes que se afasta de mim.

Ela se deteve. Não porque a segurasse pelo braço, mas sim porque algo em sua voz captou sua atenção e a obrigou a deter-se. Algo que nunca antes tinha percebido. Algo na maneira em que ele havia dito seu nome.

— Quando me afastei de você?

— Ontem à noite, e cada passo que se distanciava de mim me fez sentir como um cão. Como já lhe disse, sei que te fiz mal, mas não acredita que podemos fazer uma trégua? Não acredita que ainda estamos a tempo? — Deslizou-lhe a palma da mão sob o braço e a agarrou pela mão — Não acredita que vai sendo hora de que me deixe te recompensar? — Tirou algo do bolso e lhe apertou um disco

de metal contra a palma da mão — Sou a metade de sua alma — disse — E você é a metade da minha. Juntos estamos completos.

Gabrielle abriu a mão e olhou ao pendente branco e negro que pendurava de uma corrente de prata. Ying e yang. Joe o tinha compreendido.

— Temos um futuro juntos — a beijou no cocuruto — Te amo.

Ela o ouviu, mas não pôde falar pelas emoções que se expandiam como um globo em seu peito. Ficou olhando o colar e o que representava. Se acreditasse, se confiasse nele, teria tudo o que seu coração desejava.

— E no caso de que pense me dizer que saia de sua vida outra vez, há outra coisa que deveria considerar. Simplesmente pensa em todo o bom carma que pode conseguir quando me reformar.

Olhou-o no rosto com a vista empanada pelas lágrimas.

— Que quer dizer?

— Bem, pode me reformar. Quero dizer que pode tentá-lo.

Ela sacudiu a cabeça enquanto uma lágrima se deslizava por sua bochecha.

— Quero dizer, ama-me de verdade, Joe?

— Com toda minha alma — disse sem titubear — Quero passar o resto de minha vida te fazendo feliz. — Limpou-lhe as bochechas molhadas com o dorso da mão e perguntou — ainda me ama, Gabrielle?

Soava tão inseguro e seu olhar era tão ansioso que ela não pôde evitar sorrir.

— Sim, ainda te amo. — Um alívio absoluto suavizou seus olhos e ela acrescentou — Embora não acredito que mereça.

— Sei que não te mereço.

— Quer entrar de todas as maneiras?

Um comprido suspiro escapou de seu peito.

— Sim.

Seguiu-a até em casa e esperou até que ela fechasse a porta antes de abraçá-la. Agarrou-a pelos ombros e a apertou contra seu peito.

— Senti sua falta — disse lhe enchendo o rosto e o pescoço de beijos.

Logo se tornou para trás, procurou seu olhar, e seus lábios descenderam sobre os dela.

Afundou a língua com rapidez dentro de sua boca e lhe rodeou o pescoço com os braços.

Imediatamente, moveu as mãos por todos os lados. Carícias ávidas em suas costas, em seu traseiro, cavando seus seios. Roçou-lhe os mamilos com os polegares, que se endureceram automaticamente. Gabrielle se sentiu completamente consumida. Perdida em seus braços. Em seu abraço. Nele. Lhe amando como ele amava a ela.

Ela se retirou para recuperar o fôlego.

— Estou suarenta. Tenho que tomar uma ducha.

— Não me importa.

— A mim sim.

Ele respirou fundo e deixou cair os braços.

— Certo, não vim para te obrigar a fazer algo que não quisesse. Sei que te fiz mal e que certamente não tem vontade de fazer amor comigo agora mesmo. Posso esperar. — Soltou uma baforada de ar e passou os dedos pelo cabelo — Bom, esperarei você. Simplesmente... — fez uma pausa e olhou ao redor — lerei uma revista ou algo pelo estilo.

Ela tentou não rir.

— Pode fazer isso. Ou pode me acompanhar.

O olhar de Joe voou ao seu e Gabrielle o agarrou pela mão. Conduziu-o ao banheiro e de algum jeito no trajeto ela perdeu a camiseta e ele a camisa. Ele se deteve para lhe percorrer o pescoço com a boca aberta. Ela soltou seu sutiã esportivo e ofereceu seus seios a suas mãos ansiosas. Uma profunda aura vermelha rodeou a ambos. Com paixão e com algo que não tinha estado ali antes: o amor de Joe, que se derramou através dela como uma onda cálida, lhe arrepiando o pelo dos braços.

— É a pessoa mais bela que conheço — ele disse contra sua garganta — Quero passar o resto de minha vida te olhando, quero viver contigo e te fazer feliz.

Gabrielle o beijou profundamente, sua língua tocou e perseguiu a sua. Ele passou as palmas das mãos pelos excitados mamilos, logo lhe apertou ligeiramente os seios. O desejo a alagou e colocou a mão pelo cóc das calças para agarrar a ereção incrivelmente dura. Era como pedra recoberta de pele sedosa. Acariciou-o, subindo rapidamente o polegar sobre a larga cabeça de seu pênis quente. Lhe apalpando, descobrindo de novo sua forma e sua textura até que ele deu um **172**

passo atrás e lhe tirou a mão de suas calças.

Suas pálpebras estavam tão fechadas que ela logo que podia ver suas pupilas brilhantes.

— Tem certeza de que quer tomar banho? — perguntou um Joe Shanahan extremamente excitado.

Ela assentiu com a cabeça e ele virtualmente a arrancou dos sapatos. Levou-a ao banheiro e enquanto ela abria e provava a água, ele se despiu. Logo a despiu também e entraram na cabine da

ducha. A água quente caiu sobre suas cabeças e ele agarrou uma pastilha de sabão de lilás.

Ensaboou as mãos e logo as esfregou por todo seu corpo. Dedicou-lhe um montão de atenção aos seios e às excitadas pontas dos mamilos. Esfregou sua barriga e entre as coxas. Logo beijou todos esses lugares durante muito momento, acariciando-a com a língua e a boca. Lhe acariciando os seios. Acariciando seu umbigo. Ajoelhou-se ante ela, colocou um dos pés de Gabrielle sobre o ombro e a agarrou pelo traseiro com uma de suas grandes mãos. Acariciou seu pelo púbico com um dedo, logo lhe inclinou a pélvis para sua boca e a beijou ali. Ela apoiou a cabeça contra a parede enquanto a tensão que a atendia aumentava cada vez mais. Depois ele se levantou e lhe rodeou a cintura com as pernas. A ereção era suave e quente e se apertava contra seu traseiro. Ela tremeu.

— Esta é minha parte favorita — disse ele, elevando-a para baixá-la sobre seu grosso pênis, enterrando-se profundamente em seu interior — Te tocar onde está ardente e úmida. Onde se sente tão bem. Onde sabe tão bem.

— A melhor parte.

— Sim. — Ele se retirou, logo moveu os quadris e penetrou lentamente nela.

— Amo você, Joe. — Ele se moveu cada vez mais rápido, e sua respiração se voltou entrecortada enquanto a investia com força. Não passou muito tempo antes que os dois se precipitassem a um clímax vertiginoso que quase fez cair ao Joe de joelhos. O coração lhe pulsava com força e passaram vários minutos antes de recuperar o fôlego. Ela não se deu conta de que a água se esfriou até que ele a fechou.

— Céu santo — jurou ele, retirando-se e ajudando-a a levantar-se — Isso foi como correr, fazer malabarismos e correr, tudo ao mesmo tempo.

— Esteve muito bem — sussurrou ela e o beijou no pescoço.

— Não me queixava. — Ele sorriu amplamente e lhe aplaudiu o traseiro — Tem algo de comer? Possivelmente toucinho e ovos? Morro de fome.

Lhe ofereceu torradas de milho. Sentaram-se na mesa da copa, levando postas só umas toalhas e uns enormes sorrisos. Gabrielle olhou ao homem que amava e se perguntou o que havia feito para ter a sorte de conseguir tudo o que tinha desejado. Não sabia, mas acreditava que já era hora de que seu carma começasse a recompensá-la pelos meses passados.

Essa noite na cama, envolta entre os braços do Joe, um sentimento de completo equilíbrio e felicidade absoluta encheu seu corpo, mente e espírito. Pensou que possivelmente tinha encontrado um pequeno nirvana na terra, mas ainda tinha uma pergunta que fazer.

— Joe?

Ele deslizou a mão das costelas ao quadril de Gabrielle.

— Humm...

— Quando soube que me amava?

— Provavelmente o mês passado, mas não soube com segurança até que te vi na festa dos Hillard ontem à noite.

— Por que demorou tanto tempo?

Ele ficou quieto um momento, logo disse:

— Depois de que me disparassem, estive pensando um montão de tempo e decidi que era hora de formar uma família. Tinha uma imagem na cabeça de como devia ser minha esposa. Tinha que gostar de cozinhar e assegurar-se de que levo as meias três - quartos combinando.

— Mas eu não sou assim.

— Sei. Você é a quem queria antes de saber o que queria em realidade.

— Acredito que entendo. Sempre pensei que me apaixonaria por um homem que faria meditações comigo.

— Esse definitivamente não sou eu.

— Sei. Você é a quem queria antes de saber o que queria em realidade. — tornou-se para trás e o olhou — Ainda acredita que estou louca?

— O que acredito — disse apertando-a entre seus braços — é que estou loucamente apaixonado por você.

Epílogo

Joe entrou no estúdio de Gabrielle e contemplou o retrato que ela pintava de Sam. O sujeito em questão pendurava de cabeça abaixo em seu cabide, observando-a. O pássaro da tela parecia mais

uma perdiz que um louro e havia um resplendor amarelo ao redor da cabeça que parecia um sol. Supôs que era a aura de Sam, mas era o suficientemente preparado para não dar sua opinião.

— Tem certeza de que não prefere me pintar nu? Ofereço-me de voluntário.

Posar para Gabrielle se convertia frequentemente em uma sessão de pinceladas suaves onde se salpicavam o um ao outro com alguma pintura não tóxica que ela tivesse à mão. Fazia que alguém visse a arte de outra maneira.

Ela sorriu inundando o pincel em uma massa de amarelo brilhante.

— Tenho um montão de retratos de seu Senhor Feliz — disse, e apontou por volta do montão de tecidos apoiados na parede — Hoje quero pintar o Sam.

Merda, tinha sido substituído por um pássaro.

Apoiou o ombro contra a parede e observou Gabrielle trabalhar. Tinham se casado há três meses e algumas vezes tinha que conter-se para não olhá-la. Sua mãe tinha razão nisso, poderia passar o resto de sua vida observando-a, estivesse pintando, preparando seus óleos ou dormindo.

Especialmente gostava de olhá-la aos olhos quando fazia amor com ela.

Em uma semana celebrariam o aniversário do dia em que o tinha orvalhado com uma lata de **174**

spray para o cabelo. Ele não estava disposto a celebrar aniversários artificiais e, embora a lembrança desse dia fizesse luzir um sorriso maior nos lábios de Gabrielle que nos dele, celebraria para fazê-la feliz.

Baixou o olhar ao ventre de Gabrielle e imaginou que se fixasse atentamente poderia ver como se arredondava onde crescia seu bebê. Acreditavam que tinha concebido a noite que se mudaram a seu novo lar fazia dois meses. Tinha sido uma celebração estupenda.

Sam deixou escapar um grasnido, logo voou do cabide ao ombro do Joe. Inchou o peito e se balançou de um pé a outro.

— Se faça esta pergunta. Não acredita que é afortunado?
Responde, filho de uma cadela.

Joe contemplou a sua esposa, que vestia uma camisa branca salpicada de pintura. Tudo o que tinha querido ou que queria alguma vez estava naquela habitação. Tinha uma bela esposa a que amava tanto que lhe doía, sua semente estava protegida e crescia segura em seu ventre, e tinha um pássaro muito pícaro. Que mais podia querer um cara?

— Sim, sou — disse — Sou um filho de cadela muito afortunado.

Fim

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Rachel Gibson nasceu e cresceu em uma casa repleta de meninos e animais. Seu pai trabalhava para uma empresa telefônica e sua mãe ficava em casa cuidando dela e seus irmãos.

Embora possa parecer algo fora do comum em uma escritora, a Rachel não gostava do colégio, odiava ter que aprender a escrever e adorava jogar fora de casa. De fato, seu sonho era ser esportista quando crescesse. Mas como isto não resultou, mudança de ideia e pensou que seria enfermeira, mas não lhe chegava a gostar de do todo a ideia e esteve uns quantos anos indo à deriva, sem saber que profissão ia escolher definitivamente. Depois de ver uma antiga série televisiva "Quincy" disse a si mesma que seria um trabalho interessante ser forense, mas a ideia se desvaneceu logo de sua cabeça no momento em que assistiu a um funeral e teve pesadelos durante meses com isso.

Um dia, Rachel e seu amigo decidiram vadiar e não assistir a aula. Agarraram seu novo carro e se foram dar uma volta com ele, com tão má sorte que estrelaram o carro e salvando-se de milagre de um final mais trágico. Rachel pensou que seus pais se zangariam muito pelo ocorrido e decidiram mentir. Deixaram o maltratado carro em um estacionamento que estava bem afastado do ensino médio e chamou a sua mãe para lhe dizer que seu carro tinha desaparecido, que tinha sido roubado. Sua mãe acreditou, e foi a partir de então que Rachel começou a pensar que tinha boa mão para a narração e para inventar histórias.

Depois de terminar o ensino médio conheceu que é hoje seu marido e se esqueceu por um tempo da ideia de ser escritora. Casaram-se e ao cumprir os vinte e quatro anos, Rachel já tinha no

mundo seus três filhos. Foi uma época muito ocupada criando seus filhos, tão só descansava quando iam dormir pelas noites.

O acontecimento que levou Rachel a ser escritora, foi, quando se danificou o televisor de sua casa. Estava aborrecida e decidiu ficar a ler. Mas o único que tinha de leitura interessante em sua casa era uma coleção de livros clássicos que a avó de seu marido James lhe tinha agradável.

Depois de ler umas poucas páginas do David Copperfield, Rachel, descobriu seu amor pela leitura.

Demorou pouco tempo em descobrir a novela romântica às mãos do Shirlee Busbee. Estava cansada de ler livros sempre com a mesma temática e vista do lado masculino, quando uma amiga sua lhe emprestou o livro A rosa da Espanha do Shirlee Busbee. Foi subjugada pela leitura do livro e imediatamente se converteu em uma apaixonada pela novela romântica. E foi este amor pela novela romântica o que a levou a sentar-se e escrever sua primeira novela. Seis anos depois tinha quatro manuscritos inteiros escritos e um montão de cartas de editoriais rechaçando suas novelas.

Até que um dia uma editorial decidiu publicar seu livro Simplesmente irresistível obtendo um grande êxito de vendas. Depois daquilo seguiu publicando seus livros e a forma tão original de escrever que tem e seu grande senso de humor que plasma com grande mestria em suas novelas, ganharam-se o louvor de toda a crítica no mundo da novela romântica.

Três de suas novelas, Simply Irresistível, Truly Madly Yours, e True Confessions foram incluídas entre os dez melhores livros do ano pela Romance Writers of America. E sua quarta novela True Confessions foi galardoada com o prestigioso prêmio Rita no 2002. Entre outros prêmios que recebeu Rachel Gibson por sua obra, destacam: O Golden Heart Award, o National Reader's Choice, e o Romantic Teme Magazine Bookstores.

**Essa tradução foi feita para

leitura apenas dos integrantes da Tiamat.

Se você achou esse arquivo em outro grupo, blog ou fórum, que não seja o Tiamat... denuncie!

Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós, sabendo que pedimos para não postarem por um tempo.

Já nos denunciaram para a editora.

Já denunciaram nossos grupos e nosso fórum.

Já tiraram os créditos dos livros.

Tudo que pedimos para não fazer eles fazem...

Então vocês vão continuar ajudando esse pessoal que nos prejudica???

